



FACULDADE DE LETRAS
UNIVERSIDADE DE
COIMBRA

Andreia Susana Dinis Martins

LER O TERRITÓRIO NO ENSINO DA GEOGRAFIA.

POSSIBILIDADES PEDAGÓGICAS A PARTIR DA OBRA
“*VIAGEM A PORTUGAL*”, DE JOSÉ SARAMAGO.

Relatório de Estágio do Mestrado em Ensino de Geografia no 3º Ciclo do Ensino Básico e no Ensino Secundário, orientado pela Professora Doutora Maria de Fátima Grilo Velez de Castro, apresentado ao Conselho de Formação de Professores da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.

Junho de 2022

FACULDADE DE LETRAS

LER O TERRITÓRIO NO ENSINO DA GEOGRAFIA. POSSIBILIDADES PEDAGÓGICAS A PARTIR DA OBRA “*VIAGEM A PORTUGAL*”, DE JOSÉ SARAMAGO.

Ficha Técnica

Tipo de trabalho	Relatório de Estágio
Título	Ler o território no ensino da Geografia
Subtítulo	Possibilidades pedagógicas a partir da obra “<i>Viagem a Portugal</i>”, de José Saramago
Autora	Andreia Susana Dinis Martins
Orientadora	Maria de Fátima Grilo Velez de Castro
Júri	Presidente: Doutora Ana Isabel Sacramento Sampaio Ribeiro Vogais: 1. Elsa Maria Teixeira Pacheco 2. Nuno Ganho Gomes da Silva
Identificação do Curso	2º Ciclo em Ensino de Geografia no 3º Ciclo do Ensino Básico e no Ensino Secundário
Área científica	Formação de Professores
Especialidade/Ramo	Ensino de Geografia
Data da Defesa	14-07-2022
Classificação do Relatório	18 valores
Classificação do Estágio e Relatório	19 valores



Agradecimentos

A concretização do presente Relatório de Estágio corresponde ao final de uma fase do nosso percurso académico e pessoal. Resta agradecer a todas as pessoas que contribuíram para o culminar desta etapa com sucesso.

Em primeiro lugar, à Professora Fátima Velez de Castro, Orientadora por parte da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, cujos ensinamentos e diretrizes nos conduziram ao sucesso de forma mais fácil e eficaz. Foram igualmente importantes as aprendizagens efetuadas com a Professora Margarida Oliveira, docente do Agrupamento de Escolas de Mira, que nos mostrou a parte prática de ser professor e foi uma verdadeira amiga nos momentos bons e difíceis do estágio.

A toda a comunidade educativa do Agrupamento de Escolas de Mira, que tão bem nos acolheu e deu toda a liberdade para lecionar. No âmbito da Escola, agradecer, especialmente, ao Lima, ao Afonso, ao André, à Gabriela, ao Gustavo, à Iris, ao Alex, ao Tomé, ao Kaleb, à Laura, ao Leandro, ao Lucas, à Matilde, ao Tiago, ao Vicente, à Lívia e ao Edgar, que nos receberam de braços abertos e que jamais esqueceremos.

Aos professores do grupo disciplinar de Geografia da Escola Secundária com 3º Ciclo Dra. Maria Cândida – Professora Dolores Lopes, Professora Graça Pereira e Professor Francisco Leal -, cujas partilhas nos proporcionaram crescimento pessoal, social e profissional.

No que toca à Universidade de Coimbra, agradece-se aos outros dois professores das unidades curriculares de Seminário I e II – Doutor Paulo Nossa e Doutor João Luís Fernandes -, cujos contributos e sugestões foram muito relevantes para a prossecução do presente relatório de estágio, bem como à Professora Adélia Nunes, docente da unidade curricular de Práticas de Investigação no Ensino da Geografia, do 1º ano do Mestrado em Ensino da Geografia. Da mesma forma, agradecer aos colegas Xavier, Juliana e Professora Fátima Costa, cuja maturidade foi um ponto fulcral durante o desenvolvimento deste projeto.

Aos meus pais e namorado. Foram eles que sempre me incentivaram e apoiaram nos momentos mais difíceis e que sempre trataram de todas as questões logísticas. Sem este suporte incondicional seria impossível a conclusão do Mestrado em Ensino da Geografia.

RESUMO

Ler o território no ensino da Geografia. Possibilidades pedagógicas a partir da obra “Viagem a Portugal”, de José Saramago.

Para alguns autores, Geografia e Literatura não têm uma relação evidente. No entanto, estas duas disciplinas podem conviver numa estreita simbiose e interdisciplinaridade, em que a Geografia precisa da Literatura para a descodificação de elementos e fenómenos geográficos e espaciais e em que a Literatura precisa da Geografia para, por exemplo, localizar os lugares e regiões mencionados. Do ponto de vista do ensino, didática e pedagogia, a literatura é uma oportunidade para o professor de Geografia, uma possibilidade de marcar a diferença e construir a explicação do mundo que nos rodeia, mediante a leitura e análise de obras literárias, pela observação indireta, metodologia de trabalho do geógrafo.

A obra “*Viagem a Portugal*”, do escritor José Saramago, único vencedor português do Prémio Nobel da Literatura, afigura-se como uma dessas oportunidades para o professor de Geografia, uma vez que para escrever este livro, Saramago foi um “geógrafo involuntário”. O escritor, percorreu Portugal de lés-a-lés e foi descrevendo paisagens, a forma como se distribui a população, tipo de tempo que encontrava por onde passava, e muitos outros aspetos geográficos, tais como a meteorologia e o clima, os recursos do subsolo e riscos naturais e ambientais (cheias e inundações). Alguns excertos e citações da obra relacionam-se com os conteúdos programáticos patentes nas “*Aprendizagens Essenciais de Geografia*” para o ensino básico e secundário, sendo por isso, possível o professor de Geografia utilizar os mesmos para explorar de aspetos geográficos com os alunos.

Palavras-chave: Didática da Geografia; Literatura; “*Viagem a Portugal*”; José Saramago; estado de tempo e clima.

ABSTRACT

Reading the territory in the teaching of Geographie. Pedagogical possibilities from the book “*Viagem a Portugal*”, by José Saramago.

For some authors, Geography and Literature do not have an evident relationship. However, these two disciplines can coexist in a close symbiosis and interdisciplinary relationship, in which Geography needs Literature to decode geographical and spatial elements and phenomena and which Literature needs to Geography to, for example, locate places and mentioned regions. From the point of view of teaching, didactics and pedagogy, Literature is an opportunity for the geography teacher, a possibility to make a difference and build an explanation of the world around us through the reading and analysis of literary works, by indirect observation, the geographer’s work methodology.

The book “*Viagem a Portugal*”, by the writer José Saramago, the only Portuguese winner of the Nobel Prize for Literature, appears to be one of these opportunities for the geography teacher, since to write this book, Saramago was an “involuntary geographer”. The writer traveled from one to the other Portugal and described landscapes, the way in which the population is distributed, the type of weather he found wherever he went, and many other geographical aspects, such as meteorology and climate, subsoil resources and natural and environmental risks (floods and inundations). Some excerpts and quotes from the book relate to the syllabus included in the “*Aprendizagens Essenciais de Geografia*”, for primary and secondary education, making it possible for the Geography teacher to use them to explore geographical aspects with students.

Keywords: Didactics of Geographie; Literature; “*Viagem a Portugal*”; José Saramago; weather and climate.

“O que mais há na terra, é paisagem. Por muito que do resto lhe falte, a paisagem sempre sobrou, abundância que só por milagre infatigável se explica, porquanto a paisagem é sem dúvida anterior ao homem, e apesar disso, de tanto existir, não se acabou ainda. Será porque constantemente muda: tem épocas no ano em que o chão é verde, outras amarelo, e depois castanho, ou negro. E também vermelho, em lugares, que é cor de barro ou sangue sangrado. ”

Saramago, 2014: 9

“Cada leitura é única, isso é verdade, muda de pessoa para pessoa, mas um texto também muda quando mudam a forma de como ele é oferecido à leitura.”

Alejandro García Schnetzer (in Revista “Blimunda” nº 112, de janeiro de 2022)

“Os livros têm matéria lecionada na aula”.

“Os livros incluem descrição de paisagens e viagens associadas a mudança de país. Assim, os livros podem ser usados, em sala de aula, para análise dos sítios por onde passaram e viveram as personagens”.

Opinião de alunos da Escola Secundária Dra. Maria Cândida, relativamente ao uso da Literatura nas aulas de Geografia.

Índice

Introdução	1
1. Enquadramento Geográfico e Escolar	3
1.1. Caraterização Física do Município de Mira	4
1.2. Caraterização Humana do Município de Mira	7
1.3. Caraterização da Comunidade Educativa	9
1.4. Caraterização do Núcleo de Estágio	14
1.5. Caraterização da Turma.....	14
2. Atividades Desenvolvidas Durante o Estágio Pedagógico.....	17
2.1. Atividades Letivas.....	17
2.2. Atividades Não Letivas.....	20
2.3. Reflexão Sobre o Estágio Pedagógico	24
3. Estado da Arte e Enquadramento Teórico	26
3.1. Geografia e Literatura: Relação Controversa?.....	26
3.1.1. Cronologia da relação entre a Geografia e a Literatura	30
3.2. Literatura, Geografia e Ensino da Geografia.....	31
3.3. Objetivos do Desenvolvimento Sustentável (ODS) e o papel da Educação Geográfica para a sua concretização	33
3.3.1. Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória e Aprendizagens Essenciais.....	34
4. Hábitos de Leitura em Portugal	37
4.1. PISA (<i>Programme for International Student Assessment</i>).....	42
4.1.1. Trajetória de Portugal nos relatórios PISA	43

4.2. Plano Nacional de Leitura (PNL)	44
4.2.1. Plano Nacional de Leitura (Catálogo Online)	45
4.3. Projetos do Plano Nacional de Leitura e da Rede de Bibliotecas Públicas	48
5. José Saramago	49
5.1. Biografia e Percurso Profissional	49
5.2. Obra.....	52
5.3. José Saramago: Estado da Arte.....	52
5.4. Distinções e Prémios	54
5.4.1. Outras Distinções e Doutoramentos <i>Honoris Causa</i>	55
5.5. Fundação José Saramago e Comemorações do Centenário de Nascimento do Escritor	58
5.6. Rede de Bibliotecas José Saramago.....	60
6. “Viagem a Portugal”: Retalhos da Geografia de Portugal	61
6.1. Estrutura da Obra	62
6.2. As “Sensescapes” em “Viagem a Portugal”	63
6.3. Importância da Imagem Fixa em “Viagem a Portugal” e respetiva ligação com a Geografia e o Ensino da Geografia	64
6.4. Geografia de Portugal em “Viagem a Portugal”	69
6.4.1. Clima e Meteorologia em “Viagem a Portugal”	69
6.4.2. Relevo e Hidrografia em “Viagem a Portugal”	75
6.4.3. Distribuição da População em Portugal em “Viagem a Portugal”	81
6.4.4. Cartografia e Localização em “Viagem a Portugal”	83
6.4.5. Recursos do Subsolo em “Viagem a Portugal”	84
6.4.6. Riscos Naturais (Cheias e Inundações) em “Viagem a Portugal”	86
6.5. Síntese.....	89
7. Aplicação Pedagógico-Didática: Utilização da Literatura e da obra “Viagem a Portugal”, de José Saramago, em Contexto de Sala de Aula	90

7.1. Inquéritos aos Hábitos de Leitura dos Alunos das Turmas Afetas à Professora Cooperante - Metodologia.....	91
7.1.1. Análise e Discussão dos Resultados.....	93
7.2. Ficha de Avaliação Formativa Alusiva ao Tema “Estado de Tempo e Clima” - Metodologia ..	104
7.2.1. Análise e Discussão dos Resultados.....	106
7.3. Inquérito Final – Inquérito de Avaliação da Utilização da Literatura nas Aulas de Geografia - Metodologia.....	114
7.3.1. Análise e Discussão dos Resultados.....	115
Conclusão	119
Bibliografia.....	121
ANEXOS	128
ANEXO I – Plano de Trabalho do Relatório de Estágio de Estágio	129
ANEXO II – Planificação a Curto-Prazo da Primeira Aula Assistida (8 de fevereiro de 2022)	131
ANEXO III – Apresentação <i>PowerPoint</i> da Primeira Aula Assistida (8 de fevereiro de 2022).....	133
ANEXO IV – Planificação a Curto-Prazo da Segunda Aula Assistida (19 de abril de 2022)	138
ANEXO V – Apresentação <i>PowerPoint</i> da Segunda Aula Assistida (19 de abril de 2022).....	141
ANEXO VI – Planificação a Curto-Prazo da Terceira Aula Assistida (3 de maio de 2022)	147
ANEXO VII – Apresentação <i>PowerPoint</i> da Terceira Aula Assistida (3 de maio de 2022)	149
ANEXO VIII – Ficha de Avaliação Elaborada no Âmbito da Prática Pedagógica Supervisionada	152
ANEXO IX – Grelha de Observação Elaborada no Âmbito da Prática Pedagógica Supervisionada	156
ANEXO X – Certificado de Participação na AFCD “Contributos de um estilo de vida mediterrânico para uma alimentação saudável”	157
ANEXO XI – Inquérito aos Hábitos de Leitura dos Alunos das Turmas Afetas À Professora Cooperante – Inquérito Inicial	158
ANEXO XII – Ficha de avaliação formativa, alusiva ao tema “estado de tempo e clima”	161

ANEXO XIII – Resultados obtidos na questão 5.1. da ficha de avaliação formativa alusiva aos conteúdos “estado de tempo e clima”.....	165
ANEXO XIV – Resultados obtidos na questão 6.1. da ficha de avaliação formativa alusiva aos conteúdos “estado de tempo e clima”.....	166
ANEXO XV – Inquérito de Avaliação de Estratégia Pedagógico-Didática	167

Índice de Figuras

Figura 1 – Capa da segunda edição de “Viagem a Portugal”, de José Saramago (1985).....	2
Figura 2 - Localização do município de Mira.	3
Figura 3 - Freguesias no Município de Mira	4
Figura 4 - Mapa hipsométrico do município de Mira.	5
Figura 5 - Gráfico termopluiométrico da estação meteorológica Dunas de Mira (1971-2000).....	6
Figura 6 - População residente no município de Mira, de acordo com os Censos (1960 - 2021).	7
Figura 7 - População empregada por setor de atividade no município de Mira (1960-2011).....	8
Figura 8 - Localização da Escola Secundária com 3º Ciclo Dra. Maria Cândida.	9
Figura 9 - Frente da Escola Secundária com 3º CEB Dra. Maria Cândida.....	10
Figura 10 - Idade do corpo docente do Agrupamento de Escolas de Mira.....	11
Figura 11 - Percentagem de alunos com ação social escolar no Agrupamento de Escolas de Mira. ...	13
Figura 12 - Género dos alunos do 7ºF.	15
Figura 13 - Nacionalidade dos alunos do 7ºF..	15
Figura 14 - Idade dos alunos do 7ºF.	16
Figura 15 - Alunos do 7ºF com Ação Social Escolar.	16
Figura 16 - Aula ao ar livre sobre formas de orientação relativa: sol, estrelas e bússola (24 de janeiro de 2022)..	18
Figura 17 - Dia de aulas ao ar livre (4 de novembro de 2021).	18
Figura 18 - "Geo-Almoço" (5 de abril de 2022).....	19
Figura 19 - Balão com estrelas amarelas, alusivos ao Dia da Europa (9 de maio de 2022).....	20
Figura 20 – Uma das t-shirts vencedoras.	21
Figura 21 - Recolha de lixo no areal da Praia de Mira, no âmbito da disciplina de Cidadania e Desenvolvimento..	22
Figura 22 - Palestra do movimento “Não Lixes”, na Biblioteca da Escola.....	22
Figura 23 - Visita de estudo a Coimbra (25 de março de 2022).....	24
Figura 24 - Metodologia para a utilização de obras literárias como recurso didático.	32
Figura 25 – Objetivos do Desenvolvimento Sustentável (ONU).	34
Figura 26 - Esquema conceitual do PASEO.....	35
Figura 27 - Evolução da taxa de analfabetismo em Portugal (1960-2011).....	38
Figura 28 - Evolução da taxa real de escolarização (%) em Portugal (1960-2020).	39
Figura 29 - Evolução do número de bibliotecas escolares da Rede de Bibliotecas Escolares (1997-2021).	41
Figura 30 – Investimento da Rede de Bibliotecas Escolares (em euros) (1997-2021).	41

Figura 31 - Países participantes no PISA em 2018.....	42
Figura 32 - Trajetória de Portugal nos testes PISA (2000-2018).	43
Figura 33 - Localização geográfica da aldeia da Azinhaga (Golegã, Santarém).....	49
Figura 34 – Casa onde nasceu José Saramago, localizada na Rua da Alagoa (Azinhaga, Golegã, Santarém).....	49
Figura 35 – Placa existente em frente da casa onde nasceu José Saramago, na Rua da Alagoa (Azinhaga, Golegã, Santarém).	50
Figura 36 - Caderno de trabalho para o livro " <i>Viagem a Portugal</i> ", Fundação José Saramago.	59
Figura 37 – Logotipo da Rede de Bibliotecas José Saramago.	60
Figura 38 - Exemplo de um itinerário sugerido por José Saramago, em " <i>Viagem a Portugal</i> "	63
Figura 39 - Margem do Rio Douro em Miranda do Douro.....	68
Figura 40 - Aldeia de Rio de Onor (Bragança).....	68
Figura 41 - Palheiros da Praia de Mira.....	68
Figura 42 - Detritos resultantes da exploração das Minas da Panasqueira	69
Figura 43 - Classificação climática de Köppen.	70
Figura 44 - Precipitação acumulada em Portugal Continental (1971-2000).....	72
Figura 45 - Temperatura média em Portugal Continental (1971-2000).	73
Figura 46 - Localização geográfica da Amareleja (Mourão, Beja)	74
Figura 47 - Amareleja e central fotovoltaica.	75
Figura 48 - Mapa hipsométrico de Portugal Continental.	76
Figura 49 - Densidade populacional em Portugal Continental.	82
Figura 50 - Distribuição dos recursos minerais do subsolo em Portugal Continental.....	85
Figura 51 – Riscos naturais, tecnológicos e ambientais (mistos) em Portugal Continental.....	88
Figura 52 - Cabeçalho do Inquérito dos Hábitos de Leitura.	92
Figura 53 - Género dos inquiridos no Inquérito aos Hábitos de Leitura	93
Figura 54 - Resultados obtidos na questão 2. do Inquérito aos Hábitos de Leitura.	94
Figura 55 - Resultados obtidos na questão 2.1. do Inquéritos aos Hábitos de Leitura.....	95
Figura 56 - Resultados obtidos na questão 3 do Inquérito aos Hábitos de Leitura.	96
Figura 57 - Resultados obtidos na questão 3.1. do Inquérito aos Hábitos de Leitura.	96
Figura 58 - Resultados obtidos na questão 3.2. do Inquérito aos Hábitos de Leitura.	97
Figura 59 - Resultados obtidos na questão 4. Do Inquérito aos Hábitos de Leitura.	98
Figura 60 - Resultados obtidos na questão 5. Do Inquérito aos Hábitos de Leitura.	99
Figura 61 - Respostas obtidas na questão 6. Do Inquérito aos Hábitos de Leitura.....	100
Figura 62 - Resultados obtidos na questão 7. Do Inquérito aos Hábitos de Leitura.	101
Figura 63 - Resultados obtidos na questão 8. do Inquérito aos Hábitos de Leitura.	102
Figura 64 - Resultados obtidos na questão 9. Do Inquérito aos Hábitos de Leitura.	102
Figura 65 - Resultados obtidos na questão 10. Do Inquérito aos Hábitos de Leitura.	103
Figura 66 - Género dos alunos inquiridos no inquérito final de avaliação de estratégia pedagógica.	115
Figura 67 - Resultados obtidos na questão 2. do inquérito final de avaliação de estratégia pedagógica.	116
Figura 68 - Resultados obtidos na questão 3. inquérito final de avaliação de estratégia pedagógica.	117

Figura 69 - Resultados obtidos na questão 4. do inquérito final de avaliação de estratégia pedagógica.
..... 117

Índice de Quadros

Quadro 1 - Variação da população residente nas freguesias do município de Mira (2011-2021).....	7
Quadro 2 - Eixos estratégicos do Agrupamento de Escolas de Mira para o triénio 2019-2023.....	14
Quadro 3 - Evolução da leitura cumulativa, parcelar e da não leitura, em Portugal (1988-2007).....	37
Quadro 4 - Bibliotecas: número, utilizadores, volumes existentes e consultas (1960-2003).	39
Quadro 5 - Número de utilizadores das bibliotecas portuguesas por 1000 habitantes.	40
Quadro 6 - Geografia no catálogo online do Plano Nacional de Leitura.	46
Quadro 7 - Obras de José Saramago que integram o Plano Nacional de Leitura.	47
Quadro 8 - Obras biográficas de José Saramago no Plano Nacional de Leitura.	48
Quadro 9 - Proveniência das ilustrações na 2ª edição de "Viagem de Portugal"	65
Quadro 10 - Fotografias de José Saramago em "Viagem a Portugal" e respetiva ligação as "Aprendizagens Essenciais de Geografia".	67
Quadro 11 - Conhecimentos, capacidades e atitudes relacionados com o clima e a meteorologia, de acordo com as "Aprendizagens Essenciais" de Geografia.	71
Quadro 12 - Conhecimentos, capacidades e atitudes relacionados com o relevo e a hidrografia, de acordo com as "Aprendizagens Essenciais" de Geografia.	76
Quadro 13 - Citações relativas às serras portuguesas em "Viagem a Portugal".	79
Quadro 14 - Citações relativas aos rios portugueses em "Viagem a Portugal".	81
Quadro 15 - Conhecimentos, capacidades e atitudes relacionados com a distribuição da população em Portugal, de acordo com as "Aprendizagens Essenciais" de Geografia.	81
Quadro 16 - População residente e densidade populacional em Portugal (1960-2021).	81
Quadro 17 - Conhecimentos, capacidades e atitudes, relacionados com a cartografia e localização, de acordo com as "Aprendizagens Essenciais" de Geografia.	84
Quadro 18 - Conhecimentos, capacidades e atitudes relacionados com os recursos do subsolo, de acordo com as "Aprendizagens Essenciais" de Geografia.	85
Quadro 19 - Conhecimentos, capacidades e atitudes relacionados com os riscos naturais, de acordo com as "Aprendizagens Essenciais" de Geografia.	87
Quadro 20 - Medidas de tendência central para a questão 2 do Inquérito aos Hábitos de Leitura. ...	94
Quadro 21 – Correção do exercício 3. da ficha de avaliação formativa.	106
Quadro 22 – Resultados obtidos na questão 3. da ficha de avaliação formativa.	107
Quadro 23 – Resultados globais, por citação, na questão 3. da ficha de avaliação formativa.	107
Quadro 24 – Resultados obtidos na questão 4. da ficha de avaliação formativa.	108
Quadro 25 – Correção da questão 5.1. da ficha de avaliação formativa (relativos ao dia 18 de maio de 2022).	109
Quadro 26 -Taxa de sucesso, por item, na questão 5.1. da ficha de avaliação formativa.	110
Quadro 27 – Taxa de sucesso, por aluno, na questão 5.1. da ficha de avaliação formativa.	111
Quadro 28 – Resultados obtidos na questão 5.2. da ficha de avaliação formativa.	111
Quadro 29 - Resultados a recolher pelos alunos na questão 6.1. da ficha de avaliação formativa. ...	112

Quadro 30 – Percentagem de respostas corretas, por item, na questão 6.1. a ficha de avaliação formativa.....	113
Quadro 31 – Percentagem de sucesso, por aluno, na questão 6.1. da ficha de avaliação formativa.	114
Quadro 32 – Respostas obtidas na questão 6.2. da ficha de avaliação formativa.....	114

Introdução

O presente relatório de estágio foi produzido no 2º ano do Mestrado em Ensino de Geografia no 3º Ciclo do Ensino Básico e no Ensino Secundário, no âmbito da unidade curricular Estágio/Relatório. Ingressei neste curso em 2020, depois de uma formação de 2º ciclo anterior, concluída em 2014, em Geografia Física, Ambiente e Ordenamento do Território. Optei, agora, por ingressar neste mestrado, que me dá uma visão mais pedagógica e didática da Geografia, sendo que, para esta eleição muito contribuiu a nossa paixão precoce pela Paisagem, pela Natureza, pela Geografia, e também o gosto de ensinar e aprender. Todavia, a minha personalidade tímida e reservada não me permitiu seguir este caminho mais cedo.

Assim, o título e objeto deste trabalho – *“Ler o território no ensino da Geografia. Possibilidades pedagógicas a partir da obra “Viagem a Portugal”, de José Saramago”*, surgiu de uma ligação entre três mundos que sempre amei: a Geografia, a leitura e José Saramago. Sabia de antemão que este não iria ser um tema fácil de tratar, uma vez que em Portugal há pouca tradição no respeito ao uso da Literatura em Geografia, e muito menos no que concerne ao uso da Literatura no ensino da Geografia. Porém, não desisti. Assim, o objetivo primordial desta investigação é mostrar que, com recurso à literatura, neste caso, à segunda edição da obra *“Viagem a Portugal”*, de José Saramago, é possível ensinar e aprender Geografia. De modo mais específico, os restantes objetivos são: refletir sobre a importância da literatura para a compreensão dos fenómenos geográficos, conhecer e estimular hábitos de leituras nas crianças e escolas e descobrir novas caminhos no ensino e didática da Geografia.

A edição escolhida de *“Viagem a Portugal”* não foi a mais recente (25ª edição da Porto Editora), mas sim a 2ª edição do Círculo de Leitores (de 1985), uma vez que esta apresenta fotografias, extremamente relevantes para estudar e aprender Geografia (figura 1).

Da relação de todas as metas a alcançar surgiu a questão-chave deste trabalho: *“Os alunos melhoram as aprendizagens com recurso à literatura?”*. Depois de feita a respetiva fundamentação teórica da relação entre a Geografia, a Literatura e a Didática da Geografia, foi necessário criar aplicabilidade em contexto escolar. Essa chance foi-me oferecida pelo estágio curricular, realizado na Escola Secundária com 3º Ciclo Dra. Maria Cândida, escola-sede do Agrupamento de Escolas de Mira, localizada no município de Mira. De acordo com o *“Regulamento de Formação de Professores da FLUC”*, o estágio é *“um processo de formação que visa o desenvolvimento de competências dos/as estagiários/as no âmbito da prática letiva e na participação nas atividades da escola, numa perspetiva de aperfeiçoamento profissional permanente, nos domínios científico, didático, pedagógico e relacional”* (p: 5). Foi uma oportunidade de pôr em prática os domínios científicos e didáticos, no âmbito escolar.

Assim, no âmbito do estágio, foi necessário recorrer a uma estratégia didática que visasse verificar se, de facto, os alunos melhoraram as suas aprendizagens com recurso à literatura. Assim, e depois de lecionado o tema *“estado de tempo e clima”*, do 7º ano de escolaridade, recorri à utilização de uma ficha de avaliação formativa, que tinha como ponto de partida cinco

citações/excertos da obra “*Viagem a Portugal*”, de José Saramago, para compreender e analisar se os alunos conseguem aprender e consolidar conhecimentos de Geografia através de obras literárias.

Seria impossível realizar esta tarefa sem suporte científico, pedagógico e didático. Assim, tivemos duas orientadoras: a supervisora da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra (Fátima Velez de Castro) e a Professora Cooperante da Escola (Margarida Oliveira).

O presente relatório de estágio divide-se em sete partes. Na primeira parte faz-se um breve enquadramento do contexto geográfico e escolar onde realizei o estágio curricular, enquanto na segunda se faz uma descrição de todas as atividades letivas e não letivas decorrentes do mesmo.

A terceira parte é a parte mais teórica do presente relatório, dizendo respeito ao enquadramento teórico e estado da arte das relações entre a Geografia, a Literatura e a Didática da Geografia. Já a quarta parte, no seguimento da anterior, faz uma abordagem aos hábitos de leitura em Portugal, tendo em conta alguns projetos nacionais e internacionais de promoção da leitura.

A quinta parte foca a vida e obra de José Saramago, autor de “*Viagem a Portugal*”, livro escolhido para aplicação da Literatura em contexto de sala de aula, e a sexta parte estuda esse mesmo livro do ponto de vista da Geografia.

Finalmente, a sétima parte, diz respeito à aplicação pedagógico-didática da obra supramencionada em sala de aula, a uma turma do 7º ano de escolaridade, da Escola Secundária com 3º Ciclo Dra. Maria Cândida, alusiva aos conteúdos “*estado de tempo e clima*”.

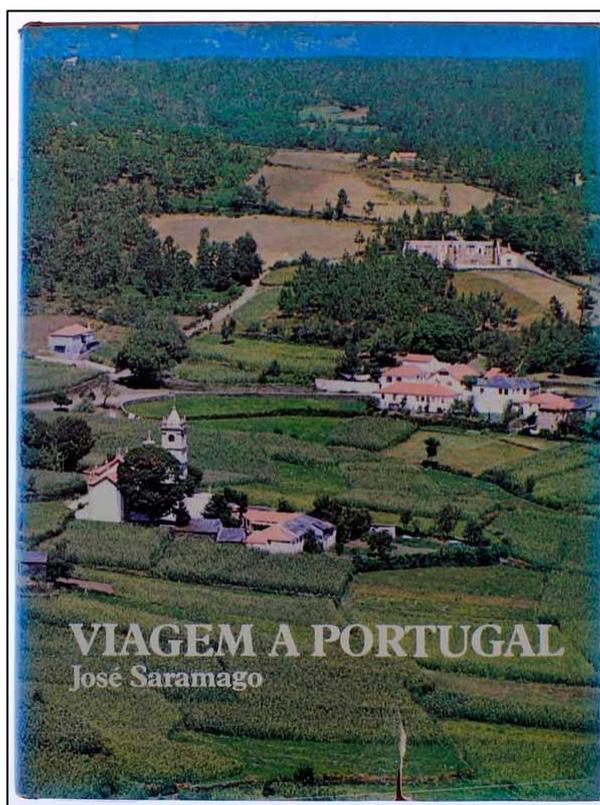


Figura 1 – Capa da segunda edição de “*Viagem a Portugal*”, de José Saramago (1985). Saramago (1985).

1. Enquadramento Geográfico e Escolar

O estágio curricular do Mestrado em Ensino de Geografia no 3º Ciclo e no Ensino Secundário foi realizado na Escola Secundária com 3º Ciclo do Ensino Básico Dra. Maria Cândida, escola-sede do Agrupamento de Escolas de Mira, no ano letivo 2021-2022, tendo início no dia 28 de setembro de 2021 e finalizado no dia 15 de junho de 2022.

Administrativamente, e, de acordo com a Carta Administrativa Oficial de Portugal (CAOP)¹, a escola situa-se na freguesia e município de Mira, que, por sua vez, integra o distrito de Coimbra. No que respeita às Nomenclaturas de Unidades Territoriais Para Fins Estatísticos (NUTS)² inclui a região Centro (NUT II), mais concretamente a região de Coimbra (NUTS III). Ainda de acordo com a mesma fonte, o município de Mira engloba uma área de 124,03 Km² e subdivide-se em quatro freguesias: Mira (63,14 Km²), Praia de Mira (40,28 Km²), Seixo (16,23 Km²) e Carapelhos (4,38 Km²). É limitado a norte pelo município de Vagos, a sul e este pelo município de Cantanhede e a oeste pelo Oceano Atlântico (figuras 2 e 3).

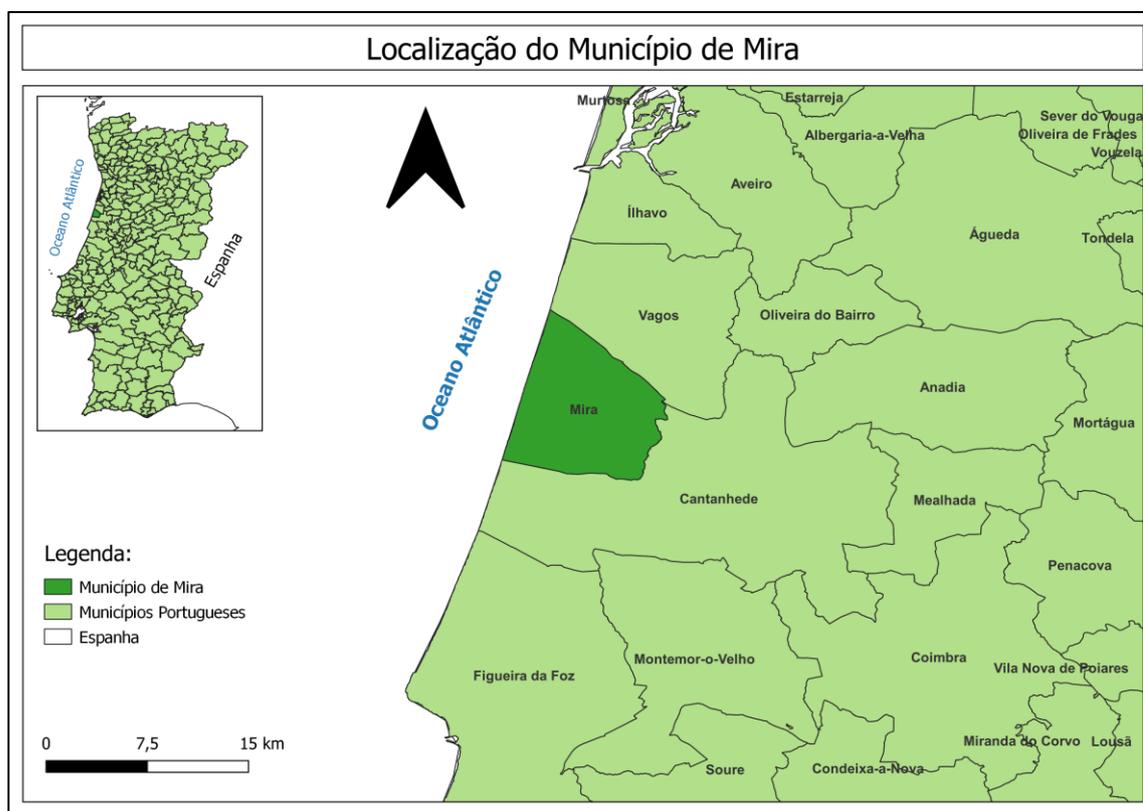


Figura 2 – Localização do município de Mira. Adaptado de CAOP (2020).

¹ Disponível em: <https://www.dgterritorio.gov.pt/cartografia/cartografia-tematica/caop> - consultado a 15 de fevereiro de 2022.

² “Sistema hierárquico de divisão do território em regiões”. Disponível em: <https://www.pordata.pt/O+que+sao+NUTS> – consultado a 15 de fevereiro de 2022.

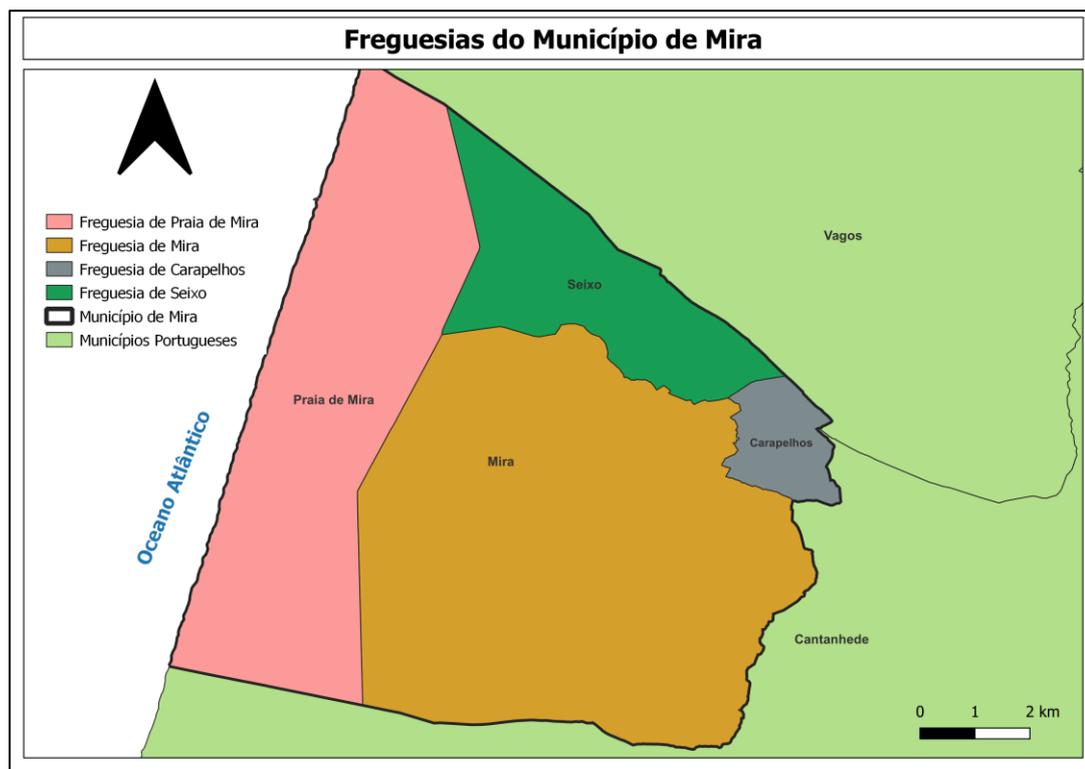


Figura 3 – Freguesias do município de Mira. Adaptado de CAOP (2020).

1.1. Caracterização Física do Município de Mira

Mira situa-se na região da Gândara, termo que surgiu na língua portuguesa para designar “terrenos arenosos e incultos ou pouco produtivos”, que abrangem uma área de cerca de 500 Km², “de morfologia plana e solos essencialmente arenosos, onde domina o clima mediterrânico com influência do Atlântico”. (Cravidão, 1998). Esta região abrange a totalidade do concelho de Mira, mas também partes dos concelhos de Vagos, Cantanhede, Montemor-o-Velho e Figueira da Foz (Tomé, 2015: 16).

Assim, em termos geomorfológicos e, de acordo com Medeiros (2009: 39), localizamos Mira e a Gândara na Orla Ocidental, que se estende “desde perto de Ovar até à Bacia Terciária do Tejo e do Sado”, e que é composta por “rochas calcárias, argilosas e areníticas” (*idem, ibidem*). Tomé (2015: 14), citando Reigota, aponta o início da formação destes terrenos para o período Plistocénico, “mas fundamentalmente, no Quaternário”. Assim, a geologia do concelho é formada por “depósitos modernos (Holocénico) e depósitos de praias antigas e terraços fluviais (Plistocénico)”, existindo ainda “uma formação mais antiga, do Cretácico (Campaniano Superior) que é o Conglomerado de Mira” (Oliveira, 2014: 77).

Predominam paisagens planas, de declives suaves (*idem, ibidem*: 17), “mas ondulados”, sendo que os máximos “correspondem a cristas dunares”, que “raramente ultrapassam os 30 metros” de

altitude (PMDFCI³ (Caderno I, Diagnóstico): 2, 2014). Contudo, a hipsometria do concelho está compreendida entre 1,5 e 62,5 metros de altitude, encontrando-se as cotas mais baixas junto ao mar e as mais elevadas na parte este do concelho (*idem, ibidem*: 4) (figura 4).

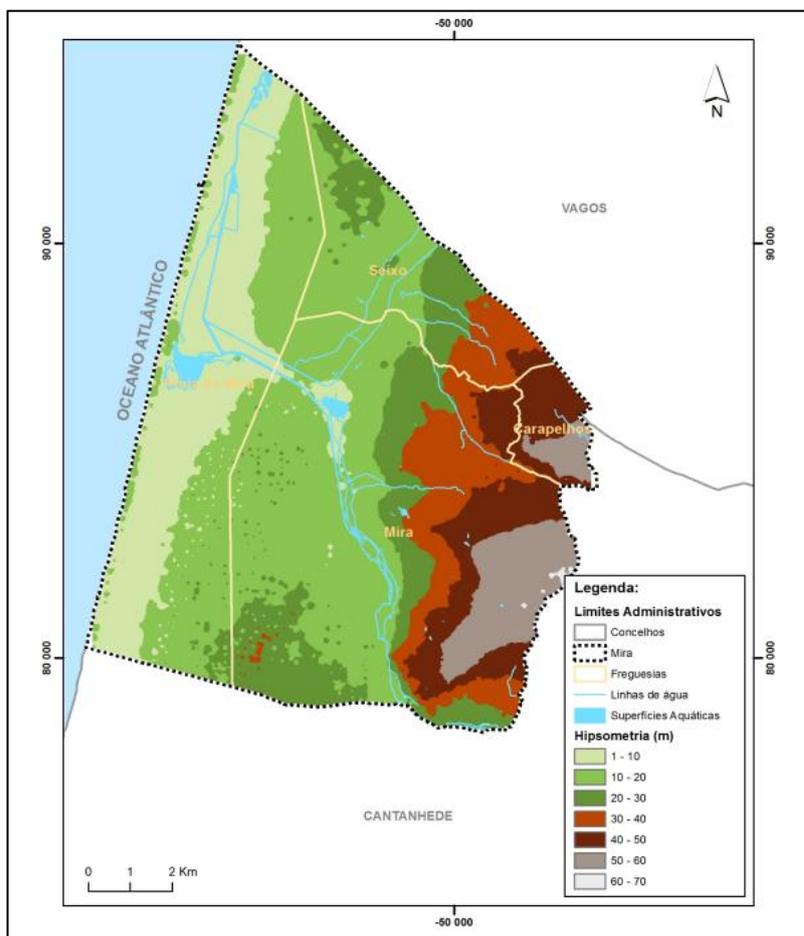


Figura 4 - Mapa hipsométrico do município de Mira. Plano Municipal de Defesa da Floresta Contra Incêndios. Disponível em: https://www.cm-mira.pt/sites/default/files/caderno_i_0.pdf - consultado a 9 de abril de 2022.

No que concerne à hidrografia, o município insere-se na Bacia Hidrográfica do Rio Vouga e Ribeiras Costeiras, sendo a Barrinha de Mira (ou Canal de Mira) – lagoa de origem lagunar – um “braço” da Laguna de Aveiro. A Vala da Cana, que nasce nos Olhos da Ferverça (município de Cantanhede) e desagua no Canal de Mira, é o principal curso de água que atravessa o município. Existem ainda linhas de água que foram feitas artificialmente, “para facilitar a drenagem de lagoas e charcos que outrora existiam na área coberta pela mata”. (*idem, ibidem*: 10). Os cursos de água permanentes e não permanentes que atravessam o município são: Corrente dos Foros, Corrente dos Fojos, Ribeira do Palhal, Vala da Calvela, Vala das Dunas, Vala da Corga, Vala dos Moinhos da Lagoa, Vala do Seixo, Vala da Sapateira, Vala dos Moinhos do Arraial, Vala dos Moinhos da Fazendeira e Vala Velha (PMDFCI, 2021: 23⁴).

³ Disponível em: https://fogos.icnf.pt/pmdfci/06_Coimbra/0608/2G/Caderno_I/PMDFCI_Mira_Caderno_I.pdf - consultado a 21 de fevereiro de 2022.

⁴ Disponível em: https://www.cm-mira.pt/sites/default/files/caderno_i_0.pdf - consultado a 9 de abril de 2022.

A vegetação do município é de grande diversidade, diferindo com a proximidade e afastamento do mar, predominando o pinheiro-bravo (*pinus pinaster*). Assim, para o interior da duna primária encontramos as seguintes espécies vegetais: estorno (*ammophila arenaria*), camarinheira (*corema álbium*), cordeirinho-da-praia (*othantus maritimus*) e assembleia das areias (*iberis sp*). E, por outro lado, em ambientes ripícolas surgem: salgueiros (*salix*), amieiros (*alnus glutinosa*), freixos (*fraxinus excelsior*), juncos (*juncus*), caniços (*phramites*), canas (*arundo donax*), lírios-amarelos (*iris pseudacorus*) e dedaleiras (*digitalis purpurea*).⁵

Finalmente, no que diz respeito ao clima, na área do município existe uma estação meteorológica, denominada “Dunas de Mira”, a 40º27’N 8º45’O, a uma altitude de 14 metros, de acordo com a Ficha Climatológica 1971-2000⁶. Os dados relativos à temperatura e precipitação para este período encontram-se compilados na figura 5.

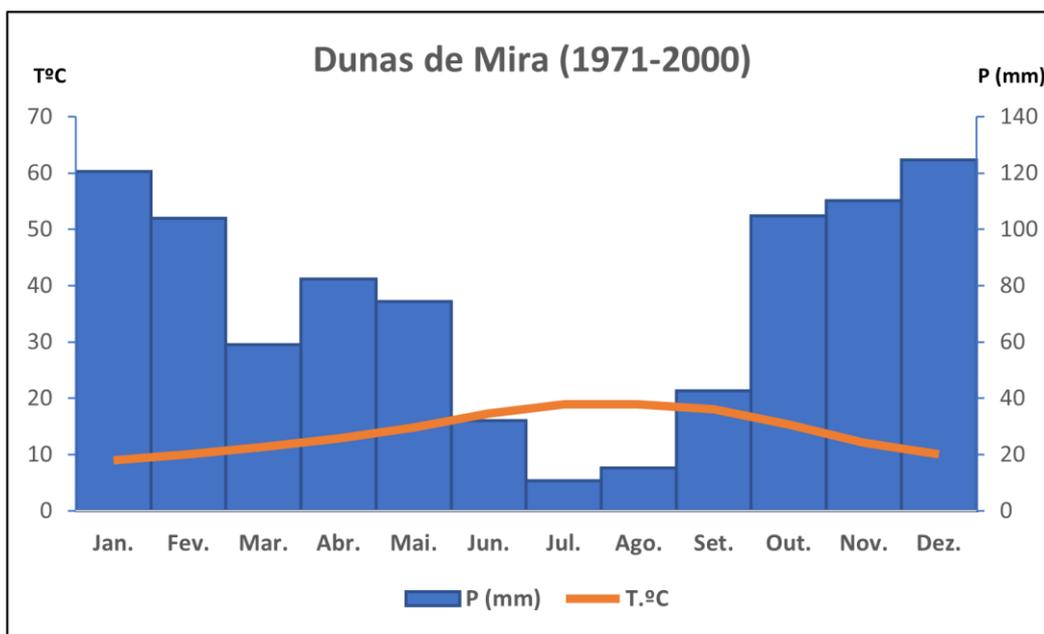


Figura 5 - Gráfico termopluiométrico da estação meteorológica Dunas de Mira (1971-2000). IPMA (2022).

A temperatura média anual é de 14,1°C, enquanto a precipitação acumulada anual não ultrapassou os 881,1 mm. Mira sofre o efeito amenizador do Oceano Atlântico sobre as temperaturas, encontrando-se numa zona de clima do tipo Csb⁷ (clima temperado com verão seco e suave), caraterístico da área a norte do sistema montanhoso Montejunto-Estrela. Verifica-se a presença de três meses secos – junho, julho e agosto – que correspondem ao Verão, em que foram registadas as maiores temperaturas e menores quantitativos mensais de precipitação. Os meses mais pluviosos são novembro (110,2 mm), janeiro (120,7 mm) e dezembro (124,6 mm), ao mesmo tempo que existem três meses secos (junho, julho e agosto).

⁵ Disponível em: <https://centraldecompras.cim-regiaodecoimbra.pt/entidade/view?id=19> – consultado a 25 de fevereiro de 2022.

⁶ Disponível em: https://www.ipma.pt/bin/file.data/climate-normal/cn_71-00_DUNAS_DE_MIRA.pdf - consultado a 27 de fevereiro de 2022.

⁷ Disponível em: <https://www.ipma.pt/pt/oclima/normais.clima/> - consultado a 27 de fevereiro de 2022.

1.2. Caraterização Humana do Município de Mira

Desde tempos remotos que o ser humano tem tido influência e tem moldado a paisagem desta região. Em 1960, o concelho de Mira tinha uma densidade populacional de 107,8 habitantes por Km², enquanto em 2021, segundos dados provisórios dos Censos 2021, apresenta uma densidade populacional de 97,7 habitantes por Km² ⁸. Isto significa que, em cerca de seis décadas, o concelho perdeu população (figura 6), numa variação de -2,8%.

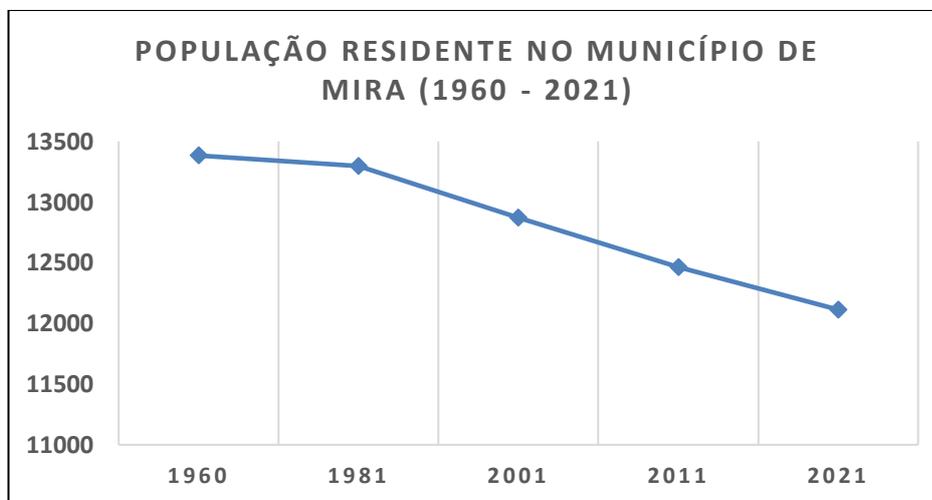


Figura 6 - População residente no município de Mira, de acordo com os Censos (1960 - 2021). Fonte dos dados: INE – X, XII, XIV, XV e XVI Recenseamentos Gerais da População. Adaptado de PORDATA (2022).

De forma mais pormenorizada, e ao nível da freguesia, percebemos que, numa decena, enquanto as freguesias de Mira e Carapelhos perderam população (variação de -5,6% e -8,5%, respetivamente), as freguesias de Praia de Mira e de Seixo aumentaram a sua população, de forma não significativa (3,2% e 1,5%, respetivamente (quadro 1).

	2011	2021	Variação
Município de Mira (Total)	12465	12114	-2,8%
Freguesia de Mira	7367	6958	-5,6%
Freguesia de Praia de Mira	3147	3247	3,2%
Freguesia de Seixo	1234	1253	1,5%
Freguesia de Carapelhos	656	717	-8,5%

Quadro 1 - Variação da população residente nas freguesias do município de Mira (2011-2021). Disponível em: https://www.ine.pt/scripts/db_censos_2021.html - consultado a 27 de fevereiro de 2022.

Além da diminuição da população, o município tem também seguido uma tendência de envelhecimento da população, à semelhança de todo o território português. Assim, o índice de

⁸ Disponível em: <https://www.pordata.pt/Municipios/Densidade+populacional+segundo+os+Censos-591> – consultado a 25 de fevereiro de 2022.

envelhecimento⁹ passou de 28,5, em 1960, para 266,7, em 2021. Este facto é comprovado pela estrutura etária da população mirenses, em que o número de jovens diminuiu de 29,5%, em 1960, para 11,5%, em 2021, enquanto o número de idosos aumentou de 8,4%, em 1960, para 30,8%, em 2021¹⁰.

A população distribui-se de forma desigual pelo território no município de Mira, sendo que as freguesias de Mira e Praia de Mira reúnem 80,2% da população absoluta. Isto deve-se, sobretudo, à concentração da presença da maior parte das atividades económicas secundárias e terciárias na sede de concelho e também às atividades económicas ligadas ao turismo balnear e lazer que se localizam na freguesia de Praia de Mira (Carta Educativa do Município de Mira, 2007¹¹).

A população empregada do município correspondia, em 2011, a 39,6% da população total, valor muito próximo daquele que se registava em 1960: 33,05%. Este indicador atingiu o seu pico no ano de 1981, com 47,7% da população ativa empregada. Os setores de atividade, por sua vez, decalcam o que aconteceu em território português, de 1960 até ao presente (figura 7).

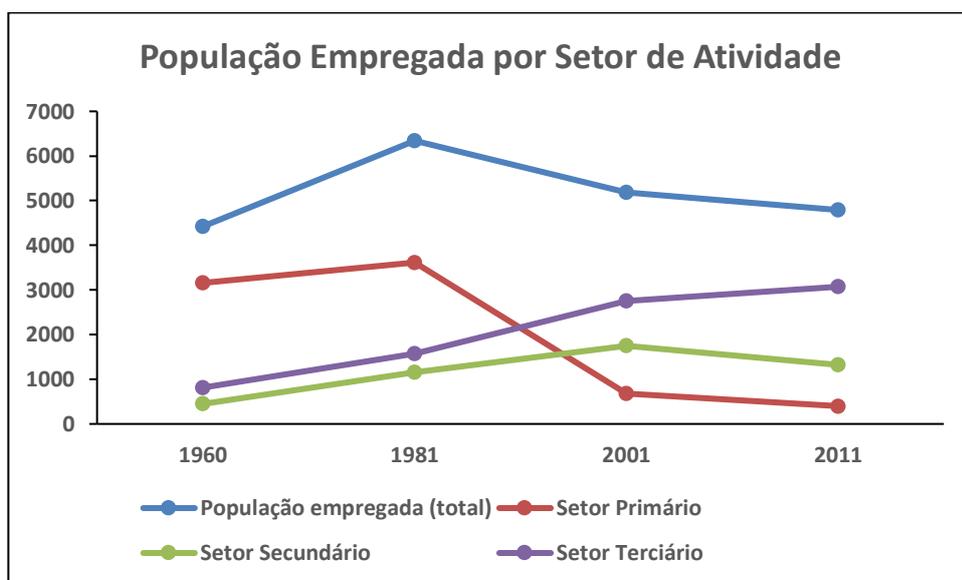


Figura 7 - População empregada por setor de atividade no município de Mira (1960-2011). Fonte dos dados: INE – X, XII, XIV, XV Recenseamentos Gerais da População. Adaptado de PORDATA (2022).

Assim, observa-se um claro declínio do setor primário¹², preponderante em 1960, no qual estavam empregadas 3162 pessoas. Em 2011, seriam apenas 399. Ao mesmo tempo, para o mesmo

⁹ “Relação entre a população idosa e a população jovem, expressa habitualmente como o quociente entre o número de pessoas com 65 ou mais anos e o número de pessoas com idades compreendidas entre os 0 e os 14 anos”. Fonte: Metainformação - INE- consultado a 27 de fevereiro de 2022.

¹⁰ Dados provisórios dos Censos 2021. Disponíveis em: <https://www.pordata.pt/Municipios/Quadro+Resumo/Mira-255913> - consultado a 27 de fevereiro de 2022.

¹¹ Disponível em: <https://www.cm-mira.pt/node/355> - consultado a 1 de março de 2022.

¹² “Compreende atividades ligadas à natureza, como sejam a agricultura, a silvicultura, as pescas, a pecuária, a caça ou as indústrias extrativas.” Disponível em: [https://www.infopedia.pt/apoio/artigos/\\$setores-da-atividade-economica](https://www.infopedia.pt/apoio/artigos/$setores-da-atividade-economica) - consultado a 17 de março de 2022.

período de tempo, assistiu-se a um aumento de população empregada nos setores secundários¹³ e terciários (ou dos serviços)¹⁴.

1.3. Caracterização da Comunidade Educativa

A sede do Agrupamento de Escolas de Mira localiza-se na área oeste da vila de Mira, confrontando a este com as Piscinas Municipais de Mira. A escola-sede é a Escola Secundária com 3º Ciclo do Ensino Básico Dra. Maria Cândida, sita na Rua Óscar Moreira da Silva (figuras 8 e 9).



Figura 8 - Localização da Escola Secundária com 3º Ciclo Dra. Maria Cândida. Fonte: <https://www.google.pt/maps/@40.4293948,-8.7416905,382m/data=!3m1!1e3?hl=pt-PT>

Além da escola-sede, o Agrupamento é composto pela Escola Básica de Mira, por seis jardins de infância (Jardim de Infância de Carapelhos, Jardim de Infância de Casal de S. Tomé, Jardim de Infância de Lentisqueira, Jardim de Infância de Mira, Jardim de Infância de Portomar e Jardim de Infância da Praia de Mira) e por oito escolas básica do 1º ciclo (EB1 de Carapelhos, EB1 do Casal de S. Tomé, EB1 de Lagoa, EB1 de Lentisqueira, EB1 de Mira, EB1 de Portomar, EB1 da Praia de Mira e EB1 de Seixo)¹⁵.

Em 2019, no Agrupamento existiam 60 turmas de ensino regular e ensino profissional – nível IV - (Curso Profissional de Informática de Gestão, Curso Profissional de Técnico de Desporto, Técnico de Gestão de Equipamentos Informáticos e Curso Profissional de Apoio à Infância) (Projeto Educativo Triénio 2019-2023: 7¹⁶). Tem parcerias, a nível institucional, com: os Bombeiros Voluntários de Mira, a Comissão de Proteção de Crianças e Jovens, a Câmara Municipal de Mira, a Cercimira, a Obra do

¹³ Diz respeito a “atividades industriais transformadores, construção e produção de energia”. *Idem, ibidem.*

¹⁴ Engloba “o comércio, o turismo, os transportes e as atividades financeiras”. *Idem, ibidem.*

¹⁵ Disponível em: <https://www.escolasdemira.pt/inicio/escolas> - consultado a 27 de fevereiro de 2022.

¹⁶ Disponível em: <https://www.escolasdemira.pt/inicio/documentos> - consultado a 1 de março de 2022.

Frei Gil, as Juntas de Freguesia do município de Mira, a Associação Empresarial de Mira, a APADREV, o Centro de Saúde de Mira, a Associação de Pais e Guarda Nacional Republicana (*idem, ibidem*: 15)

Quanto aos equipamentos e infraestruturas de apoio a escola-sede apresenta diversas mais-valias, tais como: uma biblioteca com computador com acesso à Internet e uma grande variedade de documentos que os alunos podem consultar e requisitar; salas de aulas com projetores e computadores com acesso à Internet; laboratórios; salas de informática; salas de apoio a alunos com necessidade de medidas de suporte à aprendizagem; cantina; serviços de administração escolar; reprografia e papelaria; bar; sala de convívio para alunos; pavilhão para atividades desportivas e de educação física; e um vasto espaço recreio (*idem, ibidem*: 19).



Figura 9 - Frente da Escola Secundária com 3º CEB Dra. Maria Cândida. Arquivo fotográfico pessoal (2022).

O Agrupamento de Escolas de Mira possui quatro bibliotecas: uma na Escola Básica 2º e 3º Ciclo de Mira, duas nas Escolas Básicas 1º Ciclo de Mira e de Portomar e uma na Escola Secundária com 3º Ciclo Dra. Maria Cândida, sendo estas oferecidas mesmo aos alunos (19,4%) que não têm esta valência na sua escola. Estas trabalham em parceria, como uma só, e integraram a Rede de Bibliotecas Escolares desde 2003 (*idem, ibidem*: 29). A biblioteca da Escola Secundária tem mais de

5063 recursos documentais, dos quais 654 são digitais, fazendo assim um rácio de 10 documentos por aluno¹⁷.

O corpo docente do Agrupamento é composto por 137 professores, dos quais 98 são do sexo feminino e 39 são do sexo masculino. A grande maioria destes professores (82,1%) pertence ao Quadro de Escola, sendo apenas 8% deles contratados. À semelhança do que acontece em todo o território nacional, também o corpo docente do Agrupamento de Escolas de Mira encontra-se envelhecido, sendo que mais de metade – 56,9% - se encontram na faixa etária de 50-59 anos (figura 10) (*idem, ibidem*: 20).

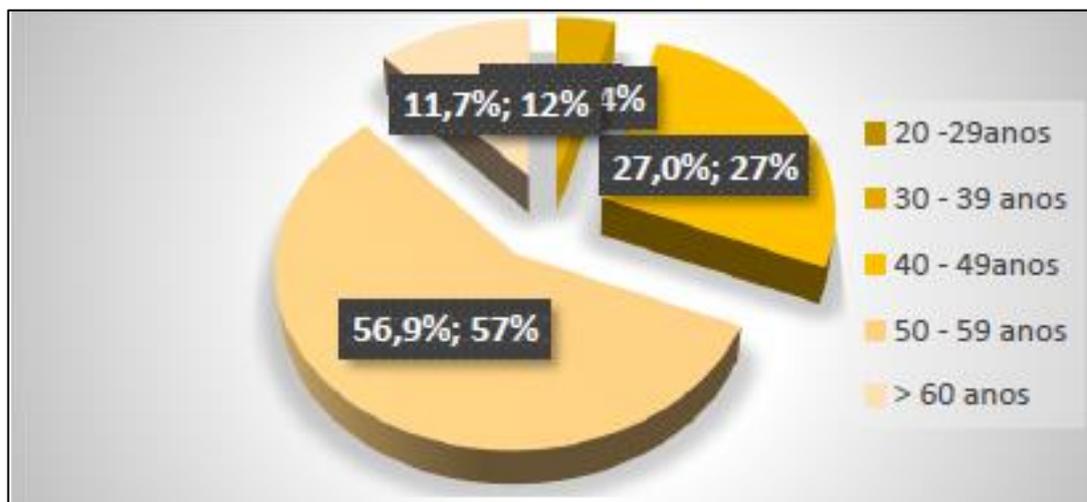


Figura 10 - Idade do corpo docente do Agrupamento de Escolas de Mira. Projeto Educativo Triénio 2019-2023 (2022).

Quanto ao pessoal não docente, o Agrupamento tem 81 assistentes e 5 técnicos superiores. Dentro da categoria de assistentes, existem 60 assistentes operacionais, 12 assistentes técnicos e 9 assistentes administrativos, sendo que o Agrupamento conta, ainda, com funcionários provenientes dos serviços gerais da Câmara Municipal de Mira (*idem, ibidem*: 22).

No ano letivo 2018/2019, a população discente do Agrupamento era de 1231 alunos, “sendo 549 do sexo feminino e 682 do sexo masculino”. A maioria dos alunos – 878 - encontravam-se a frequentar o ensino básico, enquanto 175 estavam no pré-escolar, 140 no ensino secundário e 78 no ensino profissional. A taxa de aprovação dos alunos está acima de 80% (*idem, ibidem*: 23), com uma taxa de abandono escolar de 0,7% (*idem, ibidem*: 27).

No que concerne à educação inclusiva, mais concretamente ao Decreto-Lei nº 54/2018¹⁸, o Agrupamento de Escolas de Mira tem 219 discentes com medidas universais¹⁹ de suporte à

¹⁷ Disponível em:

<https://rbe.mec.pt/np4/sitios.html?d=%5Bdistrito%5D&c=%5Bconcelho%5D&txt=Escola+Secund%C3%A1ria+D.r.%C2%AA+Maria+C%C3%A2ndida&id=403830> – consultado a 27 de fevereiro de 2022.

¹⁸ Estabelece o regime jurídico da educação inclusiva.

¹⁹ São “respostas educativas que a escola tem disponíveis para todos os alunos com o objetivo de promover a participação e a melhoria das aprendizagens”. Destacam-se: diferenciação pedagógica, acomodações curriculares, enriquecimento curricular, promoção do comportamento pró-social e a intervenção com foco

aprendizagem e à inclusão, 91 com medidas seletivas²⁰ e 30 com medidas adicionais²¹ (*idem, ibidem*: 26).

Ainda no âmbito do Decreto-Lei 54/2018, é disponibilizado um Centro de Apoio à Aprendizagem, que “pretende ser uma estrutura de apoio agregadora dos recursos humanos e materiais, dos saberes e competências” de todo o Agrupamento de Escolas. Os seus objetivos gerais são: “apoiar a inclusão das crianças e jovens no grupo/turma e nas rotinas e atividades da escola, designadamente através da diversificação de estratégias de acesso ao currículo; promover e apoiar o acesso à formação, ao Ensino Superior e à integração na vida pós-escolar e promover; e apoiar o acesso ao lazer, à participação social e à vida autónoma.”. Quanto aos objetivos específicos são: “promover a qualidade da participação dos alunos nas atividades da turma a que pertencem e nos demais contextos de aprendizagem; apoiar os docentes do grupo ou turma a que os alunos pertencem; apoiar a criação de recursos de aprendizagem e instrumentos de avaliação para as diversas componentes do currículo; desenvolver metodologias de intervenção interdisciplinares que facilitem os processos de aprendizagem, de autonomia e de adaptação ao contexto escolar; promover a criação de ambientes estruturados, ricos em comunicação e interação, fomentadores de aprendizagem; e apoiar a organização do processo de transição para a vida pós-escolar”. (*idem, ibidem*: 31 e 32).

Quanto à ação social escolar, verifica-se um elevado número de alunos a usufruir destes benefícios, em resultado do baixo estatuto socioeconómicos dos alunos que frequentam o Agrupamento (figura 11) (*idem, ibidem*: 27).

académico ou comportamental em pequenos grupos. Fonte: Decreto-Lei 54/2018, disponível: <https://dre.pt/dre/detalhe/decreto-lei/54-2018-115652961> - consultado a 3 de março de 2022.

²⁰ “Visam colmatar as necessidades de suporte à aprendizagem não supridas pela aplicação de medidas universais”. Consideram-se medidas seletivas: percursos curriculares diferenciados, adaptações curriculares não significativas, apoio psicopedagógico, antecipação e reforço das aprendizagens e apoio tutorial. Fonte: Decreto-Lei 54/2018, disponível: <https://dre.pt/dre/detalhe/decreto-lei/54-2018-115652961> - consultado a 3 de março de 2022.

²¹ “Visam colmatar dificuldades acentuadas e persistentes ao nível da comunicação, interação, cognição ou aprendizagem, que exigem recursos especializados.” São medidas adicionais: a frequência do ano de escolaridade por disciplinas, adaptações curriculares significativas, plano individual de transição, desenvolvimento de metodologias e estratégias de ensino estruturado e desenvolvimento de competências de autonomia pessoal e social. Fonte: Decreto-Lei 54/2018, disponível: <https://dre.pt/dre/detalhe/decreto-lei/54-2018-115652961> - consultado a 3 de março de 2022.

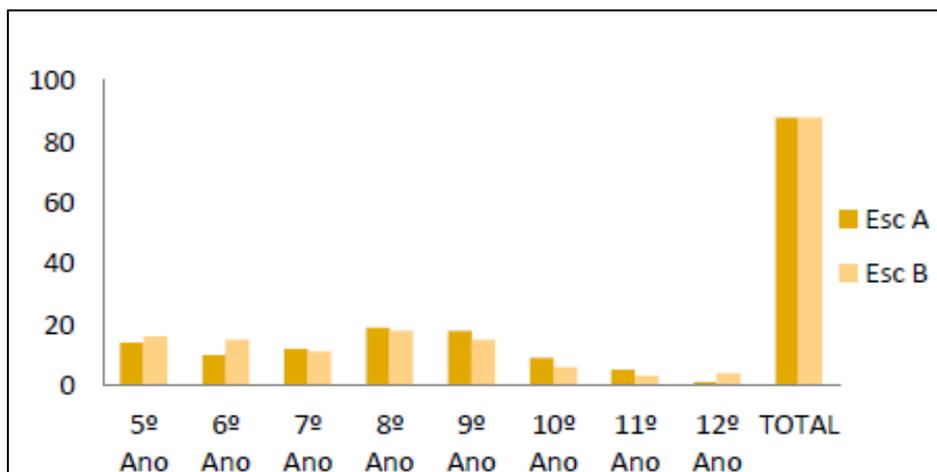


Figura 11 - Percentagem de alunos com ação social escolar no Agrupamento de Escolas de Mira. Projeto Educativo Triénio 2019-2023 (2022).

No Agrupamento de Escolas de Mira, existe, ainda, um serviço de psicologia e orientação, composto por duas psicólogas que trabalham em parceria com outra psicóloga, funcionária da Câmara Municipal de Mira. Os objetivos desta estrutura são: *“promover a orientação escolar e profissional, assegurar a avaliação e o acompanhamento psicológico e psicopedagógico e promover a cooperação de professores, pais e/ou encarregados de educação, cooperar na promoção de uma escola inclusiva, aconselhamento à comunidade educativa (prevenção da indisciplina e do abandono escolar).”*, tendo parcerias/colaborações com outros serviços da comunidade das áreas da saúde, da justiça, da segurança social, da educação, das empresas e das autarquias. (*idem, ibidem*: 30 e 31).

Para o futuro, nomeadamente para o triénio, 2019-2023, o Agrupamento de Escolas de Mira apresenta quatro eixos estratégicos: o sucesso, a cidadania, a flexibilidade e inclusão e a liderança e gestão (quadro 2).

Eixos Estratégicos	Objetivos Estratégicos
Sucesso	<ul style="list-style-type: none"> • Promover um ambiente educativo inovador, dinâmico, flexível, alicerçado numa ação educativa consciente, assumida e participada; • Diversificar a oferta formativa articulando as necessidades do meio e o perfil dos alunos; • Otimizar os recursos da biblioteca escolar no contexto da aprendizagem; • Promover a qualidade do sucesso escolar; • Minimizar o abandono escolar/desistência nos diferentes ciclos; • Envolver os Pais/Encarregados de Educação no sucesso escolar dos seus educandos.
Cidadania	<ul style="list-style-type: none"> • Estimular a cidadania responsável; • Promover a consciencialização dos Pais/Encarregados de Educação para o seu indispensável e urgente comprometimento na ação educativa, conjugando esforços com a instituição escolar de forma permanente; • Reforçar mecanismos de aproximação da Escola à comunidade; • Incentivar o aluno a investir na sua aprendizagem, maximizando as suas capacidades/competências; • Valorizar os resultados meritórios através dos Quadros de Honra e Quadros de Cidadania.
Flexibilidade e Inclusão	<ul style="list-style-type: none"> • Proporcionar a todos os alunos o acesso e a participação plena e efetiva nos diferentes contextos educativos;

	<ul style="list-style-type: none"> • Gerir de forma flexível o currículo permitindo trilhar percursos diferenciados; • Fomentar o trabalho colaborativo entre docentes de diferentes áreas disciplinares e ciclos de ensino; • Assegurar o melhor acompanhamento aos alunos que evidenciam dificuldades de aprendizagem.
<p>Liderança e gestão</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Fomentar a participação ativa do Agrupamento em projetos de intercâmbio, atividades de cariz cultural, desportivo e lúdico, que propiciem a salutar ocupação dos tempos livres, o reforço de uma identidade e o alargamento dos horizontes civilizacionais dos alunos; • Promover o <i>empowerment</i> das estruturas de liderança intermédia; • Desenvolver comportamentos, atitudes e ferramentas facilitadores de comunicação; • Manter/otimizar os processos de divulgação e comunicação; • Manter/reforçar a rede de parcerias e protocolos estabelecidos; • Promover ativamente a concretização de soluções para dotar o Agrupamento de espaços físicos mais acolhedores.

Quadro 2 - Eixos estratégicos do Agrupamento de Escolas de Mira para o triénio 2019-2023. Adaptado do Projeto Educativo 2019-2023: 45, 46, 47 e 48 (2022).

1.4. Caraterização do Núcleo de Estágio

No ano letivo 2021-2022, o núcleo de estágio de Geografia, no Agrupamento de Escolas de Mira, mais precisamente na Escola Secundária com 3º Ciclo Dra. Maria Cândida, foi composto por dois elementos: Andreia Martins e Xavier Cameijo.

A docente cooperante e orientadora, na escola, foi a Professora Margarida Oliveira. Esta tinha, a seu cargo, seis turmas de 3º ciclo: uma de 7º ano de escolaridade e cinco do 8º ano de escolaridade. Cada estagiário deveria escolher uma das turmas para lecionar, tendo sido essa escolha unânime e pacífica. Assim, ficamos com a turma de 7º ano e o colega estagiário com uma do 8º ano.

Da mesma forma, e como o estágio é parte integrante do Mestrado em Ensino de Geografia no 3º Ciclo do Ensino Básico e no Ensino Secundário, da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, a professora da Universidade responsável pela orientação, por parte desta instituição, foi a Doutora Fátima Velez de Castro. Esta assistiu a três aulas que lecionámos (8 de fevereiro de 2022, 19 de abril de 2022 e 3 de maio de 2022)²².

1.5. Caraterização da Turma

A turma que escolhemos para lecionar foi o 7ºF. É pequena, sendo constituída por dezassete alunos, dos quais doze (70,6%) são do sexo masculino e cinco (29,4%) do sexo feminino (figura 12). É de salientar que, nesta turma, estão incluídos dois alunos institucionalizados na Obra do Frei Gil – Casa de Acolhimento de Mira. Destes dezassete alunos, quinze têm nacionalidade portuguesa (88,2%) e dois têm nacionalidade brasileira (11,8%) (figura 13).

²² De acordo com o estipulado no “Regulamento da Formação Inicial de Professores da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. Disponível em: https://www.uc.pt/fluc/regulamentos_normas/docspdf/regulamento_formacao_inicial_professores.pdf - consultado a 17 de junho de 2022.

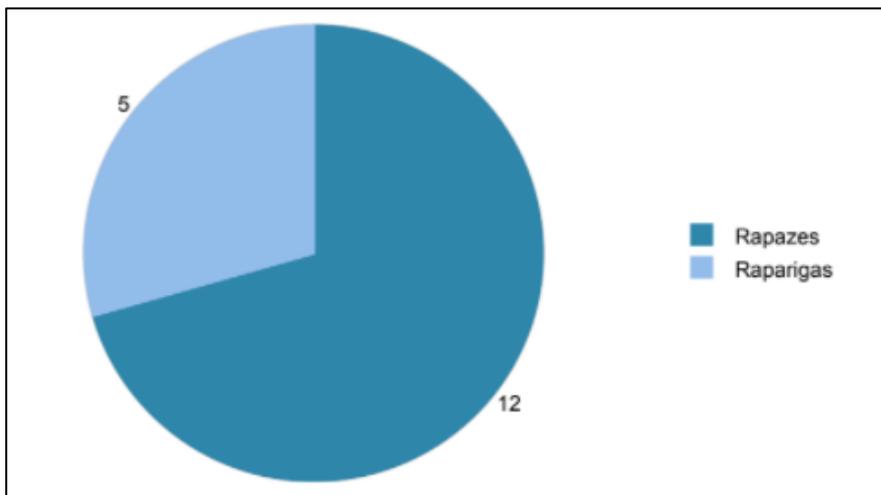


Figura 12 - Género dos alunos do 7ºF. INOVAR – Agrupamento de Escolas de Mira (2022).

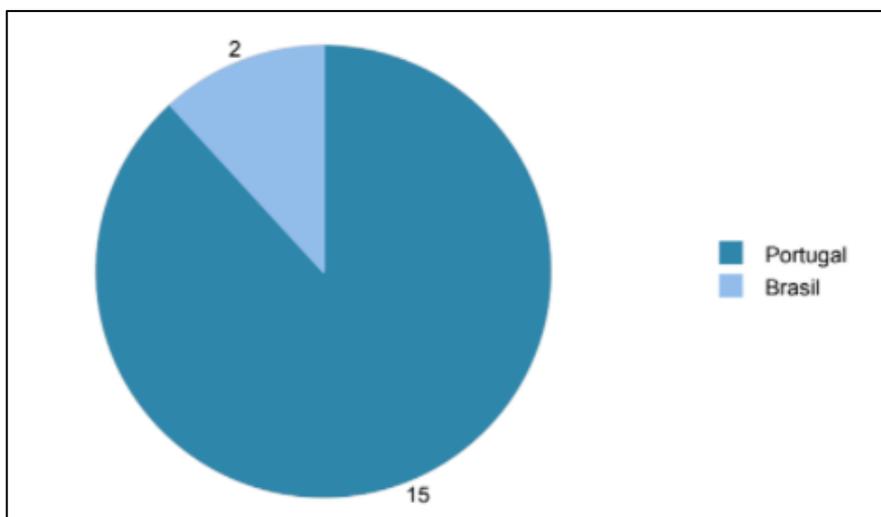


Figura 13 - Nacionalidade dos alunos do 7ºF. INOVAR – Agrupamento de Escolas de Mira (2022).

Quanto às idades dos estudantes da turma, no dia 15 de setembro, no início do ano letivo, situavam-se entre os onze e os treze anos de idade. Assim, existiam quatro alunos com onze anos, doze anos com doze anos e quatro alunos com treze anos (figura 14).

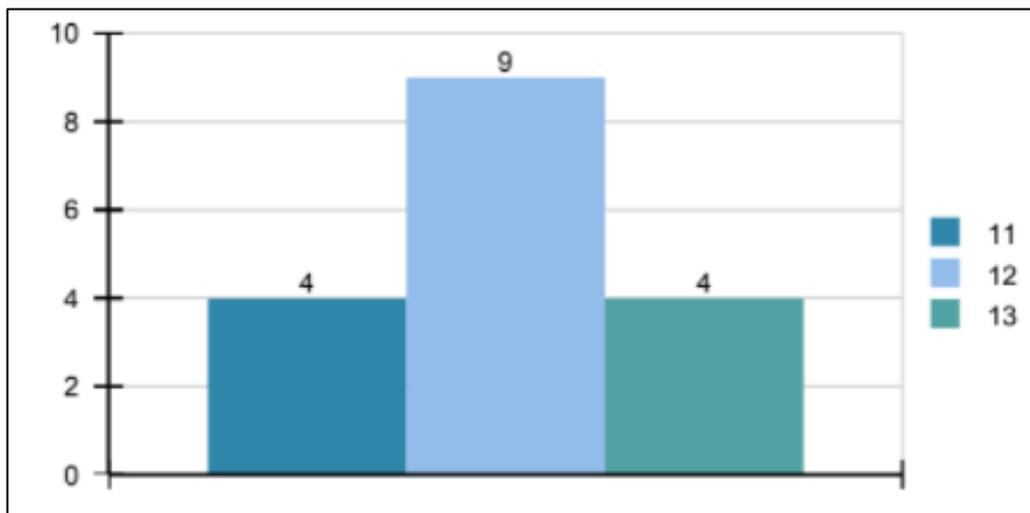


Figura 14 - Idade dos alunos do 7ºF. INOVAR – Agrupamento de Escolas de Mira (2022).

No que respeita à ação social escolar, isto é, uma medida de apoio que pretende comparticipar despesas escolares de alunos pertencentes a famílias com baixos rendimentos, existem onze alunos sem escalão, quatro alunos com escalão B e dois alunos com escalão A (figura 15).

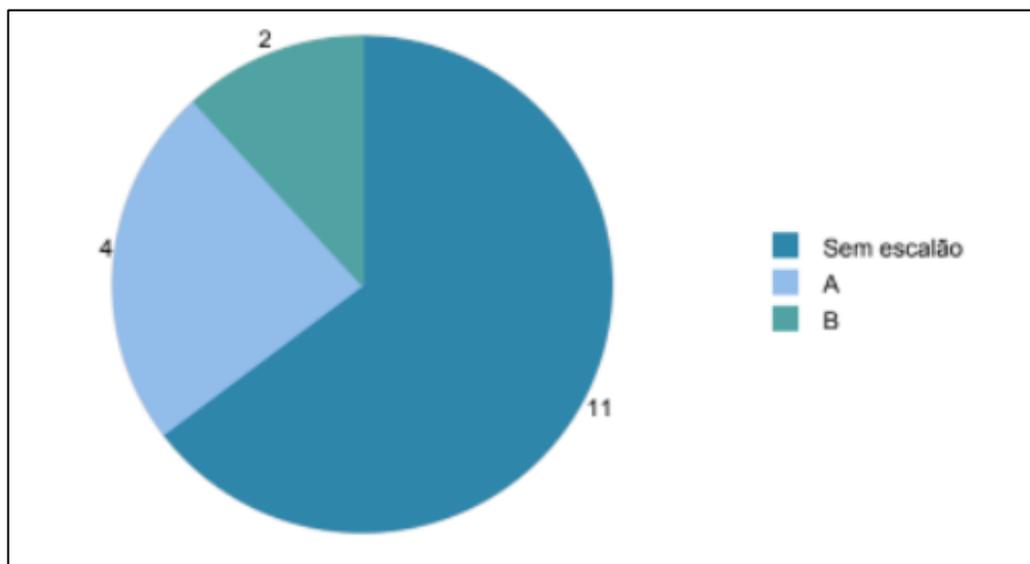


Figura 15 - Alunos do 7ºF com Ação Social Escolar. INOVAR – Agrupamento de Escolas de Mira (2022).

2. Atividades Desenvolvidas Durante o Estágio Pedagógico

No “*Plano Geral de Formação de Professores*” (p. 1), da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, para o ano letivo 2021-2022, é explicado que o estágio pedagógico é composto por atividades letivas, em turmas afetas ao professor cooperante, e também por atividades extralectivas ou de intervenção socioeducativa e de gestão, a concretizar na escola ou junto da comunidade educativa. Assim, passamos a enumerar todas as atividades letivas e não letivas realizadas durante o estágio na Escola Secundária Dra. Maria Cândida, em Mira.

2.1. Atividades Letivas

Naquilo que se refere às atividades letivas e, ainda de acordo com o “*Plano Geral de Formação de Professores*” (p. 2), da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, as atividades letivas a levar a cabo, dizem respeito à prática pedagógica supervisionada, e incluem: “*elaboração e/ou debate de planificações – de longo, médio e curto prazos -, de recursos didáticos e de instrumentos de avaliação; participação em 75% dos seminários pedagógicos semanais dirigidos pelo Orientador da Escola; participação em todas as sessões de auto e hetero avaliação de atividades letivas, e de avaliação formativa e sumativa, acordadas no âmbito do núcleo de estágio; preparação e concretização de atividades letivas em turmas do orientador da escola; assegurar mínima de 28 a 32 aulas, de 45 minutos, ou de 14 a 16 aulas de 90 minutos; observação de todas as aulas lecionadas por outros estagiários do núcleo de estágio; e observação de 75% das aulas lecionadas pelo orientador de estágio, na(s) turma(s) que estão afetas os estagiários*”.

O estágio teve início no dia 28 de setembro de 2021. As primeiras semanas foram dedicadas, exclusivamente à integração na escola e respetiva comunidade escolar, bem como à observação das aulas lecionadas pela Professora Margarida Oliveira, em todas as turmas que lhe estavam atribuídas. Posteriormente, e ainda durante o primeiro período, escolhemos as turmas em que queríamos lecionar e começámos essa tarefa. As maiores dificuldades foram o posicionamento perante um público, e também conseguir aumentar o tom de voz, para que fosse bem audível no fundo da sala de aula. Apesar de se ter escolhido o 7ºF para lecionar, frequentemente lecionámos aulas às outras turmas da Professora Cooperante, sobretudo ao 8ºE.

Lecionávamos, alternadamente dois e três blocos semanais de 50 minutos cada, ou seja, numa semana lecionávamos dois blocos e na semana seguinte três blocos. Esta alternância era feita com a disciplina de História.

A Doutora Fátima Velez de Castro, orientadora por parte da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, assistiu a três aulas lecionadas por nós. A primeira, foi no dia 8 de fevereiro de 2022, relativa ao tema “*Elementos geométricos da esfera terrestre*” (planificação no Anexo II, p: 130 e apresentação *PowerPoint* no Anexo III, p. 132) e a segunda foi no dia 19 de abril de 2022, alusiva ao tema “*Clima e estado de tempo*” (planificação no anexo IV, p: 137 e apresentação *PowerPoint* no Anexo V, p: 140). Por último, a terceira aula assistida, que tivemos de lecionar por estarmos

propostos para uma nota de excelência, foi alusiva aos tema “*climas mundiais*” (planificação no Anexo VI, p: 146 e apresentação *PowerPoint* no Anexo VII, p: 148).

Ainda naquilo que diz respeito às atividades letivas, observamos as aulas lecionadas pelo colega estagiário Xavier e aprendemos, como realizar matrizes para fichas de avaliação, bem como a respetiva elaboração e correção. A partir do 2º período passou a ser da nossa responsabilidade a realização autónoma destas tarefas, sempre com supervisão da Professora Margarida Oliveira (exemplo no Anexo VIII, p: 151). Naquilo que se refere às avaliações de final de período, bem como às avaliações intercalares, a sua realização foi da responsabilidade no núcleo de estágio, sempre com supervisão da Professora Cooperante.

No dia 4 de novembro celebrou-se o dia de Aulas ao Ar Livre, “*que visa celebrar e inspirar a brincadeira e a aprendizagem ao ar livre, em casa ou na escola*”²³. Neste contexto, fizemos, com três turmas do 8º ano uma saída de campo no exterior da escola (figura 16). No que respeita aos conteúdos abordámos a aplicabilidade da Geografia e do Ordenamento do Território no nosso dia-a-dia, focando temas como: incêndios florestais de 2017 e conseqüente desordenamento florestal; espécies vegetais presentes (eucalipto, acácias, pinheiros mansos, hortelã e funcho); quantidade reduzida de sarjetas em torno da escola, que promovem inundações no Inverno; falta de estacionamento em torno da escola, que causa caos e congestionamentos de trânsito; e projeção do local onde se situa a escola como área funcional da vila destinada aos serviços.

Ainda naquilo que se refere às aulas ao ar livre, promovemos várias vezes, junto da turma que nos estava afeta aulas fora da sala de aula (figura 17). Esta metodologia de trabalho pretende também mostrar a aplicabilidade da Geografia no dia-a-dia, através da observação direta e do trabalho de campo, seus pilares metodológicos.



Figura 17 - Dia de aulas ao ar livre (4 de novembro de 2021). Arquivo fotográfico pessoal (2021).



Figura 16 - Aula ao ar livre sobre formas de orientação relativa: sol, estrelas e bússola (24 de janeiro de 2022). Arquivo fotográfico pessoal (2021).

²³ Disponível em: <https://diadeaulasaoarlivre.pt/> - consultado a 21 de março de 2022.

Tivemos ainda a oportunidade de interagir com outras turmas afetas a outros professores de Geografia da escola, nomeadamente através do apoio e vigilância a testes do 9º ano de escolaridade.

Sensivelmente, a meio do ano letivo, por a turma que nos estava afeta apresentar, de um modo geral, mau desempenho nas atitudes e valores, também aprendemos como elaborar uma grelha de observação, para registar as ocorrências aula a aula (anexo IX, p: 155).

No dia 5 de abril, última aula que tivemos com a nossa turma no 2º período letivo, organizámos um “Geo-Almoço”. Nas aulas anteriores tínhamos finalizado a temática acerca dos oceanos, continentes e países e assim a proposta feita foi que, para comemorar o final do 2º período, os estudantes trouxessem comidas e bebidas de várias partes do globo. Sob as refeições foram colocadas dos países de onde estas eram provenientes (figura 18).



~

Figura 18 - "Geo-Almoço" (5 de abril de 2022). Arquivo fotográfico pessoal (2022).

No dia 9 de maio, na aula de Geografia, comemorou-se o Dia da Europa, tendo os alunos a oportunidade de criar um dos símbolos da União Europeia: a bandeira²⁴. Realizou-se uma atividade prática, em que foram coladas estrelas amarelas sobre balões azuis. De seguida, os balões foram distribuídos, pelos estudantes, na Escola (figura 19). No dia seguinte, foi a vez de uma turma do 8º ano realizar um almoço alusivo aos países da Europa.

²⁴ Os conteúdos relativos à União Europeia fazem parte das “Aprendizagens Essenciais de Geografia” para o 7º ano de escolaridade.



Figura 19 - Balão com estrelas amarelas, alusivos ao Dia da Europa (9 de maio de 2022). Arquivo fotográfico pessoal (2022).

2.2. Atividades Não Letivas

Também de acordo com o “*Plano Geral de Formação de Professores*” (p. 3), da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, as atividades extralectivas a realizar pelo estagiária dizem respeito à “*participação em atividades de intervenção socioeducativa realizadas na Escola e/ou junto da comunidade envolvente; observação e debate de atividades extralectivas e de intervenção socioeducativa realizadas pelo Orientador de Estágio e/ou pelos outros estagiários do núcleo de estágio; e participação, com o estatuto de observador, em reuniões e atividades de gestão escolar*”, nomeadamente, “*Departamento(s) Curricula(es), conselho(s) de turma, Conselho de Diretores de Turma, Núcleo de Ensino Especial, Serviço de Psicologia e Orientação Motivacional, Conselho Pedagógico, Conselho Geral, Coordenador(es) de Departamento, Diretor(es) de Turma, Coordenador dos Diretores de Turma, Diretor e Presidente do Conselho Geral*”.

No âmbito do estágio pedagógico, a primeira atividade extralectiva que realizámos foi conhecer o espaço físico da escola, contactar com pessoal docente e não docente e com a direção.

Contactámos a Porto Editora várias vezes, no sentido de apresentar sugestões de melhoria para os conteúdos dos manuais e da “*Escola Virtual*”. Sugerimos diminuir a velocidade da locução dos vídeos para uma melhor compreensão por parte dos alunos e a alterações de conteúdos. Exemplo dessas alterações, são nas aprendizagens do 7º ano de escolaridade, em que ao se falar do Arquipélago da Madeira, aparece uma fotografia de São Miguel, no Arquipélago dos Açores.

No dia 20 de outubro de 2021, participámos numa reunião com a Professores Dolores Lopes, Coordenadora do Departamento de Ciências Sociais e Humanas do Agrupamento de Escolas de Mira, para a inserção de atividades a realizar durante o ano letivo no Plano Anual de Atividades.

A 26 de outubro de 2021 participamos numa atividade de recolha de lixo na praia, no âmbito da disciplina de Cidadania e Desenvolvimento. Acompanhámos o 8ºD, cuja docente responsável era a Professora Ana Paula Ferreira. No início, houve uma palestra do Engenheiro Nuno, da Câmara Municipal de Mira, que sensibilizou os alunos, para a grande quantidade de plástico que, atualmente, existe nos oceanos. Para esta atividade, os alunos receberam uma t-shirt da Câmara Municipal de Mira que deviam pintar e decorar com motivos alusivos à temática da defesa e proteção ambiental, tendo havido, de seguida, um concurso para a melhor t-shirt em que o júri foi o núcleo que estágio de Geografia (figura 20). De seguida, os alunos dividiram-se em grupos e percorreram a praia para apanhar todo o tipo de lixo que houvesse (figura 21). No final, todo o material foi recolhido pela Junta de Freguesia da Praia de Mira.

No dia 2 de novembro de 2021, ainda no seguimento da atividade anteriormente descrita, recebemos Fernando Paiva, na escola, professor de surf e ativista do movimento “*Não Lixes*”, que veio dar uma palestra sobre o tema da poluição²⁵ (figura 22). Esta sessão realizou-se na Biblioteca da escola e contou com a participação de todos os estudantes do 8º ano de escolaridade.



Figura 20 – Uma das t-shirts vencedoras. Arquivo fotográfico pessoal (2021).

²⁵Organização “*cívica e ambientalista para a promoção de valores e práticas ecológicas, desenvolvendo atividades para reduzir comportamentos nocivos para a saúde do planeta e ações de sensibilidade ambiental e de contacto com a natureza*”. Disponível em: <https://www.facebook.com/naolixes> - consultado a 21 de março de 2022.



Figura 21 - Recolha de lixo no areal da Praia de Mira, no âmbito da disciplina de Cidadania e Desenvolvimento. Arquivo fotográfico pessoal (2021).



Figura 22 - Palestra do movimento “Não Lixes”, na Biblioteca da Escola. Arquivo fotográfico pessoal (2021).

No dia 15 de dezembro de 2021 participámos numa reunião de Departamento. Na Escola Secundária com 3º Ciclo Dra. Maria Cândida, o grupo disciplinar de Geografia encontra-se no Departamento de Ciências Sociais e Humanas, juntamente com os grupos disciplinares de História e Geografia de Portugal, História, Filosofia e Economia e Contabilidade.

Dois dias depois, ainda durante o primeiro período, mais precisamente no dia 17 de dezembro de 2021, participámos numa atividade de formação de curta duração (AFCD), promovido pela Centro de Formação de Associação de Escolas, cujo tema era “*Contributos do estilo de vida mediterrânica para uma alimentação saudável*” (certificado no Anexo X, p: 156). Esta formação teve uma duração de três horas e tinha como objetivos capacitar professores para os valores da dieta mediterrânica, conferindo-lhes metodologias pedagógicas que estes pudessem usar na escola, de modo a sensibilizar os jovens para este estilo de vida.

No final dos períodos escolares, participámos em todos os Conselhos de Turma das turmas atribuídas à Professora Cooperante Margarida Oliveira, em que ficámos a conhecer as dinâmicas e os procedimentos inerentes aos mesmos. Estas reuniões contaram sempre com as Professoras de Educação Especial, o que a nosso ver foi bastante importante e enriquecedor para melhor conhecer as necessidades e apoios dos alunos de cada turma com medidas de suporte à aprendizagem, no contexto da educação inclusiva.

O núcleo de estágio de Geografia, no âmbito das atividades não letivas, organizou uma homenagem a uma professora da escola, falecida no ano letivo anterior, que se realizou no dia 8 de fevereiro de 2022, na Escola Básica de Mira.

Já no segundo período, no dia 24 de fevereiro de 2022 preparamos e elaboramos as avaliações intercalares para todas as turmas afetas à Professora Margarida, tendo posteriormente participado em dois Conselhos de Turma Intercalares, no dia 2 de março.

Entretanto, no dia 25 de março, participámos numa visita de estudo a Coimbra, acompanhando quatro turmas do 8º ano de escolaridade, no âmbito das comemorações do Dia Internacional da Mulher que se havia comemorado a 8 do mesmo mês (figura 23). Nesse dia, da parte da manhã, os alunos visitaram quatro museus: Museu Nacional Machado de Castro, Museu da Santa Casa da Misericórdia de Coimbra, Museu Municipal de Coimbra – Edifício Chiado e Centro de Arte Contemporânea de Coimbra. Em todos os museus foi focada a Mulher e o seu papel na sociedade. Já da parte da tarde os alunos passearam pela Alta de Coimbra: Jardim da Sereia, Universidade, Jardim Botânico e Praça da República.

No dia 15 de junho participámos, em conjunto com todos os professores do grupo disciplinar de Geografia, no processo de escolha dos manuais escolares para o 8º e 11º ano de escolaridade, para o ano letivo seguinte, tendo aprendido algum do funcionamento deste processo burocrático que faz parte da profissão docente.



Figura 23 - Visita de estudo a Coimbra (25 de março de 2022). Arquivo fotográfico pessoal (2022).

Concluindo, com todas as atividades letivas e não letivas que realizámos na Escolas, aprendemos todas as tarefas inerentes à docência, encontrando-nos assim mais preparados para iniciar a carreira.

2.3. Reflexão Sobre o Estágio Pedagógico

O primeiro ano curricular do Mestrado em Ensino de Geografia no 3º Ciclo do Ensino Básico e Ensino Secundário, foi de componente curricular, isto é, aprendemos conteúdos relacionados com a Didática e Pedagogia da Geografia, Psicologia do Desenvolvimento e Aprendizagem, Necessidades Educativas Especiais e Desenvolvimento Curricular e Avaliação. Por outro lado, o segundo e último ano deste curso de 2º Ciclo apresenta características mais práticas, em que o aluno, futuro professor, deve colocar ganhar experiência para a prática letiva, através do estágio numa escola, com o apoio de um professor cooperante.

Antes de começar o estágio, tínhamos duas grandes dificuldades. A primeira relacionava-se com a nossa situação de trabalhadora-estudante. Trabalhávamos no turno das 22h – 6h e teríamos de arranjar forma de conseguir frequentar o estágio assiduamente durante o dia. Já a segunda dificuldade relacionava-se com a nossa personalidade tímida e reservada, que nunca nos permitiu estar perante um público. Estas duas dificuldades foram facilmente ultrapassadas com o apoio da Professora Margarida Oliveira, que logo que deu flexibilidade nos horários e todas as dicas e sugestões necessárias para conseguir lecionar bem perante uma turma. Começamos a dar aulas logo no primeiro período, o que nos deu grande vantagem e mais experiência. Rapidamente, deixámos de

ficar nervosos a dar uma aula e conseguimos executar essa tarefa com alguma naturalidade. Notamos uma grande evolução desde o início do estágio até ao respetivo término.

Um dos pontos positivos do estágio foi o facto de termos a possibilidade de colocar em práticas estratégias didáticas delineadas por nós, que a Professora Margarida sempre validava e apoiava. Apesar de a turma em que lecionávamos ter, de um modo, geral, mau desempenho nas atitudes e valores, por serem muito conversadores e distraídos, da observação empírica notou-se que estes gostavam e eram empenhados nas várias tarefas propostas em sala de aula ou em aula ao ar livre, que se refletiu positivamente na avaliação dos conhecimentos e capacidades.

O sucesso do estágio deve-se ainda à cooperação e interajuda que sempre existiu com o colega estagiário Xavier Cameijo, uma vez que nos encontrávamos num mesmo momento de vida. Ambos éramos trabalhadores-estudantes e ambos vínhamos de outras formações de 2º Ciclo. Foi positivo trabalhar com alguém com a mesma maturidade que nós.

Concluindo, no estágio pedagógico, além de ser possível pôr em prática todos os conteúdos aprendidos durante a licenciatura em Geografia, Mestrado em Geografia Física – Ambiente e Ordenamento do Território e, também, no primeiro ano curricular do Mestrado em Ensino da Geografia no 3º Ciclo do Ensino Básico e Secundário, foi também uma experiência relevante e transformadora, que nos mudou e fez crescer. Ao mesmo tempo, o estágio, bem como o presente relatório de Mestrado afigurou-se importante e relevante para colocar o nosso gosto pela Literatura ao serviço da Geografia e da Escola.

3. Estado da Arte e Enquadramento Teórico

Para alguns autores, Geografia e Literatura não têm uma relação evidente. Desde a década de 70 (século XX), e, no âmbito da Geografia Humana, foi emergindo na Geografia o conceito de geografia literária. Em Portugal foram feitas poucas incursões nesta área, mas na Europa e, sobretudo, no Brasil, foram surgindo diversos trabalhos desta temática. Geografia e Literatura convivem, desde então, numa relação de interdisciplinaridade, uma estreita relação de simbiose, em que a Geografia precisa da Literatura para a descodificação de elementos e fenómenos geográficos e espaciais e em que a Literatura precisa da Geografia para, por exemplo, localizar os lugares e regiões mencionados.

A Literatura é, ao mesmo tempo, uma oportunidade, também para o docente de Geografia, em que este pode recorrer a diversos excertos e citações de obras, para a partir daí construir a sua didática e a sua aula. De facto, a literatura pode não ser considerada como um domínio científico, mas pode ser muito útil ao geógrafo e ao professor de Geografia, na medida em que proporciona descrição de lugares e paisagens, hábitos de vida, modos de viver, transformações de paisagens, entre outros.

3.1. Geografia e Literatura: Relação Controversa?

A relação entre a Geografia e a Literatura sofre de alguma controvérsia, uma vez se estas se caracterizam por terem naturezas distintas (Velez de Castro, 2005/2006: 58) e porque “*a Literatura não se considera científica*” (Levi, 2011: 2). Porém, esta relação é justificada no âmbito da Geografia Cultural, o domínio da Geografia que se ocupa do estudo das manifestações culturais (Benatti, 2016).

A Geografia Cultural surgiu com a Geografia Humana e interessa-se “*pelas obras humanas que se inscrevem na superfície terrestre e imprimem uma expressão característica*”, tendo como objeto de estudo a “*transformação das paisagens naturais e sua substituição por paisagens inteiramente novas ou profundamente modificadas*” (Sauer, 1997: 4). Surgiu num ímpeto de procurar “*uma ciência centrada no sujeito e nas relações de tipo sensorial, afetivo, estético e simbólico*”, de onde de entre os seus métodos (sobretudo qualitativos), se destaca o recurso à literatura (Choupina, 2005).

Este ramo da Geografia, ao longo da sua história, apresentou dois caminhos de pesquisa distintos, e que diferem, sobretudo, no conceito de cultura adotado: a geografia cultural saueriana ou Escola de Berkeley e a nova geografia cultural ou geografia cultural pós-80 (Rosendahl e Corrêa, 2013: 9). Para a primeira corrente, a cultura é “*em termos amplos*”, o conjunto de “*costumes, crenças, hábitos, habilidades, técnicas, leis, artes, linguagem, gestos e moral, mas especialmente as manifestações materiais*”, enquanto a nova geografia cultural, cultura é um conceito “*mais restrito aos significados criados e recriados pelos diversos grupos sociais a respeito das diferentes esferas da vida em suas específicas espacialidades*” (*idem, ibidem*, 10). Isto quer dizer que, na Geografia Cultural Saueriana, a cultura é vista como “*uma entidade supraorgânica, que paira sobre a sociedade independente dela*”, e que, por sua vez para a Nova Geografia Cultural, a cultura “*não tem um papel determinante*”, mas antes uma postura “*interpretativa*” (*idem, ibidem*: 10).

A Geografia Cultural é um campo vastíssimo de pesquisa científica, que vai desde o cinema, a literatura, a música e as artes plásticas, dando uma impressão como se localiza e descreve a cultura²⁶ de determinada região do mundo. As culturas diferem e alteram-se com o espaço e com o tempo. A literatura é, assim, uma manifestação cultural, fruto das indústrias culturais, que têm o poder de construção e difusão do mundo geográfico (Fernandes, 2009/10: 37). Esta pode ocorrer de modo negativo, quando, através do *marketing* territorial nos fica uma ideia de repulsa de determinado lugar, ou de forma positiva, quando, através do mesmo modo, nos são transmitidas “*sentimentos de segurança e o desejo de viagem*” (*idem, ibidem*).

Este anseio de viagem diz respeito à Geografia das Viagens. O ser humano viajou desde sempre, pelas mais diversas razões. Viajar é “*um impulso, uma capacidade, uma necessidade intrínseca que o acompanha desde sempre*” (Velez de Castro, 2009/10: 74). Fernandes (2009/10: 34) ao enumerar as várias razões para viajar na era da pós-modernidade afirma que viajar também é procurar “*os lugares de alguém, paisagens literárias e cinematográficas*”, sendo assim “*territórios literários que estimulam a viagem, mas também viagens que perduram pela literatura*”. Neste contexto, dá como exemplo a obra “*Viagem a Portugal*”, de José Saramago. Segundo o mesmo autor (2009/10: 34), os livros “*estimulam, motivam e orientam viagens*”, mas também há “*viagens que se tornam literárias, viagens reais ou ficcionadas*”.

Fernandes (2016: 15 e 2017: 56), apoiando-se em Maria Alzira Seixo, defende que literatura de viagens e viagem na literatura são conceitos “*dialogantes*”, mas o primeiro é o “*resultado de textos promovidos pelas viagens de relações comerciais e de descobrimentos, de exploração e de indagação científica, assim como pelas viagens de escritores que decidam exprimir por escrito as suas impressões referentes a percursos concretamente efetuados*”, enquanto o segundo é “*uma temática ficcional, um ingrediente literário, em termos de motivo, de imagem, de intertexto, de organização efabulativa*”.

A viagem é vista como uma “*prática cultural*” e “*sofreu ao longo do tempo uma evolução na produção dos seus relatos escritos, isto é, na chamada Literatura de Viagens*” (Gonçalves, 2013: 6). Choupina (2005: 24) vê a literatura de viagens como “*um acontecimento cultural que engloba fatores de ordem histórica, geográfica, política, social e económica*”. A Literatura das Viagens “*procura, por excelência, mostrar um objeto*”, através, por exemplo, da “*descrição de fauna e flora, mapeamento de itinerário, perspetiva cronológica, relação com o Outro e a cultura local, ou seja, tudo aquilo que é resultante da experiência do encontro*” (Fernandes, 2017: 62). Assim, “*as narrativas de viagens sempre constituíram uma fonte preciosa, fornecendo testemunhos e compilações de primeira mão sobre países e culturas remotas*” (Brosseau, 2013). Também Choupina (2005: 9) nos diz que “*viajar com a literatura é uma maneira de melhor iluminar a viagem, de melhor gravar e agravar a experiência intensiva de um lugar – a imaginação é a única capacidade que permite ver para além do mundo imediato*”.

²⁶ Segundo o dicionário *online* Priberam, cultura define-se como a “totalidade dos costumes, das tradições, das crenças, dos padrões morais, das manifestações artísticas e intelectuais e de outras características que distinguem uma sociedade ou grupo.” (<https://dicionario.priberam.org/cultura> - consultado a 4 de janeiro de 2022).

A Literatura das Viagens é, então, uma manifestação cultural. Viajar reflete o desejo de ir em direção do desconhecido, ao encontro de outras culturas, de experiências enriquecedoras e vivências únicas e autênticas, havendo posteriormente a necessidade de explicar e mostrar aos outros os resultados desses momentos, por exemplo, a partir da Literatura de Viagens. Paul Theroux é um escritor norte-americano que se dedicou, quase, exclusivamente à Literatura de Viagens, publicando livros como *“O Grande Bazar Ferroviário”* e o *“Velho Expresso da Patagônia”*. São obras que descrevem viagens, geografias, sociedades e culturas, e que podem ser aproveitadas também para o ensino da Geografia.

Todavia, ao mesmo tempo que é um tema contestado e polémico, também são inúmeros os autores que sustentam e fomentam a ligação entre Geografia e Literatura, *“campos do saber, interligados pela vertente cultural, social e humanista”*, sendo também vistos como *“pilares estruturantes para a explicação de fenómenos territoriais contemporâneos”* (Velez de Castro, 2021a). A mesma autora (2005-2006: 58), que estudou parte da obra *“O Fogo e as Cinzas”*, de Manuel da Fonseca²⁷, e citando Cravidão (2005), afirma que *“a literatura é um vasto campo onde o geógrafo pode encontrar espaços ficcionados, percursos sociais, cenários económicos e culturais que ajudam a compreender as relações entre a população e o território”*.

Cravidão e Marques (2000), mediante o estudo da obra *“Emigrantes”*, de Ferreira de Castro, afirmam que áreas como a Literatura, a Psicologia ou as Artes *“têm sido pouco utilizadas”* no âmbito da investigação geográfica. Neste sentido, a Literatura, *“pode não ter o papel principal, mas seguramente é uma fonte inesgotável de investigação geográfica”* (p. 24). Consideram ainda que a *“literatura portuguesa é particularmente rica em obra que permitem reconstituir geografia de lugares, grupos sociais, percursos, modos de ocupação do espaço”*.

Apesar de ser ficção, a Literatura pode ser também uma *“descrição da realidade”* e está *“repleta de simbologias”* dessa mesma realidade (Carvalho, 2014: 83). Velez de Castro (2021b: 117) considera que *“a geografia, na sua dimensão espacial, e a Literatura, na sua vertente ficcional”* são *“estruturantes para a análise e compreensão dos fenómenos territoriais contemporâneos”*. O geógrafo pode também recorrer à Literatura, por exemplo, para caracterizar espaços passados, estudando as respetivas alterações e dinâmicas territoriais, ou seja, *“para reconstruir uma determinada paisagem regional, urbana ou rural já desaparecidas, ou para estudar os contornos histórico-espaciais das actividades humanas”* (Choupina, 2005: 17).

As transformações na paisagem são frequentes, quer de forma repentina, através de catástrofes naturais (incêndios florestais, maremotos, ...), por exemplo, ou de forma lenta, por exemplo, concentração populacional numa determinada região. Neste caso, a Literatura pode afigurar-se como um recurso para a descrição de paisagens que se transformaram, para reconstituir espaços e modos de viver. Do mesmo modo, através da literatura também é possível, para o geógrafo, conhecer espaços “fechados”, como são o caso de regimes ditatoriais, que impedem ou limitam o acesso a turistas. Exemplo desta situação, e no caso da literatura portuguesa, é o livro *“Dentro do segredo: uma viagem na Coreia do Norte”*, de José Luís Peixoto. A sustentar esta ideia está o trabalho de Levi (2011) que, recorrendo à obra *“As Viúvas das Quintas-Feiras”*, de Cláudia Piñero, aborda

²⁷ Aborda a chegada do comboio a uma pequena localidade alentejana, em que o largo da aldeia, onde se desenrola toda a atividade social, tem de ser mudado de lugar para dar lugar à estação de comboios.

questões ligadas a uma “sociedade fechada”²⁸, suportando assim que Geografia e Literatura “são duas disciplinas que se encontram, se tocam” (p: 2), muito além “do âmbito descritivo” (p: 28) e em que, “cada uma, à sua maneira, aborda a realidade e tratam de a analisar, refletir, descrever e entender” (p: 28).

Portanto, a Literatura é uma oportunidade para a Geografia, uma possibilidade de construir a explicação do mundo que nos rodeia mediante a leitura e análise de obras literárias, mediante o método de observação indireta. Todavia, a Literatura é também um ensejo para outras ciências, como por exemplo a História ou a Sociologia. Através da obra “Equador”, de Miguel Sousa Tavares, ficamos a conhecer a história colonialista de Portugal e das respetivas relações com São Tomé e Príncipe, bem como os comportamentos da sua sociedade deste território insular africano, no início do século XX. A partir desta obra é também possível aprender sobre o clima equatorial, característico daquela região do globo, uma vez que há inúmeras passagens na obra acerca desse assunto, sendo, por isso, um ponto de interesse para o geógrafo e o professor de Geografia.

É nesse sentido que Carvalho (2007-2008: 78) afirma que o “universo literário” reflete “dinâmicas sociais, culturais e territoriais, e promove partilha de saber e experiências de vida”, ensinando “a ler a paisagem em determinado sentido”. Neste sentido, a análise histórico-geográfica aparece-nos como a tradução dessa mesma realidade (Carvalho, 2014: 84). Também Velez de Castro (2005/2006: 58) fala de “marcas geográficas” da Literatura, “onde o território se constrói como cenário das personagens, dos seus enredos, das suas vivências, mas ao mesmo tempo traduz uma realidade que interessa ser estudada do ponto de vista do geógrafo”. Carvalho (2014: 81), apoiando-se em Marc Brosseau, também favorece a relação das duas disciplinas, dando como exemplo os relatos de viagens, “precioso material sobre outras culturas”. Também este autor utilizou um romance para estudar a relação entre a Geografia e a Literatura: “*Germinál*”, de Émile Zola²⁹. O autor defende que é a literatura realista do século XX, o “material privilegiado (de estudo) dos pesquisadores”.

A criação e posterior descrição de um determinado cenário, ou até mesmo o ambiente social de determinada personagem ou personagens são, por isso, fundamentais, para o estudo do geógrafo, oferecendo a hipótese de ler e refletir sobre a paisagem ou sobre modos de vivência, quer sejam passados ou presentes, ou inclusive interrogar-se como será a evolução de determinado fenómeno geográfico. Também Carvalho (2007-2008: 77 e 2012: 45), ao analisar a obra de Miguel Torga, nomeadamente os *Diários de Miguel Torga*, afirma que é a literatura realista, “focalizada em experiências de vida relacionadas com os territórios e os lugares, configura uma importante fonte documental para a reconstituição geográfica de determinadas regiões”. No entanto, Velez Castro (2005/2006: 58) defende que, em Portugal, o neorealismo, a partir dos anos 40 do século XX, foi o “mote para a reflexão sobre a realidade contemporânea portuguesa”, sendo um movimento literário que “interessa profundamente ao geógrafo, uma vez que são exploradas as marcas de um território em mudança (ou não), não só do ponto de vista humano, como do ponto de vista espacial, uma vez que a paisagem é um elemento que aparece interrelacionado com a ação do Homem.”.

²⁸ Este livro relata a sociedade de um condomínio fechado, denominado “Altos de la Cascada”, protegidos, do lado de fora, por muros altos e câmaras de vigilância, de um bairro popular – Santa Maria de los Tigrecitos.

²⁹ Fala sobre problemas sociais, nomeadamente sobre as condições de vida de mineiros.

Lima (2000) também defende que *“as paisagens narradas encerram ambiências experienciadas intensamente pelos personagens, tanto no sentido da topofilia³⁰ como no sentido da topofobia, relativa aos seus espaços e lugares”*. Assim, o recurso a uma obra literária permitirá à Geografia *“ampliar seu instrumental da compreensão das intrincadas relações espaciais”*. Neste contexto, entra em campo o conceito de percepção (da paisagem), como *“relação fundamental entre o Homem e o espaço”* (Lima, 2000: 11).

Para Tuan (1978) a literatura é um campo muito rico para as explorações sobre a experiência humana nos seus mundos sensoriais, podendo ser usada, pelos geógrafos de três formas distintas: como um *“ensaio reflexivo”*, como uma *“supra-realidade”* que *“revela as percepções ambientais e os valores de uma cultura”* ou como uma *“ambiciosa tentativa para alcançar o equilíbrio entre o subjetivo e o objetivo, como um modo da síntese geográfica”* (Lima, 2000: 15).

A esta geografia feita informalmente, sem recurso a metodologias de investigação geográfica, denomina-se de Parageografia (Jacinto, 1995 e Choupina, 2005: 19). Determinado escritor, pode ser geógrafo, de modo informal, ao descrever uma paisagem ou o modo de viver de determinada sociedade. Neste contexto, Jacinto (1995) dá o exemplo de Fernando Namora, médico que profissão, que descrevia paisagem nas suas obras, sendo por isso considerado geógrafo de modo informal. Também para Fernandes (2009/10: 36), são produzidas *“novas geografias”* através da literatura, uma vez que *“ganham existência real e criam novas percepções paisagísticas”*.

3.1.1. Cronologia da relação entre a Geografia e a Literatura

A maioria dos autores que abordam as relações entre a Geografia e a Literatura recorrem a estudos de caso com obras em que são narrados lugares e ambientes geográficos. Em Portugal, não há grande tradição desta temática, sobressaindo, na Geografia de Coimbra, os trabalhos de Amorim Girão (em 1952), de Cravidão (1992, 2000 e 2005), Velez de Castro (2005/2006, 2021a e 2021b), bem como alguns trabalhos pontuais de outros autores, nomeadamente Choupina (2005), Carvalho (2007-2008 e 2012) e Fernandes (2009-2010).

Brosseau (2013: 265) indica que as primeiras manifestações da presença da Literatura na Geografia, datam de 1910, altura em que o inglês Mill, num manual de Geografia aconselha a leitura de *“romances geográficos”*. Choupina (2005: 13) e Carvalho (2014: 80), citam Brosseau para afirmar que *“o interesse dos geógrafos pela literatura não é recente”*, estando evidente a partir de 1970, com a emergência da Geografia Humanista. Lima (2000: 10) também vai ao encontro desta perspetiva: *“somente a partir da década de 70 é que os geógrafos vêm dedicando mais continuamente seus estudos relacionados com as perspetivas experienciais descritas pela literatura”*, influenciados pela difusão da corrente humanista na Geografia. Todavia, Choupina (2005: 12), afirma que durante os séculos XVIII e XIX, *“o conhecimento geográfico recorria aos valiosos relatos em primeira mão sobre regiões estrangeiras e remotas do mundo que a literatura de viagens providenciava”*.

Em 1974, num Encontro Anual da Associação de Geógrafos Americanos, ocorreu *“uma reunião sobre as paisagens na literatura”*, enquanto em 1979, o Instituto dos Geógrafos Britânicos *“dedicou*

³⁰ Laços afetivos com um determinado espaço geográfico (Lima, 2000).

um dos seus encontros anuais às relações gerais entre a geografia e a literatura” (Brosseau, 2013: 266). Estavam assim estabelecidas as bases da relação entre estas duas disciplinas.

Aristides de Amorim Girão é considerado como *“grande precursor dos estudos geo-literários em Portugal”*, uma vez que, em 1952, publicou um artigo científico intitulado *“Geografia e Literatura”*, no *Boletim de Centro de Estudos Geográficos*, da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra (Choupina, 2005: 34). No final do século XX, em Portugal, era pouco frequente a utilização da Literatura no âmbito da investigação geográfica (Cravidão, 1992: 37 e Cravidão e Marques, 2000: 23). Mais tarde, já nos anos 80, terá sido Orlando Ribeiro a relacionar a Geografia com a Literatura, no âmbito de reflexões geográficas em torno da obra *“Lusíadas”*, de Luís Vaz de Camões (Choupina, 2005: 35, 36 e 37).

Em 1992, Cravidão, destacava as obras de Alves Redol, Eça de Queirós, Manuel da Fonseca e Carlos Oliveira, como textos literários de onde seria possível estudar Geografia. Em 2007/2008, Carvalho (p: 78) cita diversos autores que, nos últimos trinta anos têm contribuído para o estudo da Geografia, através da Literatura.

Em Espanha, terá sido a literatura de viagens que *“despertou maior interesse”* e forneceu *“informação significativa para a análise de geógrafos e historiadores”* (Cravidão, 1992: 38 e Choupina, 2005: 24). Cravidão (1992: 38) destaca os trabalhos de J. Vilacrasa, Bianch, Ibarnz, entre outros, enquanto Choupina (2005: 24) afirma que *“a literatura de viagens produzida no país durante os séculos XVIII e XIX e o seu carácter mais geográfico e supostamente ficcional”* foi o fator que mais contribuiu para o interesse geográfico em obras literárias.

Em França, o estudo da literatura sob uma perspetiva geográfica terá surgido nos anos 40 do século XX, com Vidal de la Blache (Lima, 2000: 9). Porém, Choupina (2005: 26) e Brosseau (2013: 267) afirmam que foi Dardel, o grande precursor da tendência *“geoliterária”* neste país, quando, em 1990, publicou o artigo *“L’Information Géographique”*. No mundo anglo-saxão as primeiras relações da Geografia e a Literatura foram exploradas através *“de romances regionais do século XIX, no âmbito de uma geografia regional de inspiração francesa”* (*idem, ibidem*: 268).

3.2. Literatura, Geografia e Ensino da Geografia

Sabemos que a Literatura não tem sido usado no âmbito do ensino da Geografia, apesar das inúmeras potencialidades didáticas que apresenta (Choupina, 2005: 22). O mesmo autor sustenta que o texto literário pode *“apoiar o professor nas explicações de fenómenos ou conceitos geográficos”*, pode ser um documento histórico que permita ajudar a deslindar aspetos do passado geográfico, pode permitir *“estudar a evolução da própria ciência geográfica”* e, pode ser *“um meio de explorar e reconstruir as experiências e as percepções subjetivas do espaço”*. Estão, portanto, apresentadas as potencialidades que o texto literário pode oferecer ao professor de Geografia, apesar da sua pouca utilização. A primeira tentativa, foi realizada, em 1972, uma sessão, pela União

Geográfica Internacional³¹, em que se apelava ao uso de “romances regionais para o ensino da disciplina” (Brousseau, 2013: 266).

É no Brasil que se tem assistido a um uso mais recorrente e sistemático da literatura no ensino da Geografia, sendo visto como uma metodologia alternativa aos manuais escolares. A Literatura tem a possibilidade de relatar os mais diversos aspetos da vida humana e da sua relação com o meio que o rodeio, tornando-se assim numa ferramenta didática importante e diferenciada em Geografia (Saltoris *et al*, 2016). Segundo os mesmos autores, no próprio currículo brasileiro, é dito que é possível estudar e aprender Geografia através de obras literárias clássicas brasileiras, tais como as de Jorge Amado e Érico Veríssimo, Graciliano Ramos e Guimarães Rosa.

Encontramos no Brasil diversos trabalhos cuja análise geográfica e respetiva aplicação pedagógico-didática foram elaboradas a partir de obras literárias. Através da literatura podemos aferir aspetos de carácter naturalista e realista, por apresentarem “carácter documental” (Braz, 2018: 7). Dias *et al* (2019) recorreram à obra “Viagem ao Centro da Terra”, de Júlio Verne, para mostrar como é possível ensinar Geografia Física através dos conceitos e cenários do livro em questão. Santos *et al* (2019) apoiaram-se na obra “O Príncipezinho”, de Antoine de Saint-Exupéry para analisar o conceito de paisagem. Na nossa opinião, a última obra em questão, seria relevante e importante, no caso português para os conteúdos programáticos do 7º ano de escolaridade, na introdução à Geografia, em que os alunos têm de aprender o que é a Geografia, o que é o geógrafo e qual o seu método de trabalho.

Brandão *et al* (2018) propõe uma metodologia para utilização de obras literárias como recurso didático, em três etapas (figura 24).

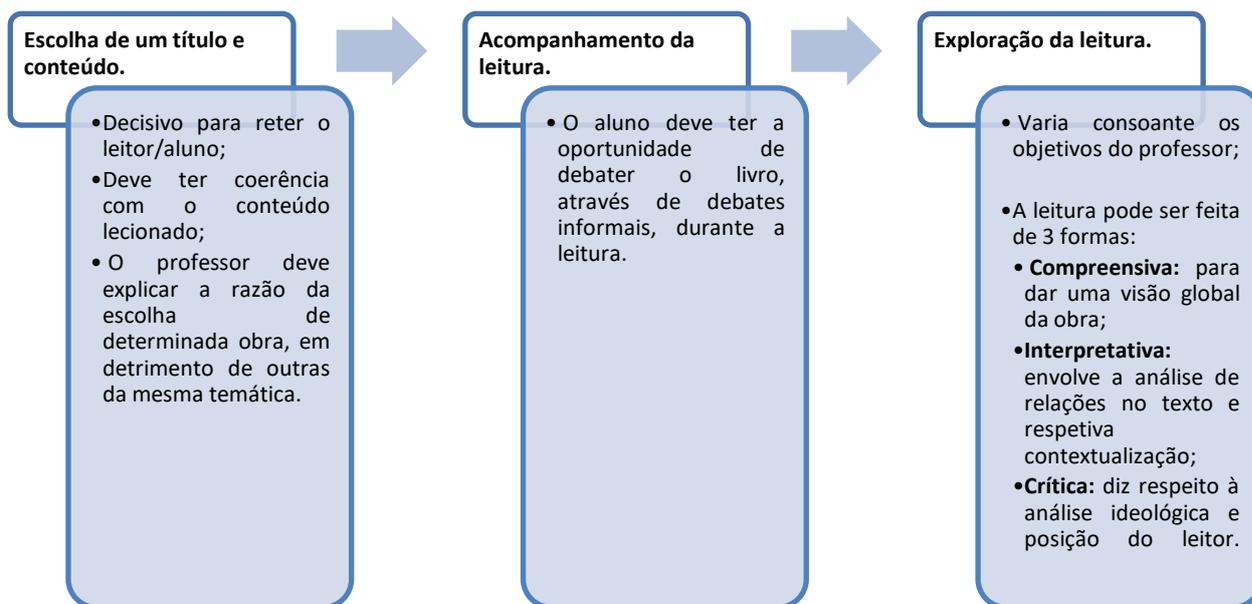


Figura 24 - Metodologia para a utilização de obras literárias como recurso didático. Adaptado de Brandão *et al* (2018).

³¹ “Organização profissional internacional não governamental dedicada ao desenvolvimento da disciplina de Geografia” (<https://igu-online.org/about-us/> - consultado a 10 de dezembro de 2021).

Para este autor, o primeiro passo é a escolha de um título e de um assunto que cativa e chame a atenção do aluno. O segundo passo é o acompanhamento da leitura, dando aos alunos a possibilidade de comentar o livro, através de debates informais, de modo a estes conseguirem construir a sua própria opinião da obra. O terceiro, e último passo, altera-se consoante os objetivos do docente, e pode ser feita de três formas: compreensiva (para dar uma visão geral da obra), interpretativa (de forma a envolver várias aspetos do textos e suas relações com fenómenos, e crítica (de modo a mostrar qual é a posição do leitor).

Consideramos que, para o ensino da Geografia, a análise interpretativa será a mais adequada, dando a possibilidade de retirar informação do texto que, posteriormente, poderá ser examinada pelos alunos, ajudados pelo professor, fazendo a respetiva contextualização com assuntos de índole geográfica e espacial.

3.3. Objetivos do Desenvolvimento Sustentável (ODS) e o papel da Educação Geográfica para a sua concretização

A Carta Internacional da Educação Geográfica (1992 e 2016) estabelece que *“a educação geográfica é indispensável para o desenvolvimento de cidadãos responsáveis e ativos”*, em que a Geografia se estabelece como uma ciência motivadora e que contribui para a compreensão do mundo que nos rodeia. Assim, é importante que os alunos criem e adquiram competências para o conhecimento desta *“realidade internacional”*, onde se destacam *“problemas de carácter económico, político, cultural e ambiental.”*, a partir dos princípios estabelecidos na Carta das Nações Unidas, na Declaração Universal dos Direitos do Homem, na Constituição da UNESCO, na Recomendação da Unesco respeitante à Educação para a Compreensão Internacional, Cooperação e Paz, na Declaração dos Direitos da Criança, e nos inúmeros currículos escolares de todos os países. A nosso ver, o documento supracitado enquadra-se na Agenda 2030 da Organização das Nações Unidas, onde foram estabelecidos dezassete objetivos de desenvolvimento sustentável (ODS), para, de um modo geral *“acabar com a pobreza, promover a prosperidade e o bem-estar de todos, proteger o ambiente e combater as alterações climáticas.”*³² – figura 25.

A Geografia pode e deve contribuir para a concretização dos ODS, sobretudo através do objetivo 4 (Educação de Qualidade: garantir o acesso à educação inclusiva, de qualidade e equitativa, e promover oportunidades de aprendizagem ao longo da vida para todos). Para este objetivo estão previstas um conjunto de medidas ou marcos de ação, estabelecidas através da Declaração de Incheon³³. A Organização das Nações Unidas pretende, até 2030, garantir a conclusão do ensino básico e secundário por parte de todos os alunos, que deve ser de acesso livre e universal; um desenvolvimento infantil de qualidade; garantir o acesso livre e igualitário a cursos técnicos, profissionais e universitários de qualidade; aumentar o número de jovens como habilitações relevantes; promover a alfabetização de homens e mulheres, de forma igualitária; aumentar a nível global o nível de bolsas de estudo; melhorar as infraestruturas físicas adequadas a crianças,

³² Disponível em: <https://www.instituto-camoes.pt/activity/o-que-fazemos/cooperacao/cooperacao-portuguesa/mandato/ajuda-ao-desenvolvimento/agenda-2030> - consultado a 13 de dezembro de 2021.

³³ Incheon é uma cidade sul-coreana, onde, em 2015, se realizou o Fórum Mundial de Educação e onde foram estabelecidos marcos de ação para uma educação de qualidade.

deficiências e igualdade de género; e aumentar o contingente de professores qualificados. Todavia, e dada a sua versatilidade, a Geografia e o ensino da Geografia poderão contribuir para a concretização de todos os ODS, uma vez que a partir do currículo escolar, por exemplo, é possível motivar e sensibilizar os alunos para a importância do desenvolvimento sustentável, não comprometendo o futuro deles próprios e de gerações vindouras.



Figura 25 – Objetivos do Desenvolvimento Sustentável (ONU). Disponível em: <https://www.dge.mec.pt/objetivos-de-desenvolvimento-sustentavel-ods> - consultado a 13 de dezembro de 2021.

3.3.1. Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória e Aprendizagens Essenciais

Segundo as orientações internacionais, nomeadamente de acordo com a Agenda 2030, os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável e a Organização as Nações Unidas, a Organização para a Cooperação e a Desenvolvimento Económico (OCDE) e a Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (UNESCO) foi elaborado, em Portugal, um documento orientador que visa identificar o perfil de um aluno que termina a escolaridade obrigatória – *Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória (PASEO)*³⁴.

O PASEO é um “documento de referência para a organização de todo o sistema educativo (p: 8)” e está estruturado em: princípios, visão, valores e áreas de competências.

34

Disponível em: http://dge.mec.pt/sites/default/files/Curriculo/Projeto_Autonomia_e_Flexibilidade/perfil_dos_alunos.pdf - consultado a 13 de dezembro de 2021.

Os princípios orientam e dão sentido ao documento em questão, enquanto a visão nos diz que caraterísticas deve ter um jovem à saída da escolaridade obrigatória e os valores dizem respeito à cultura da escola que deve ser inculcada nos mesmos. O mais importante são as áreas de competência, isto é, o conjunto de conhecimentos, capacidades e atitudes que são centrais no perfil dos alunos e que estes devem adquirir. Estas “pressupõem o desenvolvimento de literacias múltiplas, tais como a leitura e a escrita, a numeracia a utilização das tecnologias de informação geográfica”, alicerces para a aprendizagem ao longo da vida, e são dez: linguagem e textos, informação e comunicação, raciocínio e resolução de problemas, pensamento crítico e pensamento criativo, relacionamento interpessoal, desenvolvimento pessoal e autonomia, bem-estar, saúde e ambiente, sensibilidade estética e artística, saber científico, técnico e tecnológico e consciência e domínio do corpo (figura 26).

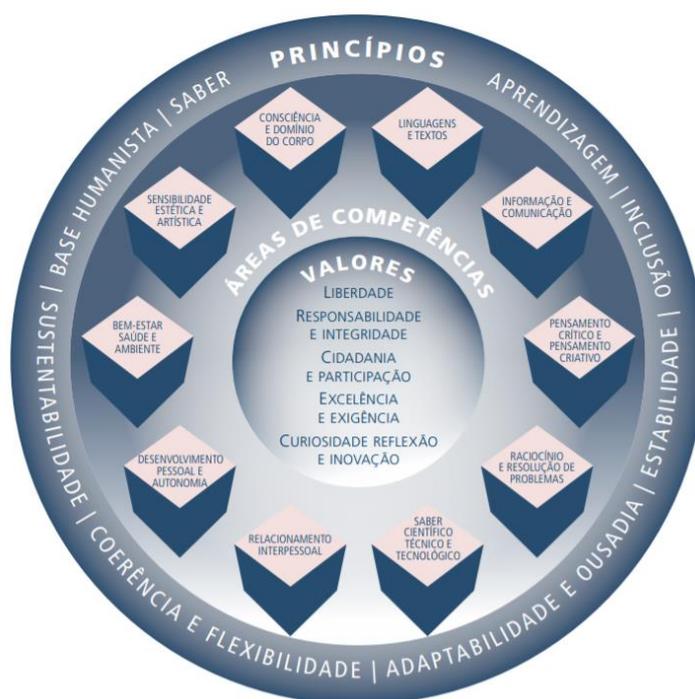


Figura 26 - Esquema conceitual do PASEO. Disponível em: [http://dge.mec.pt/sites/default/files/Curriculo/Projeto Autonomia e Flexibilidade/perfil dos alunos.pdf](http://dge.mec.pt/sites/default/files/Curriculo/Projeto_Autonomia_e_Flexibilidade/perfil_dos_alunos.pdf) - consultado a 13 de dezembro de 2021.

A partir destas competências, e de modo a desenvolvê-las, foram elaboradas as “Aprendizagens Essenciais”, para cada disciplina e ano letivo, servindo também de “orientação curricular para planificação, realização e avaliação do ensino e da aprendizagem”³⁵. Estas expressam aquilo que os alunos devem saber, os processos cognitivos que devem usar para adquirir esses mesmos conhecimentos e mostrar que se aprendeu (figura 5) e também ações estratégias para a sua concretização. Para cada tema a apreender pelos alunos são enumerados respetivos subtemas, bem como os conceitos científicos associados.

³⁵ Disponível em: <http://www.dge.mec.pt/aprendizagens-essenciais-0> - consultado a 13 de dezembro de 2021.

As “*Aprendizagens Essenciais de Geografia*” foram precedidas pelas “*Metas Curriculares de Geografia*” (2013-2014)³⁶, elaboradas, para o Ministério da Educação, pela Doutora Adélia Nunes, Doutor António Campar, e Professora Cristina Castela Nolasco, que definiam aquilo que os alunos deveriam aprender em cada ano letivo, subdividindo as aprendizagens em domínios, subdomínios e descritores. As primeiras revestem-se de um caráter mais simples e subjetivo, daí a designação de “essenciais”, enquanto as segundas nos parecem mais objetivas e com maior abrangências de conteúdos temáticos.

Tal como supracitado, as “*Aprendizagens Essenciais*”, foram divididas por ciclo de ensino e, posteriormente, para cada ano de escolaridade. No caso do ensino básico (7º, 8º e 9º ano de escolaridade³⁷) foram selecionadas três áreas de desenvolvimento de competências: localizar e compreender os lugares e regiões; problematizar e debater as inter-relações entre fenómenos e espaços geográficos; e comunicar e participar – o conhecimento e o saber fazer no domínio da Geografia e participar em projetos multidisciplinares de articulação do saber geográfico com outros saberes. Por sua vez, para o ensino secundário, para Geografia A (10º e 11º ano)³⁸, também foram escolhidas as duas últimas mencionadas para o ensino básico e também a análise de questões geograficamente relevantes do espaço português. Em Geografia C (12º ano)³⁹, disciplina opcional, haverá apenas a necessidade de privilegiar a análise de questões geograficamente relevantes no espaço mundial.

São ainda dados exemplos de como o conhecimento geográfico pode contribuir para o desenvolvimento das dez áreas de competências previstas do Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória, dando sempre relevâncias às Tecnologias de Informação Geográfica.

³⁶ Disponível em: <https://www.dge.mec.pt/geografia> - consultado a 26 de dezembro de 2021.

³⁷ Disponível em: http://www.dge.mec.pt/sites/default/files/Curriculo/Aprendizagens_Essenciais/3_ciclo/7_geografia.pdf (7º ano), http://www.dge.mec.pt/sites/default/files/Curriculo/Aprendizagens_Essenciais/3_ciclo/8_geografia.pdf (8º ano) e http://www.dge.mec.pt/sites/default/files/Curriculo/Aprendizagens_Essenciais/3_ciclo/9_geografia.pdf (9º ano) - consultado a 26 de dezembro de 2021.

³⁸ Disponível em: http://www.dge.mec.pt/sites/default/files/Curriculo/Aprendizagens_Essenciais/10_geografia_a.pdf (10º ano) e http://www.dge.mec.pt/sites/default/files/Curriculo/Aprendizagens_Essenciais/11_geografia_a.pdf (11º ano) - consultado a 26 de dezembro de 2021.

³⁹ Disponível em: http://www.dge.mec.pt/sites/default/files/Curriculo/Aprendizagens_Essenciais/12_geografia_c.pdf consultado a 26 de dezembro.

4. Hábitos de Leitura em Portugal

Visto que estamos a abordar a literatura no contexto do ensino da Geografia e, que um dos nossos objetivos específicos é conhecer e estimular hábitos de leituras nas crianças e jovens, decidimos perceber como são os hábitos de leitura em Portugal.

O primeiro inquérito feito, em Portugal, relativamente a este assunto foi realizado em 1988 (Santos *et al*: 16 e Neves e Lima, 2008: 3). Os resultados do mesmo foram publicados na Revista “Sociologias – Problemas e Práticas” (Freitas e Santos, 1991), tendo-se concluído que, numa amostra de 2000 indivíduos, representativa de um universo de 3,5 milhões de portugueses, 45% faziam uma “leitura parcelar” (recorrente, mas fragmentada), 40,3% faziam “leitura cumulativa” (“acesso plural e recorrente a livros, revistas e jornais”) e que os restantes 14,7% praticavam a “não leitura” (“negação da ação de ler”) (*idem, ibidem*: 67 e 68). As principais razões apontadas para a “não leitura” são: falta de tempo (35,4%), falta de gosto pela leitura (28,9%), preguiça ou falta de vontade para ler (27,2%), problemas de visão ou outros problemas de saúde (21,1%), falta de motivação (10,5%) (*idem, ibidem*: 69 e 70).

O segundo inquérito foi levado a cabo em 1995, tendo sido estudado um universo de 6,6 milhões de portugueses, através de uma amostra de 2506 indivíduos (Santos *et al*, 2007: 16 e Neves e Lima: 3). O terceiro inquérito data de 2007 (Santos *et al*, 2007) e foi realizado num universo de 7,5 milhões de portugueses, para uma amostra de 2552 indivíduos (*idem, ibidem*: 16).

O quadro 3 mostra a evolução da leitura e não leitura em Portugal, nos inquéritos sociológicos de 1988, 1995 e 2007.

	1988	1997	2007
Leitura cumulativa	40,3%	38,7%	40,7%
Leitura parcelar	45%	48,8%	54,5%
Não leitura	14,7%	12,4%	4,7%

Quadro 3 - Evolução da leitura cumulativa, parcelar e da não leitura, em Portugal (1988-2007). Adaptado de Santos *et al*, 2007 (2021).

A amostra estudada é pouco representativa, não correspondendo sequer a 0,1% da população portuguesa, todavia notamos que, entre 1988 e 2007 houve uma diminuição clara de “não leitores”, passando de 14,7% para 4,7%. Quanto à “leitura cumulativa”, foi-se mantendo estável, enquanto se assistiu a um aumento da “leitura parcelar”, passando de 45 para 54,5%.

Santos *et al* (2007: 6) considera que, em Portugal, houve uma alteração positiva dos hábitos de leitura, devido à melhoria das condições económicas das famílias, ao aumento da escolarização da população e ao lançamento da Rede de Bibliotecas Públicas (em 1987) e da Rede de Bibliotecas Escolares (em 1997). O acesso aos livros foi facilitado também devido a iniciativas de cariz público e privado, tais como encontros entre escritores e leitores e feiras do livro.

Mais recentemente, a Internet e a globalização também vieram permitir um melhor e mais fácil acesso a livros e à cultura em geral. No meio académico e científico, as publicações são publicadas *online*, permitindo, ter acesso a publicações de universidades e centros de investigação de todo o

Mundo. Do mesmo modo, é muito simples comprar um livro pela Internet e recebê-lo em casa, sem custos em deslocações e transportes. Esta teoria é comprovado por Lopes *et al* (2021: 7 e 8) que afirma que a relação entre os alunos e os livros têm mudado devido aos seguintes fatores: aumento dos níveis de qualificação escolar e profissional dos portugueses; reorganização da rede de ensino do 1º ciclo; subida do número de computadores com acesso à Internet nas escolas; crescimento e diversificação das redes sociais e aumento dos conteúdos digitais disponíveis; generalização do uso de aparelhos digitais; mercado do livro impresso com grande diversidade e quantidade na categoria infantojuvenil; e existência do Plano Nacional de Leitura.

De facto, a taxa de analfabetismo⁴⁰ tem diminuído, progressivamente, em Portugal, desde 1960 (figura 27), ao passo que, conseqüentemente, aumentou a taxa real de escolarização⁴¹ da população portuguesa (figura 28) e o número de anos do ensino obrigatório, era de apenas quatro anos, em 1960.

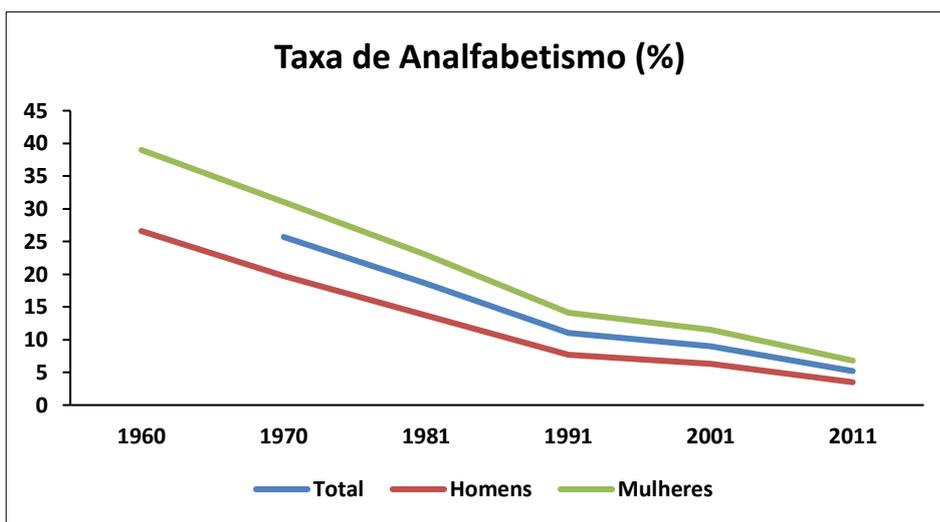


Figura 27 - Evolução da taxa de analfabetismo em Portugal (1960-2011). Fonte dos dados: Direção-Geral de Estatísticas de Educação e Ciência (Ministério da Educação). Adaptado de PORDATA (2021).

Em 1960, Portugal apresentava uma taxa de analfabetismo de 26,6% para o sexo masculino e de 39% para o sexo feminino, não havendo dados disponíveis para o total da população portuguesa. Na década seguinte, existiam cerca de 25% de analfabetos, em Portugal, sendo que esse valor foi

⁴⁰ Taxa que traduz o peso da população com 10 e mais anos que não sabe ler nem escrever sobre a população com 10 e mais anos, num determinado período de referência (Instituto Nacional de Estatística - disponível em: <https://smi.ine.pt/Conceito/Detalhes/546> - consultado a 28 de novembro de 2021).

⁴¹ Relação percentual entre o número de alunos matriculados num determinado ciclo de estudos, em idade normal de frequência desse ciclo, e a população residente dos mesmo níveis etários. Educação Pré-Escolar 3-5 anos; Ensino Básico – 6-9 anos; Ensino Básico – 2º Ciclo – 10-11 anos; Ensino Básico – 3º Ciclo – 12 – 14 anos; Ensino Secundário – 15-17 anos; Ensino Superior 18-22 anos (Direção-Geral de Estatísticas de Educação e Ciência, disponível em: http://estatisticas-educacao.dgeec.mec.pt/regioesemnumeros/indicadores/taxas_escolarizacao.asp - consultado a 28 de novembro de 2021).

diminuindo, progressivamente, para 18,6%, em 1980, 11%, em 1991 e 9% em 2001. Os últimos dados disponíveis, referentes ao ano de 2011⁴², aponta para uma taxa de analfabetismo de 5,2%.

Quanto à taxa real de escolarização da população portuguesa (figura 28), verificamos um nítido aumento relativamente à década de 60, sobretudo no ensino pré-escolar, 2º ciclo, 3º ciclo e ensino secundário.

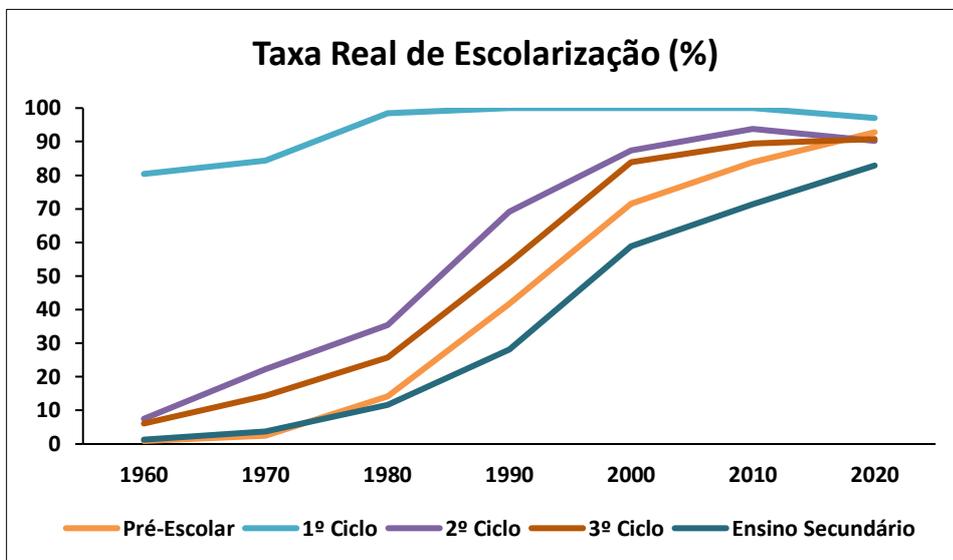


Figura 28 - Evolução da taxa real de escolarização (%) em Portugal (1960-2020). Fonte dos dados: Direção-Geral de Estatísticas de Educação e Ciência (Ministério da Educação). Adaptado de PORDATA (2021).

Outro fator que poderá ter contribuído para o aumento do interesse pela leitura foi o aumento da número de bibliotecas públicas, associado à implementação da “Rede Nacional de Bibliotecas Públicas” (em 1987) e da “Rede Nacional de Bibliotecas Escolares” (em 1997) (quadro 4).

	Número de Bibliotecas	Utilizadores	Volumes Existentes	Consultas
1960	89	957.113	5.412.501	2.675.583
1970	288	2.762.000	10.372.000	-
1980	509	3.487.430	14.021.782	2.970.366
1990	612	1.456.677	16.491.585	5.491.932
2000	986	7.082.934	29.128.599	11.847.384
2003	1.018	8.641.276	32.178.603	11.316.897

Quadro 4 - Bibliotecas: número, utilizadores, volumes existentes e consultas (1960-2003). Fonte dos dados: Instituto Nacional de Estatística – Inquérito às Bibliotecas. Adaptado de PORDATA (2021).

Implementada em 1987, a Rede Nacional de Bibliotecas Públicas, tinha o objetivo principal de “dotar todos os municípios portugueses de uma biblioteca pública”⁴³. Atualmente, encontra-se sob a égide da Direção-Geral do Livro, dos Arquivos e das Bibliotecas, integrando, atualmente, a rede 239 bibliotecas públicas e 58 bibliotecas itinerantes⁴⁴. O número de bibliotecas contemplado no quadro

⁴² Os dados dos Censos 2021 são ainda provisórios para alguns indicadores, como é o caso da taxa de analfabetismo. Assim, optámos por não representar e analisar esses dados.

⁴⁴Disponível em: http://bibliotecas.dglab.gov.pt/pt/ServProf/Estatistica/Documents/Relatorio_Estatistico_RNBP_2020_DGLAB.pdf - consultado a 4 de janeiro de 2022.

4 (de 1960 a 2003), inclui bibliotecas públicas e bibliotecas escolares, em que se verifica um aumento significativo entre o período analisado, da mesma forma que aumentaram os utilizadores, os volumes existentes e as consultas. Da mesma forma, até 2003, também houve um aumento significativo dos utilizadores das bibliotecas (quadro 5).

	Utilizadores por 1000 habitantes
1960	108
1970	318,2
1980	357,1
1990	145,9
2000	688,3
2003	826,2

Quadro 5 - Número de utilizadores das bibliotecas portuguesas por 1000 habitantes. Fonte: Fonte dos dados: Instituto Nacional de Estatística – Inquérito às Bibliotecas. Adaptado de PORDATA (2021).

Na década de 60, por cada 1000 habitantes, apenas 108 utilizavam uma biblioteca, sendo que esse valor aumentou gradualmente até 1980, em que por cada 1000 habitantes 357,1 usavam uma biblioteca. Os últimos dados disponíveis, referentes ao ano de 2003, apontam um aumento bastante significativo em relação a 1960. Ou seja, em 1960 eram muito menos as pessoas que usavam as bibliotecas em relação às que não recorriam a essas instituições, assistindo-se ao inverso. Em 2003, por cada 1000 habitantes, 826,2 usavam uma biblioteca.

No relatório mais recente, de autoria da Rede Nacional de Bibliotecas Públicas⁴⁵ conclui-se que, em 2020, diminuiu o tempo em que as bibliotecas estiveram abertas ao público, devido à pandemia de Covid-19, verificando-se em contrapartida um aumento da aquisição de livros e outros materiais. Quanto ao número médio de utilizadores e ao número de empréstimos domiciliários, na faixa etária das crianças e jovens, também se verificou uma diminuição, relativamente ao ano anterior. No entanto, apurou-se um aumento do número de empréstimos na faixa etária dos adultos.

Em 1997, foi criada a Rede Nacional de Bibliotecas Escolares, com o objetivo primordial de *“instalar e desenvolver bibliotecas em escolas públicas de todos os níveis de ensino, proporcionando aos utilizadores os recursos e as aprendizagens necessárias à leitura, ao acesso, uso e proteção da informação e conhecimento, em suporte analógico, eletrónico e digital”*⁴⁶. Atualmente, integram esta rede 2541 bibliotecas escolares, das quais 2511 são do ensino público e, apenas 30, são do ensino privado (figura 29).

⁴⁵ Idem.

⁴⁶ Rede de Bibliotecas Escolares - <https://www.rbe.mec.pt/np4/6.html> - consultado a 28 de novembro de 2021).

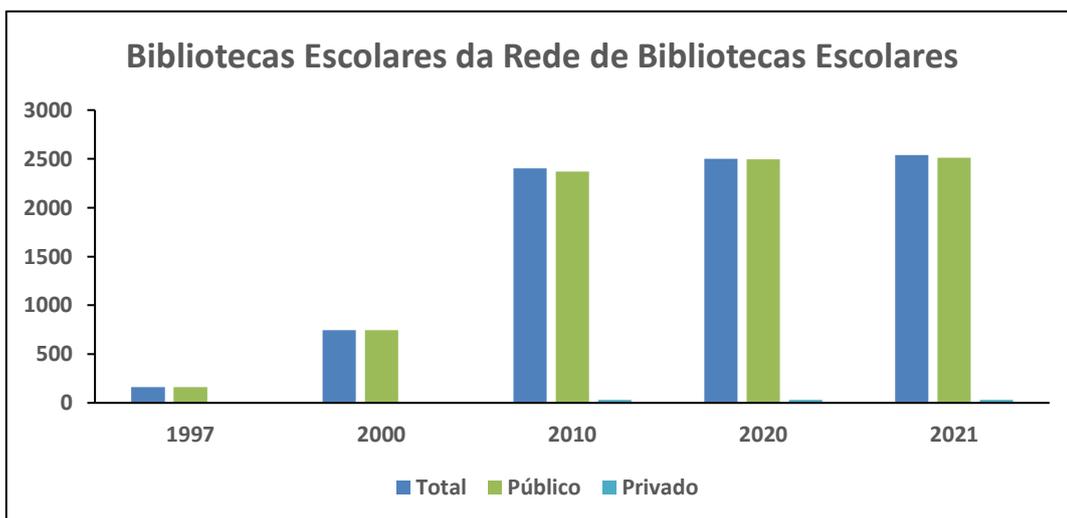


Figura 29 - Evolução do número de bibliotecas escolares da Rede de Bibliotecas Escolares (1997-2021). Fonte: Fonte dos dados: Instituto Nacional de Estatística – Inquérito às Bibliotecas. Adaptado de PORDATA (2021).

O aumento de bibliotecas escolares foi significativo, de 1997 até 2010, mantendo atualmente uma ligeira subida, com tendência para o equilíbrio. Relativamente ao número de bibliotecas escolares que integram esta rede, é ainda de salientar, o aparecimento de bibliotecas escolares no ensino privado apenas em 2009.

Têm aumentado o número de bibliotecas escolares por todo o país, todavia o investimento, nestas instituições, por parte das entidades governantes, tem vindo a diminuir drasticamente (figura 30). O máximo investido foi em 2008, com quase 6 milhões de euros, enquanto os menores investimentos têm vindo a ser feitos desde 2011, em que foram investidos 1,5 milhões de euros. No ano seguinte, o investimento foi reduzido para menos de metade (625 mil euros), sendo que a partir daí foram sempre de 600 mil euros.

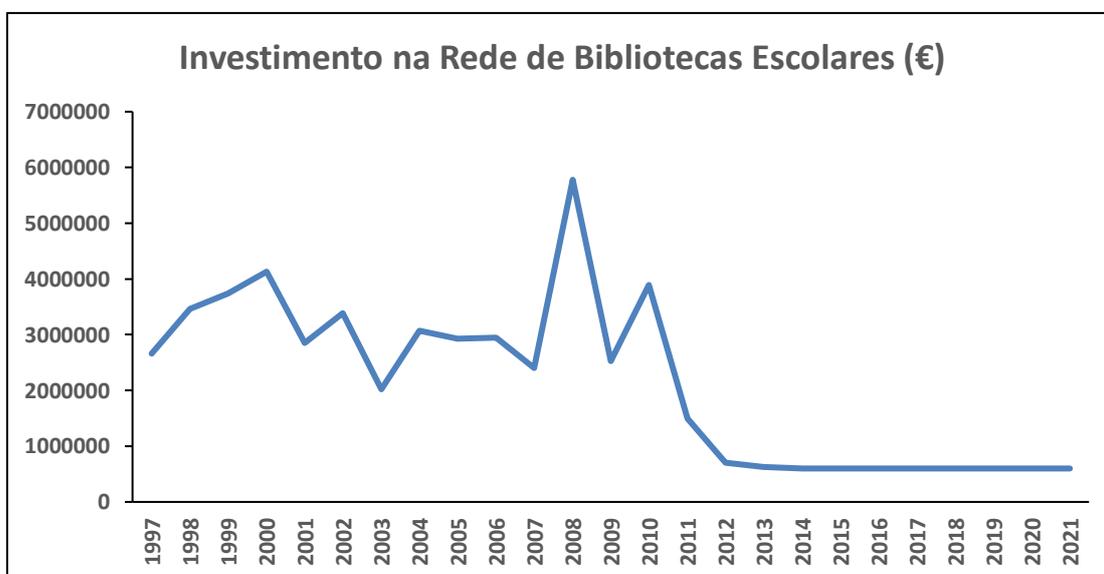


Figura 30 – Investimento da Rede de Bibliotecas Escolares (em euros) (1997-2021). Fonte dos dados: Instituto Nacional de Estatística – Inquérito às Bibliotecas. Adaptado de PORDATA (2021).

Um estudo mais recente, já supracitado, de Lopes *et al* (2021: 9) veio mostrar que diminuiu (de 49,2%, em 2007, para 37,8%), em Portugal, a percentagem de jovens com 15 anos que diz ter lido um livro nos últimos 12 meses. Tendência também que se tem verificado na União Europeia. A diminuição foi mais acentuada entre homens, jovens, pessoas mais escolarizadas e os mais qualificados quanto à atividades profissional (*idem, ibidem*: 10). Este estudo concluiu que são as raparigas que gostam mais de ler e que, de um modo geral, à medida que aumenta a escolaridade, mais baixos são os níveis de leitura (*idem, ibidem*: 102). Os alunos que mais se afastam das bibliotecas escolares são aqueles que menos livros têm em casa (*idem, ibidem*, 103).

Os inquéritos sociológicos feitos em 1988, 1995 e 2007 concluíram que a percentagem de “não leitores” diminuiu. Facto este que, comparado com as estatísticas apresentadas sobras as bibliotecas portuguesas, mostra que esses dados correspondem a um período em que havia um aumento claro da utilização das bibliotecas por parte da população portuguesa. Contudo, as tendências inverteram-se, e pensamos que o advento da tecnologia e dos meios digitais, se tem pretérito as consultas presenciais em bibliotecas. Facilmente acedemos a livros do mundo inteiro através da Internet e também já é possível ler em *e-readers*, nos quais há uma grande oferta de conteúdos.

4.1. PISA (Programme for International Student Assessment)

O PISA é um programa da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Económico (OCDE), criado em 2000, que visa analisar, de três em três anos, se os jovens de 15 anos, isto é, no final da escolaridade obrigatória, têm a literacia necessária para enfrentar os problemas do mundo real.⁴⁷ Assim, não se foca no currículo escolar, mas antes na resolução de problemas que os jovens poderão enfrentar no seu dia-a-dia. Costumam participar cerca de 80 países de todo o mundo – figura 31 -, dando ênfase a três domínios: leitura, matemática e ciências. Além dos testes são também feitos outros inquéritos aos alunos, aos pais/encarregados de educação, aos professores e às escolas, de modo a contextualizar os resultados obtidos (Instituto de Avaliação Educativa, 2019⁴⁸).

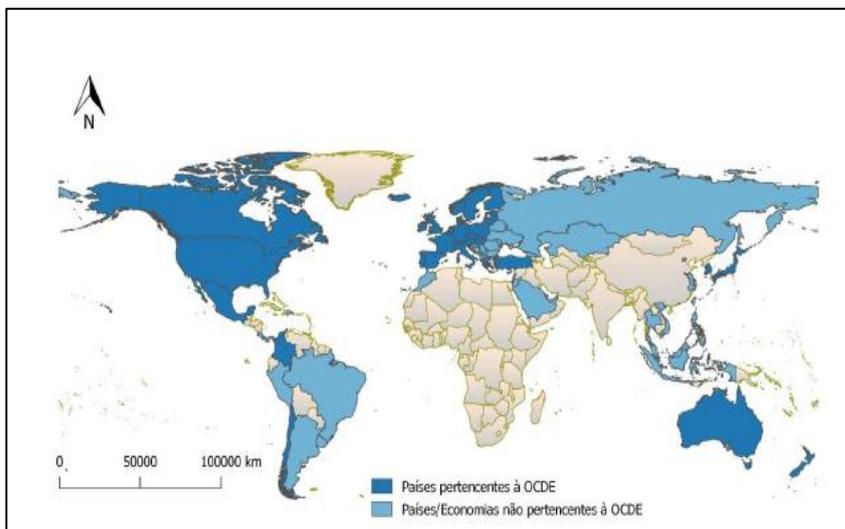


Figura 31 - Países participantes no PISA em 2018. Instituto de Avaliação Educativa, 2019: 4) (2021).

⁴⁷ Disponível em: <https://www.oecd.org/pisa/> - consultado a 13 de dezembro de 2021.

⁴⁸ Disponível em: https://www.cnedu.pt/content/noticias/internacional/RELATORIO_NACIONAL_PISA2018_IAVE.pdf consultado a 17 de dezembro de 2021.

De um modo geral, os resultados obtidos no PISA não estão relacionados com o PIB *per capita* nem com o Índice de Desenvolvimento Humano (Ferreira *et al*, 2017). Isto quer dizer que os países mais ricos e mais desenvolvidos económica e socialmente, não são aqueles que obtêm melhores resultados nestes testes.

4.1.1. Trajetória de Portugal nos relatórios PISA

O último relatório disponível é de 2018, ano em que a leitura foi o domínio mais avaliado. De Portugal participaram 276 escolas, 5932 alunos e 5452 professores, de todo o país, tendo os testes sido feitos com recurso a um suporte digital – *Computer Based Assessment (CBA)*. No ciclo de 2018, além dos três domínios foram ainda avaliados, de forma optativa, outros dois: literacia financeira e competências globais (*idem, ibidem*).

A participação portuguesa tem sido assídua e tem-se verificado que Portugal é dos poucos países com “*uma trajetória positiva nos três domínios avaliados*”, relativamente aos restantes países da OCDE (*idem, ibidem*) – figura 32.

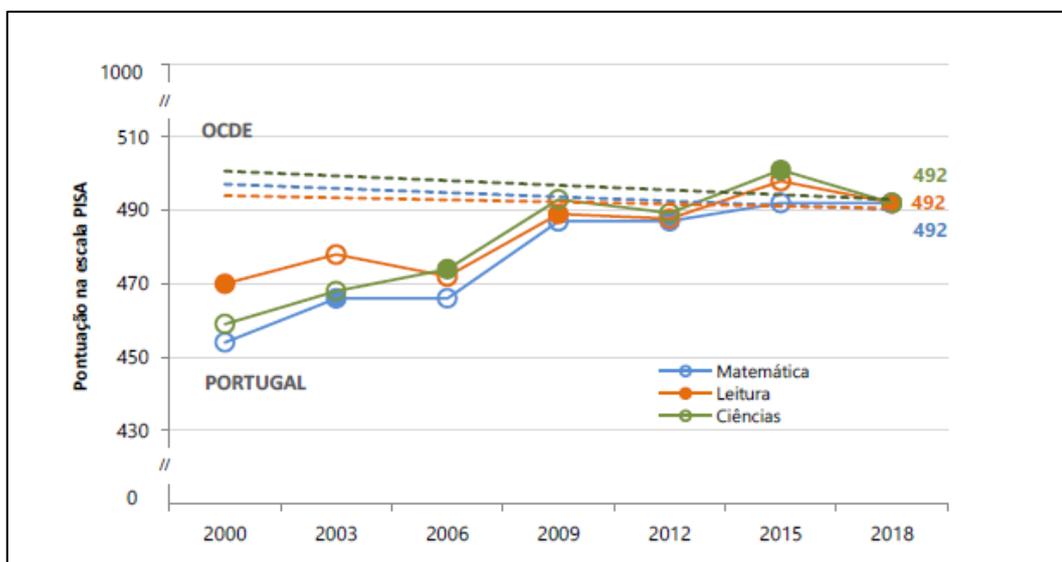


Figura 32 - Trajetória de Portugal nos testes PISA (2000-2018). Instituto de Avaliação Educacional, 2019: 5).

Nas Ciências⁴⁹, os resultados melhoraram entre 2000 e 2018 (de 459 para 492 pontos), tendo sido o máximo atingindo em 2015, com 501 pontos, num total possível de 1000 pontos. A média da OCDE e da UE27 manteve-se estável. Em termos de ranking, Portugal registou uma subida de 26^º

⁴⁹ De acordo com o Instituto de Avaliação Educativa (2019: 32), literacia científica é a “*capacidade de um indivíduo se envolver em questões relacionadas com as ciências e de compreender as ideias científica como um cidadão reflexivo sendo capaz de explicar fenómenos cientificamente, avaliar e conceber investigações científicas, interpretar dados e evidências cientificamente*”. Assim, os alunos deverão ter a capacidade de explicar fenómenos cientificamente, de avaliar e conceber investigações científicas e de interpretar dados e evidências cientificamente.

para 21º, no caso dos países da OCDE, e de 16º para 13º no caso da UE27 (PORDATA⁵⁰). Isto significa que, atualmente, Portugal se encontra num nível médio de proficiência (nível 3), em que os alunos são “capazes de se basear em conhecimentos sobre conteúdos moderadamente complexos” e “capazes de distinguir entre questões científicas e questões não científicas” (Instituto de Avaliação Educativa, 2019: 36).

Já no que respeita à leitura⁵¹, e, também de acordo com a figura 32, a tendência foi semelhante à do caso das Ciências, passando de 470 pontos, em 2000, para 492 em 2018 (PORDATA⁵²). Este valor, corresponde também a um nível 3 de proficiência, em que o leitor é capaz de desmistificar o significado literal de um texto, de referenciar a ideia principal ou de refletir sobre o mesmo (*idem, ibidem*: 28). A literacia matemática⁵³ seguiu a mesma tendência dos outros dois domínios, passando de 470 para 492 pontos (PORDATA⁵⁴), e encontrando-se também num nível 3 de proficiência (Instituto de Avaliação Educativa, 2019: 44).

4.2. Plano Nacional de Leitura (PNL)

Para o exercício de uma cidadania ativa e o desenvolvimento económico de um país, é necessário tornar a leitura como uma prioridade política. Para isso, e também para promover a literacia da leitura, foi implementado, em Portugal, a partir de 2006, o Plano Nacional de Leitura (PNL), para um período inicial de 10 anos. Contudo, viu-se a necessidade de “alargar e consolidar esta política pública”, tendo sido lançada, em 2017, uma nova etapa de mais 10 anos, com vista a aumentar a literacia da população portuguesa (Quadro Estratégico do Plano Nacional de Leitura, 2017).

O PNL tem como objetivos: facilitar o acesso à leitura e ao conhecimento; aumentar os hábitos e os índices de leitura da população; melhorar as competências e os níveis de literacia dos portugueses; promover o prazer e o gosto pela leitura; desenvolver a formação leitora; consciencializar a sociedade do valor e da importância da leitura; estimular uma cultura e um ambiente económico-social favoráveis à multiplicação das práticas e dos contextos sociais de leitura; potenciar a presença e a projeção mediática da leitura nos meios escritos, impressos e digitais, em

⁵⁰Disponível

em:

<https://www.pordata.pt/Portugal/Resultados+no+PISA++em+Ci%C3%aancias++dos+alunos+residentes+em+Portugal-3515> – consultado a 17 de dezembro de 2021.

⁵¹ Segundo o Instituto de Avaliação Educativa (2019: 20), literacia da leitura é a “capacidade de um indivíduo compreender, utilizar, avaliar, refletir e de se envolver na leitura de textos escritos, com a finalidade atingir os seus objetivos, de desenvolver os seus conhecimentos e o seu potencial e de participar na sociedade.”

⁵² Disponível em:

<https://www.pordata.pt/Portugal/Resultados+no+PISA++em+Leitura++dos+alunos+residentes+em+Portugal-3513> – consultado a 17 de dezembro de 2021.

⁵³ Segundo o Instituto de Avaliação Educativa (2019: 39), literacia matemática é a “capacidade de um indivíduo formular, aplicar e interpretar matemática em contextos diversos. Inclui raciocinar matematicamente e utilizar conceitos, processos, factos e ferramentas da matemática para descrever, explicar e prever fenómenos. Permite ao indivíduo reconhecer o papel da matemática no mundo e formular juízos e decisões, fundamentalmente, como se espera de cidadãos participativos, empenhados e reflexivos”.

⁵⁴ Disponível em:

<https://www.pordata.pt/Portugal/Resultados+no+PISA++a+Matem%C3%a1tica++dos+alunos+residentes+em+Portugal-3514> – consultado a 17 de dezembro de 2021.

presença e na Internet; associar a leitura às ciências, às humanidades, às artes e às tecnologias digitais, de acordo com uma nova ecologia que se faz de múltiplas literacias; e usar a leitura para combater a desinformação, o preconceito e a ignorância⁵⁵.

No que toca ainda a questões mais teóricas, o PNL 2027 apresenta as seguintes áreas de intervenção: *“alargamento dos público-alvo; incentivo à prática e à escrita; valorização de todas as literacias; reforço da leitura por prazer; desenvolvimento da colaboração com as bibliotecas escolares, municipais e do ensino superior; aproximação à literatura, ciências, artes e tecnologia; colocação da leitura e da escrita no centro da escola; mobilização de pessoas qualificadas, experientes, criativas e inovadoras; levantamento, realização e disseminação de estudos científicos; e exploração da Web como espaço de partilha, difusão e comunicação”* (Quadro Estratégico do Plano Nacional de Leitura, 2017). A cada uma destas áreas de atuação dizem respeito várias medidas para a concretização dos objetivos propostos pelo PNL 2027.

4.2.1. Plano Nacional de Leitura (Catálogo Online)

O conjunto de livros do Plano Nacional de Leitura estão disponíveis num catálogo *online*⁵⁶, em que é possível pesquisar mediante alguns critérios: idade a que se destina o livro (de 0 a 2 anos, de 3 a 5 anos, de 6 a 8 anos, de 9 a 11 anos, de 12 a 14 anos, de 15 a 18 anos e mais de 18 anos), nível de leitura (pré-leitura, inicial, mediana e fluente), tema (arte, banda desenhada, biografia, ciência e tecnologia, cultura e sociedade, ensaio, literatura, poesia e vida prática), língua (português, inglês, espanhol e francês), formato (livro, livro com CD e/ou DVD e livro-álbum) e pelo período em que a obra passou a ser recomendada pelo PNL. Há ainda a possibilidade de procurar por palavras-chave. Fizemos esses exercícios, para o formato “livro”, com as palavras “Geografia” e “José Saramago”. Os resultados dessa pesquisa estão patentes, por ordem alfabética, nos quadros 6, 7 e 8.

4.2.1.1. Geografia no Plano Nacional de Leitura

Verificamos que ao pesquisar com a palavra “Geografia”, encontramos dezassete obras que fazem parte do Plano Nacional de Leitura (quadro 6). Dessas, apenas duas dizem respeito à literatura, nomeadamente à poesia: *“Geografia”*, de Sophia de Mello Breyner e *“Privilégios da penumbra (pessoana)”*, de Felipe Benítez Reyes. As restantes entradas são ligadas ao tema das ciências e tecnologias e mais ligadas a um público infantil e, conseqüentemente, a leituras de nível inicial e mediano.

⁵⁵Disponível em: https://www.pnl2027.gov.pt/np4/quemsomos.html?cat_quemsomos=objtivos – consultado a 15 de novembro de 2021).

⁵⁶Disponível em: https://www.pnl2027.gov.pt/np4/livros pnl?cat_livros pnl=catalogo_blx – consultado a 22 de dezembro de 2021.

Título	Tema	Data de introdução no PNL	Idade recomendada	Nível de leitura
<i>A minha primeira enciclopédia de Geografia</i> , de Elizabeth Dalby	Ciências e Tecnologias (infantil)	Antes de 2017	- 3 a 5 anos; - 6 a 8 anos.	- Pré-leitura; - Inicial.
<i>Animais ameaçados</i>	Ciências e Tecnologias (infantil)	1º semestre de 2021	- 6 a 8 anos; - 9 a 11 anos; - 12 a 14 anos.	- Mediano; - Fluente.
<i>Apanhados do clima</i> , de Anita Ganeri	Não ficção infantil	Antes de 2017	12 a 14 anos.	Fluente
<i>Atlas 3-D: mapas panorâmicos espetaculares do nosso planeta</i> , de Sean Connolly	Não ficção infantil	Antes de 2017	- 3 a 5 anos; - 6 a 8 anos.	- Pré-leitura; - Inicial.
<i>Atlas do mundo: uma viagem pelas diferentes culturas do nosso mundo!</i> , de Pascale Hédelin	Não ficção infantil	2º semestre de 2020	- 6 a 8 anos; - 9 a 11 anos; - 12 a 14 anos;	- Inicial; - Mediana; - Fluente.
<i>Com navalhas e navios: poesia reunida (1972-2012)</i> , de Urbano Bettencourt	Poesia	1º semestre de 2021	Maiores de 18 anos	Fluente
<i>Eu e o mundo</i> , de Mireia Trius e Joana Casals	Não ficção infantil	1º semestre de 2020	- 9 a 11 anos; - 12 a 14 anos.	- Inicial; - Mediana.
<i>Exploradores Intrépidos</i> , de Anita Ganeri	Não ficção infantil – Ciências e Tecnologias	Antes de 2017	- 3 a 5 anos; - 5 a 8 anos;	- Pré-leitura; - Inicial.
<i>Geografia</i> , de Sophia de Mello Breyner Andresen	Poesia	Antes de 2017	15 a 18 anos	Fluente
<i>Imagipédia: uma enciclopédia em cada página</i>	Enciclopédia infantil	1º semestre de 2018	- 6 a 8 anos; - 9 a 11 anos; - 12 a 14 anos.	- Mediana; - Fluente.
<i>Ler o mundo: experiências de transmissão cultural na atualidade</i> , de Michèle Petit	Vida Prática	1º semestre de 2021	Maiores de 18 anos	Fluente
<i>Mapas</i> , de Aleksandra Mizielinska e Daniel Mizielinski	Não ficção infantil	1º semestre de 2020	- 6 a 8 anos; - 9 a 11 anos.	Mediano
<i>Mundo</i> , de Madeleine Deny	Livro de jogos	Antes de 2017	9 a 11 anos	Mediano
<i>O tempo da revolta</i> , de Donatella di Cesare	Não ficção (vida prática)	1º semestre de 2021	Maiores de 18 anos	Fluente
<i>Um bárbaro no jardim: ensaios</i> , de Herbert Zbigniew	Vida Prática	2º semestre de 2019	Maiores de 18 anos	-
<i>Prisioneiros da Geografia: dez mapas que lhe revelam tudo o que precisa saber sobre política internacional</i> , de Tim Marshall	Não ficção adultos	2º semestre 2018	- 15 a 18 anos; - Maiores de 18 anos.	- Mediana; - Fluente
<i>Privilégios da penumbra: (pessoana)</i> , de Felipe Benítez Reyes	Poesia	2º semestre de 2018	Maiores de 18 anos	Fluente

Quadro 6 - Geografia no catálogo online do Plano Nacional de Leitura. Elaborado a partir do catálogo online do PNL, disponível em https://www.pnl2027.gov.pt/np4/livros pnl?cat_livros pnl=catalogo_blx – consultado a 17 de dezembro de 2021.

4.2.1.2. Obras de José Saramago no Plano Nacional de Leitura

As obras de José Saramago presentes no Plano Nacional de Leitura são treze (quadro 7). A maioria é destinada a um público com mais de 15 anos, de nível de leitura mediano e fluente, isto dever-se-á à escrita característica do escritor, sem pontuação, o que potencialmente dificulta a leitura das suas obras. As obras “*Memorial do Convento*” e “*O Ano da Morte de Ricardo Reis*” fazem também parte do currículo de Português do ensino secundário.

Título	Tema	Data de introdução no PNL	Idade recomendada	Nível de leitura
<i>A Maior Flor do Mundo</i>	Literatura infantil	Antes de 2017	9 a 11 anos	Mediano
<i>A Viagem do Elefante</i>	Literatura (ficção adultos)	Antes de 2017	15 a 18 anos	Fluente
<i>As Intermitências da Morte</i>	Literatura (ficção adultos)	Antes de 2017	15 a 18 anos	Fluente
<i>Cadernos de Lanzarote I</i>	Literatura (não ficção adultos)	2º semestre de 2019	- 15 a 18 anos; - Maiores de 18 anos	Mediano
<i>Deste Mundo e do Outro</i>	Literatura (Crónicas – Cultura e Sociedade)	1º semestre de 2019	- 12 a 14 anos; - 15 a 18 anos; - Maiores de 18 anos.	Fluente
<i>Ensaio Sobre a Cegueira</i>	Literatura (ficção adultos)	2º semestre de 2018	- 15 a 18 anos; - Maiores de 18 anos.	Fluente
<i>Memorial do Convento</i>	Literatura (ficção adultos)	Antes de 2017	- 15 a 18 anos	Fluente
<i>O Ano da Morte de Ricardo Reis</i>	Literatura (ficção adultos)	Antes de 2017	- 15 a 18 anos	Fluente
<i>O Ano de 1993</i>	Literatura (Poesia)	1º Semestre de 2019	Maiores de 18 anos	Fluente
<i>O Caderno</i>	Vida Prática	2º semestre de 2019	Maiores de 18 anos.	-
<i>O Conto da Ilha Desconhecida</i>	Literatura (ficção adultos)	1º semestre de 2019	- 12 a 14 anos; - 15 a 18 anos; - Maiores de 18 anos.	- Mediano; - Fluente
<i>O Silêncio da Água</i> (excerto da obra <i>As Pequenas Memórias</i>)	Literatura infantil	Antes de 2017	- 9 a 11 anos	Mediano

Quadro 7 - Obras de José Saramago que integram o Plano Nacional de Leitura. Elaborado a partir do catálogo online do PNL, disponível em https://www.pnl2027.gov.pt/np4/livros pnl?cat_livros pnl=catalogo_blx – consultado a 17 de dezembro de 2021.

4.2.1.3. Obras Biográficas de José Saramago no Plano Nacional de Leitura

As obras biográficas são importantes para conhecer melhor a vida e obra do escritor. Neste sentido, fazem parte do Plano Nacional de Leitura, 4 obras biográficas de José Saramago (quadro 8), destinadas a um público-alvo com idade superior a 12 anos e de um nível de leitura fluente.

Título	Tema	Data de introdução no PNL	Idade recomendada	Nível de leitura
Com o mar pelo meio: uma amizade em cartas , correspondência entre Jorge Amado e José Saramago	Literatura - Biografia	2º semestre de 2018	- 12 a 14 anos; - 15 a 18 anos; - Maiores de 18 anos.	Fluente
José Saramago: Homem-Rio , de Inês Fonseca Santos	Literatura - Biografia	2017	12 a 14 anos	Fluente
O neto do homem mais sábio: uma biografia de José Saramago , de Tomás Guerrero e Válder Hugo-Mãe, com prefácio de João Miguel Lameiras	Literatura - Biografia (BD adulto)	1º semestre de 2021	- 12 a 14 anos; - 15 a 18 anos; - Maiores de 18 anos.	Mediano/Fluente
Oitocentos anos de literatura , de Hélder Macedo	Vida Prática	1º semestre de 2020	- 15 a 18 anos; - Maiores de 18 anos.	Fluente

Quadro 8 - Obras biográficas de José Saramago no Plano Nacional de Leitura. Elaborado a partir do catálogo online do PNL, disponível em https://www.pnl2027.gov.pt/np4/livros pnl?cat_livros pnl=catalogo_blx - consultado a 17 de dezembro de 2021.

4.3. Projetos do Plano Nacional de Leitura e da Rede de Bibliotecas Públicas

O PNL, em articulação com a Rede de Bibliotecas Escolares, sua parceira, tem vindo a desenvolver vários projetos ligados à escrita e à leitura, com vista a aumentar os hábitos de leitura das crianças e jovens.

Exemplo desses projetos são: o “Campeonato de Ciência e Escrita Criativa”, destinado a alunos do 1º Ciclo (3º e 4º ano) e do 2º Ciclo, em que “aos participantes é lançado um desafio que consiste na leitura de um livro da coleção e na seleção, por parte dos alunos, de um momento da história em que as personagens se deparam com um problema para resolver”. A partir daqui a turma deverá propor uma nova solução para o problema apresentado⁵⁷.

Outro exemplo, é o “Concurso Nacional de Leitura”, iniciado em 2006, e destinado a todos os alunos a partir do 3º ano de escolaridade. Este decorre em várias fases: escola/municipal/distrital/nacional, em que cada uma destas “há atividades de leitura e subsequente apuramento de concorrentes para a fase seguinte”, sendo que os objetivos principais são: “estimular o gosto e o prazer da leitura para melhorar o domínio da língua portuguesa, a compreensão leitora e os hábitos de leitura”⁵⁸.

⁵⁷ Disponível em: <https://www.rbe.mec.pt/np4/CampeonatoCienciaEscritaCriativa.html> - consultado a 29 de novembro de 2021.

⁵⁸ Disponível em: <https://www.rbe.mec.pt/np4/CNL.html> - consultado a 29 de novembro de 2021.

5. José Saramago

5.1. Biografia e Percurso Profissional

José de Sousa Saramago, nasceu na Rua da Alagoa, na Azinhaga (município da Golegã, distrito de Santarém), a 16 de novembro de 1922 (figuras 33, 34 e 35). Era filho de José de Sousa (1896-1964)⁵⁹, jornalista de profissão, e de Maria da Piedade (1898-1982)⁶⁰, ambos naturais da Azinhaga.

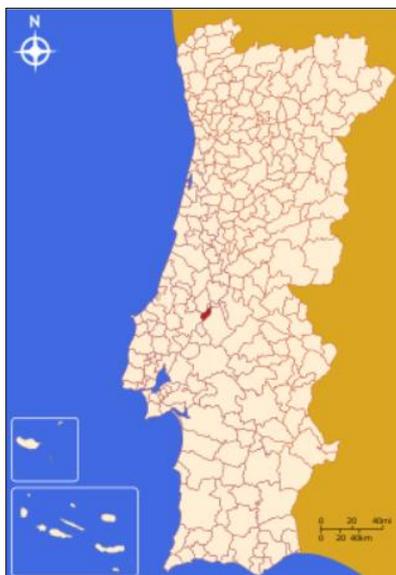


Figura 33 - Localização geográfica da aldeia da Azinhaga (Golegã, Santarém). disponível em: <http://terrasdeportugal.wikidot.com/azinhaga-golega> - consultado a 15 de novembro de 2021.



Figura 34 – Casa onde nasceu José Saramago, localizada na Rua da Alagoa (Azinhaga, Golegã, Santarém). Arquivo fotográfico pessoal (2022).

⁵⁹ Disponível em: <https://educacao.uol.com.br/biografias/jose-saramago.htm> - consultado a 18 de junho de 2022.

⁶⁰ Idem.



Figura 35 – Placa existente em frente da casa onde nasceu José Saramago, na Rua da Alagoa (Azinhaga, Golegã, Santarém). Arquivo fotográfico pessoal (2022).

Neto materno de Jerónimo Melrinho e de Josefa Caixinha, também eles naturais e residentes na Azinhaga. Estes avós foram duas figuras importantes na vida do escritor que fez sempre questão de os mencionar ao longo da sua vida e da sua carreira. No dia 7 de dezembro de 1998, em Estocolmo, a propósito da entrega do Prémio Nobel da Literatura, José Saramago começa precisamente por evocar os avós maternos e a história de vida dos mesmos:

“O homem mais sábio que conheci em toda a minha vida não sabia ler nem escrever. Às quatro da madrugada, quando a promessa de um novo dia ainda vinha em França, levantava-se da enxerga e saía para o campo, levando ao pasto a meia dúzia de porcas cuja fertilidade se alimentavam ele e a mulher. Viviam dessas escassez os meus avós maternos, da pequena criação de porcos que, depois do desmame, eram vendidos aos vizinhos da aldeia, Azinhaga de seu nome, na província do Ribatejo. Chamavam-se Jerónimo Melrinho e Josefa Caixinha esses avós, e eram analfabetos um e outro.” (Saramago, 1998⁶¹).

O seu nascimento ficou marcado por dois acontecimentos fora do comum, como o próprio documenta no livro (autobiográfico) *“Pequenas Memórias”* (Saramago, 2006). Em primeiro lugar, foi registado como tendo nascido a 18 de novembro e não a 16, isto para os seus pais não terem de pagar uma multa por terem ultrapassado o tempo legal para registar o filho. O segundo acontecimento é caricato, e como o própria anuncia, foi o único caso em que o pai deu o nome ao filho. Tudo aconteceu, em 1929, aquando da sua inscrição da Escola Primária da Rua Martens Ferrão (em Lisboa), ao apresentar a certidão de nascimento se aperceberam que o funcionário do

61

Disponível

em:

https://www.portoeditora.pt/responsive/landing-pages/saramago/imagens/pdf/saramago_discursos_de_estocolmo.pdf - consultado a 4 de janeiro de 2022.

Registo Civil da Golegã, adicionou ao seu nome a alcunha da família: Saramago⁶². Caso contrário o seu nome seria apenas José de Sousa. O seu pai apressou-se também a adotar o apelido Saramago, “que deverá ter sido este o único caso, na história da humanidade, em que foi o filho a dar o nome ao pai” (*idem, ibidem*: 47, 48 e 49). Antes disso, em 1924, muda-se com a sua família (pais e irmão) para Lisboa, uma vez que o seu pai, irá trabalhar na Polícia de Segurança Pública. A família Sousa Saramago passa por dificuldades económicas, vivendo em quartos alugados e em casas partilhadas com outras famílias. Em 1930, muda de escola e vai para a Escola Primária do Largo do Leão (Lisboa), sendo que em 1932 inscreve-se no Liceu Gil Vicente, onde irá frequentar dois cursos ao mesmo tempo (liceal e técnico). Por razões económicas, vê-se obrigado a transferir para a Escola Industrial de Afonso Domingues, onde estará até 1940, quando termina o curso de serralheiro mecânico.

O seu primeiro emprego foi, precisamente, como serralheiro mecânico, nas oficinas dos Hospitais Cívicos de Lisboa. Posteriormente, em 1942, passa a integrar um lugar de administrativo nos mesmos hospitais. De 1943 a 1949 trabalhou na Caixa de Abono de Família do Pessoal da Indústria Cerâmica, enquanto em 1950, começou a laborar na Caixa de Previdência do Pessoal da Companhia Previdente, onde ficou até 1959, quando começou a trabalhar em exclusivo com a Editora Estúdios Cor, para a qual fazia traduções. Trabalhou nesta editora até 1971.

Em 1944 casou-se com a artista plástica Ilda Reis e, em 1947, nasce a sua única filha, Violante dos Reis Saramago. Em 1970 divorcia-se de Ilda Reis, começando uma relação com a escritora Isabel da Nóbrega, que durará até 1986.

Nos anos 60 continua a sua atividade profissional como tradutor e começa a colaborar com a revista *Seara Nova*⁶³, como crítico literário, e também publica crónicas no jornal *A Capital*⁶⁴. Em 1971 começou a colaborar com o *Jornal do Fundão*⁶⁵ e em 1972 começa a trabalhar como editorialista no *Diário de Lisboa*⁶⁶. Passados três anos, em 1975, é nomeado diretor-adjunto do Diário de Notícias e quando sai deste emprego, no mesmo ano, decide dedicar-se exclusivamente à escrita e à tradução.

Em 1988, casou-se com Pilar del Rio, jornalista espanhola, e em 1993, depois de o Governo português considerar ofensivo o seu livro “*Evangelho Segundo Jesus Cristo*”, decide residir na ilha espanhola de Lanzarote, no arquipélago das Canárias. É nesta ilha que falece, a 18 de junho de 2010, vítima de doença prolongada.

⁶² Saramago é uma planta herbácea que “em tempos de carência alimentar servia de alimento aos pobres” (<https://www.josesaramago.org/biografia/> - consultado a 1 de novembro de 2021). O nome científico é *Raphanus raphanistrum* L., pertencente à família das Cruciferae (Brassicaceae) (<http://www3.uma.pt/biopolis/planta.php?id=118> – consultado a 1 de novembro de 2021).

⁶³ Revista publicada, pela primeira vez, a 15 de outubro de 1921 e que foi fundada por “um grupo de intelectuais republicanos livres de obediências partidárias”, tais como Raúl Proença, Aquilino Ribeiro, Jaime Cortesão e Raúl Brandão (Queirós, 2021 – disponível em: <https://www.publico.pt/2021/05/11/culturaipilon/noticia/seara-nova-revista-oposicao-seculo-xx-faz-cem-anos-1961994> - consultado a 1 de novembro de 2021).

⁶⁴ Jornal vespertino publicado de 21 de fevereiro de 1968 a 30 de julho de 2005 (11911 edições). <https://www.publico.pt/2005/07/30/portugal/noticia/a-capital-fim-do-jornal-e-hoje-a-principal-noticia-1229481> - consultado a 1 de novembro de 2021.

⁶⁵ Jornal semanal, fundado a 27 de janeiro de 1946, no Fundão, por António Palouro. (Alves, 2009: 50 e 51).

⁶⁶ Jornal vespertino, publicado entre 7 de abril de 1921 e 30 de novembro de 1990, “sendo caracterizado pela oposição feroz ao Estado Novo” (<https://digitarg.arquivos.pt/details?id=6509290> – consultado a 1 de novembro de 2021).

5.2. Obra

A obra de José Saramago é vasta e caracteriza-se por pertencer a vários géneros literários. Assim, dentro da categoria do romance publicou: “*Terra do Pecado*” (1947), “*Manual de Pintura e Caligrafia*” (1977), “*Levantado do Chão*” (1980), “*Memorial do Convento*” (1982), “*O Ano da Morte de Ricardo Reis*” (1984), “*A Jangada de Pedra*” (1986), “*História do Cerco de Lisboa*” (1989), “*O Evangelho segundo Jesus Cristo*” (1991), “*Ensaio Sobre a Cegueira*” (1995), “*Todos os Nomes*” (1997), “*A Caverna*” (2000), “*O Homem Duplicado*” (2002), “*Ensaio sobre a Lucidez*” (2004), “*As Intermittências da Morte*” (2005), “*A Viagem do Elefante*” (2008) e “*Caim*” (2009). Também do âmbito do romance, mas publicados *post-mortem*: “*Clarabóia*” (2011) e “*Alabardas, alabardas, Espingardas, espingardas*” (2014).

Das breves incursões pela poesia (anos 60 e 70) temos: “*Os Poemas Possíveis*” (1966), “*Provavelmente Alegria*” (1970) e o “*Ano de 1993*” (1975). Foi também neste período que Saramago publicou o conjunto de crónicas que escrevia para os jornais “*A Capital*”, “*Diário de Lisboa*” e “*Jornal do Fundão*”, a saber: “*A Bagagem do Viajante*” (1973) e “*Deste Mundo e do Outro*” (1971).

No contexto dos contos publicou: “*Objecto Quase*” (1976) e “*A Maior Flor do Mundo*” (1997). E no âmbito da literatura de viagens publicou “*Viagem a Portugal*” (1981), obra estudada no presente relatório.

Publicou ainda uma autobiografia – “*As Pequenas Memórias*” – 2006 e vários diários (“*Caderno de Lanzarote I*” (1992), “*Caderno de Lanzarote II*” (1993), “*Caderno de Lanzarote III*” (1995), “*Caderno de Lanzarote IV*” (1996), “*Caderno de Lanzarote V*” (1997), “*O Caderno*” (2009) e o “*Último Caderno de Lanzarote*” (2018⁶⁷).

Para peças de teatro, isto é, no âmbito da dramaturgia, publicou: “*A Noite*” (1979), “*Que Farei com Este Livro?*” (1980), “*A Segunda Vida de Francisco de Assis*” (1987), “*In Nomine Dei*” (1993) e “*Don Giovanni ou o Dissoluto Absolvido*” (2005).

Publicou dois ensaios: “*A Estátua e a Pedra*” (1997) e “*Democracia e Universidade*” (2010) e dois ensaios políticos: “*Os Apontamentos*” (1976) e “*Folhas Políticas*” (1993). Finalmente, publicou ainda três álbuns ilustrados: “*A Maior Flor do Mundo*” (2001), o “*Silêncio da Água*” (2011)⁶⁸ e “*O Lagarto*” (2016)⁶⁹.

5.3. José Saramago: Estado da Arte

De acordo com Ferreira (2009: 2 e 3), que estudou a obra “*Memorial do Convento*” (cronologicamente sucessora de “*Viagem a Portugal*”), do ponto da teoria e análise da narrativa, as obras de José Saramago:

“(…) são pautadas por uma ousadia temática e formal indiscutível e têm sido amplamente analisadas em numerosos estudos críticos, dissertações de mestrado e de doutoramento ou

⁶⁷ Publicado *post-mortem*.

⁶⁸ *Idem*.

⁶⁹ *Idem*.

têm mesmo servido de fonte de inspiração e ponto de partida para a elaboração de trabalhos em variados domínios artísticos, como as artes plásticas, o cinema, o teatro ou a música”.

Neste sentido, pesquisámos as produções científicas disponíveis nos repositórios *online* das cinco principais universidades portuguesas: Universidade de Coimbra⁷⁰, Universidade do Porto⁷¹, Universidade de Lisboa⁷², Universidade do Minho⁷³ e Universidade de Évora⁷⁴.

Fernandes (2006) estudou a obra “*Viagem a Portugal*”, no contexto da discussão do género literário em questão, “*considerando os seus aspetos formais, temáticos e históricos*”. Figueiredo (2006a e 2006b) analisou as metáforas no romance “*Ensaio Sobre a Lucidez*”. “*Viagem a Portugal*” foi também analisada, através da “*viagem*”, por Gonçalves (2013). Juntamente com esta obra foram estudadas outras duas, mais precisamente “*A Jangada de Pedra*” e “*A Viagem do Elefante*”.

O romance “*História do Cerco de Lisboa*” foi estudada por Ventura (2010), que recorrendo também ao livro “*As duas sombras do rio*”, do escritor moçambicano João Paulo Borges Coelho, fez uma analogia e comparação entre a História e a Literatura.

No que respeito ao ensino, mais precisamente ao ensino de literatura e de português e línguas clássicas, surge ainda o trabalho de Aires (2011), que a partir de “*Memorial do Convento*” cria diversas estratégias pedagógico-didáticas com vista a estimular e a motivar os alunos para a leitura. Franco (2011), ainda no âmbito do ensino da literatura, estudou as obras “*A Jangada de Pedra*” e “*Ensaio Sobre a Cegueira*” e respetivos textos fílmicos. Neste contexto, surge ainda o trabalho de Sousa (2016) que realizou uma comparação entre a obra “*Ensaio Sobre a Cegueira*” e o filme “*Blindness*”, de Fernando Meirelles, um cineasta brasileiro. Dentro do mesmo género, surge-nos a análise da obra “*O Homem Duplicado*”, e respetiva adaptação cinematográfica, estudada por Nunes (2019), também no âmbito da literatura portuguesa.

Em 2012, Bernardo, observou as “*temáticas da distopia, biopolítica, direito, economia e morte*”, em três obras de José Saramago: “*Ensaio Sobre a Lucidez*”, “*A Caverna*” e “*As Intermitências da Morte*”. No ano seguinte, Oliveira (2013), analisou o romance “*Levantado do Chão*”, para a consideração de um pós-modernismo em Portugal. Também Silva (2017), estudou a obra de José Saramago para analisar as diversas formas do poder feminino, tanto do ponto de vista literário como do ponto de vista ficcional, tendo como base “*Levantado do Chão*”.

No que concerne às artes plásticas, nomeadamente à pintura, encontramos a dissertação de mestrado de Santos (2014), que criou oito trabalhos de pintura a partir de palavras-chave retiradas de cinco obras de José Saramago, encontrando assim uma “*simbiose entre pintura e literatura*”. Ainda em 2014, surge o trabalho de Vermeire, que analisa comparativamente, do ponto de vista da literatura, as obras de José Saramago e de Eugène Ionesco.

⁷⁰ Disponível em: <https://estudogeral.uc.pt/?locale=pt> – consultado a 7 de janeiro de 2022.

⁷¹ Disponível em: <https://repositorio-aberto.up.pt/> - consultado a 7 de janeiro de 2022.

⁷² Disponível em: <https://repositorio.ul.pt/> - consultado a 7 de janeiro de 2022.

⁷³ Disponível em: <https://repositorium.sdum.uminho.pt/> - consultado a 7 de janeiro de 2022.

⁷⁴ Disponível em: <http://dspace.uevora.pt/rdpc/> - consultado a 7 de janeiro de 2022.

Lima e Sousa (2015), na sua tese de doutoramento, estudou a “representação da morte no texto literário de José Saramago”, considerando este tema como “nuclear” na obra do autor. Soares (2016) analisou o romance “*Memorial do Convento*”, com base em “*O Evangelho Segundo Jesus Cristo*”, numa tentativa de ir ao encontro do “trágico na obra saramaguiana”. Em 2017, Arnaut, partindo do ditado popular “casa onde não há pão todos ralham e ninguém tem razão”, estudou a alimentação referida em várias obras de José Saramago, tais como “*A História do Cerco de Lisboa*”, “*O Ano da Morte de Ricardo Reis*”, “*Memorial do Convento*” e “*Levantado do Chão*”.

Bastos (2020) analisou as obras “*Evangelho Segundo Jesus Cristo*” e “*Caim*”, também do ponto de vista da literatura, mais objetivamente a partir de “dois ensaios teóricos do crítico canadense Northrop Frye”. No mesmo ano, Marinho (2020), examinou a obra “*A Caverna*” para uma breve reflexão sobre a presença de clássicos “dos clássicos na literatura portuguesa contemporânea”. Mais recentemente, e no âmbito da Sociologia, surge-nos a dissertação de mestrado de Nolasco (2021), em que são abordadas as representações sociais de classes mais pobres através da análise de obras literárias, como é o caso de “*Gente Pobre*”, de Dostoievsky, e de “*Levantado do Chão*”, de José Saramago.

5.4. Distinções e Prémios

Foram vários os prémios que José Saramago recebeu, entre os quais de destacam, claramente, o Prémio Nobel da Literatura (em 1998) e o Prémio Camões (1995), o mais importante galardão que um autor de língua portuguesa pode receber. De acordo com a página da Fundação José Saramago⁷⁵, os prémios que recebeu foram os seguintes (por ordem cronológica):

- Prémio da Associação de Críticos Portugueses: Melhor Peça de Teatro (“*A Noite*”) – 1979;
- Prémio “*Cidade de Lisboa*” (“*Levantado do Chão*”) – 1981;
- Prémio “*Pen Clube*” (“*Memorial do Convento*”) – 1982;
- Prémio Literário do Município de Lisboa (“*Memorial do Convento*”) – 1982;
- Prémio da Crítica do Centro Português da Associação Internacional de Críticos Literários (pelo conjunto da sua obra) – 1984;
- Prémio da Crítica do Centro Português da Associação Internacional de Críticos Literários (“*O Ano da Morte de Ricardo Reis*”) – 1984;
- Prémio “*Pen Clube*” (“*O Ano da Morte de Ricardo Reis*”) – 1985;
- Prémio da Crítica da Associação Portuguesa de Críticos Literários (“*O Ano da Morte de Ricardo Reis*”) – 1985;
- Prémio “*Dom Dinis*”, da Fundação da Casa de Mateus (“*O Ano da Morte de Ricardo Reis*”) – 1986;
- Prémio “*Grinzane-Cavour*” – Itália – (“*O Ano da Morte de Ricardo Reis*”) – 1987;
- Grande Prémio de Romance e Novela da Associação Portuguesa de Escritores (“*O Evangelho Segundo Jesus Cristo*”) – 1991;
- Prémio Internacional “*Ennio Flaiano*” – Pescara, Itália - (“*Levantado do Chão*”) – 1992;
- Prémio “*Branccatti*” – Zafferana (Itália) – 1992;

⁷⁵ Disponível em: <https://www.josesaramago.org/distincoes/> - consultada a 1 de novembro de 2021.

- Prémio Literário Internacional “Mondello” – Palermo (Itália) – 1992;
- Prémio “The Independent Foreign Fiction” – Reino Unido (“O Ano da Morte de Ricardo Reis”) – 1993;
- Grande Prémio de Teatro da Associação Portuguesa de Escritores (“In Nomine Dei”) – 1993;
- Prémio “Vida Literária”, da Associação Portuguesa de Escritores – 1993;
- Prémio Camões – 1995;
- Prémio de Consagração de Carreira, da Sociedade Portuguesa de Autores – 1995;
- Prémio “Rosalia de Castro” do Prémio “Pen Clube” – Galiza (Espanha) – 1996;
- Prémio Nobel da Literatura – 1998;
- Prémio “Arcebispo Juan de San Clemente” – Espanha – (“Ensaio Sobre a Cegueira”) – 1998;
- Prémio Europeu de Comunicação Jordi Xifra Heras – Girona (Espanha) – 1998;
- Prémio Nacional de Narrativa “Città di Piemme” – Itália – 1998;
- Prémio “Scanno” – Universidade Gabriele d’Annunzio (Itália) – (“Objeto Quase”) – 1998;
- Prémio Internacional de Narrativa “Città di Penne” – Mosca, Itália – 1998;
- Prémio “Canárias Internacional”, do Governo das Canárias (Espanha) – 2001;
- Prémio “Dolores Ibárruri” (Espanha) – 2006;
- Prémio à Cooperação Internacional CajaGranada – Granada (Espanha) – 2009.

5.4.1. Outras Distinções e Doutoramentos *Honoris Causa*

Além dos prémios supramencionados, José Saramago recebeu ainda outras distinções, sobretudo em país lusófonos, como Portugal e Brasil e países de língua castelhana (Espanha, Argentina, Equador, Chile, ...), a saber⁷⁶:

- Comendador da Ordem Militar de Santiago de Espada - Portugal – 1985;
- Presidente da Assembleia-Geral da Sociedade Portuguesa de Autores – Portugal – 1985;
- Chevalier de l’Ordre des Arts et des Lettres – França – 1991;
- Membro da Frente Nacional para a Defesa da Cultura – Portugal – 1992;
- Membro do Parlamento Internacional de Escritores – Portugal – 1993;
- Membro da Academia Universal das Culturas – França – 1993;
- Membro integrante da Academia Universal das Culturas – França – 1994;
- Membro Correspondente da Academia Argentina de Letras – Argentina – 1994;
- Membro do Patronato de Honra da Fundação César Manrique – Lanzarote (Espanha) – 1994;
- Sócio Honorário da Sociedade Portuguesa de Autores – Portugal – 1994;
- Medalha de Instrução e Arte da Federação das Coletividades de Cultura e Recreio – Portugal – 1994;
- Medalha da Cidade da Câmara da Golegã – Portugal – 1996;
- Filho Adotivo da Câmara Municipal de Castril – Espanha – 1997;
- Filho Adotivo da Ilha de Lanzarote pelo Cabildo de Lanzarote – Lanzarote (Espanha) – 1997;

⁷⁶ De acordo com a Fundação José Saramago: <https://www.josesaramago.org/distincoes/> - consultado a 4 de dezembro de 2021.

- Beca de Honra da Residência de Estudantes da Universidade Carlos III – Espanha – 1997;
- Membro da Academia Europeia de Yuste, ocupando a cadeira de Rembrandt – Espanha – 1998;
- Leitor Emérito da Biblioteca Nacional de Portugal – Portugal – 1998;
- Medalha de Ouro de Mérito pela Câmara Municipal do Porto – Portugal – 1998;
- Grande Colar da Ordem de Santiago de Espada – Portugal – 1998;
- Sócio Correspondente e Sócio Honorário da Academia de Ciências de Lisboa – Portugal – 1998;
- Sócio Honorário Desportivo do Sport Lisboa e Benfica – Portugal – 1999;
- Filho Adotivo de Tías (Lanzarote) – Espanha – 1999;
- Medalha de Honra da Universidade Internacional Menéndez Pelayo – Espanha – 1999;
- Medalha de Ouro da Universidade de Coimbra – Portugal – 1999;
- Oficial da Legião de Honra (Croix d’Officer de la Légion d’Honneur) – França- 1999;
- Medalha de Ouro do Governo das Canárias – Espanha – 2000;
- Presidente Honorário do Festival “Sons Latinos” – Espanha – 2000;
- Medalha de Ouro da Confederação Internacional das Sociedades de Autores – Chile – 2000;
- Membro da Academia Internacional de Humanismo – Estados Unidos da América – 2000;
- Visitante Distinto de São Domingos – República Dominicana – 2001;
- Professor Coordenador Honorário do Instituto Politécnico de Leiria – Portugal – 2001;
- Medalha Cuenca Património da Humanidade – Espanha – 2001;
- Sócio de Honra da Academia das Ciências e das Artes de Televisão – Espanha – 2001;
- Medalha Reitoral da Universidade do Chile – Chile – 2002;
- Académico Honorário da Academia Canária da Língua (Lanzarote)– Espanha – 2002;
- Chaves de Ouro da Cidade de Pinhel – Portugal – 2002;
- Presidente Honorário da Fundação Alonso Quijano (Málaga) – Espanha – 2002;
- Sócio de Honra da Associação de Amigos do Povo Saharaui de Sevilha – Espanha – 2002;
- Membro do Comité de Honra da Fundação Rafael Alberti (Cádiz) – Espanha – 2002;
- Medalha Isidro Fabela pela Faculdade de Direito da Universidade Nacional Autónoma do México – México – 2004;
- Medalha Guayasamín-UNESCO pela Fundação Guayasamín – Equador – 2004;
- Hóspede Ilustre de Quito – Equador – 2004;
- Grã-Cruz de Mérito Cultural e Literário pelo Congresso Nacional – Equador – 2004;
- Grã-Cruz de Mérito Educativo e Cultural “Juan Montalvo” pelo Ministério da Educação (Quito) – Equador – 2004;
- Medalha General Rumiñahui pelo Governo Nacional de Pichincha – Equador – 2004;
- Membro Honoris Causa do Conselho do Instituto de Filosofia e Direito e de Estudos Histórico-Políticos da Universidade de Pisa – Itália – 2004;
- Cidadão de Honra da Cidade de Pisa – Itália – 2004;
- Membro Honorário do Colégio Máximo das Academias – Colômbia – 2004;
- Membro Honorário do Conselho Supremo das Academias – Colômbia – 2004;
- Membro Honorário do Instituto Caro y Cuervo de Bogotá – Colômbia – 2004;
- Membro Honorário do Centro Nacional de Cultura – Portugal – 2004;

- Membro da Academia Europeia das Ciências das Artes e das Letras – Áustria – 2004;
- Chave da Cidade de Santiago de León de Caracas – Venezuela – 2004;
- Membro Honorário do Conselho Consultivo do Tribunal de Bruxelas – 2004;
- Membro do Conselho do Futuro da UNESCO – França – 2004;
- Visitante Distinto de São José – Costa Rica – 2005;
- Membro da Academia de Latinidade – Brasil – 2005;
- Filho Adotivo da Província de Granada – Espanha – 2006;
- Membro do Comité Assessor Baketik (País Basco) – Espanha – 2006;
- Filho Predileto da Andaluzia – Espanha – 2007;
- Presidente de Honra da Fundação José Saramago – Portugal – 2007;
- Premio “Save the Children” pela ONG “Save the Children” – Argentina – 2007;
- Medalha de Mérito – Grau de Ouro da Câmara Municipal de Mafra – Portugal – 2007;
- Sócio de Honra pela Associação de Imprensa de Sevilha – Espanha – 2007;
- Sócio Correspondente da Academia Brasileira de Letras – Brasil – 2009.

De entre os Doutoramentos “*Honoris Causa*”, também de acordo com a Fundação José Saramago⁷⁷, recebeu 38, pelas seguintes universidades:

- Universidade de Turim – Itália – 1991;
- Universidade de Sevilha – Espanha – 1991;
- Universidade de Manchester – Reino Unido – 1995;
- Universidade de Castilla-La Mancha – Espanha – 1997;
- Universidade de Brasília – Brasil – 1997;
- Universidade de Évora – Brasil – 1999;
- Universidade de Nottingham – Reino Unido – 1999;
- Universidade de Porto Alegre – Brasil – 1999;
- Universidade de Minas Gerais – Brasil – 1999;
- Universidade Federal de Santa Catarina – Brasil – 1999;
- Universidade do Rio de Janeiro – Brasil – 1999;
- Universidade de Massachussets – Estados Unidos da América – 1999;
- Universidade de Las Palmas de Grã-Canária – Espanha – 1999;
- Universidade Politécnica de Valência – Espanha – 1999;
- Universidade Federal de Rio Grande do Sul – Brasil – 1999;
- Universidade Fluminense – Brasil – 1999;
- Universidade de Michel de Montaigne – França – 1999;
- Universidade de Santiago do Chile – Chile – 2000;
- Universidade da República (Montevideo) – Uruguai – 2000;
- Universidade de Salamanca – Espanha – 2000;
- Universidade de Granada – Espanha – 2001;
- Universidade de Roma – Itália – 2001;
- Universidade para Estrangeiros de Siena – Itália – 2001;
- Universidade Carlos III – Espanha – 2003;
- Universidade de Buenos Aires – Argentina – 2003;
- Universidade Autónoma do México – México – 2003;

⁷⁷ Disponível em: <https://www.josesaramago.org/distincoes/> - consultado a 4 de dezembro de 2021.

- Universidade Juaréz Autónoma de Tabasco – México – 2003;
- Universidade de Coimbra – Portugal – 2004;
- Universidade Charles de Gaulle – França – 2004;
- Universidade de Alicante – Espanha – 2004;
- Universidade de Alberta – Canadá – 2005;
- Universidade Nacional de El Salvador – El Salvador – 2005;
- Universidade Nacional de San José – Costa Rica – 2005;
- Universidade Nacional de Comahue – Argentina – 2005;
- Universidade de Estocolmo – Suécia – 2005;
- Universidade de Dublin – Irlanda – 2006;
- Universidade Autónoma de Madrid – Espanha – 2007;
- Universidade Eötvös Loránd (Budapeste) – Hungria – 2010.

5.5. Fundação José Saramago e Comemorações do Centenário de Nascimento do Escritor

No dia 29 de junho de 2007 foi instituída a Fundação José Saramago, “*de natureza cultural, sem fins lucrativos e por tempo indeterminado*”⁷⁸, que se autofinancia a partir dos lucros dos direitos de autor e de receitas próprias, tais como a bilheteira, venda de livros e loja *online*.

Está instalada na Casa dos Bicos, sita na Rua dos Bacalhoeiros, propriedade da Câmara Municipal de Lisboa, tendo como objetivos: “*promover a literatura e a cultura em língua portuguesa, difundir a Declaração Universal dos Direitos do Homem e defender o ambiente*”⁷⁹. Tem ainda uma delegação na Azinhaga, terra natal de José Saramago, sendo também possível visitar a residência de José Saramago em Lanzarote (Ilhas Canárias).

A entrada na Fundação José Saramago é paga a partir dos 12 anos de idade e tem um custo de 3 euros. Nela é possível ver objetos pessoais de Saramago, como por exemplo agendas, algumas edições estrangeiras da sua obra, fotografias biográficas e também manuscritos da sua obra (figura 36).

A 16 de novembro de 2022, celebrar-se-á o centenário do nascimento do autor e, como tal, a Fundação José Saramago, em parceria com outras entidades, tem vindo a promover atividades comemorativas, “*uma oportunidade privilegiada para a consolidação da presença do escritor na história cultural e literária, em Portugal e no estrangeiro*” (Linhas Gerais do Programa do Centenário⁸⁰). Segundo o mesmo documento, as festividades concentrar-se-ão em quatro eixos temáticos: eixo da biografia, eixo da leitura, eixo das publicações e eixo das reuniões académicas, promovidas pela Fundação José Saramago, em parceria ou de forma autónoma.

⁷⁸ Estatutos da Fundação José Saramago. Disponível em: https://www.josesaramago.org/wp-content/uploads/2021/05/estatutos_fundacao_jose_saramago_2013.pdf - consultado a 4 de janeiro de 2021.

⁷⁹ Disponível em: <https://www.josesaramago.org/perguntas-frequentes/> - consultado a 4 de dezembro de 2021.

⁸⁰ <https://www.josesaramago.org/wp-content/uploads/2021/06/Programa-Centena%CC%81rio-FJS-20-jun-2021.pdf> – consultado a 12 de dezembro de 2021.

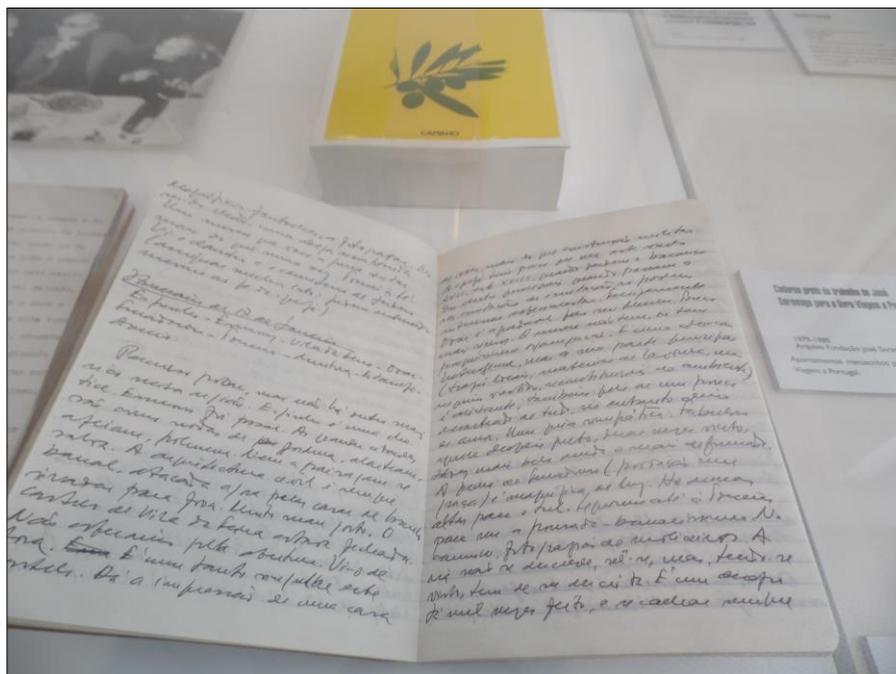


Figura 36 - Caderno de trabalho para o livro "Viagem a Portugal", Fundação José Saramago. Arquivo fotográfico pessoal (2018).

Quando ao eixo da leitura serão feitas *“ações que interpretem o pensamento social, ético e político de José Saramago”*. As atividades a realizar serão: Conferências do Nobel: emergências saramaguianas, com o apoio de personalidades de projeção internacional, *“ações de leitura e reflexão motivadas pelo universo literário de Saramago”* e *“Geografia saramaguiana”*, em que com recurso à obra *“Viagem a Portugal”*, será feita uma reconstrução da viagem em formato digital interativo e respetiva *“revisitação do espaço por um escritor convidado”* (*idem, ibidem*).

Ao mesmo tempo, José Saramago *“será levado”* a várias escolas e bibliotecas de todo o país. A primeira atividade realizado foi uma *“leitura centenária”*, no dia 16 de novembro de 2021 (99º aniversário do escritor), em que, em 100 escolas do Ensino Básico, foi lido em simultâneo a obra *“A Maior Flor do Mundo”*. A 16 de novembro de 2022, será feita uma nova *“leitura centenária”*, em 100 escolas do Ensino Secundário, em que será feita a leitura simultânea de páginas do *“Memorial do Convento”* e de *“O Ano da Morte de Ricardo Reis”*. Ambas as atividades são promovidas pela Fundação José Saramago, a Rede de Bibliotecas Escolares e o Plano Nacional de Leitura.

Nas escolas será ainda promovida a atividade *“Contar por imagens”*, em que a partir de textos de José Saramago serão elaboradas *“representações artísticas em diferentes suportes e linguagens”* que, posteriormente, serão selecionadas para figurar no *website* da Fundação José Saramago. Esta atividades será realizada em parceria com a Fundação José Saramago, o Plano Nacional das Artes e com o Plano Nacional de Leitura (*idem, ibidem*). Com escolas associadas será ainda feita uma dramatização da obra *“O Ano da Morte de Ricardo Reis”*, em parceria com o Teatro Nacional São João.

5.6. Rede de Bibliotecas José Saramago

Esta rede de biblioteca portuguesas foi criada a 22 de março de 2019, “*mediante um protocolo assinado pelas bibliotecas fundadoras e a Fundação José Saramago*”⁸¹. De acordo com a mesma fonte, integram esta teia as bibliotecas municipais das seguintes localidades: Feijó (município de Almada), Avis, Beja, Loures e Odemira, bem como a Biblioteca Almeida Faria (município de Montemor-o-Novo) e a Biblioteca José Saramago (no Instituto Politécnico de Leiria). – figura 37.



Figura 37 – Logotipo da Rede de Bibliotecas José Saramago. Disponível em: <https://redelibibliotecasjosesaramago.org/> - consultado a 21 de novembro de 2021.

Mediante o compromisso estabelecido, as bibliotecas devem: promover, pelo menos, uma vez por ano, uma atividade em torno da obra literária de José Saramago e estabelecer contactos de cooperação e partilha facilitada de informação. Por outro lado, a Fundação José Saramago deverá dar prioridade a estas bibliotecas no que toca à calendarização de exposições itinerantes e apoiar as atividades das ditas bibliotecas, divulgando-as na revista digital “*Blimunda*” e através dos seus canais de comunicação. Em parceria, devem trabalhar em projetos conjuntos, com possibilidades de candidaturas a fundos públicos e privados, nacionais e internacionais.

⁸¹ Disponível em: <https://redelibibliotecasjosesaramago.org/> - consultado a 21 de novembro de 2021.

6. “Viagem a Portugal”: Retalhos da Geografia de Portugal

O livro “*Viagem a Portugal*” resultou de um passeio a Portugal Continental, realizado, por José Saramago, entre outubro de 1979 e julho de 1980, a convite da editora Círculo de Leitores⁸² (Gonçalves, 2013). Não se trata de um guia de viagem convencional, mas sim de um turismo “romanceado”, onde prevalece a visão do autor, designado em todo o livro como “viajante”. Esta obra é “*um falso livro de turismo, que não impõe roteiros e, mais do que descritivo da paisagem, é historiador de cultura*” (Silva, 1999).

Para escrever o livro, Saramago teve de observar o território e experienciar diversas sensações visuais e sonoras. E é aqui que encontramos a profunda ligação entre a obra “*Viagem a Portugal*” e a Geografia, porque a “*a observação é um pilar metodológico da Geografia*” (Velez de Castro, 2021c: 40), sendo que o viajante, logo nas primeiras páginas aguça a observação “*para que nada se perca*” (Saramago, 1985: 8). A mesma autora (p. 44), citando Berque, diz-nos que “*a observação da paisagem deriva de uma noção objetiva – natureza – e de uma noção subjetiva – as profundidades de consciência do indivíduo*”. Também Castro (2021: 26) considera que “*o conceito de paisagem é produto da cultura, mas também de uma experiência individual; vem dos sentidos, da maneira como cada um sente e se liga a um espaço*”.

Esta ideia é sustentada pelo próprio Saramago na “*Apresentação*” da obra:

“O viajante viajou no seu país. Isso significa que viajou para dentro de si mesmo, pela cultura que o formou e está formando, significa que foi, durante muitas semanas, um espelho refletor das imagens exteriores, uma vidraça transparente que luzes e sombra atravessaram, uma placa sensível que registou, em trânsito e processo, as impressões, as vozes, o murmúrio infundável de um povo” (Saramago, 1985: 5 e 2014: 17).

O território observado, é então, uma “*tradução mental do que foi visto, elaborada com base numa subjetividade e mundividência próprias*”, sendo natural, portanto, ficcionar o que foi visto (Gonçalves, 2013: 26). Isto significa que pessoas diferentes vão ter perspetivas diferentes de um mesmo espaço geográfico. Por exemplo, se hoje em dia fizemos o percurso que José Saramago fez nos anos 80, certamente que não daríamos importância a aspetos que o mesmo salientou e o inverso também aconteceria. A forma de observar a paisagem depende de quem a observa e das sensações e vivências pessoais que a mesma lhe desperta. Assim, a viagem “*é entendida como percurso formador do indivíduo*”, em que a “*viagem física se entrecruza com a viagem pela cultura e costumes de um povo*” (Gonçalves, 2013: 24). Da mesma opinião é Fernandes (2017: 56), em que diz que *Viagem a Portugal* “*conta-nos a história de um viajante a (re)descobrir um território íntimo, de lés a lés*”.

Ferreira (2009: 20) descreve esta “viagem” como “*uma poesia*”, em que José Saramago cria um “*guia geográfico, histórico, humano e artístico de Portugal, sublinhando gostos, confessando*

⁸² Disponível em: <https://www.wook.pt/livro/viagem-a-portugal-jose-saramago/17951022> - consultado a 7 de novembro de 2021).

erudições, admirando paisagens, visitando monumentos, apreciando ou desapreciando objetos da arte portuguesa”.

A obra pode também ser vista como uma forma de *marketing* territorial, que surge “*da necessidade de promover a afirmar o território, de valorizar a identidade local e divulgar os aspetos positivos*”, apresentando as seguintes potencialidades: *permitir o conhecimento sobre a realidade territorial; criar novas atrações que melhorem a qualidade de vida das pessoas residentes; contribuir para dinamizar o tecido económico e produtivo local; promove o bem estar e a qualidade de vida; melhora a autoestima e a identidade local; desenvolve um conjunto de imagens coerentes sobre o território; desenvolve e posiciona uma “marca territorial” que valoriza o território; projeta o território para espaços mais vastos (regional, nacional, mundial); assegura a satisfação dos cidadãos, investidores e visitantes; e cria uma imagem hospitaleira e entusiasta, de modo a atrair novas empresas, investimentos e visitantes*” (Barros e Gama (2009/10: 94)).

6.1. Estrutura da Obra

O livro “*Viagem a Portugal*” divide-se em oito partes (ou capítulos) principais, sendo que seis das quais dizem respeito a regiões portuguesas: “*Apresentação*”, “*De Nordeste a Noroeste, Duro e Dourado*”, “*Terras Baixas, Vizinhas do Mar*”, “*Brandas Beiras de Pedra, Paciência*”, “*Entre Mondego e Sado, Parar Em Todo o Lado*”, “*A Grande e Ardente Terra de Alentejo*”, “*De Algarve e Sol, Pão Seco e Pão Mole*” e “*Índice Toponímico*”. Por sua vez, com exceção dos capítulos “*Apresentação*” (1º) e “*Índice Toponímico*” (8º), cada uma destas subdivisões apresenta subcapítulos.

O segundo capítulo – “*De Norte a Nordeste, Duro e Dourado*” é o mais extenso e apresenta dezassete subcapítulos: “*O sermão aos peixes*” (p: 7), “*Dossel e maus caminhos*” (p: 10), “*Um bagaço em Rio de Onor*” (p:13), “*História do soldado José Jorge*” (p: 16), “*Tentações do demónio*” (p: 20), “*Casa Grande*” (p: 26), “*A cava do lobo manso*” (p: 30), “*Os animais apaixonados*” (p: 34), “*Onde Camilo não está*” (p: 38), “*O palácio da Bela Adormecida*” (p: 41), “*Males de cabeça e milagres vários*” (p: 44), “*Mais Casa Grande*” (p: 48), “*As meninas de Castro Laboreiro*” (p: 52), “*São Jorge saiu a cavalo*” (p: 58), “*O alimento do corpo*” (p: 61), “*O monte Everest de Lanhoso*” (p: 67) e “*Junta com o rio que chamam Doiro...*” (p: 72).

O terceiro capítulo – “*Terras Baixas, Vizinhas do Mar*” é o segundo menos extenso e tem seis subdivisões: “*Em águas infinitas*” (p: 79), “*Em casa do Marquês de Marialva*” (p: 83), “*Nem todas as ruínas são romanas*” (p: 86), “*Coimbra sobe, Coimbra desce*” (p: 90), “*Um castelo para Hamlet*” (p: 94) e “*À porta das montanhas*” (p: 98).

Já o quarto capítulo – “*Brandas Beiras de Pedra, Paciência*” é o terceiro mais extenso, apresentando dez subcapítulos: “*O homem que não esqueceu*” (p: 101), “*Pão, queijo e vinho em Cidadelhe*” (p: 103), “*Malva, seu nome antigo*” (p: 108), “*Por um grão de trigo não foi Lisboa*” (p: 113), “*Novas tentações do demónio*” (p: 116), “*O rei da quinta*” (p: 120), “*Alta está, alta mora*” (p: 125), “*O povo das pedras*” (p: 126), “*O fantasma de José Júnior*” (p: 132) e “*Hic est chorus*” (p: 136).

O quinto capítulo – “*Entre Mondego e Sado, Parar Em Todo O Lado*”, é o segundo mais extenso, com doze subdivisões: “*Uma ilha, duas ilhas*” (p: 141), “*Antes da água e do fogo*” (p: 143), “*Frades,*

guerreiros e pescadores” (p: 148), *“A casa mais antiga”* (p: 154), *“Quanto mais perto, mais longe”* (p: 158), *“O capitão Bonina”* (p: 160), *“O nome do mapa”* (p: 164), *“Era uma vez um escravo”* (p: 168), *“O paraíso encontrado”* (p: 172), *“Às portas de Lisboa”* (p. 174), *“Dizem que é coisa boa”* (p: 176) e *“Chaminés e laranjais”* (p: 184).

O sexto capítulo – *“A Grande E Ardente Terra de Alentejo”*, divide-se em sete subcapítulos: *“Onde as águias pousam”* (p: 189), *“Uma flor da rosa”* (p: 192), *“A pedra velha, o homem novo”* (p: 194), *“É proibido destruir os ninhos”* (p: 199), *“A noite em que o mundo começou”* (p: 204), *“O pulo e o salto”* (p: 210) e *“Os italianos em Mértola”* (p: 216).

O sétimo capítulo – *“De Algarve e Sol, Pão Seco e Mole”* – é o mais curto, apresentando apenas três subcapítulos: *“O diretor e o seu museu”* (p: 221), *“O português tal qual se cala”* (p: 225) e *“O viajante volta já”* (p: 233). E, por último, o *“Índice Toponímico”* faz um resumo de todas as localidades pelas quais o viajante passou e que são mencionadas no livro. Nesta parte também são apresentados itinerários sugeridos por José Saramago para quem *“pretenda reproduzir a experiência”* do viajante (Saramago, 1985: 238) – figura 38.



Figura 38 - Exemplo de um itinerário sugerido por José Saramago, em "Viagem a Portugal". Saramago, 1985.

6.2. As “Sensescapes” em “Viagem a Portugal”

Ao mostrar a sua própria visão do território, usando a observação, mas também ao discernir sobre os seus gostos e preferências, José Saramago mostra que há uma relação entre uma paisagem que é real e objetiva e uma paisagem que é ficcionada, sensorial ou subjetiva. Neste contexto, surge a noção de *“sensescape”* (ou paisagem sensorial), que une *“a dimensão percetiva e identitária da paisagem à atividade sensorial humana”* (Velez de Castro, 2021b: 117). Não importa apenas a visão e

a observação, elemento primordial da investigação geográfica, mas sim todos os outros sentidos do corpo humano, tais como tato, o paladar, o olfato e a audição. Surgem assim conceitos imbricados e relacionados com cada um dos sentidos, tais como as “*soundescapes*” (sensações auditivas), as “*smellescapes*” (sensações olfativas), e as “*tastescapes*” (sensações do paladar/gustativas) (*idem, ibidem*: 125 a 128).

Este lado mais subjetivo da paisagem é-nos dado, por exemplo, em Faro, quando o viajante fica encantado com o órgão colorido e setecentista da Sé: “*Deste não conhece o viajante o som, mas se oferece aos ouvidos o prazer que dá aos olhos, generosa é a Sé de Faro.*” (Saramago, 1985: 224). O viajante nunca ouviu o órgão tocar, mas dá-lhe gosto observar a cor que o mesmo tem.

As *tastescapes* também estão presentes, quando, o viajante, no Redondo comeu “*as mais saborosas, suculentas e sumptuosas costeletas de porco que, em sua vida inteira, ao dente lhe chegaram.*” (*idem, ibidem*: 204), ou em quando em Tomar come “*um bife magnífico, histórico*” (*idem, ibidem*: 143), ou ainda quando em Torres Novas degustou “*o mais maravilhosa cabrito assado de toda a sua vida*” (*idem, ibidem*: 155)

Porém, aquilo que durante toda a obra mais causa sensações ao viajante é a paisagem. Exemplo é disto é quando na Serra Gerês, e a propósito da Barragem da Caniçada nos diz: “*Este canto da terra, o grande lago sereno, liso como um espelho polido, os montes altos que contêm a enorme massa de água uma impressão de paz como até agora ainda não experimentara.*” (*idem, ibidem*: 66), ou quando na sua visita à Mata do Buçaco “*não sabe exprimir mais do que um silencioso pasmo*” diante da floresta luxuriante e verde que encontra (*idem, ibidem*: 97).

6.3. Importância da Imagem Fixa em “Viagem a Portugal” e respetiva ligação com a Geografia e o Ensino da Geografia

Optámos por estudar uma das primeiras edições da obra, por apresentar fotografias de José Saramago, tiradas quando fez esta viagem por Portugal Continental. Apesar desta jornada ter acontecido nos anos 80 e de o conteúdo do texto ser o mesmo nas diversas edições da obra, a fotografia foi e continua a ser um objeto de estudo da Geografia, que nos permite observar de modo indireto determinadas paisagens, fenómenos e elementos geográficos.

A imagem, passível de ser utilizada, em contexto de sala de aula, como recurso pedagógico-didático, pode ser de dois tipos: fixa ou em movimento. A imagem fixa, presente em “*Viagem a Portugal*” diz respeito a “*mapas, gráficos, fotografias, desenhos, cartoons, banda desenhada, caricaturas e pinturas*”, enquanto a imagem em movimento pode ser encontrada no “*cinema, ao vídeo, ao documentário, à televisão, à Internet, aos CD-ROM e DVD-ROM*” (Martins, 2014).

A imagem é “*uma característica da era digital e um meio de comunicação*”. Para o aluno, em contexto de aplicação pedagógico-didática, a imagem também se reveste de uma característica importante, uma vez que “*a procura da imagem certa na paisagem, ilustrativa de um pormenor geográfico, conduz a uma vivência do contexto espacial que se torna significativa para o aluno*” (Castro *et al*, 2021: 77 e 78), sendo por isso, “*um recurso didático de extrema importância para o*

ensino, pois permite e é entendida como representação primordial para a compreensão do fenómeno geográfico” (Martins, 2014: 431).

Na edição em estudo, além de fotografias de José de Saramago, foram também incorporadas ilustrações de outros autores, tais como Asta e Luís Almeida d’Eça⁸³, Adriano Sequeira, Penaguião & Burnay, Lda e do Museu Nacional de Arte Antiga (Saramago, 1985: 4) (quadro 9)⁸⁴.

Autores das fotografias	Páginas
Asta e Luís Almeida d’Eça	Capa, 6, 11, 14, 16, 17, 18, 19 (em cima), 21, 22, 23 (em cima), 24, 25 (em baixo), 26 (em baixo), 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 37, 38, 39, 40 (em cima), 45 (em cima), 46, 49, 50, 51, 56, 57 (em cima), 58/59, 59, 60, 61, 62, 64, 65, 66, 68, 69, 71, 73, 74, 75, 76, 78, 80, 81, 82, 83, 86, 90, 91, 93, 95, 96, 97, 98, 99, 100, 103, 104, 105, 117, 119 (em baixo), 120 (em cima), 122, 125, 126/127, 128, 129, 140, 142, 143, 144, 145, 146, 149, 150, 151, 152, 153 (em cima), 154, 155, 157, 165, 166, 167, 168, 171, 172, 175, 176, 177, 178, 182, 183, 184/185, 185, 186, 187, 188, 195, 197, 198 (em baixo), 199, 200, 202 (em baixo), 203, 204, 205, 206, 207, 208, 209, 211, 215, 220, 222, 223, 224, 225, 226, 227, 229, 230, 231 e 232.
Adriano Sequeira	163 (em cima).
Penaguião & Burnay, Lda	4, 5 e 233.
Museu Nacional de Arte Antiga	179.
José Saramago	8/9, 13, 15 (em cima e em baixo), 19 (em baixo), 23 (em baixo), 25 (em cima), 26 (em cima), 35 (em cima e em baixo), 36, 40 (em baixo), 42 (em cima e em baixo), 43 (em cima, lado direito e lado esquerdo), 43 (em baixo), 44, 45 (em baixo, lado esquerdo e lado direito), 47 (em cima, ao centro e em baixo), 53 (em cima, ao centro e em baixo), 54, 55 (em cima e em baixo), 57 (em baixo), 63, 67, 70, 72, 77, 84, 85, 87, 89 (em cima, ao centro e em baixo), 94, 102 (em cima e em baixo), 106, 106/107, 107, 108, 109, 110, 111, 113, 114, 115, 116, 118, 119 (em cima), 120/121, 121, 123 (à esquerda e à direita), 124, 130, 131 (em cima e em baixo), 132, 133, 135, 137, 139, 147, 153 (em baixo), 159, 161, 163 (em baixo), 169 (em cima e em baixo), 170, 173, 181, 184, 190 (em cima e em baixo), 191, 192 (em cima e em baixo), 193, 198 (em cima), 201, 202 (em cima), 212, 213, 217 e 218.

Quadro 9 - Proveniência das ilustrações na 2ª edição de “Viagem de Portugal” (Adaptado)⁸⁵.

As imagens fixas (fotografias) da autoria de Saramago são 96, sendo que algumas delas são representativas de aspetos da Geografia de Portugal, e que, em consonância com as “*Aprendizagens Essenciais*”, poderão ser utilizadas em sala de aula, como recurso didático, em que os alunos poderão (e deverão) decodificar os conteúdos presentes na mesma.

⁸³ Casal de fotógrafos, que entre os anos 60 e 80 do século XX retrataram Portugal com recurso à fotografia, dando ênfase à região algarvia (<https://nsloureiro.wixsite.com/nsloureiro/amp/o-algarve-dos-almeida-d-e%C3%A7a> – consultado a 22 de novembro de 2021).

⁸⁴ Em 2021, saiu uma nova edição, comemorativa do centenário do nascimento do escritor, editada pelo Círculo de Leitores, em que foram integradas algumas fotografias de José Saramago, presentes na edição em análise e outras fotografias inéditas do escritor.

⁸⁵ Em páginas com várias ilustrações do mesmo autor consideramos apenas o número da página correspondente, ao passo que em páginas com ilustrações de autores diferentes optámos por as discriminar de acordo com a sua posição na página: em cima e em baixo. Na edição em estudo, algumas fotografias aparecem em duas páginas ao mesmo tempo, sendo que neste caso, contrariamente ao que está patente no livro, decidimos referenciar ambas as páginas onde essas mesmas fotografias se encontram.

No quadro 10 estão patentes todas as fotografias de José Saramago que se podem enquadrar no currículo do ensino básico e secundário em Portugal. De um modo geral, todas as fotografias poderão ser objeto de estudo da Geografia, todavia, e uma vez que o presente relatório se encaixa num contexto de ensino e didática, optámos por selecionar apenas aquelas que potencialmente poderão ser utilizadas como meio didático, dando um exemplo de uma “*aprendizagem essencial*” onde poderiam ser aplicadas.

	Páginas (2ª edição)	Ano de Escolaridade	Organizador/Tema	Conhecimentos, Capacidades e Atitudes
“De Noroeste a Nordeste, Duro e Dourado”	8 e 9	7º Ano	Meio Natural	<ul style="list-style-type: none"> Demonstrar a ação erosiva dos cursos de água e do mar, utilizando esquemas e imagens.
	15 (em cima)	8º Ano	População e Povoamento	<ul style="list-style-type: none"> Reconhecer aspetos que conferem singularidade a cada região, comparando características culturais, do povoamento e das atividades económicas.
	26 (em cima)	8º Ano	População e Povoamento	<ul style="list-style-type: none"> Reconhecer aspetos que conferem singularidade a cada região, comparando características culturais, do povoamento e das atividades económicas.
	35 (em cima)	7º Ano	A Terra: Estudos e Representações	<ul style="list-style-type: none"> Situar exemplos de paisagens no respetivo território a diferentes escalas geográficas, ilustrando com diversos tipos de imagens.
	42 (em cima)	8º Ano	Atividades Económicas	<ul style="list-style-type: none"> Caraterizar os principais processos de produção e equacionar a sua sustentabilidade (extração mineira, agricultura, pecuária, silvicultura, pesca, indústria, comércio, serviços e turismo).
	43 (em baixo)	10º Ano	Os Recursos Naturais	<ul style="list-style-type: none"> Distinguir os principais tipos de pesca.
	45 (em baixo, à esquerda)	7º Ano	Meio Natural	<ul style="list-style-type: none"> Sensibilizar a comunidade para a necessidade de uma gestão sustentável do território, aplicando questionários de monitorização dos riscos no meio local, como por exemplo, os dos cursos de água e das áreas do litoral.
	45 (em baixo, à direita)	8º Ano	População e Povoamento	<ul style="list-style-type: none"> Reconhecer aspetos que conferem singularidade a cada região, comparando características culturais, do povoamento e das atividades económicas.
	67 (em baixo)	8º Ano	População e Povoamento	<ul style="list-style-type: none"> Relacionar as áreas de atração e de repulsão demográficas com fatores físicos e humanos, utilizando mapas a diferentes escalas.
“Brandas Beiras de Pedra, Paciência”	106 e 107	8º Ano	População e Povoamento	<ul style="list-style-type: none"> Reconhecer aspetos que conferem singularidade a cada região, comparando características culturais, do povoamento e das atividades económicas.
	110	7º Ano	Meio Natural	<ul style="list-style-type: none"> Relacionar a localização de formas de relevo com a rede hidrográfica, utilizando perfis topográficos.
	118	11º Ano	Os Espaços Organizados	<ul style="list-style-type: none"> Descrever a distribuição de diferentes variáveis que caracterizam as regiões

Possibilidades pedagógicas a partir da obra “Viagem a Portugal”, de José Saramago.

			pela População	agrárias, relacionando-as com fatores físicos e humanos.
	131 (em cima)	8º Ano	População e Povoamento	<ul style="list-style-type: none"> Relatar medidas para melhorar a qualidade de vida e o bem-estar das populações urbanas, rurais e migrantes.
	133	11º Ano	Os Espaços Organizados pela População	<ul style="list-style-type: none"> Investigar as principais componentes da paisagem urbana, nomeadamente as ambientais e sociais, que condicionam o bem-estar e a qualidade de vida nas cidades portuguesas.
	135	10º Ano	Os Recursos Naturais	<ul style="list-style-type: none"> Equacionar as potencialidades e limitações de exploração dos recursos do subsolo.
	137	8º Ano	População e Povoamento	<ul style="list-style-type: none"> Reconhecer aspetos que conferem singularidade a cada região, comparando características culturais, do povoamento e das atividades económicas.
“A Grande E Ardente Terra de Alentejo”	192 (em cima)	11º Ano	Os Espaços Organizados pela População	<ul style="list-style-type: none"> Equacionar oportunidades de desenvolvimento rural, relacionando as potencialidades de aproveitamento de recursos endógenos com a criação de polos de atração e sua sustentabilidade.
	192 (em baixo)	8º Ano	População e Povoamento	<ul style="list-style-type: none"> Reconhecer aspetos que conferem singularidade a cada região, comparando características culturais, do povoamento e das atividades económicas.
	213	10º Ano	Recursos Naturais	<ul style="list-style-type: none"> Relacionar as especificidades climáticas, as disponibilidades hídricas e os regimes dos cursos de água de diferentes regiões portuguesas, apresentando um quadro síntese para cada região.
	218	8º Ano	População e Povoamento	<ul style="list-style-type: none"> Reconhecer aspetos que conferem singularidade a cada região, comparando características culturais, do povoamento e das atividades económicas.

Quadro 10 - Fotografias de José Saramago em "Viagem a Portugal" e respetiva ligação as "Aprendizagens Essenciais de Geografia". Elaboração própria (2022).

Exemplificando, e de um modo mais prático e didático, o professor de Geografia pode associar as fotografias de “Viagem a Portugal”, que representam a visão de José Saramago do território e, associando a alguma citação, utilizar a mesma em contexto de sala de aula. É neste contexto que, de seguida, apresentamos quatro dessas fotografias (figuras 39, 40, 41 e 42), da autoria da José Saramago, presente em “Viagem a Portugal”, bem como os excertos do texto que lhes estão associados.



Figura 39 - Margem do Rio Douro em Miranda do Douro. Saramago, 1985: 8 e 9.

“Porém, o que vê é a pedregosa margem espanhola do Douro, de tão dura substância que o mato mal lhe pôde meter o dente, e porque uma sorte nunca vem só, está o Sol de maneira que a escarpada parede é uma enorme pintura abstrata em diversos tons de amarelo, e nem apetece sair daqui enquanto houver luz.” (Saramago, 1985: 7)

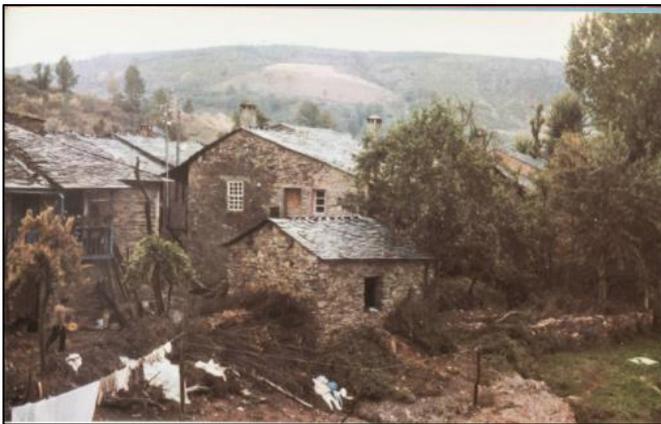


Figura 40 - Aldeia de Rio de Onor (Bragança). Saramago, 1985: 15.

“Eis Rio de Onor (...). O rio como é sua obrigação chama-se Onor. Os telhados das casas são de ardósia, quase todos, e com este tempo húmido brilham e aparecem mais escuros que a sua natural cor de chumbo.” (Saramago, 1985: 14)



Figura 41 - Palheiros da Praia de Mira. Saramago, 1985: 84

“O que faz o viajante procurar outra vez o mar é saber se ainda além existem os famosos palheiros, ou se são já apenas lembrança da gente mais velha que lá vivia. (...) Palheiros de Mira, entrando, é uma terra igual a outras da costa do mar: ruas largas, casas baixas, vá lá que uma pequena subida perpendicular ao passeio marginal, como se ao comprido da linha de praia se tivesse levantado um dique. (Saramago, 1985: 85)



“São os montes de detritos das minas da Panasqueira, apartados segundo a sua composição e cor, duas massas gigantescas que avançam sobre a paisagem e a comem por fora, na mesma proporção em que foi sendo roída a terra por dentro. Para quem não espera, o surgimento súbito destes montes causa um choque, sobretudo porque nada, à distância, os liga aos trabalhos da mina.” (Saramago, 1985: 134)

Figura 42 - Detritos resultantes da exploração das Minas da Panasqueira. Saramago, 1985: 135.

6.4. Geografia de Portugal em “Viagem a Portugal”

Em “Viagem a Portugal”, o viajante foi um geógrafo involuntário. Descreveu paisagens, ambientes, culturas e modos de viver, talvez com intenção, talvez sem intenção. Mas a verdade é que este livro do âmbito da literatura de viagens, é um verdadeiro tratado geográfico onde são focados diversos assuntos e fenómenos. O presente relatório é do âmbito do ensino, portanto, mais uma vez, focamo-nos, apenas, nas características geográficas do território português que são abordadas pelas “Aprendizagens Essenciais” de Geografia, no ensino básico e no ensino secundário.

Os temas abordados são: o clima e a meteorologia, a densidade populacional, o relevo, a hidrografia, a cartografia e localização, os recursos do subsolo e os riscos naturais (cheias e inundações). Estes tópicos serão abordados de seguida, de modo mais aprofundado.

6.4.1. Clima e Meteorologia em “Viagem a Portugal”

De acordo com Cuadrat *et al* (2006: 9) a Climatologia define-se como a “ciência que se ocupa do estudo da distribuição dos climas sobre a superfície terrestre e as suas relações com os restantes componentes do meio geográfico”. Assim, a Climatologia estuda a sucessão dos diversos tipos de tempo⁸⁶ (no mínimo 30 anos, segundo a Organização Meteorológica Mundial), num determinado local. Os apuramentos estatísticos referentes a estes intervalos são designados por normais climatológicas⁸⁷, por sua vez, simplificadas em gráficos termopluviométricos.

A Meteorologia é a ciência que estuda e compreende os fenómenos atmosféricos, com vista a previsões através de modelos atmosféricos, enquanto a Climatologia se ocupa dos estudo dessas

⁸⁶ Estado de tempo é “o conjunto de valores que num dado momento e num dado local caracterizam o estado atmosférico” (Cuadrat *et al*, 2006).

⁸⁷ Disponível em: <https://www.ipma.pt/pt/enciclopedia/clima/index.html?page=normais.xml> – consultado a 27 de dezembro de 2021.

mesmas sequências atmosféricas, com vista a conhecer as características de determinado local. Climatologia e Meteorologia são conceitos constantemente confundido, mas devemos fixar que o primeiro diz respeito ao clima, ou seja, ao que é habitual ao longo do ano, enquanto segundo diz respeito ao estado de tempo, ou seja, ao momento atual.

O clima de qualquer ponto da superfície terrestre é influenciado pela ação de elementos e fatores climáticos. Os elementos climáticos dizem respeito às circunstâncias atmosféricas e são: a temperatura, a precipitação, a humidade, o vento e a pressão atmosférica. Por sua vez, os fatores climáticos (altitude, exposição das vertentes, latitude, coberto vegetal, massas de ar, corpos rochosos...) agem influenciando os elementos climáticos (Jatobá, 2020). A nível mundial, observa-se uma configuração climática com componentes zonais, relacionados sobretudo com a latitude e dominados pelos grandes fluxos de circulação geral da atmosfera (Cuadrat e Pita, 2006: 344). Surgiu então a necessidade de agrupar os diversos climas mundiais em classes, segundo as suas relações comuns. As classificações climáticas dividem-se em dois tipos: genéticas (Flöhn, Alissov, Terjung e Strahler) e empíricas (Köppen, Thornthwaite, Papadakis e Budyko (*idem, ibidem*: 347)).

A classificação de Köppen é a mais utilizada e difundida em Portugal (figura 43). Esta divide o clima mundial em cinco grandes categorias: climas tropicais pluviosos (A), climas seco (B), climas temperados e húmidos (C), climas temperados de inverno frio (letra D) e climas polares (E). Estes, por sua vez, subdividem-se em grupos mais específicos.- figura 43.

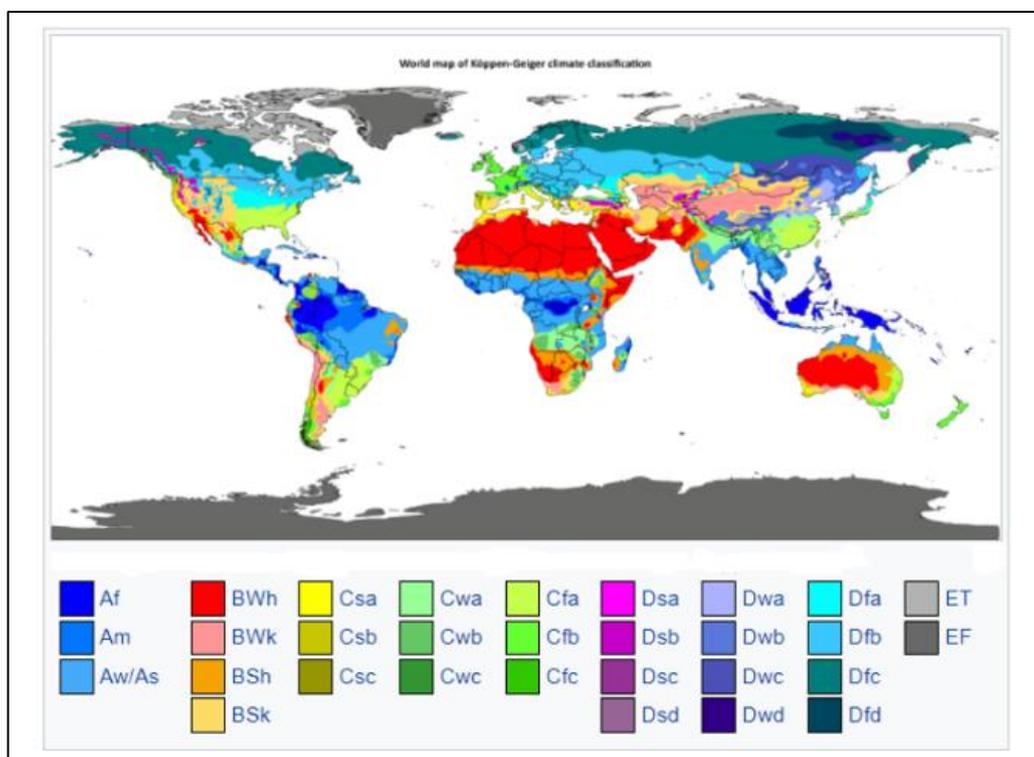


Figura 43 - Classificação climática de Köppen. Fonte: Peel, Finlayson e McMahon (2007)). Fonte: <https://hess.copernicus.org/articles/11/1633/2007/hess-11-1633-2007.pdf> - consultado a 27 de dezembro de 2021.

No contexto climático, Portugal apresenta um clima mediterrâneo e “original”, uma vez que é o “único tipo climático em que o pino do calor e a maior secura coincidem no tempo”, sendo este ritmo

anual influenciado pela presença do Anticiclone dos Açores (Daveau, 2005: 24) e pelo facto de Portugal se localizar numa faixa latitudinal onde se desenrola uma corrente de *jet stream*, que sopra de oeste para este e “é responsável pela deslocação da frente polar e pelo jogo complexo das massas de ar à superfície”, sofrendo ainda a influência da proximidade/afastamento do oceano Atlântico, e também do relevo. Assim, dependendo dos fatores climáticos associados a cada região portuguesa, surge uma grande diversidade climática (Medeiros, 2009: 92 e 93).

Segundo o Instituto Português do Mar e da Atmosfera⁸⁸, o clima de Portugal Continental e, de acordo com a classificação de Köppen, subdivide-se em duas regiões: clima temperado com inverno chuvoso e verão seco e quente (Csa) e clima temperado com Inverno chuvoso e verão seco e pouco quente (Csb).

O clima e o estado do tempo fazem das competências que os alunos portugueses devem adquirir no final da escolaridade obrigatória, fazendo parte dos conhecimentos, capacidades e atitudes do 7º, 9º e 10º anos de escolaridade (quadro 11).

Ano de Escolaridade	Conhecimentos, Capacidades e Atitudes
7º Ano	<ul style="list-style-type: none"> Distinguir clima e estado do tempo, utilizando a observação direta e diferentes recursos digitais (sítio do IPMA, por exemplo); Reconhecer a zonalidade dos climas e biomas, utilizando representações cartográficas (em suporte papel ou digital).
9º Ano	<ul style="list-style-type: none"> Elaborar gráficos termopluviométricos, descrevendo o comportamento dos elementos do clima, de estações meteorológicas de diferentes países do Mundo; Compreender as características dos diferentes climas da superfície terrestre enumerando os elementos e os fatores climáticos que os distinguem.
10º Ano	<ul style="list-style-type: none"> Inferir o potencial de valorização económica da radiação solar, apresentando exemplos dessas possibilidades; Descrever a distribuição geográfica e a variação anual da temperatura e da precipitação e relacioná-las com a circulação geral da atmosfera; Relacionar as especificidades climáticas, as disponibilidades hídricas e os regimes dos cursos de água de diferentes regiões portuguesas, apresentando um quadro síntese para cada região.

Quadro 11 - Conhecimentos, capacidades e atitudes relacionados com o clima e a meteorologia, de acordo com as “Aprendizagens Essenciais” de Geografia. Elaboração própria (2022).

A partir de “Viagem a Portugal”, de José Saramago, é possível conhecer um pouco mais da especificidade e originalidade do clima português, mas também conhecer os diversos elementos climáticos. São frequentes as “reflexões meteorológicas” (Saramago, 1985: 81 e 83), e as alusões ao clima mediterrâneo que caracteriza Portugal.

Os elementos do clima (temperatura, precipitação, humidade, pressão atmosférica, vento, nebulosidade e radiação solar) são frequentemente mencionados ao longo da obra. No capítulo “De Nordeste a Noroeste e Noroeste, Duro e Dourado”, área geográfica onde o viajante iniciou a viagem, são várias citações com referência à chuva: “chuvisca” a caminho de Bragança (*idem, ibidem*: 13) e começa a chegar assim que lá chega, encontrando-se “no céu grandes nuvens.” (*idem, ibidem*: 15). Mais à frente, à saída de Rio de Onor, o viajante refere que o tempo é de Outono, “brumoso e de chuva” (*idem, ibidem*: 20), com referência também ao nevoeiro. Também em Viana do Castelo, o

⁸⁸ Disponível em: <https://www.ipma.pt/pt/educativa/tempo.clima/> - consultado a 27 de dezembro de 2021.

viajante interroga-se sobre o facto de haver ou não neveiro no Monte de Santa Luzia (*idem, ibidem*: 49).

De acordo com Medeiros (2009: 86), em Portugal existem três tipos básicos de tempo: seco de Inverno (em alternância com tempo chuvoso), chuvoso e instável, entre Outono e Primavera e quente e seco, durante o Verão. Terá sido o tempo chuvoso e instável, entre o Outono e a Primavera, que acompanhou o viajante durante os primeiros dias da “*Viagem a Portugal*”. A precipitação distribui-se de forma desigual em Portugal Continental: é mais abundante no norte do que no sul (*idem, ibidem*: 93), sendo o Noroeste a região portuguesa onde se registam os maiores quantitativos (*idem, ibidem*: 93 e Daveau, 2005: 110) – figura 44.

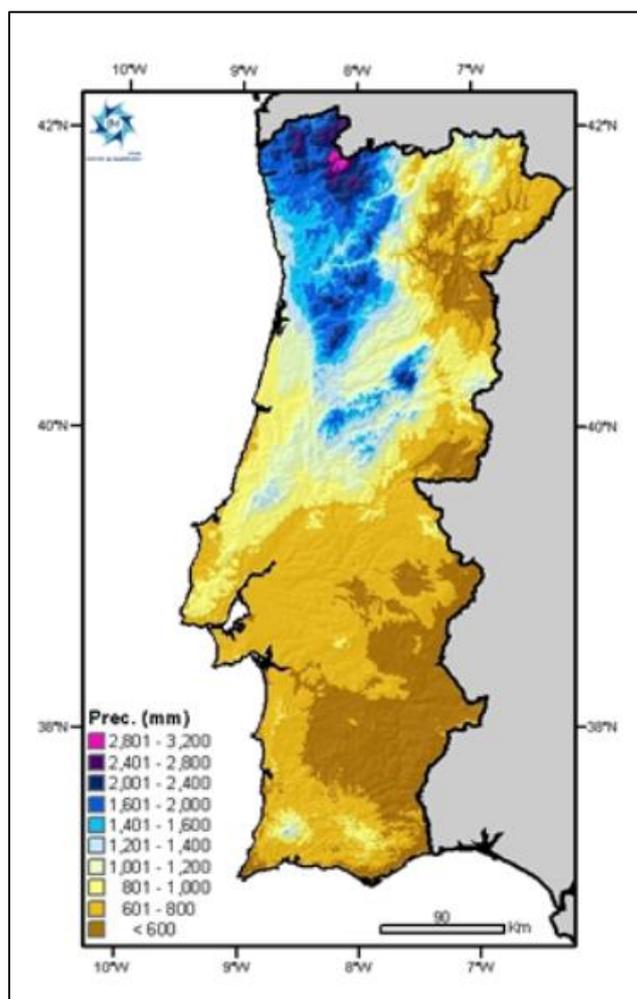


Figura 44 - Precipitação acumulada em Portugal Continental (1971-2000). Disponível em: <https://www.ipma.pt/pt/educativa/tempo.clima/> - consultado a 28 de dezembro de 2021.

Em Amarante, no Noroeste português, volta a chover, porém, no dia seguinte, o acordar, o viajante encontra “o céu descoberto” (Saramago, 1985: 30). Em Aveiro, mais a sul, foi a vez de fazer uma referência à humidade do ar: “Viu águas de chumbo, terras rasas, as coisas a dissolverem-se na humidade do ar...” (*idem, ibidem*: 83)

Em Évora, no capítulo “A Grande e Ardente Terra de Alentejo”, existem três referências relativas à temperatura e à radiação solar: “Não piclesse tanto o Sol...” (idem, *ibidem*: 207), “Mas este calor está, realmente, insuportável...” (idem, *ibidem*: 208) e “O Sol bate, duríssimo, o calor parece soprado pela goela de um forno imenso.” (idem, *ibidem*: 208). A verdade é que pelo Alentejo fora, José Saramago vai falando sobre estes dois elementos do clima. Em Monsaraz “pena ao Sol” (idem, *ibidem*: 209) e em Viana do Alentejo refugia-se na sombra das árvores, como “refúgio de um Sol que queima.” (idem, *ibidem*: 214).

Tal como a precipitação, também a temperatura se distribui de forma desigual no território português continental, sob influência do relevo e da proximidade ao ar, dois fatores climáticos. A temperatura também aumenta de norte para sul, fruto da diminuição do relevo, uma vez que o norte tem um relevo mais acidentado do que o sul, que só apresenta uma elevação acima de 1000 metros de altitude – a serra de S. Mamede, com 1205 metros de altitude (Medeiros, 2009: 41). A temperatura também diminui com a proximidade do ar, diminuindo do interior à medida que se avança em direção ao oceano (idem, *ibidem* e Daveau, 2005). – figura 45.

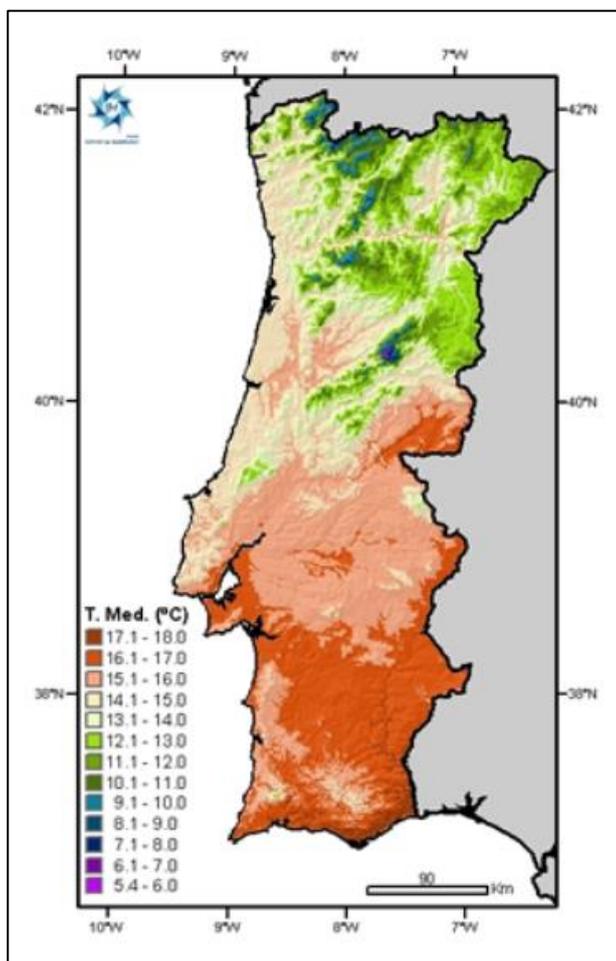


Figura 45 - Temperatura média em Portugal Continental (1971-2000). Disponível em: <https://www.ipma.pt/pt/educativa/tempo.clima/> - consultado a 28 de dezembro de 2021.

Isto significa que as regiões mais quentes são o Alentejo e o Algarve. Foi na Amareleja (município de Moura), no dia 1 de agosto de 2003, que se registou o maior valor da temperatura máxima do ar em Portugal (47,3º C), enquanto em Faro se assinalou o maior valor da temperatura mínima do ar (32ºC)⁸⁹ – figuras 46 e 47. Esta região possui um enorme potencial do ponto de vista da radiação solar, tendo sido instalada a maior central fotovoltaica do mundo, também com elevado impacte negativo na paisagem (Junqueira *et al*, 2017).



Figura 46 - Localização geográfica da Amareleja (Mourão, Beja) . Fonte: <http://visiteaamarleja.blogspot.com/2012/06/localizacao-geografica.html> - consultado a 29 de dezembro de 2021.

⁸⁹ Foi também na Amareleja que foi registado o maior valor da temperatura máxima do ar, com 37,1ºC, também no dia 1 de agosto de 2003 - https://www.ipma.pt/pt/oclima/extremos.clima/index.jsp?page=extreme_co.xml - consultado a 28 de dezembro de 2021.

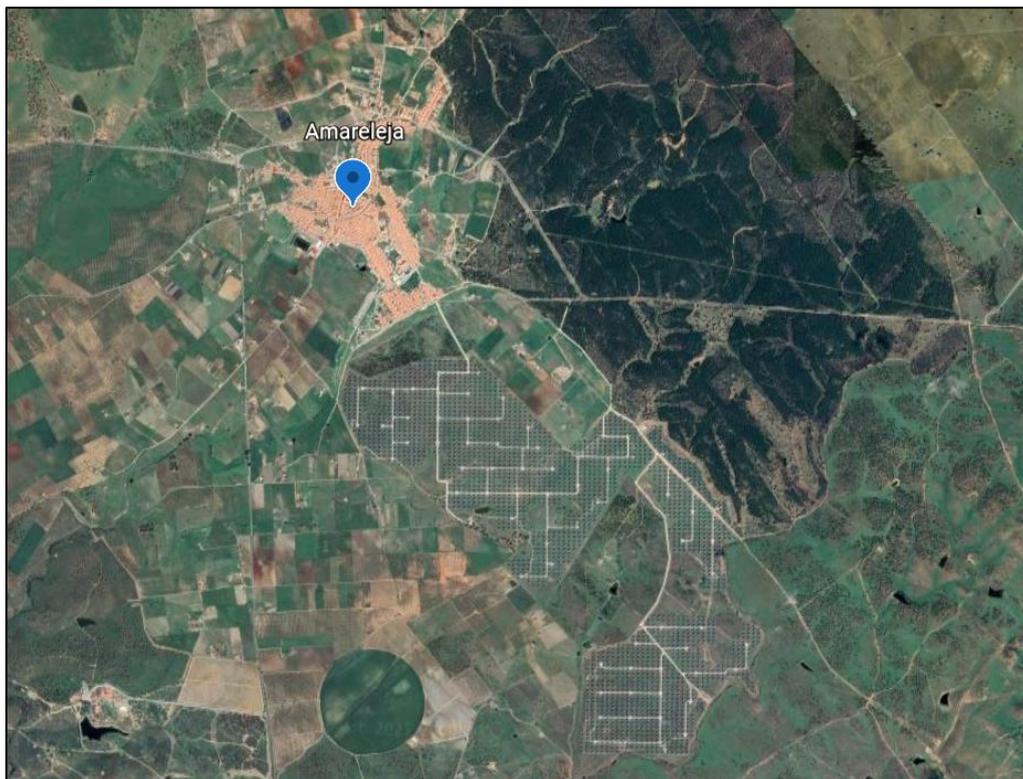


Figura 47 - Amareleja e central fotovoltaica. Fonte: https://earth.google.com/web/search/amareleja/@38.19566423,-7.21114163,202.70470804a,10103.84463549d,35y,-0h,0t,0r/data=CigiJgokCV4ICg07_zNAEVwICg07_zPAGW3oxwFh40FAIZxt1e0GZ1DA – consultado a 29 de dezembro de 2021.

Em contrapartida, as temperaturas mais baixas são registadas nas áreas de maiores altitudes, atingindo-se uma média de 8,9°C nas Penhas Douradas, na Serra da Estrela (Medeiros, 2009:95).

Por último, o vento é o protagonista no penúltimo capítulo da obra – “*De Algarve e Sol, Pão Seco e Mole*”. Em Tavira há alusão a uma “brisa” que vem do mar (Saramago, 1985: 222), enquanto em Faro, é o “vento da costa” que espera o viajante (*idem, ibidem*: 224). E na Ponta de Sagres, o viajante fala-nos de um “vento, fortíssimo” que também sopra do lado da terra (*idem, ibidem*: 233). O vento também é abordado em Monsanto, no capítulo dedicado à região das Beiras: “...e Monsanto lá fica, solidão, vento e silêncio.” (*idem, ibidem*: 131).

6.4.2. Relevo e Hidrografia em “Viagem a Portugal”

O viajante autoproclama-se um “salta-rios” (*idem, ibidem*: 113), por estar constantemente a atravessar rios e ribeiras que faz questão de mencionar e, em alguns casos, descrever. Ao mesmo tempo, é bastante comum descrever serras e respetivas altitudes, bem como colinas, planícies e outros tipos de relevo. A hidrografia e o relevo, tal como o clima, também fazem parte das “Aprendizagens Essenciais de Geografia”, nomeadamente nos 7º e 10º ano de escolaridade (quadro 12).

Ano de Escolaridade	Conhecimentos, Capacidades e Atitudes
7º Ano	<ul style="list-style-type: none"> Relacionar a localização de formas de relevo com a rede hidrográfica, utilizando representações cartográficas a diferentes escalas; Demonstrar a ação erosiva dos cursos de água e do mar, utilizando esquemas e imagens.
10º Ano	<ul style="list-style-type: none"> Identificar as principais bacias hidrográficas e a sua relação com as disponibilidades hídricas; Relacionar as especificidades climáticas, as disponibilidades hídricas e os regimes dos cursos de água de diferentes regiões portuguesas, apresentando um quadro síntese para cada região.

Quadro 12 - Conhecimentos, capacidades e atitudes relacionados com o relevo e a hidrografia, de acordo com as "Aprendizagens Essenciais" de Geografia. Elaboração própria (2022).

Em termos geomorfológicos, o território português continental divide-se em três unidades: maciço antigo, orlas meso cenozoicas e bacias (no sentido geológico) terciárias do Tejo e do Sado (Medeiros, 2009: 39). O maciço antigo é composto por “*rochas de origem sedimentar, mais ou menos metamorfizadas*”, como xistos e granitos, enquanto as orlas meso cenozoicas são constituídas por calcários e materiais detríticos, resultantes da erosão do soco antigo. Por último, as bacias terciárias contêm areias e arenitos que se foram acumulando (Daveau, 2005: 42 e 43). Geologicamente, estas três estruturas correspondem a três grandes ciclos orogénicos: o pré-câmbrico, o hercínio e o alpino (Medeiros, 2009: 44).

Foram estas estruturas geomorfológicas, a par das “*águas correntes*”, responsáveis pela erosão que pode afundar o leito de um rio, demolir as margens e depositar sedimentos, que ao longo de milhões de anos influenciaram a disposição do relevo e da hidrografia em Portugal (Ribeiro, 2012: 83). – figura 48.



Figura 48 - Mapa hipsométrico de Portugal Continental. Disponível em: <https://blogeos3s.blogspot.com/2014/05/mapa-hipsometrico-de-portugal.html> -consultado a 29 de dezembro de 2021.

A observação de mapa hipsométrico de Portugal Continental (figura 48) permite-nos constatar que as maiores altitudes se encontram a norte do rio Tejo, enquanto as menores se encontram a sul deste curso de água. Todavia, a média de altitudes não vai além de 240 metros, sendo que as cotas superiores a 700 metros dizem respeito, apenas, a 12% do território. (Medeiros, 2009: 41). A norte do Tejo encontramos, facilmente, serras que ultrapassam os 1000 metros de altitude: Estrela (1993 m), Larouco (1525 metros), Gerês (1507 metros), Montezinho (1438 metros), Peneda (1416 metros), Marão (1415 metros) e Montemuro (1382 metros), enquanto a sul apenas encontramos uma elevação com cota superior a 1000 metros – a serra de S. Mamede, com 1205 metros). (*idem, ibidem*: 43).

Como é comum nos mapas hipsométricos, são ainda apresentados os principais rios portugueses. Os rios concentram-se, sobretudo, no norte, fruto dos maiores quantitativos de precipitação e das maiores altitudes. Consequentemente, o caudal diminui também de norte para sul e do litoral para o interior (*idem, ibidem*: 99).

Os principais rios que nascem em Espanha, mas atravessam Portugal são: o Minho, o Lima, o Douro, o Tejo e o Guadiana (rios luso-espanhóis). Por sua vez, o Mondego - o maior rio a nascer e desaguar em Portugal – o Cávado, o Sado, o Vouga, o Ave e o Mira são maiores rios a percorrer, exclusivamente, o território português.

O viajante passeia e caracteriza as principais serras e rios portugueses, podendo ser, mais uma vez, as citações da obra “Viagem a Portugal”, um ponto de partida para a explicação do relevo e da hidrografia de Portugal Continental. No quadro 13 estão reunidas as citações do livro que fazem referências às principais serras de Portugal Continental.

Serras Portuguesas	Citações
Serra da Nogueira	<ul style="list-style-type: none"> • “À esquerda, a serra da Nogueira já é uma senhora serra, com os seus mil e trezentos metros.” (Saramago, 1985: 13)
Serra do Larouco	<ul style="list-style-type: none"> • “mas aqui, para oeste estão as serras do Barroso e do Larouco, para baixo a Padrela e a Falperra, e isto só para falar de alturas e altitudes, ...” (<i>idem, ibidem</i>: 22)
Serra do Marão	<ul style="list-style-type: none"> • “Enraizado no rio Douro, o Marão é o tronco deitado de uma grande árvore de pedra que se prolonga até ao Alto Minho, entrando pela Galiza dentro: reforça-se na Falperra, e abre-se, monte sobre monte, pelo Barroso e Larouco, pela Cabreira e pelo Gerês, até à Peneda, nos altos do Lindoso e de Castro Laboreiro.” (<i>idem, ibidem</i>: 30) • “Disse ele, quando do Marão falou, que toda a serra era de arredondados montes, com amenas florestas, um vergel.” (<i>idem, ibidem</i>: 34)
Serra de Arga	<ul style="list-style-type: none"> • “Pela esquerda tem a serra de Arga, rapada montanha que o Sol acende, lugar de protopoemas e de lobos. Não é alta esta serra, pouco mais de oitocentos metros, mas, desafogada que está, faz grande vulto na distância e repele o viajante com mão dura.” (<i>idem, ibidem</i>: 52)
Serra da Peneda e Serra do Gerês	<ul style="list-style-type: none"> • Vai agora o viajante iniciar a grande subida para Castro Laboreiro.” (<i>idem, ibidem</i>: 54) • “Melgaço está a uns trezentos metros de altitude. Castro Laboreiro anda pelos mil e cem. Vence-se este desnível em cerca de trinta quilómetros: não é íngreme a ascensão.” (<i>idem, ibidem</i>: 54) • “Esta serra da Peneda não abunda em florestas. Há maciços de árvores, aqui, além, sobretudo próximo dos lugares habitados, mas na

	<p><i>sua maior extensão é penedia estreme, mato de tojo e de carrasqueira. Não faltam, claro está, nas terras ainda baixas, grandes espaços de cultivo, e nestes dias de fim de Outono a paisagem trabalhada pelos homens tem uma doçura que se diria feminina, em contraste com a serra ao fundo que vai encavalando montes sobre montes, qual mais áspero e bruto.” (idem, ibidem: 54)</i></p> <ul style="list-style-type: none"> • <i>“Depois de Covide e até São Bento da Porta Aberta, a grande montanha à esquerda é uma espécie de paisagem lunar. E de repente, em transição tão brusca que o espírito de desorienta, surge a opulência da floresta, a mata do Gerês, as altas árvores que o viajante vai olhando enquanto desce para a barragem da Caniçada.” (idem, ibidem: 66)</i>
Serra de Buarcos (ou serra da Boa Viagem)	<ul style="list-style-type: none"> • <i>“... mete pela Serra de Buarcos. É sem dúvida exagero dar-lhe esse nome, um monte de pouco mais que duzentos metros de altitude, mas como sobre depressa e está mesmo ao pé do mar, ganha em grandeza.” (idem, ibidem: 86)</i>
Serra da Lousã	<ul style="list-style-type: none"> • <i>“... e mesmo aqui, mais abaixo, por este desvio que apenas leva ao castelo, caem os vales bastante abruptamente.” (idem, ibidem: 94)</i> • <i>“As encostas são arborizadas, não falta o mato...” (idem, ibidem: 94)</i>
Serra de Montemuro e Serra de Leomil	<ul style="list-style-type: none"> • <i>“... e agora vai atravessar este lado da serra de Montemuro, paisagem tão diferente, árida, outra vez barrocos, o mato bravio, o osso cinzento da montanha posto à vista. Em meia dúzia de quilómetros ficou mudada a face do mundo” (idem, ibidem: 118 e 119)</i> • <i>“... quem sabe se distraído pela alta montanha que diante dos seus olhos cresce, não lhe dizem o nome os mapas, será ainda a serra de Montemuro, será já a serra de Leomil.” (idem, ibidem: 123)</i>
Serra da Estrela	<ul style="list-style-type: none"> • <i>“O viajante vai à serra, que é, por antonomásia, a Estrela.” (idem, ibidem: 125)</i> • <i>“S. Jorge da Beira, terra que fica lá para os contrafortes da serra da Estrela, plena serra já.” (idem, ibidem: 132)</i>
Serra da Gardunha	<ul style="list-style-type: none"> • <i>“Por este lado é a serra da Gardunha, que remata a Cova da Beira.” (idem, ibidem: 135)</i> • <i>“Daí para cima, cortando a direito, chegar-se-ia ao ponto mais alto da Gardunha.” (idem, ibidem: 136)</i>
Serra do Moradal e Serra Vermelha	<ul style="list-style-type: none"> • <i>“Havendo ali à mão a estrada que diretamente o levaria a Abrantes, preferiu meter-se pelas alturas do Moradal e da Serra Vermelha...” (idem, ibidem: 138)</i> • <i>“Porém, por todo o caminho que vai daqui a Oleiros a chuva cai em torrentes, e no alto da serra do Moradal podia jurar-se que ela caía diretamente da nuvem, sem aquela desamparada queda que sempre tem de dar.” (idem, ibidem: 138)</i> • <i>“Não é muito alta a serra, nem extensa, se se for a comparar.” (idem, ibidem: 138) (Serra Vermelha)</i>
Serra d’Aire e Candeeiros	<ul style="list-style-type: none"> • <i>“Até Casais do Livramento, no contraforte norte da serra da Mendiga, a estrada sobe em sucessivas curvas. A paisagem é ampla, pouco arborizada. Logo adiante aparece a serra de Aire, com os seus dois montes afrentados, a leste e oeste.” (idem, ibidem: 154)</i>
Serra de Montejuento	<ul style="list-style-type: none"> • <i>“Para poente e noroeste as terras descaem insensivelmente até à costa, mas para nascente e nordeste desenham-se as vertentes que hão-de levar, de degrau em degrau, às alturas de Montejuento.” (idem, ibidem: 160)</i>
Serra d’El-Rei	<ul style="list-style-type: none"> • <i>“Encontra Serra d’El-Rei, que não é serra nenhuma, mas de el-rei foi.”</i>

	(idem, ibidem: 166)
Serra de Sintra	<ul style="list-style-type: none"> • <i>É porém verdade que sem o Palácio da Pena a serra de Sintra não seria o que é. Apagá-lo da paisagem, eliminá-lo que fosse numa fotografia que registe aquelas alturas, seria alterar profundamente o que é a natureza. O palácio aparece como um afloramento particular da própria massa rochosa que o suporta.”</i> (idem, ibidem: 173)
Serra de S. Mamede	<ul style="list-style-type: none"> • <i>“... no extremo contraforte noroeste da Serra de S. Mamede”</i> (p. 194)
Serra de Ossa	<ul style="list-style-type: none"> • <i>“... nota o viajante que à sua direita se levantam, ao fundo do horizonte, as alturas da serra de Ossa...”</i> (idem, ibidem: 201)
Serra do Caldeirão	<ul style="list-style-type: none"> • <i>“Esta serra que para a direita se estende, em vagas sucessivas que nunca atingem os seiscentos metros, mas que a espaços levanta agudos picos, e onde as ribeiras se cansam para levar a sua água avante, é o Caldeirão, também chamado Mu. É o reino do mato e da braveza.”</i> (idem, ibidem: 221)

Quadro 13 - Citações relativas às serras portuguesas em “Viagem a Portugal”. Adaptado de Saramago, 1985.

Também é comum o viajante descrever outras formas de relevo. Relata que atravessa uma planície perto de Monsaraz: *“O viajante vai atravessando a planície que se prolonga até às margens do rio Degebe, e, para lá, até às alturas de Monsaraz.”* (idem, ibidem: 208), ou quando em Marialva o viajante *“vai andando pela planície”* (idem, ibidem: 113). Também em Marialva, fala-nos de planície planalto: *“O caminho agora é de planície, ou, com maior rigor, de planalto...”* (idem, ibidem: 112), denotando-se preocupação em utilizar a terminologia orográfica correta, uma vez que as planícies, se situam a baixas altitudes, enquanto os planaltos se encontram a maiores altitudes.

Descreve também as formas de relevo litorais na *“Ria de Aveiro”*, quando perto da Murtosa observou uma *“paisagem, sem acidentes, quase toda ao nível do mar”* (idem, ibidem: 81) e narra a dimensão da ria, bem como a sua especificidade enquanto forma do litoral: *“Aí para baixo é a ria de Aveiro, quarenta quilómetros de costa, vinte quilómetros para o interior, terra firme e água rodeando, todas as formas que podem ter as ilhas, os istmos, as penínsulas, todas as cores que podem o rio e o mar.”* (idem, ibidem: 79). Outro exemplo de narração do relevo do litoral foi quando o viajante visitou o Portinho da Arrábida, *“uma unha de areia, um arco de lua caído”* que *“dialoga com as altíssimas escarpas que, vistas assim, parecem debruçar-se para a água e cair nela.”* (idem, ibidem: 186).

Quanto aos principais rios portugueses, incluindo os luso-espanhóis, algumas das citações presentes em *“Viagem a Portugal”* encontram-se no quadro 14.

Rios Portugueses	Citações
Rio Douro	<ul style="list-style-type: none"> • <i>“... pedregosa margem espanhola do Douro, de tão dura substância que o mato mal lhe pôde meter o dente ...”</i> (Saramago, 1985: 7) • <i>“Afiml, o Porto (...) é, primeiro que tudo, este largo regaço aberto para o rio, mas que só do rio se vê...”</i> (idem, ibidem: 75)
Rio Sabor	<ul style="list-style-type: none"> • <i>“Aqui, as águas que a ribeira leva e se juntam às do rio Sabor refluem diante do grande caudal do Douro e vêm espriar-se por todo o vale...”</i> (idem, ibidem: 12)
Rio Tâmega	<ul style="list-style-type: none"> • <i>“... a ponte e as casas que na margem esquerda do Tâmega se debruçam ...”</i> (idem, ibidem: 30)
Rio Este e Rio Ave	<ul style="list-style-type: none"> • <i>“E o Este, afluente do Ave, que próximo corre, tem seu nome próprio do ponto cardeal...”</i> (idem, ibidem: 43)

Rio Minho	<ul style="list-style-type: none"> • “O viajante segue ao longo do rio Minho, passa por Vila Nova de Cerveira...” (idem, ibidem: 52)
Rio Lima	<ul style="list-style-type: none"> • “Vai seguindo ao longo do rio Lima, ameníssimo de margens nestas terras altas, mas cascalhando nos rápidos do leito...” (idem, ibidem: 57)
Rio Cávado	<ul style="list-style-type: none"> • “É o Cávado aqui uma beleza, entre as margens altas, que as necessidades urbanas ainda assim respeitaram.” (idem, ibidem: 64)
Rio Vouga	<ul style="list-style-type: none"> • “Este é o reino do Vouga, mas não há-de o viajante esquecer as ajudas da arraia-miúda de rios, ribeiras e ribeirinhos, que das vertentes das serras da Freita, de Arestal e do Caramulo avançam para o mar, alguns condescendendo afluír ao Vouga, outros abrindo o seu próprio caminho e encontrando sítio para desaguar na ria por conta própria. Digam-se os nomes de alguns, de norte para sul, acompanhando o leque desta mão de água: Antuã, Ínsua, Caima, Mau, Alfusqueiro, Águeda, Cértima, Levira, Boco, fora os que só têm nome para quem vive à borda deles e os conhece de nascença.” (idem, ibidem: 79 e 80) • “... e enfim vê o Vouga na sua verdadeira dimensão de rio.” (idem, ibidem: 81)
Rio Mondego	<ul style="list-style-type: none"> • “O caminho que leva a Penacova é um constante sobe-e-desce, um novelo de curvas, e atinge o delírio já perto do Mondego, quando tem de vencer o desnível em frente de Rebordosa.” (idem, ibidem: 96) • “Porém, estivesse mau o tempo, hoje seria pena, não poderia apreciar este largo, extenso e fundo vale onde o Mondego passa, ainda no lançamento da larga curva que o fará contornar os contrafortes da serra da Estrela pelo norte para depois se alongar por mais baixas terras, até ao mar.” (idem, ibidem: 110)
Rio Zêzere e Rio Tejo	<ul style="list-style-type: none"> • “Já são terras do Sul. Da janela do seu quarto, o viajante vê o Tejo, reconhece o largo fluxo...” (idem, ibidem: 139) • “... a união do Zêzere e do Tejo.” (idem, ibidem: 141)
Rio Almonda	<ul style="list-style-type: none"> • “O Almonda é um rio de águas mortas, vida, nele, só a de podridão.” (idem, ibidem: 156) • “Não vale a pena ir ver outra vez o rio: nem sequer é um morto limpo. Lá para baixo, perto da confluência com o Tejo, parece tornar-se a água clara: é apenas porque corre em fundo raso, de areia.” (idem, ibidem: 156) • “Da nascente à foz, está morto o rio Almonda, pensa o viajante a despropósito.” (idem, ibidem: 156)
Rio Sorraia	<ul style="list-style-type: none"> • “O caminho é fácil, sempre no cheiro de águas várias, as do Tejo, as da vala de Alpiarça, da ribeira de Muge, e lá mais para o sul, pouco antes de Benavente, o rio Sorraia, de maior porte.” (idem, ibidem: 158)
Rio Sado	<ul style="list-style-type: none"> • “...apenas para lhe mostrar a paisagem, a larga curva do Sado, entre os arrozais verdíssimos”. (idem, ibidem: 189)
Rio Guadiana	<ul style="list-style-type: none"> • “O Guadiana banha de vida as suas margens, sem distinguir entre a de cá e a de lá, que, a avaliar pelo mapa, é de cá também, e dá a curiosa sensação de ser, correndo à vista de um lugar habitado, um rio selvagem. É, com certeza, o mais ignorado da terra portuguesa.” (idem, ibidem: 203)

Rio Mira	<ul style="list-style-type: none"> • “e a foz dulcíssima do rio Mira, que desta vez não vai cheio” (<i>idem, ibidem</i>: 233)
-----------------	--

Quadro 14 - Citações relativas aos rios portugueses em “Viagem a Portugal”. Adaptado de Saramago, 1985.

6.4.3. Distribuição da População em Portugal em “Viagem a Portugal”

Outro tema frequentemente narrado pelo viajante diz respeito ao despovoamento de algumas áreas do território português, relativamente a outras mais povoadas. A distribuição da população em Portugal também faz parte das “Aprendizagens Essenciais de Geografia” (quadro 15), nomeadamente no 8º e no 10º ano de escolaridade.

Ano de Escolaridade	Conhecimentos, Capacidades e Atitudes
8º Ano	<ul style="list-style-type: none"> • Relacionar as áreas de atração e de repulsão demográficas com fatores físicos e humanos, utilizando mapas a diferentes escalas; • Identificar padrões na distribuição da população e do povoamento, à escala nacional, europeia e mundial, enunciando fatores responsáveis por essa distribuição.
10º Ano	<ul style="list-style-type: none"> • Selecionar medidas que possam ter efeito nas estruturas/comportamentos demográficos e na distribuição da população no território português; • Identificar padrões de distribuição de variáveis demográficas e suas causas próximas, utilizando mapas a diferentes escalas; • Explicar as assimetrias regionais na distribuição da população portuguesa, evidenciando os fatores naturais e humanos que as condicionam.

Quadro 15 - Conhecimentos, capacidades e atitudes relacionados com a distribuição da população em Portugal, de acordo com as “Aprendizagens Essenciais” de Geografia. Elaboração própria (2021).

A densidade populacional diz respeito à “intensidade do povoamento” numa determinada região, sendo expressa pela relação entre a população total e a superfície dessa mesma região⁹⁰(habitante/Km²). O quadro 16 mostra a evolução da população residente da densidade populacional em Portugal, para o período 1960-2021.

	População Residente	Densidade Populacional (hab./Km ²)
1960	8.889.392	96,5
1970	8.663.252	94
1981	9.833.014	106,7
1991	9.867.147	107,1
2001	10.356.117	112,4
2011	10.562.178	114,5
2021	10.344.802	112,2

Quadro 16 - População residente e densidade populacional em Portugal (1960-2021). Fonte dos Dados:INE - X, XI, XII, XIII, XIV, XV e XVI Recenseamentos Gerais da População. PORDATA (2021).

De acordo com o quadro 14, em Portugal, a população e, conseqüentemente, a densidade populacional têm vindo a aumentar desde a década de 60 do século XX, sendo exceção os anos de 1960 e de 2021⁹¹. A densidade populacional em Portugal, em 2015, está patente na figura 49.

⁹⁰ Disponível em: <https://smi.ine.pt/ConceitoPorTema?clear=True> – consultado a 30 de dezembro de 2021.

⁹¹ Os dados relativos aos Censos 2021 ainda são provisórios.

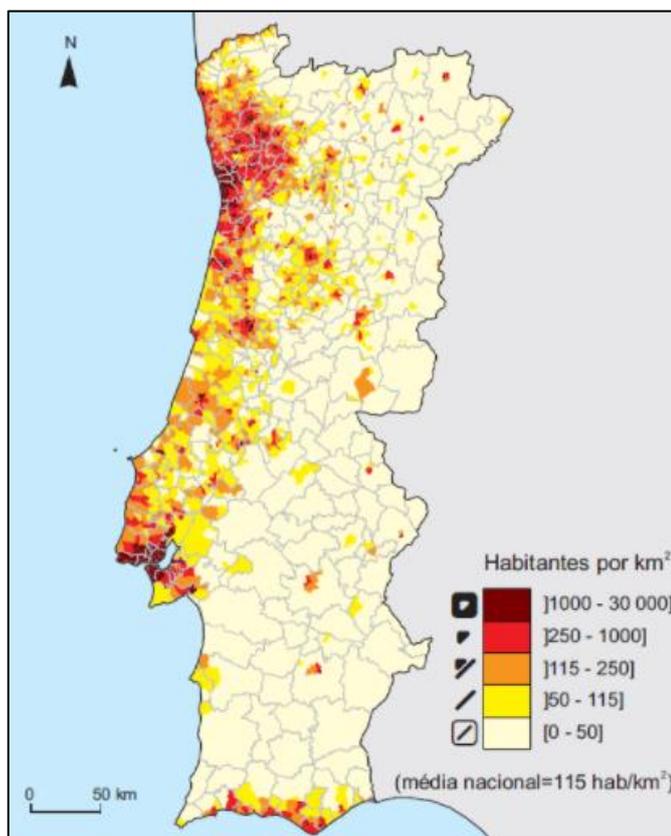


Figura 49 - Densidade populacional em Portugal Continental. Disponível em: <https://www.geografia-ensino.com/2017/01/exame-geografia-2016-fase2-grupo1.html> - consultado em 3 de janeiro de 2022.

Verifica-se que a população portuguesa se concentra ao longo de toda a faixa litoral, com exceção do litoral alentejano, e nas duas áreas metropolitanas: Lisboa e Porto. É, segundo Ferrão (1999-2000), o “*contraste entre um litoral que concentra o essencial dos dinamismo de crescimento e um interior repulsivo e estagnado.*” No interior destacam-se os grandes centros populacionais, como as capitais de distrito. O meio natural tem influência da distribuição da população, sendo as áreas do interior, mais montanhosas, mais repulsivas, em relação às áreas litorais, mais baixas e planas.

Esta dimensão populacional não passou despercebida a José Saramago, que, em “*Viagem a Portugal*” fez vários comentários ao povoamento/despovoamento de determinadas regiões portuguesas. Em Sacoias, Trás-os-Montes, o viajante comenta que não sabe se esta aldeia é habitada, pois a única lembrança que tem dela é a de um “*ermo*”, mais precisamente a de uma “*ausência*” (Saramago, 1985: 14). Sacoias pertence ao município de Bragança, uma capital de distrito, porém, devido à sua localização no interior já se nota o despovoamento. Logo adiante, no caminho para Rio de Onor o viajante também se depara com “*um deserto*” ou um “*ermo primitivo*” (*idem, ibidem*: 14), classificando mesmo esta área geográfica de Portugal como “*grandes desertos*”, andando-se “*quilómetros sem ver gente*” (*idem, ibidem*: 25). Do mesmo modo, “*entre Vilar Formoso e Almeida não há nada que ver*”, definindo esta área como um “*lado desértico das Beiras*” (*idem, ibidem*: 113). O viajante chega mesmo a questionar-se se a razão do despovoamento desta região é por ser terra de invasões. Interrogar-se-á, mais tarde, no Alentejo, onde “*são mínimos e raros os*

lugares habitados” (idem, ibidem: 191) ao sugerir que a causa do despovoamento é a existência do latifúndio:

“...porque diabo haverá no Alentejo tão poucos lugares habitados? É bem possível que o assunto já esteja estudado e dadas todas as explicações, quem sabe se nenhuma contemplando a hipótese do viajante, mas um homem que atravessa estas enormes extensões onde, em muitos quilómetros, não se vê uma simples casa, pode permitir-se pensar que a grande propriedade é inimiga da densidade populacional” (idem, ibidem: 196).

Em contrapartida, na área metropolitana do Porto, observa “grandes filas de mulheres”, “operárias das fábricas deste lado suburbano” (*idem, ibidem: 72*) e também, depois de Vila Franca de Xira, na área metropolitana de Lisboa, encontra “terra povoadíssimas, as aldeias quase vizinhas de patamar, cada qual espreitando a próxima, de vertente para vertente.” (*idem, ibidem: 158*).

Há mais uma vez, uma relação clara entre aquilo que observou o viajante e aquilo que é a Geografia de Portugal, tendo este observado um despovoamento do interior, em detrimento de um povoamento da faixa litoral e das duas áreas metropolitanas.

6.4.4. Cartografia e Localização em “Viagem a Portugal”

A Cartografia é a ciência que se ocupa da elaboração de mapas, isto é de representações planas da superfície terrestre, de acordo com uma determinada escala e numa determinada projeção cartográfica (Gaspar, 2005: 4). Estes podem ser classificados em mapas de base ou mapas temáticos. Os primeiros são de “*caráter genérico*”, apresentando informação como formas de relevo, curvas de nível, cursos de água, aglomerados populacionais, vias de comunicação e fronteiras (*idem, ibidem: 7*), enquadrando-se nesta tipologia os mapas corográficos e os mapas topográficos. Por sua vez, apresentam informação mais detalhada sobre uma determinada área da superfície terrestre, sendo exemplos destas os mapas políticos e administrativos, os mapas demográficos, os mapas físicos e os mapas económicos (*idem, ibidem: 9*).

O mapas são fundamentais em Geografia. Por um lado, permitem ao geógrafo sintetizar informação que estudou, e por outro, permitem o estudo de áreas desconhecidas, mediante o método de observação indireta. Este objeto não é só útil ao geógrafo, mas também a todos os seres humanos, porque em qualquer deslocação é fulcral saber para onde nos deslocamos e como nos deslocar para esse mesmo sítio, por exemplo. Neste aspeto, os SIG têm vindo a substituir, gradualmente, os mapas em papel.

Dada sua importância, os mapas também são basilares no ensino da Geografia, fazendo parte dos conteúdos iniciais do 7º e 10º ano de escolaridade – quadro 17.

Ano de Escolaridade	Conhecimentos, Capacidades e Atitudes
7º Ano	<ul style="list-style-type: none"> • Descrever a localização relativa de um lugar, em diferentes formas de representação da superfície terrestre, utilizando a rosa dos ventos; • Selecionar as formas de representação da superfície terrestre, tendo em conta a heterogeneidade de situações e acontecimentos observáveis a partir de diferentes territórios.
10º Ano	<ul style="list-style-type: none"> • Reconhecer a importância da localização na explicação geográfica, analisando informação representada em mapas com diferentes escalas e sistemas de projeção.

Quadro 17 - Conhecimentos, capacidades e atitudes, relacionados com a cartografia e localização, de acordo com as "Aprendizagens Essenciais" de Geografia. Elaboração própria (2021).

Para realizar esta “Viagem a Portugal”, o viajante recorreu a um mapa topográfico. Sabemos isso logo na página 14, à saída de Rio de Onor, quando o viajante observa o mapa e, ao verificar as curvas de nível, nota que é altura de começar a descer, e em Ferrel (município das Caldas da Rainha), o viajante teve um debate com três rapazes sobre mapas:

«É um mapa, mas não daqueles que vocês estudam. Este é militar.» Os garotos estão derrotados. E o viajante, generoso com aquilo que não fez, prossegue: «Querem ver a vossa terra? Ora reparem. Aqui. Veêm? Ferrel.» (...) «Está cá tudo, Atouguia da Baleia é aqui, ali está Peniche, nesta ponta o Baleal. Os riscos encarnados são as estradas.» (...) Falta aí a estrada do Baleal a Peniche.» (...) Faltava realmente a estrada. No tempo em que os cartógrafos desenharam a folha, ainda não havia estrada do Baleal a Peniche. E tem de haver uma estrada para Peniche.» (Saramago, 1985: 167).

As referências ao mapa que acompanha o viajante são inúmeras e constantes em toda a obra, porém o excerto supracitado denota um caráter didático. O viajante, além de geógrafo, é também, um professor que ensina aos seus três alunos o conceito de mapa topográfico, bem como interpretar uma legenda, ou como procurar um ponto de interesse.

6.4.5. Recursos do Subsolo em “Viagem a Portugal”

Os recursos naturais podem ser renováveis ou não renováveis. São renováveis quando não se esgotam e a natureza consegue repô-lo à uma velocidade igual ou semelhante ao consumo humano e são não renováveis quando se esgotam, não dando tempo à natureza de os repor. Por sua vez, os recursos do subsolo podem ser discriminados em minerais e energéticos (Simões, 2020).

Os recursos minerais do subsolo, nomeadamente as rochas ornamentais⁹² e as rochas industriais⁹³, são um assunto abordado em “Viagem a Portugal”, que por sua vez integram as “Aprendizagens Essenciais” de Geografia – quadro 18.

⁹² Rochas utilizadas para fins ornamentais e decorativos. São exemplo deste tipo de rocha: as mármore e os granitos.

⁹³ Rochas utilizadas na indústria e na construção civil. São exemplo destas rochas: os calcários e as margas.

Ano de Escolaridade	Conhecimentos, Capacidades e Atitudes
7º Ano	<ul style="list-style-type: none"> Identificar exemplos de impactes da ação humana no território, apoiados em fontes fidedignas.
9º Ano	<ul style="list-style-type: none"> Consciencializar-se para a necessidade de adotar medidas coletivas e individuais, no sentido de preservar o património natural, incrementar a resiliência e fomentar o desenvolvimento sustentável.
10º Ano	<ul style="list-style-type: none"> Relacionar a distribuição dos principais recursos do subsolo com as unidades geomorfológicas; Equacionar as potencialidades e limitações dos recursos do subsolo; Comparar a distribuição dos principais recursos energéticos e das redes de distribuição e consumo de energia com a hidrografia, a radiação solar e os recursos do subsolo.

Quadro 18 - Conhecimentos, capacidades e atitudes relacionados com os recursos do subsolo, de acordo com as "Aprendizagens Essenciais" de Geografia. Elaboração própria (2022).

A distribuição dos recursos minerais do subsolo português foi condicionada pelas três estruturas geomorfológicas que compõem Portugal Continental: o maciço antigo, as orlas mesocenozóicas e as bacias terciárias do Tejo e do Sado (Medeiros, 2009). É no maciço antigo que se encontram as rochas mais antigas, nomeadamente xistos e granitos. Localizam-se nesta unidade geomorfológica as jazidas mais relevantes de mármore e granito (rochas ornamentais)⁹⁴. Enquanto nas orlas mesocenozóicas, compostas essencialmente rochas mais recentes, de origem sedimentar, são exploradas calcários, margas e arenitos. – figura 50.

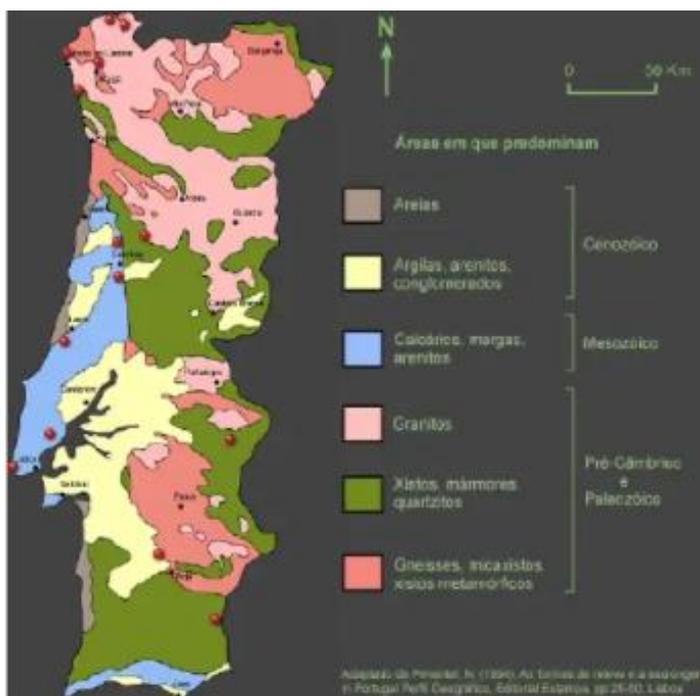


Figura 50 - Distribuição dos recursos minerais do subsolo em Portugal Continental. Disponível em: <https://geograficando.webnode.pt/a10%C2%BA-ano/os-recursos-do-subsolo/> - consultado a 5 de janeiro de 2022.

⁹⁴ Disponível em: <https://geograficando.webnode.pt/a10%C2%BA-ano/os-recursos-do-subsolo/> - consultado a 5 de janeiro de 2022.

O primeiro comentário que o viajante faz sobre a extração de rochas, em Portugal, foi em Ançã (município de Cantanhede), na orla mesocenozóicas, “*terra que deu o nome à macia pedra que foi regalo de escultores.*” (Saramago, 1985: 90). Os calcários extraídos nesta região são conhecidos como “Pedra de Ançã” e foram muito utilizados na escultura e na arquitetura e construção civil da região. Em Ançã, o viajante interrogou-se também se as pedreiras já se tinham chegado ao seu limite de exploração: “*Se já as pedreiras se esgotaram, não o chegou a saber.*” (*idem, ibidem*: 90), o que demonstra uma certa preocupação de geógrafo, com os limites e as potencialidades dos recursos do subsolo.

Contudo, foi quando visitou as Minas da Panasqueira que ficou mais impressionado com a transformação da paisagem em redor:

“Para quem não espera, o surgimento súbito destes montes causa um choque, sobretudo porque nada, à distância, os liga aos trabalhos da mina. É mais adiante, perto da povoação, que na encosta se veem as entradas para o interior da montanha.” (*idem, ibidem*: 134).

As Minas da Panasqueira, situadas nos municípios da Covilhã e do Fundão são o segundo maior complexo mineiro de Portugal, superadas apenas pelas Minas de Neves-Corvo (em Castro Verde, no Baixo Alentejo). É um dos dois importantes complexos mundiais de extração de volfrâmio, tendo sido atingido o seu pico áureo de extração durante a II Guerra Mundial (Valente *et al*, 2008: 7). Germano *et al* (2014) afirma que as pedreiras a céu aberto, bem como as minas, levam à destruição do solo, da vegetação, da fauna e da flora, bem como a transformações nas paisagens.

No caminho de Borba a Vila Viçosa, área de grande extração de mármore, “*de um lado e de outro da estrada, encontra o viajante abundância de pedreiras de mármore. Estes ossos da terra ainda trazem agarrada a carnação do barro que os cobria.*” (Saramago, 1985: 201). Nesta região do Alto Alentejo, a indústria extrativa da mármore é bastante significativa, e desempenha um papel fundamental no desenvolvimento económico da região (Germano *et al*, 2014).

6.4.6. Riscos Naturais (Cheias e Inundações) em “Viagem a Portugal”

Em Geografia, o risco é o “*somatório da importância do processo que pode acarretar situações de perigo, processo potencialmente perigoso*”, de um acontecimento provável. Estes podem ser naturais, mistos ou tecnológicos (Rebelo, 2010: 33).

Esta temática, nomeadamente os riscos de cheias e inundações - um risco natural -, de elevada influência humana é abordada, pelo viajante, em “*Viagem a Portugal*”, uma vez que o viajante “*é natural de terras baixas*” (Saramago, 1985: 10), frequentemente assoladas por cheias e inundações⁹⁵, dos rios Tejo e Almonda, o que talvez poderá facilitar a sua perceção deste problema noutras regiões do país. Este facto é comprovado quando o viajante comenta que “*nasceu em terras*

⁹⁵ Cheias e inundações são conceitos diferentes, não devendo ser confundidos. Assim, cheia diz respeito à dinâmica hidrológica de um determinado curso de água, enquanto o segundo se refere à submersão de áreas que não fazem parte do canal fluvial (Martins, 2014).

alagadiças, sabe bem o que são enchentes.” (Saramago, 1985: 238). Ao mesmo tempo, é também um assunto que faz parte das “*Aprendizagens Essenciais*” de Geografia, nomeadamente no 9º ano de escolaridade – quadro 19.

Ano de Escolaridade	Conhecimentos, Capacidades e Atitudes
9º Ano	<ul style="list-style-type: none"> • Relacionar as condições meteorológicas extremas com os riscos e a ocorrência de catástrofes naturais; • Identificar os fatores de risco de ocorrência de catástrofes naturais, numa determinada região; • Aplicar as Tecnologias de Informação Geográfica para localizar, descrever e compreender os riscos e as catástrofes naturais; • Relacionar as características do meio com a possibilidades de ocorrência de riscos naturais.

Quadro 19 - Conhecimentos, capacidades e atitudes relacionados com os riscos naturais, de acordo com as “*Aprendizagens Essenciais*” de Geografia. Elaboração própria (2022).

Zêzere *et al* (2006: 5) refere que, em Portugal, existem três tipos de riscos que poderão ocorrer: os naturais, os tecnológicos e os ambientais. Os riscos naturais, por sua vez, subdividem-se em: geológicos e geomorfológicos (sismos, tsunamis, movimentos de vertente e erosão marinha) e climáticos e hidrológicos (secas, situações meteorológicas adversas – vento muito forte, granizos e nevões, trovoadas, vagas de frio e ondas de calor). Já os riscos tecnológicos dizem respeito a acidentes industriais, acidentes no transportes de substâncias perigosas e incêndios em zonas urbanas. Finalmente, os riscos ambientais (mistos), são aqueles que decorrem na influência de fatores físicos e humanos, e dizem respeito a poluição ambiental (atmosférica, hídrica e dos solos), desflorestação, desertificação, incêndios florestais e erosão hídrica dos solos.

O mesmo autor propõe um mapa com a distribuição dos riscos supracitados em território nacional – figura 51. Verifica-se, assim, que as áreas suscetíveis as inundações se localizam nas planícies aluviais dos rios Vouga, Mondego e Tejo. O troço final do rio Douro também é frequente assolado por este risco natural, bem como alguns pontos críticos, em áreas urbanas, tais como na região de Lisboa e no Algarve.

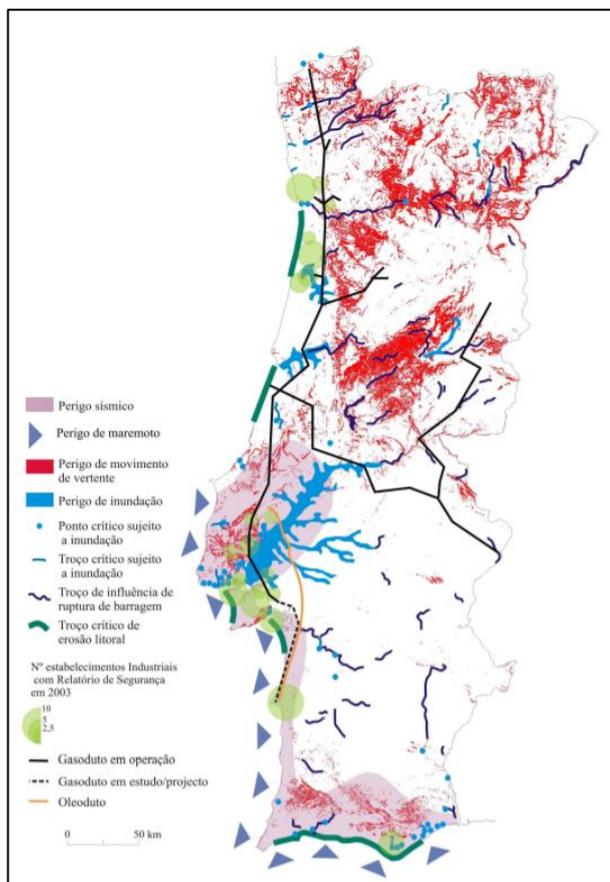


Figura 51 – Riscos naturais, tecnológicos e ambientais (mistos) em Portugal Continental. Zêzere et al (2006).

Ao passar por Ereira (município de Montemor-o-Velho), situada na várzea do rio Mondego, o viajante relembrou as inundações que frequentemente afetam esta localidade: *“Ereira é terra tão vizinha da água que, transbordando o Mondego, mais o rio Arunca que perto lhe passa, vai a cheia entrar-lhes nas casas, familiarmente, como velhos conhecidos.”* (Saramago, 1985: 86).

Apesar das cheias e inundações serem a catástrofe natural que mais pessoas afeta em todo o mundo (Martins, 2014), apresenta também vantagens para os solos. Perto da sua aldeia natal, no Paul do Boquilobo, atualmente considerada como Reserva da Biosfera pela UNESCO, o viajante fala-nos do nateiro⁹⁶: *“Em criança tomou banho neste pego, e se as águas nunca foram límpidas como as dos ribeiros de montanha, era só por causa do nateiro suspenso, matéria fertilizadora, e por isso bem-vinda.”* (idem, *ibidem*: 156). O nateiro é um dos benefícios das inundações, uma vez que fertiliza o solo, favorecendo assim o cultivo agrícola. Todavia, nateiro deverá ser expressão mais utilizada no Ribatejo, uma vez que ao visitar o nordeste português, o viajante referiu-se à rebofa como material fertilizador do solo, após cheias e inundações dos rios Sabor e Douro:

“Aqui, as águas que a ribeira leva e se juntam às do rio Douro refluem diante do grande caudal do Douro e vêm espriar-se por todo o vale, onde ficam a decantar as matérias

⁹⁶ *“Camada de lodo formada por poeira e por detritos orgânicos misturados com água que alagou um terreno.”.* Disponível em: <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/nateiro> - consultado a 4 de janeiro de 2022.

fertilizantes que trazem em suspensão. É a rebofa, dizem os habitantes de cá, para quem o inverno, se a mais se não desmanda, é uma estação feliz.” (idem, ibidem: 12).

6.5. Síntese

“*Viagem a Portugal*”, de José Saramago não é um guia de viagem, mas antes um retrato geográfico de Portugal Continental. Saramago foi, intencionalmente, um geógrafo, que ao percorrer o território observou a paisagem, a cultura do povo português, as tradições e os modos de viver, os descreveu. Muitas vezes, o escritor refletiu também sobre as razões de determinado fenómeno geográfico, como o caso de haver no Alentejo tão poucos lugares habitados, o que enfatiza mais ainda o seu papel de geógrafo.

A própria estrutura da obra, dividida por regiões de Portugal, também denota uma preocupação geográfica, bem como a introdução de mapas, a sugerir roteiros de visita e o índice toponímico que colocou no final, com o conjunto de todas as localidades que visitou. Houve ainda a preocupação de tirar fotografias, que em complementaridade com o texto, formam um objeto de estudo poderosíssimo para a Geografia.

7. Aplicação Pedagógico-Didática: Utilização da Literatura e da obra “Viagem a Portugal”, de José Saramago, em Contexto de Sala de Aula

Segundo Remoaldo (2016: 7), a investigação geográfica científica passa pelas seguintes fases: *“formulação da problemática e dos objetivos a atingir, definição de técnicas e fontes a utilizar e das respetivas hipóteses de trabalho, planeamento das operações, definição de conceitos e estado da arte, recolha de dados, análise e interpretação dos dados; e apresentação dos resultados”*.

De acordo com as *“Aprendizagens Essenciais de Geografia”*, para o 7º ano de escolaridade⁹⁷, nível em que nos encontramos a lecionar, dos seis temas anteriormente estudados em *“Viagem a Portugal”*, quatro fazem parte dos conhecimentos, capacidades e atitudes que os alunos devem adquirir. São eles: clima e meteorologia, relevo e hidrografia, recursos do subsolo e cartografia e localização. Cartografia e localização foi um tema lecionado ainda durante o primeiro período, relevo e hidrografia, por opção da escola, é apenas lecionado no 8º ano de escolaridade, e recursos do subsolo não nos pareceu ser temática suficiente para abordar, com os alunos, a obra *“Viagem a Portugal”*. Assim, a escolha do assunto a tratar recaiu sobre *“clima e meteorologia”*.

Ainda no âmbito do documento supramencionado, esta temática faz parte do capítulo *“O Meio Natural”* e do subtema *“Clima e Formações Vegetais”*, sendo que os conhecimentos, capacidade e atitudes a adquirir são: *“distinguir clima e estado de tempo, utilizando a observação direta e diferentes recursos digitais (sítio do IPMA, por exemplo)”* e *“reconhecer a zonalidade dos climas e biomas, utilizando representações cartográficas (em suporte papel ou digital)”*. Por sua vez, os conceitos a aplicar são os seguintes: clima, estado de tempo, elementos do clima (temperatura e precipitação), zonas climáticas (fria, temperada e quente) e biomas (Floresta Equatorial, Savana, Estepe, Desértico Quente, Floresta Mediterrânea, Floresta Caducifólia, Pradaria, Floresta de Coníferas, Tundra e vegetação de altitude. Quanto às áreas de competência do perfil dos alunos à saída da escolaridade obrigatória, este tema engloba: C – raciocínio e resolução de problemas; D – pensamento crítico e pensamento criativo; E – relacionamento interpessoal; F – desenvolvimento pessoal e autonomia; G – Bem-estar, saúde e ambiente; H – sensibilidade estética e artística; e I – saber científico, técnico e tecnológico⁹⁸.

Para a nossa aplicação didática, contamos com a metodologia proposta por Brandão *et al* (2018), para a utilização da Literatura como recurso didático. Assim, a nossa estratégia passou por três fases.

Na primeira fase, analisámos os hábitos de leitura dos alunos das turmas afetas à Professora Cooperante, através de um inquérito por questionário. Numa segunda fase, foi elaborada uma ficha de avaliação formativa com base em citações da obra *“Viagem a Portugal”*, sendo que, na terceira, e

⁹⁷

Disponível

em:

https://www.dge.mec.pt/sites/default/files/Curriculo/Aprendizagens_Essenciais/3_ciclo/7_geografia.pdf -
consultado a 11 de abril de 2022.

⁹⁸ *Idem, ibidem*: 10 e 12.

última parte, foi feito outro inquérito de avaliação da estratégia didática implementada, também através de um inquérito por questionário.

7.1. Inquéritos aos Hábitos de Leitura dos Alunos das Turmas Afetas à Professora Cooperante - Metodologia

Depois de uma leitura e análise geográfica da obra “*Viagem a Portugal*”, de José Saramago (capítulo 6), e como havíamos estudado anteriormente os hábitos de leitura em Portugal (capítulo 4), pareceu-nos importante começar a nossa aplicação pedagógico-didática por conhecer os hábitos de leitura dos alunos da Escola Secundária Dra. Maria Cândida. Ao conhecermos os hábitos de leitura dos alunos teríamos ainda a oportunidade de diagnosticar o conhecimento destes acerca de José Saramago e qual a sua opinião sobre a utilização da literatura no ensino e aprendizagem da Geografia.

Deste modo, e por a escola ter bastantes alunos, e não conseguirmos realizar esta tarefa em tempo útil, optámos por seleccionar para o nosso estudo as turmas afetas à Professora Cooperante. Assim, participaram neste estudo os alunos de cinco turmas do 8º ano e de uma turma do 7º ano de escolaridade, correspondendo a uma amostra de 136 alunos. Para a prossecução desta tarefa optámos pela realização de um questionário por inquérito.

Em Geografia Humana, e de acordo com Remoaldo (2008: 9), podemos considerar que existem quatro técnicas de investigação: amostragem, observação, inquéritos e experimentação. Estas correspondem “às diversas formas ou modos de atuar pelos quais se pode captar a realidade social, fazer a recolha dos dados e o seu tratamento. De acordo com o mesmo autor, o questionário por inquérito deve ser utilizado quando temos a necessidade de recolher diversas informações sobre um individuo, que não é possível através da observação, e também quando “*necessitamos de recolher opiniões, comportamentos, preferências, etc. (idem, ibidem: 9 e 11)*”. Também Quivy *et al* (1998: 5), pressupõe que são muitas as vantagens deste tipo de questionário, a saber: “*é útil no estudo de uma diversidade de situações e comportamentos*”, uma vez que a observação direta exigiria muito tempo, favorece a “*captação de dimensões subjetivas que escapam à observação direta*”, dando-nos acesso a “*informação actual e actualizada*”.

Os mesmos autores consideram que existem dois tipos de questionários: por inquérito e por entrevista. O primeiro pode ser preenchido de forma autónoma, enquanto o segundo carece de uma conversa face a face entre entrevistado e entrevistador (Remoaldo, 2008: 12 e Quivy *et al*, 1998), o que torna a investigação mais lenta e morosa. Assim, optámos pela realização de questionário por inquérito, uma vez que podia ser entregue na mão do aluno e logo devolvido.

Neste tipo de questionário, as questões devem seguir uma sintaxe “*simples*”, e podem ser abertas, caso se pretenda que a pessoa responda de forma livre, usando o seu próprio vocabulário, ou fechadas, caso se pretenda que a pessoa escolha, entre as categorias pré-estabelecidas, a opção que melhor se adequa a si. As questões fechadas devem sempre “*prever duas rúbricas suplementares*”: “*Não sei/Não sabe*”, “*Sem opinião*” e “*Outra situação. Qual?*”. A realização deste tipo de questionário não deve exceder os 15-20 minutos (*idem, ibidem: 16 e Quivy et al, 1998: 16, 17, 18 e 19*).

Assim, o questionário que elaborámos tem quinze questões, das quais treze são de resposta fechada e duas são de resposta aberta. As doze questões de resposta fechada são: “1. Sexo/Género”, “2. Numa escala de 0 (detesta) a 10 (adora) indique o quão gosta de ler”, “2.1. Se não gosta de ler, por que razão não o faz?⁹⁹”, “3. Quantos livros costuma ler por mês?”, “3.1. O que costuma ler?”, “3.2. Costuma ler:”, “4. O último livro que leu foi há quanto tempo?”, “5. Quantos livros tem em casa?”, “6. Onde costuma ter acesso a livros?”, “7. Onde costuma ler?”, “8. Quais as pessoas que mais o incentivam a ler?”, “9. Já ouviu falar de José Saramago?”, “10. Considera que a Geografia pode ser usada na aula de Geografia?” e “. Já as questões de resposta aberta, estão condicionadas pelas resposta à questão anterior e são: “9.1. Se respondeu sim, o que sabe sobre esta pessoa?” e 10.1. Se respondeu sim, como acha que a literatura pode ser usada na aula de Geografia?”

Na parte inicial do questionário, nomeadamente no cabeçalho, deve estar mencionada a entidade que realiza o inquérito bem como os objetivos do mesmo. Remoaldo (2016) dá a possibilidade de estes poderem ser transmitidos oralmente. Efetivamente, os objetivos do inquérito aos hábitos de leitura foram transmitidos aos alunos oralmente, quando houve a necessidade de enviar uma autorização aos respetivos encarregados de educação para que os seus educandos pudessem responder. Todavia, no cabeçalho, descrevemos a entidade que realizava o inquérito e qual o seu âmbito, bem como o inquiridos a que se destinavam (figura 52).

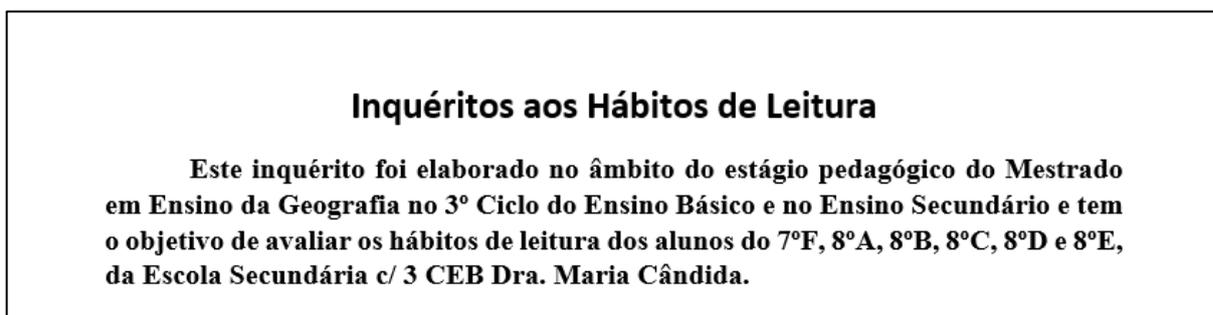


Figura 52 - Cabeçalho do Inquérito dos Hábitos de Leitura. Elaborado de acordo com a metodologia de Remoaldo, 2008.

Outra característica que qualquer inquérito deve ter é que se garanta o anonimato, a não ser que se pretenda repetir o mesmo método mais tarde (*idem, ibidem*, 2008: 17). Seguimos esta recomendação, que também consideramos que favoreceria a sinceridade nas respostas. Em termos de identificação optámos apenas por questionar o sexo/género dos inquiridos, de modo a saber se são os rapazes, as raparigas, ou pessoas que se identificam com outras situações que mais gostam de ler e têm hábitos de leitura.

O questionário final, para avaliar os hábitos de leitura das turmas afetas à Professora Cooperante encontra-se no Anexo XI (p. 157) Os dados recolhidos e todas as análises estatísticas e gráficas consequentes foram elaborados com recurso à aplicação *Excel* do *Microsoft Office*.

⁹⁹ A esta questão só respondeu, quem na questão anterior, colocou menos de 5.

7.1.1. Análise e Discussão dos Resultados

A Estatística é frequentemente usada no âmbito da Ciências Sociais e Humanas, isto porque diz respeito a uma “*área do conhecimento científico que se debruça sobre os processos de recolha de informação (dados), da análise e caracterização da informação e da tomada de decisão fundamentada a partir da informação recolhida*” (Maroco e Bispo, 2005: 17). Assim, recolhemos os dados, mediante o inquérito por questionário, e de seguida, procedemos à sua análise e posteriores conclusões. Para a realização desta tarefa recorreremos à Estatística Descritiva.

Como já foi supramencionado, analisar a totalidade da população¹⁰⁰ escolar seria uma tarefa morosa e complexa, portanto selecionámos para o nosso estudo 136 alunos que integram as turmas afetas à Professora Margarida Oliveira, tendo-se obtido uma taxa de amostragem¹⁰¹ de 99,27%¹⁰². Assim, responderam ao inquérito 17 alunos do 7ºF, 27 alunos do 8ºA, 23 alunos do 8ºB, 25 alunos do 8ºC, 22 alunos do 8ºD e 21 alunos do 8ºE.

Quanto ao género/sexo, responderam ao inquérito 49 indivíduos do sexo feminino, 77 de sexo masculino, e 9 que se identificam com outra situação (figura 53).

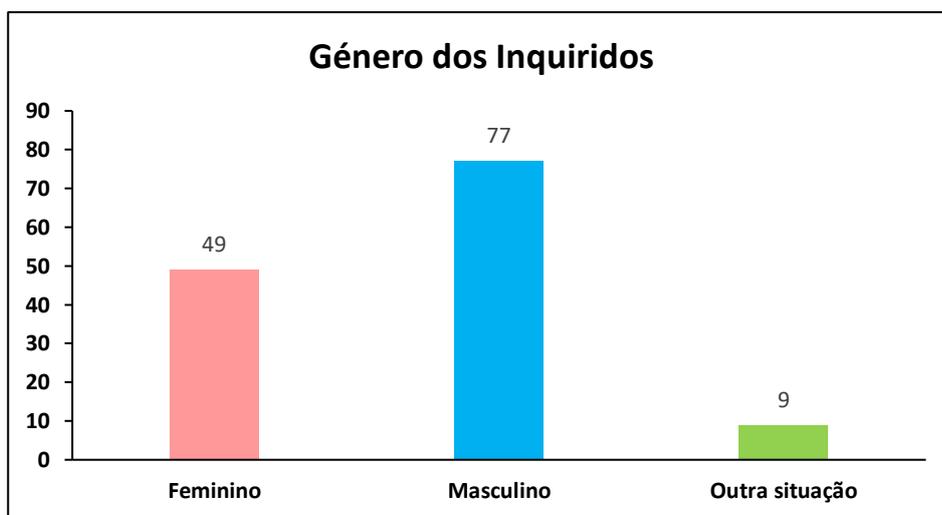


Figura 53 - Género dos inquiridos no Inquérito aos Hábitos de Leitura. Elaboração própria (2022).

Questão 2 - “Indique numa escala de 0 (detesta) a 10 (adora) o quão gosta de ler”¹⁰³.

Com esta questão pretendia-se, de um modo geral, caracterizar o gosto/desgosto dos alunos pela leitura (figura 54).

¹⁰⁰ Em Estatística, população (ou universo) diz respeito a um “*grupo finito ou infinito, mais ou menos extenso de humanos, objetos, eventos ou qualquer outra entidade física ou não sobre a qual estamos interessados em generalizar*” (Maroco et al, 2005: 77).

¹⁰¹ “*Razão entre a dimensão da amostra e o número de sujeitos da população em estudo*” (idem, ibidem: 78).

¹⁰² Apenas um aluno, ausente da Escola por motivos de saúde, não respondeu ao inquérito.

¹⁰³ Um dos alunos deixou esta questão em branco, portanto, a amostra para esta questão corresponde a 134 indivíduos.

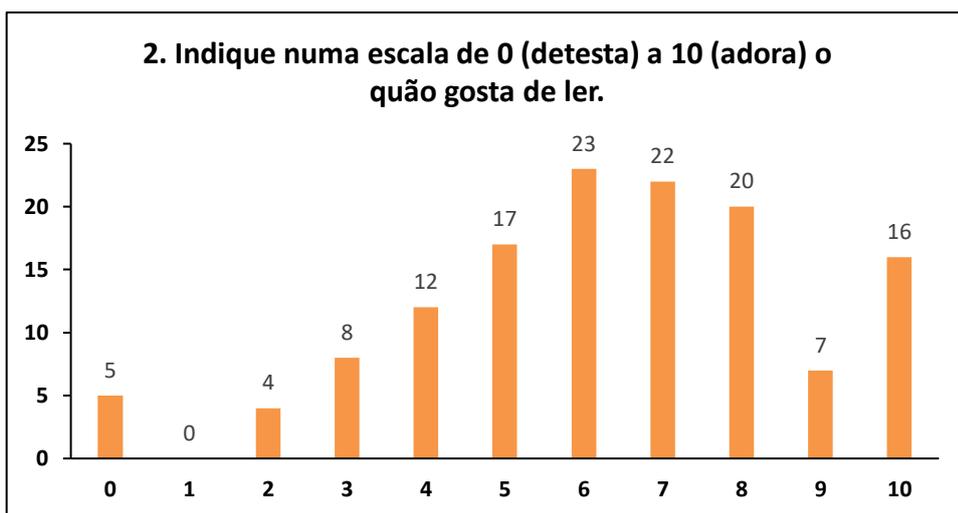


Figura 54 - Resultados obtidos na questão 2. do Inquérito aos Hábitos de Leitura. Elaboração própria (2022).

Pela observação direta do gráfico anterior podemos concluir que, de forma geral, os alunos têm gosto pela atividade da leitura, uma vez que os valores mais elevados de resposta se situam acima de 5. Para comprovar esta facto, podemos recorrer, mais uma vez à Estatística Descritiva, nomeadamente, às medidas de localização, que “*permitem caraterizar a ordem da grandeza das observações*”. Dentro destas, as medidas de tendência central, “*permitem caraterizar o valor central ou médio das observações*” (Maroco et al, 2005: 31) – quadro 20.

Média aritmética ¹⁰⁴	6,27
Moda ¹⁰⁵	6
Mediana ¹⁰⁶	6

Quadro 20 - Medidas de tendência central para a questão “Indique numa escala de 0 (detesta) a 10 (adora) o quão gosta de ler”.

Questão 2.1. – “Se não gosta de ler, por que razão não o faz?”

Era pretendido que a esta questão, apenas respondessem os indivíduos que tivessem colocado menos de 5 na pergunta anterior, tendo, por isso, respondido a esta questão, apenas 34 alunos. Eram dadas a escolher as seguintes opções: “Gosto mais de outras atividades de lazer”, “Os meus amigos não leem”, “Tenho dificuldade em encontrar/aceder a livros”, “Tenho dificuldade de

¹⁰⁴ “Quociente entre a soma de todos os valores observados pelo número total desses valores”. Disponível em: [https://www.infopedia.pt/apoio/artigos/\\$media-aritmetica](https://www.infopedia.pt/apoio/artigos/$media-aritmetica) – consultado a 12 de abril de 2022.

¹⁰⁵ “Valor observado mais frequente” (Maroco et al, 2005: 33).

¹⁰⁶ “Valor abaixo e acima do qual se registou metade das observações” (idem, ibidem: 32).

leitura/compreensão do texto” e “Outra situação? Qual?”. As respostas obtidas encontram-se patentes na figura 55.



Figura 55 - Resultados obtidos na questão 2.1. do Inquéritos aos Hábitos de Leitura. Elaboração própria (2022).

Dos 34 alunos, 26 (76,5%) disseram preferir outras atividades de lazer, enquanto 3 afirmaram ter dificuldade de leitura e compreensão de textos. Os alunos que referiram escolheram a opção “outro” foram 5 e, de um modo geral, afirmaram que não se sentiam felizes a ler.

Questão 3 – “Quantos livros costuma ler por mês?”¹⁰⁷

Esta era uma questão fechada e, portanto, colocámos categorias de respostas possíveis. Assim, poderiam ser escolhidas as seguintes opções: “Menos de 1 ou nenhum”, “Entre 1 e 3”, “Entre 4 e 5” e “Mais de 5”. Os resultados obtidos encontram-se na figura 56, em que dos 135 inquiridos, 124 (92,5%) leem três ou menos livros por mês. Apenas 10 alunos têm o hábito de ler mais de quatro livros por mês.

¹⁰⁷ Um aluno deixou esta questão em branco, portanto, a amostra para esta questão é de 134 indivíduos.

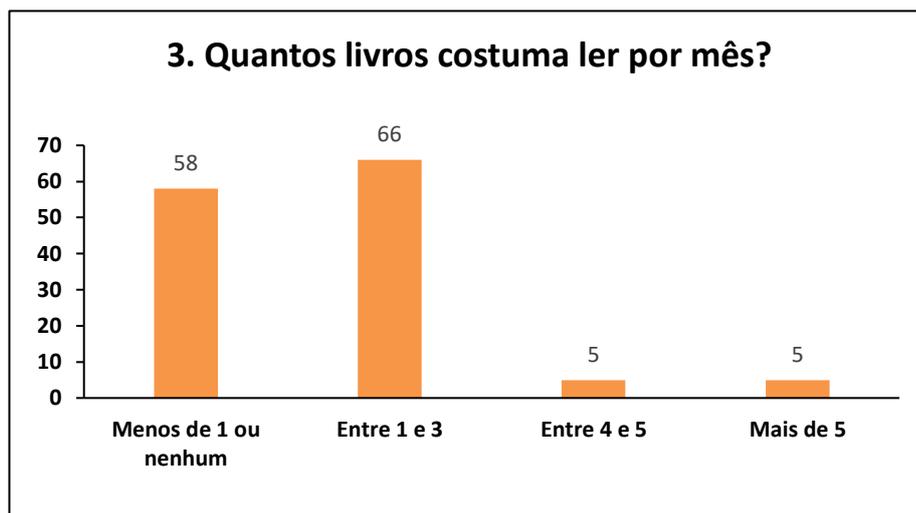


Figura 56 - Resultados obtidos na questão 3 do Inquérito aos Hábitos de Leitura. Elaboração própria (2022).

Questão 3.1. – “O que costuma ler?”¹⁰⁸

Esta questão surge ligada com a anterior e tinha o objetivo de conhecer o tipo de conteúdos lidos pelos alunos, sendo que as respostas possíveis eram: “Livros”, “Jornais e revistas” e “Outros. Quais?”. Os resultados obtidos encontram-se na figura 57, sendo que na sua maioria, os alunos disseram preferir ler livros, em vez de jornais e revistas. Os indivíduos que responderam “Outro. Quais?” referiram que liam online banda desenhada japonesa (mangás).

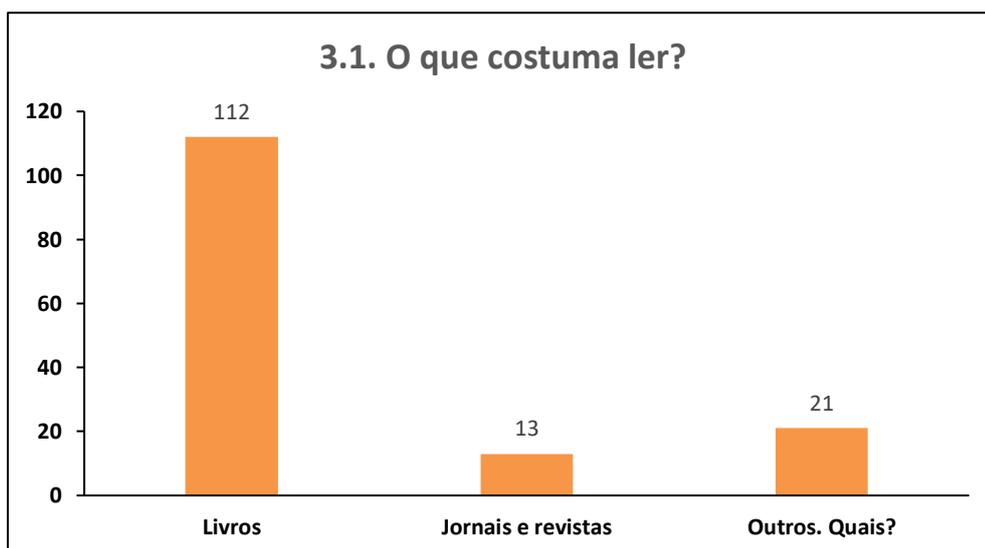


Figura 57 - Resultados obtidos na questão 3.1. do Inquérito aos Hábitos de Leitura. Elaboração própria (2022).

Questão 3.2. – “Costuma ler?”

Com esta questão pretendia-se avaliar e compreender se os alunos liam através do método tradicional, ou seja, em papel, ou se já teríamos seguido as mais recentes tendências digitais, e se

¹⁰⁸ Nesta questão era permitida dar mais do que uma resposta.

liam em suporte digital. Assim, as respostas a dar incluíam-se numa das seguintes categorias: “Só papel”, “Só online” e “Em ambos os formatos”. Os resultados obtidos estão patentes na figura 58.

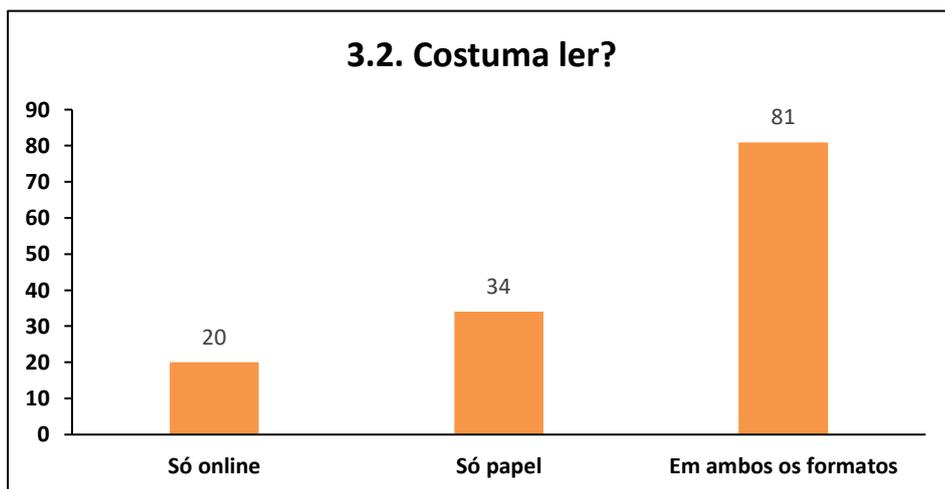


Figura 58 - Resultados obtidos na questão 3.2. do Inquérito aos Hábitos de Leitura. Elaboração própria (2022).

Mais de metade dos alunos (81) disse ler em ambos os formatos, enquanto 34 leem só em papel e 20 só leem *online*.

Questão 4 – “O último livro que leu foi há quanto tempo?”¹⁰⁹

Com esta questão pretendia-se saber há quanto tempo os alunos leram o último livro ou, se, por ventura, estariam a ler algum. Assim, as opções que foram dadas para as respostas foram: “Há mais de um ano”, “Há uns meses”, “Na última semana” e “Estou neste momento a ler um livro. Qual?”. Os resultados obtidos encontram-se patentes na figura 59, em que facilmente se percebe que a maioria dos alunos tinha terminado um livro na última semana ou estavam a meio de um livro quando responderam ao inquérito.

¹⁰⁹ Dois alunos não responderam a esta questão, portanto, a amostra é de 133 indivíduos.

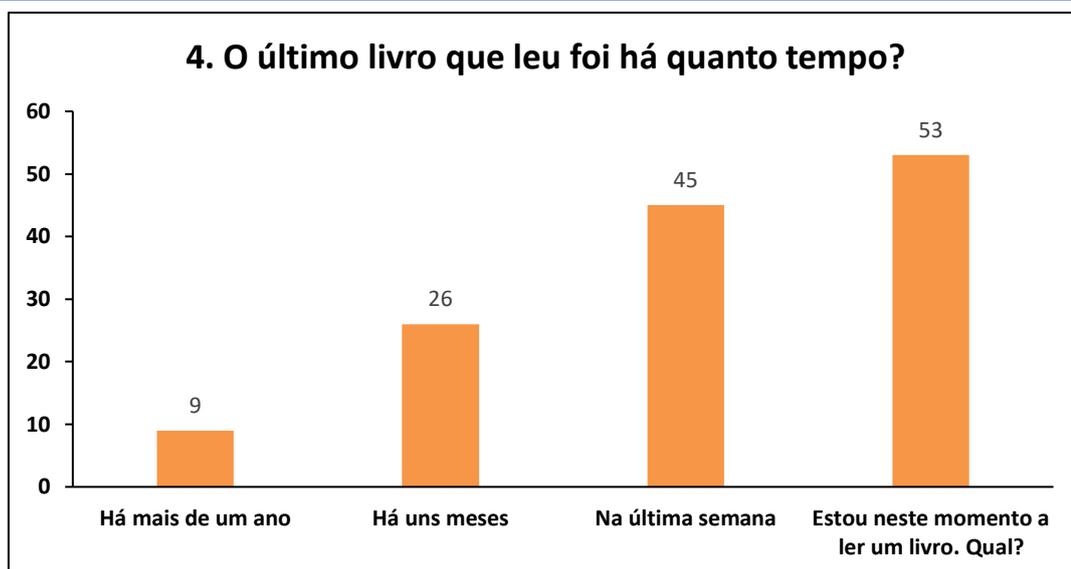


Figura 59 - Resultados obtidos na questão 4. Do Inquérito aos Hábitos de Leitura. Elaboração própria (2022).

Os livros mencionados pelos alunos na categoria “Estou neste momento a ler um livro. Qual?” foram: “O Príncipezinho”, de A. de Saint-Exupéry; saga “Crepúsculo”, de S. Meyer; “No Início Eram Dez...” e “Um Crime no Expresso do Oriente”, de A. Christie; “Raparigas em Chamas”, de C. J. Tudor; “Peito Grande, Ancas Largas”, de Mo Yan; “A história de uma gaivota e do gato que a ensinou a voar”, de L. Sepúlveda; “A História Engraçada de uma Biblioteca Abandonada”, de C. N. Granja; “Tudo o que Somos Juntos”, de A. Kellen; “O Homicídio Perfeito – Guia para Boas Raparigas”, de H. Jackson; “Harry Potter e a Criança Amaldiçoada”, de J. K. Rowling; “O Paciente”, de J. Dewitt; “Se os Gatos Desaparecessem do Mundo”, de G. Kawamura; “Antes que o Café Arrefeça”, de T. Kawaguchi; série “Arrepios”, de R. L. Stine; “Nunca Desistas de Ti”, de S. Teixeira; tetralogia “Eragon”, de C. Paolini; “My Hero Academia” (vol. 20), de K. Horikoshi; “Perdi-me nas Nuvens – E se o ciclo da água fosse uma aventura?”, de S. D. Milheirão; “A Rainha Vermelha”, de V. Aveyard; “Isto Acaba Aqui”, de C. Hoover; série “Percy Jackson”, de R. Riordan; “Vermelho, Branco e Sangue Azul”, de C. McQuiston; “Mulherzinhas”, de L. M. Alcott; “O Rapto”, de J. Grisham; “La maquina del tiempo”, de H. G. Hells; “Death Note”, de T. Ohba; série “As Crónicas de Nárnia”, de C. S. Lewis; “A Menina Vestida de Preto”, de N. L. Martins; “Boulevard”, de J. Grimsley; “Se Não Podes Juntar-te a Eles, Vence-os”, de F. H. Fonseca; série “Harry Potter”, de J. K. Rowling; “O Adivinha”, da coleção “Ásterix”, de R. Goscinny e A. Uderzo; “O Traficante”, de R. Muchamore; “A Lua de Joana”, de M. T. M. González; “Pipper e Mable e a Maldição Do Tesouro dos Piratas do Tempo!”, de J. Rowe; “A Crónica de Fogo”, de J. Stephens; “Verão na Riviera”, de E. Adler; série “O Clube das Baby-Sitters”, de A. M. Martin; “É Urgente Amar”, de P. Chagas Freitas; “Doutora Tiradentes”, de D. Williams; “O Recruta”, de R. Muchamore; série “Five Nights at Freddy’s – Olhos Prateados”, de S. Cawthon e K. Breed-Wrisley; “O que Veem as Estrelas?”, de N. Camarneiro; “O Retrato de Dorian Grey”, de O. Wilde; série de banda desenhada “Os Últimos Miúdos na Terra”, de M. Brallier; e “Isto Só Acontece nos Filmes”, de H. Bourne. São livros de diversos géneros literários, para todas as idades e de diversas épocas.

Questão 5 – “Quantos livros tem em casa?”¹¹⁰

Pretendia-se o hábito e gosto pela leitura estão diretamente relacionados com a presença dos livros em casa dos alunos. As opções dadas para resposta foram: “Nenhum”, “Entre 5 e 15”, “Entre 16 e 50”, “Entre 51 e 100” e “Mais de 100”, cujos resultados se encontram patentes na figura 60.

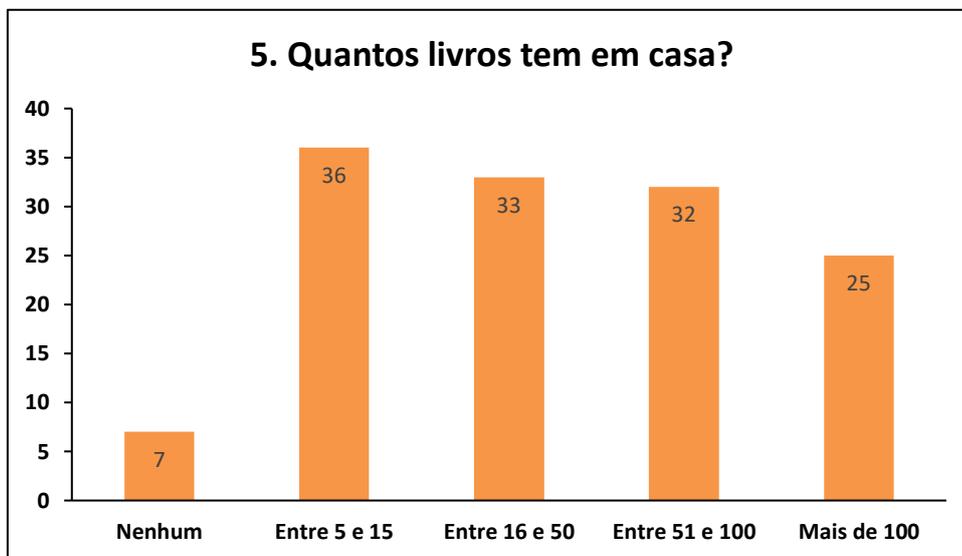


Figura 60 - Resultados obtidos na questão 5. Do Inquérito aos Hábitos de Leitura. Elaboração própria (2022).

Verificou-se uma distribuição de respostas entre todas as opções dadas para resposta, com exceção da resposta “Nenhum”, opção escolhida apenas por sete alunos.

Questão 6 – “Onde costuma ter acesso a livros?”¹¹¹

Com esta questão pretendia-se, sobretudo, perceber se os alunos eram frequentadores assíduos da Biblioteca da Escola Secundária Dra. Maria Cândida, ou da Biblioteca Municipal de Mira. As categorias dadas para resposta foram as seguintes: “Biblioteca da Escola”, “Biblioteca Municipal”, “Compra na livraria”, “Compra no hipermercado”, “São oferecidos no Natal/aniversário, etc.”, “Troca livros com os meus amigos”, “Leio livros que já tenho em casa” e “Outra situação. Qual?”. Os resultados obtidos encontram-se na figura 61.

¹¹⁰ Dois alunos não responderam a esta questão, portanto, a amostra para esta questão é de 133 indivíduos.

¹¹¹ Nesta questão os alunos podiam dar mais de uma resposta.

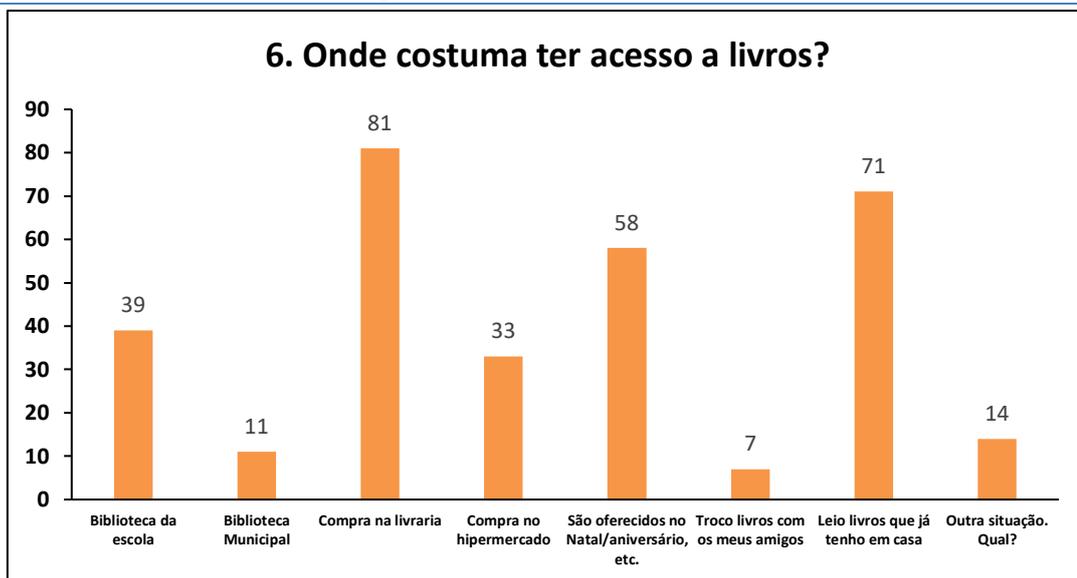


Figura 61 - Respostas obtidas na questão 6. Do Inquérito aos Hábitos de Leitura. Elaboração própria (2022).

As opções que tiveram maior número de resposta foram “*Compra na livraria*” (81), *Leio livros que já tenho em casa*” (71) e “*São oferecidos no Natal/aniversário, etc.*” (58). No toca à resposta “*Outra situação. Qual?*”, as respostas dadas dizem, integralmente, respeito à leitura *online*.

Questão 7 – “Onde/Quando costuma ler?”¹¹²

O objetivo desta pergunta era entender qual o local preferidos dos alunos para a leitura. Assim, as respostas possíveis eram: “*Na cama, antes de adormecer*”, “*Nos tempos de lazer (fim de semana, fim do dia, etc.)*”, “*Nos transportes públicos*”, “*Na praia*” e “*Outros locais. Quais?*”. Os resultados obtidos encontram-se na figura 62.

Verificou-se que a maior parte dos alunos prefere ler na cama, antes de adormecer (73) e nos tempos livres ou de lazer, tais como fins de semana e finais de dia. Os alunos que responderam que preferiam outros locais de leitura, referiram a sua habitação/casa, parques/jardins públicos, no café e em viagens longas.

¹¹² Idem.

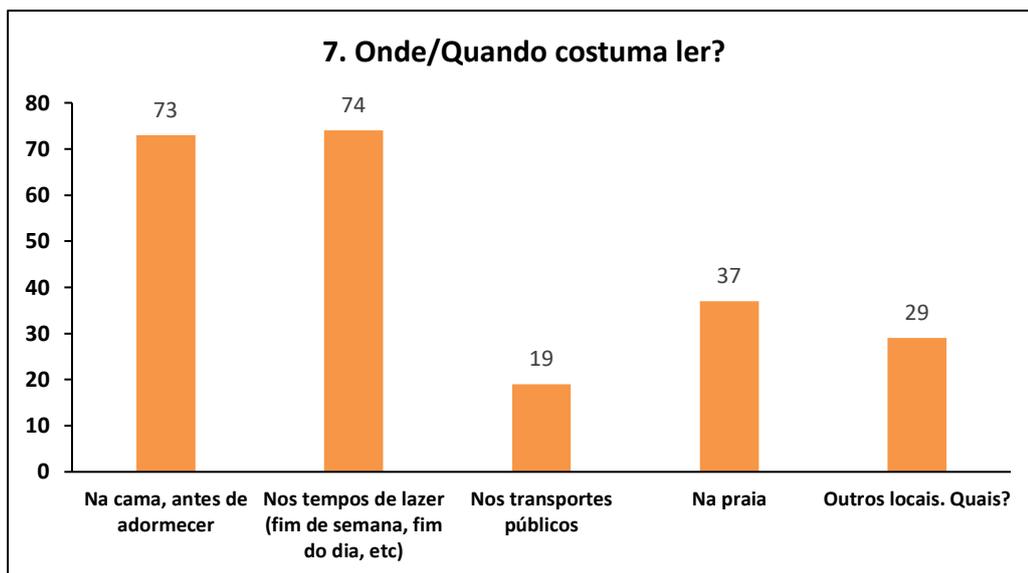


Figura 62 - Resultados obtidos na questão 7. Do Inquérito aos Hábitos de Leitura. Elaboração própria (2022).

Questão 8 – “Quais são as pessoas que mais o incentivam a ler?”¹¹³

Pretendia-se saber quem são as pessoas que mais incentivam e promovem a leitura junto dos alunos inquiridos. Assim, as opções possíveis de resposta eram: “Pais”, “Outros familiares. Quais?”, “Amigos”, “Professores” e “Outras pessoas. Quais?”. Os resultados obtidos encontram-se patentes na figura 63, em que se constata que são os pais (63 respostas) e os professores (58), as pessoas que mais incentivam os alunos a ler.

Quando a resposta foi “Outros familiares. Quais?”, os familiares mencionados foram: irmãos (três respostas), primos (cinco respostas), tios (quatro respostas), avós (cinco respostas) e padrinhos (uma resposta). Por outro lado, quando a resposta dada foi “Outras pessoas. Quais?” foi mencionada a motivação própria e intrínseca.

¹¹³ Idem.

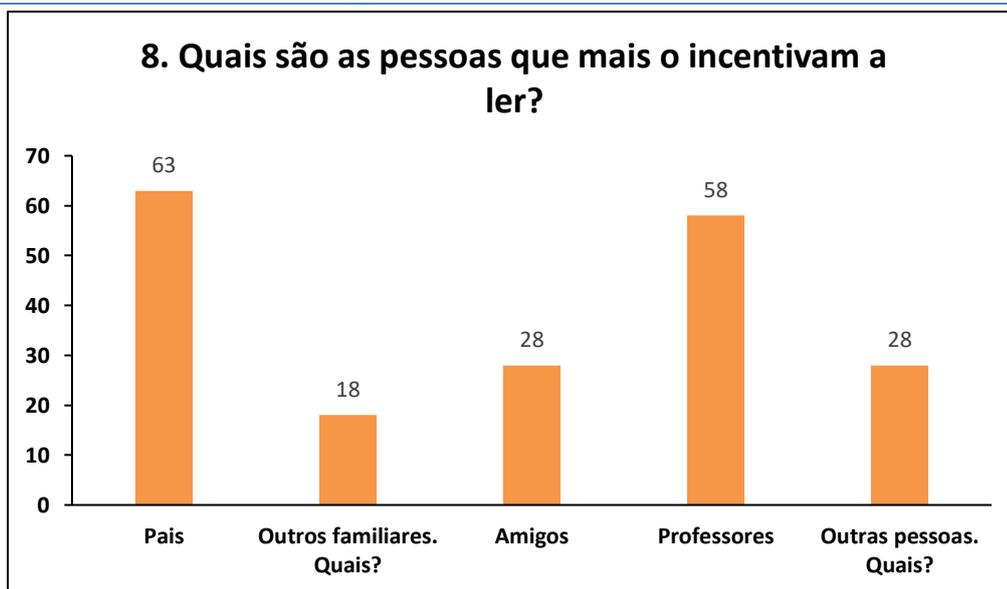


Figura 63 - Resultados obtidos na questão 8. do Inquérito aos Hábitos de Leitura. Elaboração própria (2022).

Questão 9 – “Já ouviu falar de José Saramago?”¹¹⁴ e Questão 9.1. – “Se respondeu sim, o que sabe sobre esta pessoa?”

Uma vez que a nossa hipótese de trabalho passava pela introdução da obra “Viagem a Portugal”, de José Saramago, nas aulas de Geografia, esta questão tinha o objetivo de perceber qual era o conhecimento dos alunos acerca da vida e obra deste escritor. Assim, apenas demos duas hipóteses de resposta: “Sim” e “Não”, cujos resultados obtidos se encontram patentes na figura 64. A grande maioria dos alunos (68,7%) reconhece já ter ouvido falar do escritor português.

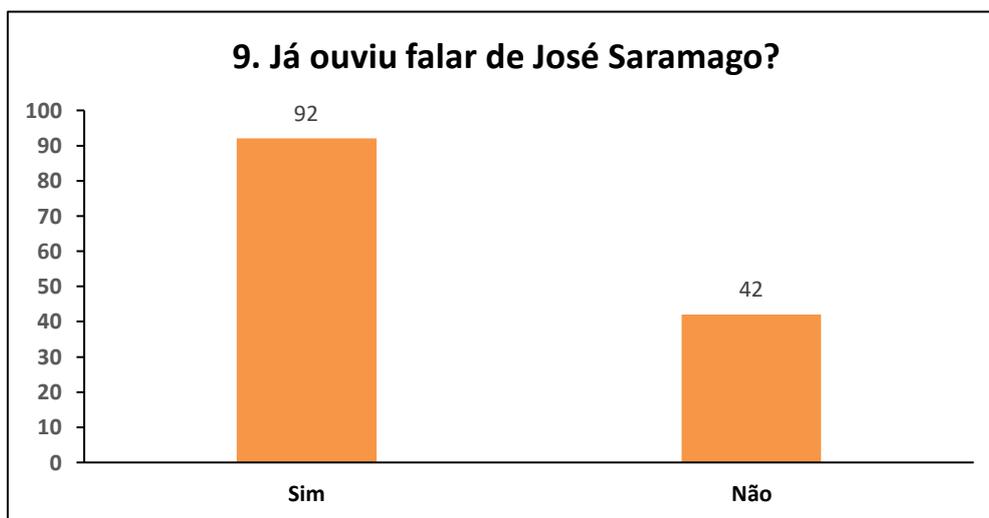


Figura 64 - Resultados obtidos na questão 9. Do Inquérito aos Hábitos de Leitura. Elaboração própria (2022).

Dos que reconhecem o nome de José Saramago, a maioria disse que o conhece como escritor português, vencedor do Prémio Nobel da Literatura e do Prémio Camões. Alguns estudantes

¹¹⁴ Um aluno não respondeu a esta questão, por isso a amostra é de 134 indivíduos.

referiram ainda algumas obras do autor, tais como “A Maior Flor do Mundo”, “Memorial do Convento”, “Evangelho Segundo Jesus Cristo”, “Ensaio Sobre a Cegueira” e a “Viagem do Elegante”.

Questão 10 – “Considera que a Literatura pode ser usada na aula de Geografia?” e Questão 10.1. – “Se respondeu sim, como acha que a Literatura pode ser usada na aula de Geografia?”

Partindo da questão 9, era importante, para a prossecução do nosso trabalho, a perceção dos alunos sobre a introdução da literatura em contexto de sala de aula. Assim, demos três hipóteses de resposta: “Não”, “Nunca tinha pensado no assunto” e “Sim”, cujos resultados se encontram patentes na figura 65.

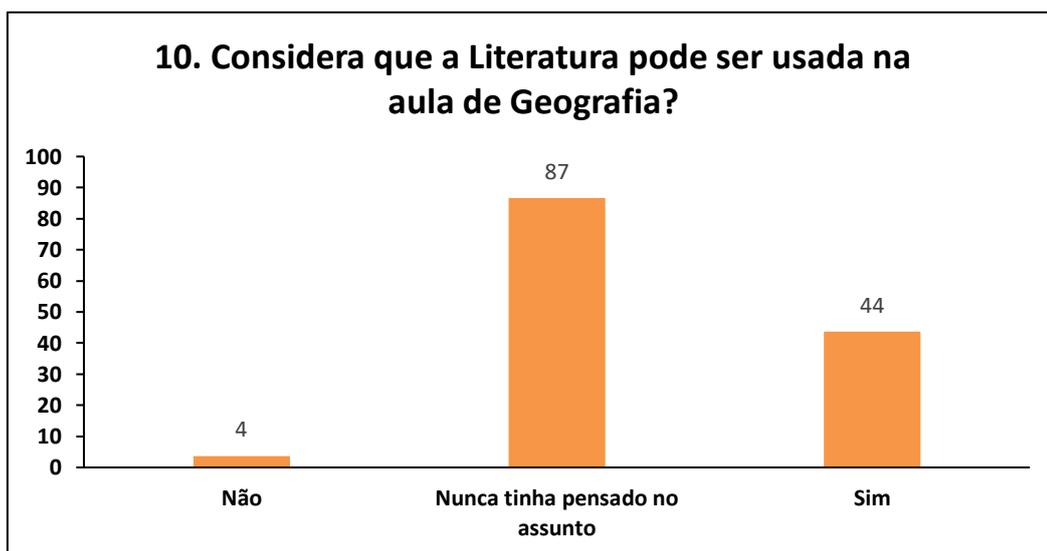


Figura 65 - Resultados obtidos na questão 10. Do Inquérito aos Hábitos de Leitura. Elaboração própria (2022).

A esmagadora maioria dos alunos (87) afirmou nunca ter pensado no assunto, enquanto apenas quatro disseram que a literatura não pode ser usada na sala de aula. 44 estudantes responderam sim a esta questão e, portanto, teriam de responder à questão 10.1 – “Se respondeu sim, como acha que a Literatura pode ser usada na aula de Geografia?”.

As respostas obtidas foram ao encontro ao que esperávamos para esta questão. Assim, de forma geral, os alunos mencionaram: “Recolha de informação sobre a disciplina”; “Também é possível aprender sobre o Mundo através da ficção”; “Conhecer novas localizações geográficas através de livros”; “Biografias de montanhas, cidades, países, rios, mares, vilas, etc.”; Identificação de lugares representados nos livros na vida real”; “Para entender e compreender a matéria”; “Para pesquisas de Geografia”; “Leitura de mapas e caracterização de localidades” e “Os livros têm matéria lecionada na aula.”. Resumindo: “Os livros incluem descrição de paisagens e viagens associadas a mudança de país. Assim, os livros podem ser usados para a análise, em sala de aula, para análise dos sítios por onde passaram e viveram as personagens”.

Surpreendentemente, pela análise dos resultados obtidos, concluímos que os estudantes das seis turmas afetas à Professora Margarida Oliveira gostam de ler e são leitores assíduos, lendo, na sua maioria, um a três livros por mês. Preferencialmente, os alunos leem nos seus tempos livres e também, na cama, antes de adormecer.

Além disso, os alunos são conhecedores da vida e obra de José Saramago e consideram que a Literatura pode ser um exemplo de estratégia pedagógico-didática passível de aplicação numa aula de Geografia.

7.2. Ficha de Avaliação Formativa Alusiva ao Tema “Estado de Tempo e Clima” - Metodologia

O segundo passo naquilo que diz respeito à nossa aplicação pedagógico-didática, passou pela elaboração de uma ficha de avaliação formativa, cujo ponto de partida fossem citações da obra “Viagem a Portugal”, de José Saramago.

A avaliação das aprendizagens no Ensino Básico e Secundário é legislada pelo Decreto-Lei nº139/2012, de 5 de julho (artigo 24º), e pela Portaria nº243/2012, de 10 de agosto.¹¹⁵ De acordo com este documento, em Portugal podem existir três tipos de avaliação: diagnóstica, sumativa e formativa. A avaliação diagnóstica *“realiza-se no início de cada ano de escolaridade ou sempre que seja considerado oportuno, devendo fomentar estratégias de diferenciação pedagógica, de superação de dificuldades dos alunos, de facilitação da sua integração escolar e de apoio à orientação escolar e vocacional”*, enquanto a avaliação sumativa se *“traduz na formulação de um juízo global sobre a aprendizagem realizada”*. Por último, a avaliação formativa assume um *“caráter contínuo e sistemático, permitindo ao professor, ao aluno, ao encarregado de educação e a outras pessoas ou entidades legalmente autorizadas obter informação sobre o desenvolvimento da aprendizagem realizada pelos alunos, com vista ao ajustamento de processos e estratégias”*.¹¹⁶ De acordo com Barreira (2019), a avaliação formativa *“devia ser uma atividade de regulação permanente da aprendizagem, a partir da utilização do feedback com vista ao aperfeiçoamento da prática educativa levado a efeito pela orientação, com base na utilização de estratégias pedagógicas adequadas”*.

Não pretendíamos realizar uma avaliação diagnóstica, pois esta deveria ter sido feita antes da lecionação do tema *“estado de tempo e clima”*, e também não pretendíamos realizar nenhum juízo final acerca do desempenho dos alunos. Pretendíamos, apenas, avaliar as aprendizagens sobre esta temática, de um modo informal, em que os alunos e a professora pudessem facilmente compreender e colmatar as lacunas existentes e verificar se se poderia avançar para as temáticas seguintes. Assim, optámos, pela modalidade de avaliação formativa.

Depois de escolhido o tipo de trabalho que iríamos realizar com os alunos, o passo seguinte foi escolher as citações ou excertos da obra que serviriam de ponto de partida para a exploração do

¹¹⁵ Disponível em: <https://www.dge.mec.pt/modalidades-de-avaliacao> - consultado a 4 de maio de 2022.

¹¹⁶ Disponível em: https://www.dge.mec.pt/sites/default/files/Legislacao/dl_139_2012.pdf - consultado a 4 de maio de 2022.

tema. Foi uma tarefa bastante fácil, uma vez que “*Viagem a Portugal*” é uma obra bastante profícua no que toca a alusões a Clima e Meteorologia.

Portugal Continental apresenta um clima mediterrâneo, mas, claro está, com diferenças ao nível regional. Logo, optámos por escolher citações que espelhassem alguma dessa mesma diversidade climática e que fossem de leitura e interpretação acessível a crianças/adolescentes que frequentam o 7º ano de escolaridade. Para esta tarefa, selecionamos cinco localidades visitadas pelo “*viajante*”: Bragança, Chaves, Aveiro, Évora e Sagres. As citações escolhidas foram as seguintes:

- “*Às portas de Bragança, começa a chover. O tempo está desta feição, rolam no céu grandes nuvens escuras.*” (Saramago, 1985: 16);
- “*Quando saiu, enganou-se no caminho e foi dar à estrada de Chaves. (...) por este tempo brumoso e de chuva, no Outono, quando o céu se esconde e as folhas caem.*” (*idem, ibidem*: 20);
- “*Aí adiante, para além destas arenosas terras é Aveiro (...). À tarde, quer ver como será a ria estando o Sol ausente. Viu águas de chumbo, terras rasas, as coisas a dissolverem-se na humidade do ar.*” (*idem, ibidem*: 83);
- “*As ruas de Évora são um deserto (...). Mas este calor está, realmente, insuportável (...). O Sol bate, duríssimo, o calor parece soprado pela goela de um forno imenso.*” (*idem, ibidem*: 208);
- “*E enfim, quase em linha recta, avança para a Ponta de Sagres, depois contornando a baía para o Cabo de S. Vicente. O vento, fortíssimo, sopra do lado da Terra.*” (*idem, ibidem*: 233).

De seguida elaborámos as questões, de acordo com as “*Aprendizagens Essenciais de Geografia*”¹¹⁷ e com a informação disponível no manual adotado pela Escola Secundária Dra. Maria Cândida (Pereira *et al*, 2021).

Iniciámos a elaboração da ficha de avaliação formativa pela introdução de todos os conceitos necessários à exploração do tema. A saber: atmosfera, clima, estado de tempo, Meteorologia, Climatologia, elementos do clima, precipitação, temperatura, humidade atmosférica, pressão atmosférica, vento, nebulosidade e insolação. À exceção dos conceitos de Meteorologia e Climatologia, adaptados de Cuadrat *et al* (2006), foram usadas as definições do manual supramencionado.

No âmbito das “*Aprendizagens Essenciais de Geografia*”¹¹⁸, os conhecimentos, capacidades e atitudes, que o aluno deve reter, no contexto deste tema, é “*Distinguir clima e estado de tempo, utilizando a observação direta e diferentes recursos digitais (sítio do IPMA, por exemplo)*”. Logo, a partir das citações de “*Viagem a Portugal*”, procurámos elaborar exercícios que fossem ao encontro do desenvolvimento desta “*aprendizagem essencial*”.

A ficha de avaliação formativa alusiva ao tema “*estado de tempo e clima*”, com exercícios que tomam como ponto de partida citações da obra “*Viagem a Portugal*”, de José Saramago, encontra-se

117

Disponível

em:

https://www.dge.mec.pt/sites/default/files/Curriculo/Aprendizagens_Essenciais/3_ciclo/7_geografia.pdf
consultado a 6 de maio de 2022.

118

Disponível

em:

https://www.dge.mec.pt/sites/default/files/Curriculo/Aprendizagens_Essenciais/3_ciclo/7_geografia.pdf
consultado a 7 de maio de 2022.

no Anexo XII (p: 160). Os dados recolhidos foram tratados com recurso à aplicação *Excel* do *Microsoft Office*, sendo depois analisados com o apoio da Estatística Descritiva.

7.2.1. Análise e Discussão dos Resultados

A ficha de avaliação formativa que elaborámos foi resolvida pela turma em que lecionávamos: o 7ºF, uma vez que era a única turma de 7º ano de escolaridade afeta à Professora Cooperante Margarida Oliveira, e, portanto, a única onde poderíamos aplicar as citações de “Viagem a Portugal” alusivas ao clima e estado de tempo. A ficha foi realizada ao longo de duas aulas de 50 minutos: 18 e 23 de maio de 2022, nas quais estiveram ausentes dois alunos por motivos de saúde. Assim, apesar de a turma ser composta por 17 discentes, foram apenas quinze que realizaram a ficha de avaliação formativa.

Na questão 1 os estudantes tinham apenas de tomar atenção e ler todos os conceitos imprescindíveis para a realização da ficha de avaliação formativa, enquanto na questão 2 teriam de ler cinco citações da obra “Viagem a Portugal”, de José Saramago. Todas as restantes questões eram de resposta obrigatória.

Questão 3. Identifique as citações que se referem ao estado de tempo e as que se referem ao clima.

Os exercícios iniciaram-se pela parte mais importante: saber distinguir os conceitos de clima e de estado do tempo. Com a ajuda de uma tabela, os estudantes deveriam dizer quais as citações eram alusivas ao estado de tempo e quais eram alusivas ao clima. Das cinco citações escolhidas da obra “Viagem a Portugal”, quatro falavam de estado de tempo – a), c), d) e e) – e, uma de clima (b), uma vez que as primeiras abordam questões momentâneas da atmosfera, enquanto a segunda aborda as estações do ano e o tempo, nomeadamente o Outono, que podemos associar ao clima (quadro 21).

Citações	Estado de tempo	Clima
a)	X	
b)		X
c)	X	
d)	X	
e)	X	

Quadro 21 – Correção do exercício 3. da ficha de avaliação formativa. Elaboração própria (2022).

As respostas obtidas pelos alunos encontram-se no quadro 22, identificando-se a verde as respostas corretas e a vermelho as respostas incorretas.

	3. Identifique as citações que se referem ao estado do tempo e as que se referem ao clima				
	a)	b)	c)	d)	e)
Aluno 1	Verde	Vermelho	Verde	Vermelho	Vermelho
Aluno 2	Verde	Vermelho	Verde	Verde	Verde
Aluno 3	Verde	Vermelho	Vermelho	Verde	Vermelho
Aluno 4	Vermelho	Vermelho	Verde	Vermelho	Vermelho
Aluno 5	Verde	Vermelho	Verde	Verde	Verde
Aluno 6	Verde	Verde	Verde	Vermelho	Vermelho
Aluno 7	Vermelho	Vermelho	Verde	Vermelho	Vermelho
Aluno 8	Verde	Vermelho	Verde	Verde	Verde
Aluno 9	Verde	Vermelho	Vermelho	Vermelho	Verde
Aluno 10	Verde	Vermelho	Vermelho	Verde	Vermelho
Aluno 11	Verde	Verde	Vermelho	Verde	Vermelho
Aluno 12	Verde	Vermelho	Vermelho	Verde	Vermelho
Aluno 13	Vermelho	Vermelho	Vermelho	Vermelho	Vermelho
Aluno 14	Verde	Vermelho	Vermelho	Verde	Vermelho
Aluno 15	Vermelho	Vermelho	Verde	Vermelho	Vermelho

Quadro 22 – Resultados obtidos na questão 3. da ficha de avaliação formativa. Elaboração própria (2022).

De um modo geral, para cada citação, obtiveram-se os resultados observados no quadro 23, em que a taxa de respostas incorretas (56%) foi superior à taxa de respostas corretas (44%).

Citação a)		Citação b)		Citação c)		Citação d)		Citação e)	
Respostas	%								
11	73,3	2	13,3	8	53,3	8	53,3	4	26,7
4	26,7	13	86,7	7	46,7	7	46,7	11	73,3

Quadro 23 – Resultados globais, por citação, na questão 3. da ficha de avaliação formativa. Elaboração própria (2022).

Verificou-se que, os alunos sentiram dificuldades na identificação das citações que aludem a estado de tempo ou a clima. As citações b) e e) foram onde estes erraram mais, com uma taxa de respostas erradas de 86,7% e 73,3%, respetivamente. As restantes citações obtiveram resultados positivos, com taxas de respostas corretas de 73,3%, para a citação a) e 53,3% para as citações c) e d).

Questão 4. Identifique os elementos do clima presentes em cada uma das citações.

Neste exercício, os alunos deveriam reler as citações de “Viagem a Portugal” e, com o apoio dos conceitos fornecidos na questão 1 da ficha de avaliação formativa, encontrar os elementos do clima presentes.

Os elementos do clima presentes são: precipitação e nebulosidade (citação a)), precipitação (citação b)), nebulosidade e humidade do ar (citação c)), temperatura e insolação (citação d) e vento (citação e)). Os resultados das respostas obtidas pelos alunos encontram-se no quadro 24,

identificaram-se com “X” todas as respostas corretas, a vermelho as respostas incorretas e a amarelo os elementos do clima não mencionados.

4. Identifique os elementos do clima presentes em cada uma das citações.								
	Citação a)		Citação b)	Citação c)		Citação d)		Citação e)
	Precipitação	Nebulosidade	Precipitação	Nebulosidade	Humidade do ar	Temperatura	Insolação	Vento
Aluno número 1	X		X	X			X	X
Aluno número 2	X		X				X	X
Aluno número 3	X				X	X	X	X
Aluno número 4	X		X					
Aluno número 5	X		X				X	X
Aluno número 6	X		X	X		X	X	X
Aluno número 7	X							
Aluno número 8	X		X				X	X
Aluno número 9	X		X				X	X
Aluno número 10	X	X	X	X	X	X		X
Aluno número 11		X	X		X		X	X
Aluno número 12	X				X	X	X	X
Aluno número 13		X						X
Aluno número 14		X	X		X		X	X
Aluno número 15	X	X	X		X	X	X	X

Quadro 24 – Resultados obtidos na questão 4. da ficha de avaliação formativa. Elaboração própria (2022).

A ausência de elementos do clima identificados (a amarelo) bem como algumas respostas incorretas (a vermelho) demonstram uma dificuldade na interpretação das palavras presentes no texto. Por exemplo, na citação a), 13 dos 15 alunos conseguiram facilmente identificar o elemento “precipitação” que estava explícito (“Às portas de Bragança começa a chover”), porém tiveram dificuldade em decifrar o elemento “nebulosidade”, que só se poderia aferir pela leitura e interpretação do texto (“... rolam no céu grandes nuvens”). Apenas dois alunos conseguiram encontrar os dois elementos do clima em simultâneo. A mesma situação passou-se com a citação c), em que os estudantes encontraram facilmente a humidade do ar que estava explícita (“as coisas a dissolverem-se na humidade do ar”), mas não conseguiram descortinar o significado de “Sol ausente”. Naquilo que se refere à citação c), apenas três alunos conseguiram perceber o elemento “nebulosidade”.

As respostas erradas denotam falta de atenção, de concentração e interesse por parte dos alunos. Damos como exemplo desta situação a citação e), em que apenas dois alunos erraram. Ao invés de responderem “vento”, responderam “insolação”, quando no excerto não há nada que remeta para este conceito e a palavra vento está nítida.

Questão 5. Aceda ao site <https://www.accuweather.com/pt/pt/portugal-weather> para encontrar informação sobre o estado de tempo dos locais mencionados nas citações (Chaves, Bragança, Sagres, Évora e Aveiro). E Questão 5.1. De seguida, clique sobre “Tempo atual” e, depois sobre o

separador “Diária” para poder recolher os dados que lhe permitirão preencher a seguinte tabela.
Nota: selecione apenas dois locais.

As “Aprendizagens Essenciais de Geografia”, para o 7º ano de escolaridade, pressupõem que os alunos, além de saberem diferenciar clima e estado de tempo, devem também investigar em *sites online* sobre esses mesmos conteúdos. O sítio do Instituto Português do Mar e da Atmosfera¹¹⁹, organismo que em Portugal é responsável pelas previsões meteorológicas e estudo do clima, não apresenta dados para uma previsão diária ao nível das cidades e/ou estações meteorológicas. Assim, optámos por recorrer ao site <https://www.accuweather.com/pt/pt/portugal-weather>.

Os alunos deveriam escolher duas das cinco localidades (Chaves, Bragança, Aveiro, Évora e Sagres) mencionadas nas citações e pesquisar para as mesmas os seguintes itens: estado de tempo atual, temperatura máxima, temperatura mínima, precipitação, vento (intensidade e direção), cobertura de nuvens (%), alertas meteorológicos e duração do dia.

Como a presente ficha foi resolvida pelos alunos em dois dias diferentes, como já foi supramencionado, porém procurámos que todos solucionassem esta questão no dia 18 de maio, para assim haver uma uniformidade de respostas e ser mais fácil de avaliar. Os resultados a encontrar pelos alunos encontram-se no quadro 25.

	Bragança	Chaves	Aveiro	Évora	Sagres
Estado de tempo atual	Nublado	Nublado	Nublado	Sol entre nuvens	Sol entre nuvens
Temperatura máxima	28°C	25°C	20°C	28°C	27°C
Temperatura mínima	7°C	9°C	11°C	13°C	19°C
Precipitação	0 mm	0 mm	0 mm	0 mm	0 mm
Vento (direção e intensidade)	SSE 16 Km/h	SO 9 Km/h	S 7 Km/h	NO 15 Km/h	S 8 Km/h
Cobertura de nuvens	76%	74%	72%	70%	67%
Alertas meteorológicos	Não há.	Não há.	Não há.	Não há.	Não há.
Duração do dia	14h28m	14h35m	14h32m	14h21m	14h14m

Quadro 25 – Correção da questão 5.1. da ficha de avaliação formativa (relativos ao dia 18 de maio de 2022). Disponível em: <https://www.accuweather.com/pt/pt/portugal-weather>. Elaboração própria (2022).

Por questões de espaço e organização, o quadro com as respostas dos alunos relativas a esta questão encontra-se no Anexo XIII (p. 164), em que a verde se identificam as respostas corretas e a vermelho as respostas incorretas. Também as cidades foram abreviadas para a sua inicial, sendo assim C – Chaves, B – Bragança, A – Aveiro; E – Évora e S – Sagres.

Pela observação e análise constata-se que os alunos, apesar do bom desempenho nesta questão, tiveram algumas dificuldades e falta de concentração na pesquisa de informação sobre o estado de tempo. Obtiveram-se 22,1% de respostas erradas e, conseqüentemente, 77,9% de respostas acertadas.

A taxa de sucesso por cada item pedido encontra-se no quadro 26.

¹¹⁹ Disponível em: <https://www.ipma.pt/pt/index.html> - consultado a 22 de maio de 2022.

Item	Percentagem de respostas corretas
Estado de tempo atual	53,3%
Temperatura máxima	76,7%
Temperatura mínima	73,3%
Precipitação	83,3%
Vento (intensidade e direção)	93,3%
Cobertura de nuvens	66,7%
Alertas meteorológicos	100%
Duração do dia	76,7%

Quadro 26 -Taxa de sucesso, por item, na questão 5.1. da ficha de avaliação formativa. Elaboração própria (2022).

Verificou-se que as maiores taxa de sucesso, isto é, percentagem de respostas corretas, nos itens alertas meteorológicos (100%) e vento (intensidade e direção (93,3%). Pelo contrário, as taxas de menor sucesso apuraram-se nos itens estado de tempo atual (53,3% de respostas corretas) e cobertura de nuvens (66,7% de respostas corretas). No item “estado de tempo atual”, todos os estudantes que erraram, ao invés de descrever se estava “nublado” ou “chuvoso”, por exemplo, responderam com a temperatura atual, enquanto no que se relaciona com a cobertura de nuvens pensamos que estes não conseguiram associar “cobertura de nuvens” a nebulosidade, tendo dado, por isso respostas erradas.

A taxa de sucesso por aluno encontra-se no Quadro 27, em que se verifica um bom desempenho de todos os estudantes, com uma média de 78,8% de respostas corretas.

	Percentagem de sucesso
Aluno número 1	87,5%
Aluno número 2	81,3%
Aluno número 3	87,5%
Aluno número 4	62,5%
Aluno número 5	87,5%
Aluno número 6	81,3%
Aluno número 7	56,3%
Aluno número 8	87,5%
Aluno número 9	68,8%
Aluno número 10	87,5%
Aluno número 11	87,5%
Aluno número 12	87,5%
Aluno número 13	62,5%

Aluno número 14	87,5%
Aluno número 15	68,8%

Quadro 27 – Taxa de sucesso, por aluno, na questão 5.1. da ficha de avaliação formativa. Elaboração própria (2022).

Os discentes com resultados mais baixos, isto é, aqueles que poderíamos selecionar para melhorar as respetivas aprendizagens no âmbito da modalidade de avaliação formativa, foram os números 7 (56,3% de respostas corretas), 13 (62,5% de respostas corretas), 9 e 15 (ambos com 68,8% de respostas corretas).

Questão 5.2. Comente as diferenças observadas.

Com esta questão, os alunos deveriam observar e comentar as diferenças observadas nas localidades mencionadas, de modo a compreenderem as diferenças de estado de tempo que podem existir, num mesmo dia, em Portugal Continental. Os resultados obtidos encontram-se no quadro 28.

5.2. Comente as diferenças observadas	
Aluno 1	É possível verificar diferenças em todos os pontos analisados.
Aluno 2	Em Aveiro está menos vento do que em Évora.
Aluno 3	O estado do tempo difere.
Aluno 4	No sul as temperaturas são mais elevadas e no norte mais baixas.
Aluno 5	Em Évora a temperatura é mais elevada do que em Aveiro.
Aluno 6	Observam-se diferenças na temperatura, na direção e intensidade do vento, na percentagem de cobertura de nuvens e na duração do dia.
Aluno 7	No Sul as temperaturas são mais elevadas.
Aluno 8	Existem diferenças na temperatura e no vento.
Aluno 9	O estado do tempo difere consoante as cidades.
Aluno 10	O vento é mais intenso em Bragança, onde a temperatura também é mais elevada.
Aluno 11	Uma cidade vai ter mais calor do que a outra.
Aluno 12	Diferem as temperaturas mínimas e máximas.
Aluno 13	Em Aveiro está mais vento do que em Évora
Aluno 14	Em Chaves a temperatura máxima é mais baixa do que em Évora. Em Évora a intensidade e direção do vento é maior do que em Chaves.
Aluno 15	No sul as temperaturas são mais elevadas e que no norte as temperaturas são menos elevadas.

Quadro 28 – Resultados obtidos na questão 5.2. da ficha de avaliação formativa. Elaboração própria (2022).

Todos os estudantes notaram que existiam diferenças entre as duas cidades que analisaram. Alguns foram mais longe e afirmaram mesmo que se verificam diferenças em todos os pontos (ou itens) analisados e que o estado do tempo difere de localidade para localidade.

Questão 6. *Aceda ao site <https://pt.climate-data.org/> para encontrar informação sobre o clima nos locais mencionados nas citações (Chaves, Bragança, Sagres, Évora e Aveiro). E Questão 6.1. De seguida, preencha a tabela com os dados recolhidos. Nota: pesquise para os locais selecionados na questão 5.1.*

Depois de pesquisarem sobre o estado de tempo previsto para o dia da realização da ficha de avaliação formativa, os alunos teriam de investigar sobre o clima para as localidades escolhidas anteriormente, na questão 5.1.. Para isso, recorreram ao *site* <https://pt.climate-data.org/>, que apresenta informação detalhadas sobre climas de todo o Mundo. Os itens a pesquisar foram os seguintes: tipo de clima, temperatura média anual, precipitação média anual, mês com temperatura média mais elevada, mês com temperatura média mais baixa, mês com maior precipitação média e mês com menor precipitação média. Os resultados obtidos deveriam ser os seguintes (Quadro X), enquanto Os resultados encontrados, bem como o sucesso obtido, pelos estudantes encontram-se no quadro 29.

	Locais				
	Bragança ¹²⁰	Chaves ¹²¹	Aveiro ¹²²	Évora ¹²³	Sagres ¹²⁴
Tipo de clima	Temperado (tipo Csb).	Temperado (tipo Csb).	Temperado (tipo Csb).	Temperado (tipo Csa).	Temperado (tipo Cs).
Temperatura média anual	11,5°C.	12,5°C.	15,6°C.	16,5°C.	16,9°C.
Precipitação média anual	920 mm.	810 mm.	1064 mm.	583 mm.	465 mm.
Mês com temperatura média mais elevada	Julho e Agosto (20,5°C).	Agosto (20,9°C).	Agosto (21,8°C).	Agosto (24,8°C).	Agosto (20,8°C).
Mês com temperatura média mais baixa	Janeiro (3,8°C).	Janeiro (5,2°C).	Janeiro (9,8°C).	Janeiro (9,2°C).	Janeiro e Fevereiro (13,1°C).
Mês com maior precipitação média	Outubro (133 mm).	Outubro (117 mm).	Outubro (151 mm).	Outubro (83 mm).	Dezembro (84 mm).
Mês com menor precipitação média	Julho (19 mm).	Julho e Agosto (20 mm).	Julho (15 mm).	Julho (3 mm).	Julho e Agosto (1 mm).

Quadro 29 - Resultados a recolher pelos alunos na questão 6.1. da ficha de avaliação formativa. Elaboração própria (2022).

Os resultados obtidos, por questões de espaço e organização e, também, para proporcionar uma melhor leitura e análise dos mesmos, encontram-se no Anexo XIV (p. 165). Também para minimizar espaço se optou por mencionar as localidades pela sua primeira letra. Assim, Bragança é B, Chaves é C, Aveiro é A, Évora é E e Sagres é S. Do mesmo modo, a verde identificam-se as respostas corretas e a vermelho as respostas incorretas.

¹²⁰ Disponível em: <https://pt.climate-data.org/europa/portugal/braganca/braganca-141/> - consultado a 22 de maio de 2022.

¹²¹ Disponível em: <https://pt.climate-data.org/europa/portugal/chaves/chaves-7128/> - consultado a 22 de maio de 2022.

¹²² Disponível em: <https://pt.climate-data.org/europa/portugal/aveiro/aveiro-882435/> - consultado a 22 de maio de 2022.

¹²³ Disponível em: <https://pt.climate-data.org/europa/portugal/evora/evora-135/> - consultado a 22 de maio de 2022.

¹²⁴ Disponível em: <https://pt.climate-data.org/europa/portugal/sagres/sagres-123751/> - consultado a 22 de maio de 2022.

Através da análise dos resultados obtidos, podemos afirmar que dos 105 itens (sete por cada aluno) que totalizam as respostas do alunos, este obtiveram 66,7% de respostas corretas. A percentagem de sucesso, por item pesquisado encontra-se no quadro 30.

Item	Percentagem de respostas corretas
Tipo de clima	73,3%
Temperatura média anual	73,3%
Precipitação média anual	46,7%
Mês com temperatura média mais elevada	80%
Mês com temperatura média mais baixa	73,3%
Mês com maior precipitação média	53,3%
Mês com menor precipitação média	60%

Quadro 30 – Percentagem de respostas corretas, por item, na questão 6.1. a ficha de avaliação formativa. Elaboração própria (2022).

Pela análise do quadro 30, entende-se que os discentes tiveram maiores dificuldades em encontrar a precipitação média anual, com mais de metade dos alunos a responder de forma errada, e o mês com maior precipitação média (53,3%). Por outro lado, as maiores percentagens de respostas corretas verificaram-se no item “mês com temperatura média mais elevada” (80% de respostas certas).

Nesta questão, apesar de esta ficha ser de avaliação formativa, é possível ainda analisar o sucesso individual de cada aluno, de modo a encontrar aqueles que apresentam maiores dificuldades de aprendizagens relativamente ao tema “estado de tempo e clima”. A partir do quadro 31, a partir da análise das respostas corretas, podemos aferir que alunos têm maiores dificuldades e, a partir daí, delinear estratégias para melhorar e promover a aprendizagem.

	Percentagem de sucesso
Aluno número 1	85,7%
Aluno número 2	92,9%
Aluno número 3	85,7%
Aluno número 4	92,9%
Aluno número 5	85,7%
Aluno número 6	85,7%
Aluno número 7	92,9%
Aluno número 8	85,7%
Aluno número 9	92,9%
Aluno número 10	92,9%
Aluno número 11	21,4%

Aluno número 12	85,7%
Aluno número 13	92,9%
Aluno número 14	100%
Aluno número 15	57,1%

Quadro 31 – Percentagem de sucesso, por aluno, na questão 6.1. da ficha de avaliação formativa. Elaboração própria (2022).

No geral, a maioria dos alunos teve um bom desempenho nesta questão, errando, um a dois itens. Destacam-se, pela negativa, os alunos número 11 e 15, com 21,4% e 57,1%, respetivamente, de respostas corretas.

Questão 6.2. Comente as diferenças observadas.

Do mesmo modo que a questão 5.2., também nesta os estudantes deveriam ver quais são diferenças observadas entre as duas localidades escolhidas, para compreenderem a diversidade climática de Portugal Continental. Assim, as respostas obtidas encontram-se no quadro 32.

6.2. Comente as diferenças observadas	
Aluno 1	Difere a temperatura e a precipitação anual.
Aluno 2	A temperatura média é mais baixa em Aveiro do que em Évora.
Aluno 3	A temperatura é diferente.
Aluno 4	Bragança tem precipitação mais elevada e Évora tem temperatura mais elevada.
Aluno 5	Os climas são parecidos.
Aluno 6	A diferença está na temperatura média anual e na precipitação média anual.
Aluno 7	Bragança tem um clima mais frio e uma precipitação mais elevada.
Aluno 8	São semelhantes.
Aluno 9	São semelhantes.
Aluno 10	Chaves é mais quente e tem menos precipitação.
Aluno 11	O clima muda de local para local.
Aluno 12	A diferença é a temperatura.
Aluno 13	Em Aveiro a temperatura média anual é menor do que em Évora.
Aluno 14	Em Chaves, a temperatura e a precipitação é menor do que em Évora.
Aluno 15	Chove mais em Chaves do que em Bragança.

Quadro 32 – Respostas obtidas na questão 6.2. da ficha de avaliação formativa. Elaboração própria (2022).

As diferenças foram notadas, sobretudo, ao nível da temperatura e da precipitação média anual, que foram praticamente comentadas por todos os alunos.

7.3. Inquérito Final – Inquérito de Avaliação da Utilização da Literatura nas Aulas de Geografia - Metodologia

Para finalizar a nossa aplicação pedagógico-didática optámos pela realização de um inquérito onde pode os alunos pudessem dar a sua opinião relativamente à utilização da Literatura nas aulas de Geografia e, também, onde pudessem sugerir outras formas/estratégias de trabalho.

A metodologia adotada foi ao encontro daquela que usámos para a elaboração do inquérito inicial aos hábitos de leitura dos alunos. Assim, optámos, novamente, pelo inquérito por questionário, uma vez que poderia ser preenchido pelo aluno, de forma independente e autónoma e logo devolvido. Quanto às questões, colocamos cinco fechadas e uma aberta, isto é, cinco questões onde fomos nós que demos as opções de resposta e uma questão onde os estudantes poderiam dar, livremente, a sua opinião. À semelhança no primeiro inquérito, este também era anónimo, e também tinha cabeçalho onde especificava os respetivos objetivos.

O inquérito de avaliação da estratégia pedagógico-didática elaborado, encontra-se no Anexo XV, (p. 166), cujos resultados foram analisados recorrendo à Estatística Descritiva e à aplicação *Excel* do *Microsoft Office*.

7.3.1. Análise e Discussão dos Resultados¹²⁵

Questão 1. Género

Responderam ao inquérito quinze alunos, dos quais onze eram do género masculino e quatro do género feminino. Nenhum aluno se identificou com outra situação relativamente ao género (figura 66).

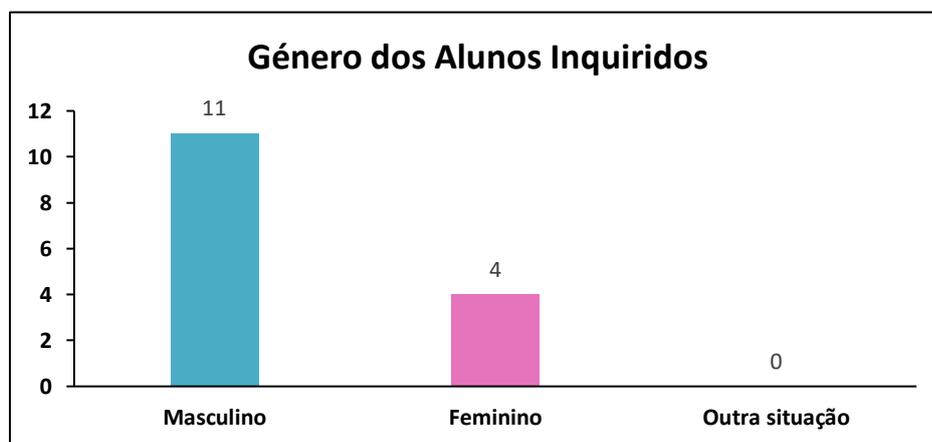


Figura 66 - Género dos alunos inquiridos no inquérito final de avaliação de estratégia pedagógica. Elaboração própria (2022).

Questão 2. Como avalia, numa escala de 0 (nada útil) a 10 (bastante útil), a ficha de avaliação formativa baseada nas citações da obra “Viagem a Portugal”, de José Saramago?

¹²⁵ O inquérito final, de avaliação da estratégia pedagógica, foi preenchido, pelos alunos, no dia 23 de maio, depois de concluída a ficha de avaliação formativa. Como já se disse anteriormente, dois alunos estavam ausentes por motivos de saúde, tendo sido o inquérito, tal como a ficha, respondido por 15 dos 17 estudantes da turma.

Pretendia-se avaliar, numa escala de 0 (nada útil) a 10 (bastante útil) – Escala de Likert¹²⁶ - se a ficha de avaliação formativa de Geografia foi útil para a aprendizagem por parte dos alunos. Os resultados alcançados encontram-se na figura 67.

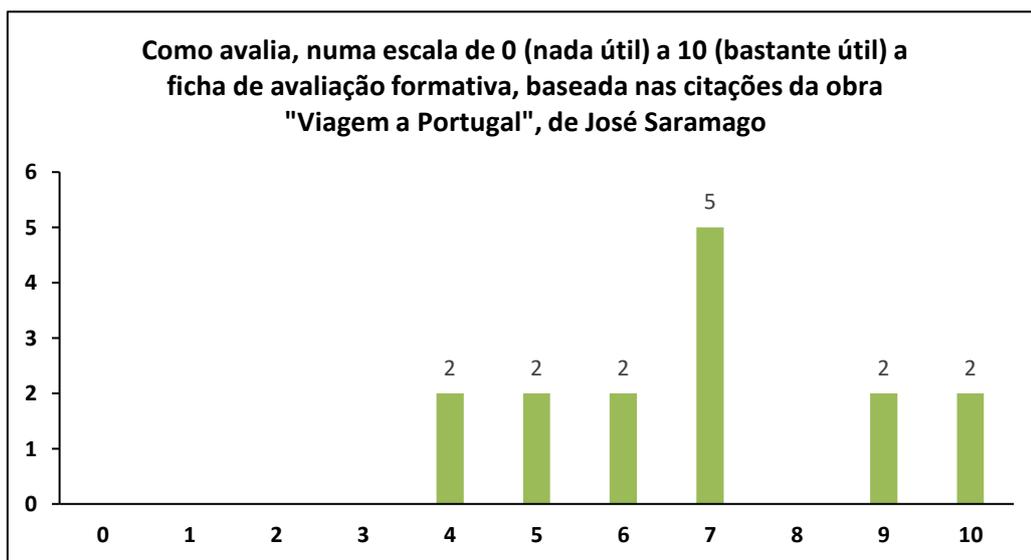


Figura 67 - Resultados obtidos na questão 2. do inquérito final de avaliação de estratégia pedagógica. Elaboração própria (2022).

Treze dos quinze discentes que responderam ao inquérito, colocaram valores superiores a cinco, o que significa que, de um modo geral, gostaram da atividade de realização da ficha de avaliação formativa. A média de avaliação é de 6,87, podendo nós, assim, afirmar que os alunos consideraram a ficha útil para as aprendizagens a efetuar no âmbito dos conteúdos “estado de tempo e clima”.

Questão 3. No que concerne aos conteúdos “estado de tempo e clima”, e tendo em conta a ficha de avaliação formativa que realizou, indique a opção que mais se aproxima do que pensa:

Esta questão tinha o objetivo de perceber de que modo a ficha de avaliação formativa sobre “estado de tempo e clima” contribuiu para o método de aprendizagem dos estudantes. Assim, e por ser uma questão fechada, demos as seguintes opções de resposta: “Acho que aprendi melhor com esta estratégia”, “Tive mais dificuldades em perceber a matéria com esta estratégia”, “Aprendi da mesma forma, como sempre acontece” e “Outra situação. Qual?”.

Os resultados obtidos encontram-se na figura 68, a partir de cuja análise podemos afirmar que, com recurso à literatura, apenas três alunos consideraram piorar as suas aprendizagens. Os restantes e, portanto, a maioria, confirmaram que melhoraram as respetivos conhecimentos acerca do tema “estado de tempo e clima” (6) e ou que aprenderam como sempre (6). É um bom prenúncio de que a Literatura poderá ser usada mais vezes, para ensinar Geografia.

¹²⁶ Espécie de tabela de classificação, normalmente usada em questionários, em que a pessoa que responde é convidada a emitir a sua concordância com determinada afirmação. Disponível em: <https://mindminers.com/blog/entenda-o-que-e-escala-likert/> - consultado a 22 de maio de 2022.

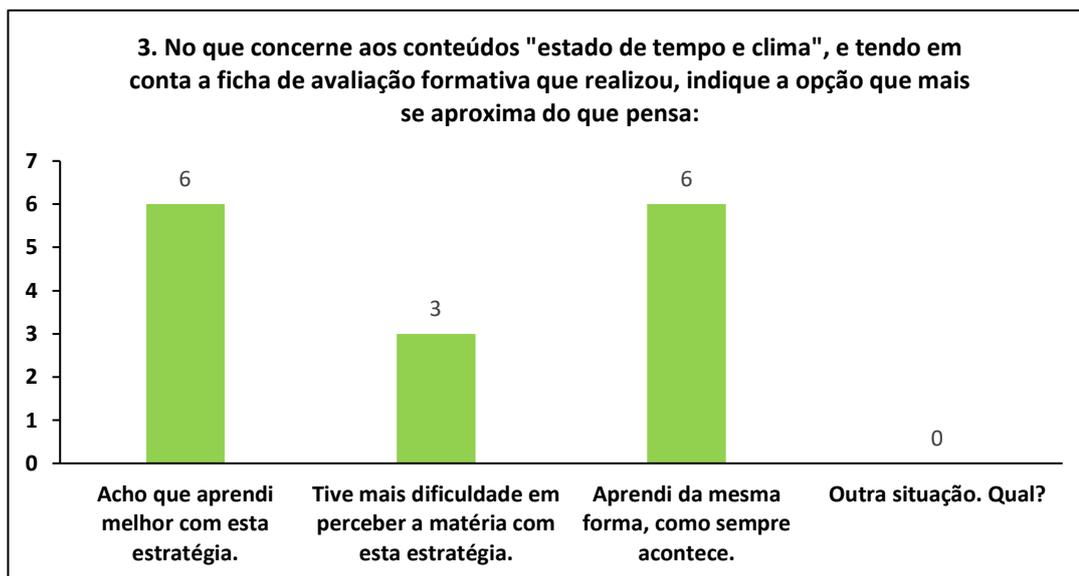


Figura 68 - Resultados obtidos na questão 3. inquérito final de avaliação de estratégia pedagógica. Elaboração própria (2022).

Questão 4. Considera que é possível o uso da Literatura nas aulas de Geografia? e Questão 4.1. Justifique a resposta dada na questão 4.

A presente questão já foi feita aos alunos no primeiro passo desta aplicação pedagógico-didática, ou seja, no inquérito aos hábitos de leitura dos alunos das turmas afetas à Professora Cooperante. A maioria dos alunos respondeu que sim. Porém, pretendíamos saber se, após a realização da ficha de avaliação formativa, os alunos ainda teriam a mesma ideia. Esse facto confirmou-se, uma vez que a maioria da turma inquirida afirmou ser possível a utilização da Literatura como estratégia didática (figura 69).

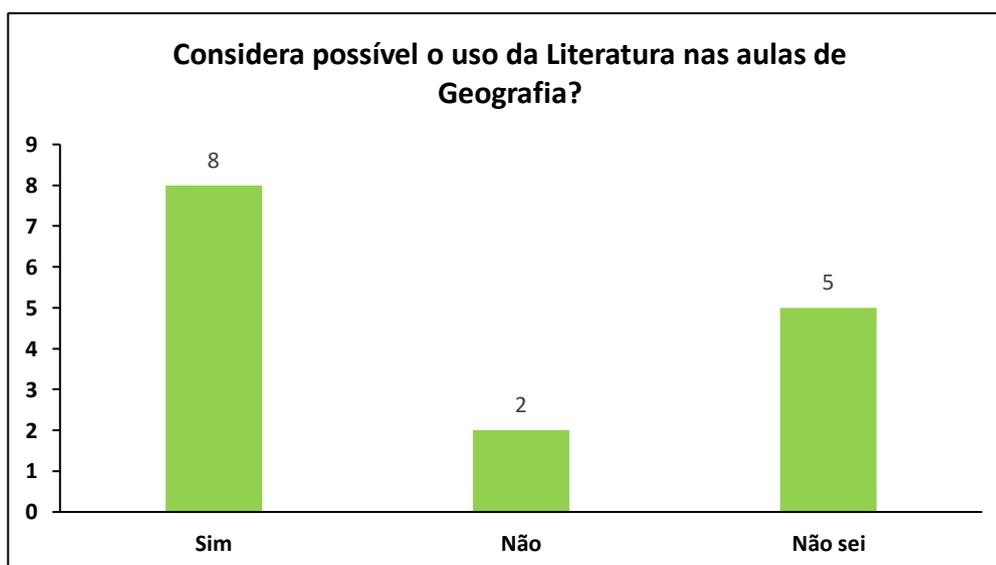


Figura 69 - Resultados obtidos na questão 4. do inquérito final de avaliação de estratégia pedagógica. Elaboração própria (2022).

Quanto à justificação para a utilização da Literatura em contexto de sala de aula (questão 4.1.), os alunos disseram: *“se estivermos motivados conseguimos aprender com tudo”, “Para ser mais dinâmico e divertido”* e *“Nos excertos conseguimos distinguir de forma clara o que é estado de tempo e o que é clima”*. No ponto oposto, e naquilo que se refere à não utilização da Literatura em sala de aula, ambos os estudantes afirmaram ter tido dificuldades na leitura e interpretação do texto. Por último, os discentes que responderam *“não sei”*, nesta questão responderam igualmente *“não sei”*.

5. Sugestões de melhoria/Outras sugestões de trabalho.

Com esta questão aberta, pretendia-se que os alunos nos dessem mais sugestões para aplicação da Literatura nas aulas de Geografia. As ideias apresentadas foram: trabalhos de grupo, trabalhos de pesquisa para apresentar na aula, realização de piqueniques literários e ter aulas ao ar livre para ver os lugares descritos nos livros.

Conclusão

Depois de termos concluído o estágio curricular do Mestrado em Ensino de Geografia no 3º Ciclo e no Ensino Secundário, cujo relatório é o presente documento, na Escola Secundária com 3º Ciclo Dra. Maria Cândida, em Mira, resta-nos fazer um balanço geral e retirar algumas conclusões. Numa junção de mundos que sempre gostamos, nomeadamente, a Literatura, a Geografia, a paisagem e José Saramago, conseguimos concluir todo o processo com grande entusiasmo e sucesso.

O estágio afigurou-se como uma oportunidade de colocar em prática todos os conhecimentos adquiridos, bem como a nossa competência docente. Lecionámos muitas mais aulas do que aquelas que estavam previstas, o que nos deu preparação acrescida para a entrada na vida profissional docente. A parte mais complexa foi conseguir conciliar o horário de trabalho noturno com o estágio durante o dia. Porém, com a ajuda, apoio e flexibilidade da Professora Cooperante, Margarida Oliveira, todas as dificuldades foram ultrapassadas.

Quanto à temática escolhida para o presente relatório: *“Ler o território no ensino da Geografia. Possibilidades pedagógicas a partir da obra “Viagem a Portugal”, de José Saramago.”*, que surgiu do gosto pela leitura, Geografia e paisagem, foi fulcral para lançar a literatura como estratégia pedagógica didática a usar nas aulas de Geografia.

À primeira vista pode qualquer um pensar que Literatura e Geografia nem se podem relacionar, mas consideramos que estas podem coexistir e trabalhar numa relação de interdisciplinaridade. A Geografia precisa da Literatura assim como a Literatura precisa da Geografia.

Com o acesso a conteúdos digitais e a uma vida mais agitada, as pessoas podem ter perdido o gosto pelos livros e pela leitura. Ainda assim, muitos outros fatores contribuíram para que estas se aproximassem mais da Literatura, tais como: a diminuição da taxa de analfabetismo e aumento da taxa real de escolarização, a melhoria das condições económicas das famílias, ou a existência em maiores números de bibliotecas públicas e escolares. Na Escola Secundária com 3º Ciclo Dra. Maria Cândida, onde realizámos um inquérito aos hábitos de leitura dos alunos das turmas afetas à nossa Professora Cooperante, verificou-se que estes são leitores assíduos, lendo, na sua maioria entre 1 a 3 livros por mês.

Neste contexto, a Literatura também pode ser utilizada, em contexto de sala de aula, em todas as disciplinas do curricular escolar. No caso particular da Geografia, a Literatura apresenta descrição de lugares que podem ser úteis e cooperar para a explicação dos fenómenos e acontecimentos geográficos. Uma dessas obras é *“Viagem a Portugal”*, de José de Sousa Saramago, que retrata, geograficamente, Portugal Continental de lés a lés. A partir deste livro, criámos uma ficha de avaliação formativa para o 7º ano de escolaridade e alusiva aos conteúdos “estado de tempo e clima”, que tinha o objetivo de verificar se os alunos melhoraram as aprendizagens com recurso à Literatura. Entendemos que os estudantes tiveram dificuldades na interpretação e exploração das citações escolhidas e que, devido a faltas de concentração e atenção, cometeram alguns erros na resolução dos exercícios propostos.

Porém, de um modo geral, consideramos que a ficha de avaliação formativa foi marcante para demonstrar como se pode aprender Geografia com recurso à Literatura. Este facto foi comprovado pelos alunos, no inquérito final de avaliação da estratégia pedagógica, em que apenas dois alunos consideraram que pioraram as suas aprendizagens com recurso a este estratégia.

A Literatura é, assim, uma oportunidade para o professor de Geografia marcar a diferença, através de estratégias de ensino inovadoras, uma vez que não há tradição do seu uso em Portugal. É uma possibilidade de retirar informações geográficas de textos literários, construindo a explicação do mundo que nos rodeia, através do método de observação indireta.

Bibliografia

Agrupamento de Escolas de Mira (2019). *Projeto Educativo 2019-2023*. Disponível em: <https://www.escolasdemira.pt/>.

Aires, A. R. (2011). *“Memorial do Convento” – uma leitura, uma escrita*. Relatório da Prática de Ensino Supervisionada, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, Lisboa.

Alves, E. M. S. (2009). *Jornal do Fundão: jornalismo de causas, cultura e identidade*. Dissertação de Mestrado, Universidade da Beira Interior, Covilhã, 220 p.

Arnaut, A. P. (2017). *À mesa com a ficção de José Saramago: casa onde não há pão, todos ralham (quase) sempre com razão*. Lisboa: Fundação José Saramago.

Barreira, C. (2019). Conceções e práticas de avaliação formativa e sua relação com os processos de ensino e aprendizagem. In: Ortigão, M. I. R., Fernandes, D., Pereira, T. V., Santos, L., Lopes, A. C. e Macedo, E. (eds), *Avaliar para aprender no Brasil e em Portugal: Perspetivas Teóricas, Práticas e de Desenvolvimento*. Série “Temas em currículo, docência e avaliação (volume 6)”. Brasil: Editora CRV.

Barros, C.; Gama, R. (2009/10). Marketing territorial como instrumento de valorização dos espaços rurais: uma aplicação na rede das Aldeias do Xisto. *Cadernos de Geografia*, nº28/29, Coimbra, 93-106.

Bastos, R. Q. (2020). *José Saramago à luz de Northrop Frye: uma análise de “O Evangelho segundo Jesus Cristo” e “Caim”*. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Porto.

Benatti, C. (2016). A Geografia Cultural: das conceções clássicas às novas tendências e dinâmicas na contemporaneidade. *Geosaberes: Revista de Estudos Geoeducacionais*, vol. 7, nº 13, 2-11.

Bernardo, A. (2012). *Entre a Vida e a Morte: Uma reflexão sobre “Biopolítica”, “Disotopia” e “Morte” em José Saramago*. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, Lisboa.

Brandão, A. D.; Melo, M. P. de; Mendes, E. de P. P. (2018). Análise geográfica de obras literárias: metodologia da geografia escolar. Comunicação apresentada no IX Fórum Nacional de Formação de Professores de Geografia, Caldas Novas (Goiás, Brasil).

Braz, N. B. de O.; Alencar, A. V. de (2018). *A importância do uso da literatura no ensino da Geografia*. Comunicação apresentada no I Colóquio Internacional de Educação Geográfica, Maceió (Brasil).

Brosseau, M. (2013). Geografia e literatura. In: Rosendahl, Zeny e Corrêa, Roberto Lobato (eds.). *Geografia Cultural: Uma Antologia* (265-292), volume II, Rio de Janeiro: Editora da Universidade do Rio de Janeiro.

Carvalho, P. (2007-2008). Literatura, paisagem e geografia histórica. Revisitar Miguel Torga a pretexto dos ambientes de montanha. *Cadernos de Geografia*, nº 26/27, Coimbra, 77-83.

Carvalho, P. (2012). Paisagem e Geografia no universo literário de Miguel Torga. A Cordilheira Central através do *Diário* (1932-1993). *Revista da Faculdade de Letras – Geografia*, III série, vol. 1, Universidade do Porto, 45-58.

Carvalho, R. J. (2014). Reflexões sobre Geografia e Literatura. *Ágora*, nº 19, 80-89.

Castro, M. (2021). Paisagem como recurso pedagógico do desenvolvimento crítico. *Geografia: Publicações Avulsas* (dossiê temático/edição especial), v.3, n.1, Universidade Federal do Piauí (Teresina, Brasil), p. 13-39.

Castro, M.; Vieira, A. A.; Simões, J. P. A. (2021). Paisagem e fotografia e geografia: uma proposta de aplicação didática. Em: Velez de Castro, F. e Castro, M. (eds), *Imagem, som e dramatização no ensino da Geografia. Estratégias Pensadas a Partir da Formação Inicial de Professores*, Eumed – Universidade de Málaga, Málaga, Espanha, 145pp.

Choupina, F. A. A. (2005). *O lugar do meio. Uma leitura geográfica da obra de Miguel Torga*. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Coimbra, 331 pp.

Cravidão, F. D. (1992). Ficção, Espaço e Sociedade. Notas para uma leitura geográfica da obra de Alves Redol – *Avieiros*. *Cadernos de Geografia*, nº11, Coimbra, 37-47.

Cravidão, F. D. (1998). *A população e o povoamento da Gândara: génese e povoamento*. Dissertação de Doutoramento, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Coimbra.

Cravidão, F. D. (2005). Território e sociedade: passageiros de viagens literárias”. In: Valença, Márcio Moraes; Costa, Maria Helena, *Espaço, Cultura e Representações*, Editora da UFRN, Brasil, 29-50.

Cravidão, F. D.; Marques, M. (2000). Literatura e Geografia: Outras viagens, outros territórios. “Emigrantes” de Ferreira de Castro. *Cadernos de Geografia*, nº19, Coimbra, 23-27.

Cuadrat, J. M.; Pita, M. F. (2006). *Climatología*. 4ª edição, Cátedra. Madrid.

Daveau, S. (2005). *Portugal Geográfico*. 4ª edição, Edições João Sá da Costa. Lisboa.

Dias, G. K.; Dias, L. C. (2019). A Literatura como ferramenta para o ensino da Geografia Física. *Geosaberes: Revista de Estudos Geoeducacionais*, vol. 10, n. 22, Universidade Federal do Ceará (Brasil).

Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. *Regulamento da Formação de Professores*. Disponível em: <https://www.uc.pt/fluc>. – consultado a 13 de março de 2022.

Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. *Plano Anual Geral de Formação de Professores 2021-2022*. Disponível em: [https://www.uc.pt/fluc/formacaoprofessores/docs/Plano Anual Geral Formacao 21 22 .pdf](https://www.uc.pt/fluc/formacaoprofessores/docs/Plano%20Anual%20Geral%20Formacao%2021%2022.pdf) - consultado a 13 de março de 2022.

Fernandes, D. C. (2016). *Do Mar à Terra: «Viagem a Portugal», de José Saramago, e o Retorno da Literatura de Viagens*. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Coimbra.

Fernandes, D. C. (2017). A Construção de “Viagem a Portugal”. *Revista de Estudos Saramaguianos Portugueses*, n.5, 55-68.

Fernandes, J. L. J. (2009/10). Viagens, representações de lugares e identidades poligâmicas. *Cadernos de Geografia*, nº28/29, Coimbra, 33-42.

Ferrão, J. (1999-2000). As geografias do país: do passado ao presente. *Janus*. Disponível em: https://www.janusonline.pt/arquivo/1999_2000/1999_2000_3_3_4.html - consultado a 3 de janeiro de 2022.

Ferreira, A. S.; Flores, I.; Casas Novas, T. (2017). *Porque melhoram os resultados PISA em Portugal? Estudo longitudinal e comparado (2000-2015)*. Lisboa: Fundação Francisco Manuel dos Santos.

Ferreira, P. I. M. (2009). *O Elogio do Barroco em “Memorial do Convento”*. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Coimbra, 155 pp.

Figueiredo, O. M. (2006a). A metáfora como fator de textualidade em “Ensaio Sobre a Lucidez” de José Saramago. *Forma y Función*, 19, Bogotá (Colômbia), 73-101.

Figueiredo, O. M. (2006b). A reconceptualização da metáfora em “Ensaio sobre a lucidez” de José Saramago. *SCRIPTA*, v. 10, nº 19, Belo Horizonte (Brasil), 215-227.

Franco, T. A. dos S. (2011). *De Jangada rumo à Cegueira: narrativas em dois formatos: uma análise intersemiótica*. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Coimbra.

Freitas, E. de; Santos, M. de L. L. dos (1991). Inquérito aos hábitos de leitura. *Sociologia – Problemas e Práticas*, nº10, 67-89.

Gaspar, J. A. (2005). *Cartas e Projecções Cartográficas*. Lisboa: Lidel. 331 pp.

Germano, D.; Lopes, L.; Gomes, C. P.; Santos, A. P.; Martins, R. (2014). O impacte das pedreiras inativas na fauna, flora e vegetação na zona dos mármore: problema ou benefício?. *Callipole*, n. 21, Vila Viçosa, 149-171.

Gonçalves, M. de M. (2013). *José Saramago: da viagem ao viajante*. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, Lisboa.

Jacinto, R. (1995). As outras geografias: a literatura e as leituras do território. *Cadernos de Geografia*, nº 14, Coimbra, 139-142.

Jatobá, L. (2002). *Climatologia, Uma Ciência Geográfica*. Em Jatobá, L. e Silva, A. F., *Tópicos Especiais de Climatologia*. Editora Itacaiunas. Pará.

Junqueira, L; Delicado, A.; Truninger, M. (2017). Paisagem, tecnologia e desenvolvimento local: a central solar da Amareleja. *Sociologia: Problemas e Práticas*, n. 83, p. 137-156.

Levi, L. L. (2011). El paisaje narrado: urbanizaciones cerrada, geografía y literatura. *Ateliê Geográfico*, v. 5, n. 3, 1-31.

Lima, S. T. de (2000). Geografia e literatura: alguns pontos sobre a percepção da paisagem. *Geosul*, v. 15, n. 30, Florianópolis (Brasil), 7-33.

Lima e Sousa, S. I. S. (2015). *O “Display” da Morte na Ficção de José Saramago*. Tese de doutoramento, Instituto de Letras e Ciências Humanas da Universidade do Minho, Braga.

Lopes, M. Â.; Ávila, P. (2021). *Práticas de Leitura dos Estudantes Portugueses – 1º e 2º Ciclos*. Lisboa: Centro de Investigação e Estudos de Sociologia (ISCTE). 108 pp.

Marinho, M. de F. (2020). De Agustina a Saramago ou a arte de transgredir os clássicos. *REVELL*, v. 3, nº26, Mato Grosso do Sul (Brasil), 69-84.

Maroco, J.; Bispo, R. (2005). *Estatística aplicada às ciências sociais e humanas*. Lisboa: Climepsi Editores (2ª edição). 366 pp.

Martins, A. S. D. (2014). *Risco de Inundação na Área Urbana de Águeda*. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 115 pp.

Martins, F. (2014). Ensinar Geografia através de imagens... *The overarching issues of the european: the territorial diversity of opportunities in a scenario of crisis*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 429-446.

Medeiros, C. A. (2009). *Geografia de Portugal. Ambiente Natural e Ocupação Humana*. 6ª edição, Editorial Estampa. Lisboa.

Neves, J. S.; Lima, M. J. (2008). (Junho de 2008). *A leitura em Portugal: perfis e tipos de leitores*. Comunicação apresentada no VI Congresso Português de Sociologia, Lisboa (Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa).

Nolasco, I. (2021). *A representação social das classes populares em duas obras literárias simbolicamente consagradas: “Gente Pobre” de Dostoievsky e “Levantado do Chão” de Saramago*. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Porto.

Nunes, E. M. D. (2019). *Literatura e Cinema num Jogo (de) Duplo(s). O caso da adaptação fílmica de “O Homem Duplicado”, de José Saramago*. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Coimbra.

Oliveira, M. G. (2013). O pós-modernismo saramaguiano e o neorrealismo de “Levantado do Chão”. *Convergência Lusíada*, nº30, Rio de Janeiro (Brasil), 72-81.

Oliveira, M. J. R. (2014). *Determinantes do Desenvolvimento do Pinhal Bravo Em Áreas Dunares (Dunas de Mira)*. Dissertação de Doutoramento, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Coimbra.

Pereira, A.; Ribeiro, Eva.; Custódio, S.; Ribeiro, V. (2021). *Geo+ 7*. Porto: Porto Editora. 176pp.

Queirós, L. M. (2021, maio 11). Seara Nova: a grande revista de oposição do século XX faz 100 anos. *Público*. Disponível em: <https://www.publico.pt/2021/05/11/culturaipsilon/noticia/seara-nova- revista-oposicao-seculo-xx-faz-cem-anos-1961994> - consultado a 1 de novembro de 2021.

- Quivy, R.; Campenhoudt, L. (1998). *Manual de Investigação em Ciências Sociais*. Lisboa: Gradiva. 142 pp.
- Rebelo, F. (2010). *Geografia Física e Riscos Naturais*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra. 215 pp.
- Remoaldo, P. C. A. (2016). *Técnicas de Investigação em Geografia Humana*. Núcleo de Investigação em Geografia e Planeamento. Guimarães: Universidade do Minho. 31 pp. Disponível em: <http://repositorium.uminho.pt/bitstream/1822/9600/1/Gwp-Educ-n16-net.pdf> - consultado a 11 de abril de 2022.
- Ribeiro, O. (2012). *O Ensino da Geografia*. Porto: Porto Editora. 207 pp.
- Rosendahl, Z.; Corrêa, R. L. (2013). Geografia cultural: apresentando uma antologia. In: Rosendahl, Zeny e Corrêa, Roberto Lobato (eds.). *Geografia Cultural: Uma Antologia (9-18)*, volume II, Rio de Janeiro: Editora da Universidade do Rio de Janeiro.
- Saltoris, D. B. e Cardoso, C. (2016). “Geografia e Literatura: uma proposta para um ensino interdisciplinar”. *XVIII Encontro Nacional de Geógrafos – A construção do Brasil: geografia, ação política e democracia*. São Luís (Maranhão, Brasil).
- Santos, A. (2014). *Palavra/Imagem. Desenvolvimentos pictóricos a partir da escrita de José Saramago*. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto, Porto.
- Santos, M. de L. L. dos; Neves, J. S.; Lima, M. J.; Carvalho, M. (2007). *A Leitura em Portugal*. Lisboa: Gabinete de Estatística e Planeamento da Educação.
- Santos, D. A. dos; Azevedo, S. L. M. de (2019). O ensino da Geografia e a literatura: uma análise do conceito de paisagem na obra “O Pequeno Príncipe” de Antoine de Saint-Exupéry, *Anais do VI Congresso Nacional de Educação*, Brasil.
- Saramago, J. (1985). *Viagem a Portugal* (2ª edição). Lisboa: Editorial Caminho e Círculo de Leitores.
- Saramago, J. (2006). *As Pequenas Memórias*. Lisboa: Editorial Caminho.
- Saramago, J. (2014). *Levantado do Chão* (20ª edição). Porto: Porto Editora.
- Saramago, J. (2014). *Viagem a Portugal* (25ª edição). Porto: Porto Editora.
- Sauer, C. O. (1997). Geografia Cultural. *Espaço e Cultura*, (3), 1-7.
- Silva, I. S. (2017). *Levantadas do Chão: O poder das mulheres na obra de José Saramago*. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Porto.
- Silva, T. C. C. da (1999). De viagens e viajantes: Camões, Garret e Saramago. *Revista do Centro de Estudos Portugueses*, v. 19, n. 24, Universidade Federal do Rio de Janeiro (Rio de Janeiro, Brasil), 9-20.
- Simões, J. P. A. (2020). *O uso das TIC e de amostras de recursos do subsolo*. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Coimbra.

Soares, M. A. da R. (2016). *O trágico na obra saramaguiana. “Memorial do Convento” à luz de “O Evangelho Segundo Jesus Cristo”*. Dissertação de Mestrado, Instituto de Letras e Ciências Humanas da Universidade do Minho, Braga.

Sousa, V. C. C. (2006). *A Imagem Cega: um estudo comparatista de “Ensaio sobre a Cegueira” de José Saramago e “Blindness” de Fernando Meirelles*. Dissertação de Mestrado, Faculdade Letras da Universidade do Porto, Porto.

Suzuki, J. C. (2005). Geografia e literatura: uma leitura da cidade na obra poética de Paulo Leminsky. *Revista da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Geografia* (Brasil), v. 2, n. 2, 115-141.

Tomé, J. F. R. (2015). *A Gândara – Determinantes naturais e ocupação de um território*. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Coimbra.

Tuan, Y. F. (1978). Literature and Geography: Implications for Geographical Research. In: Ley, David; Samuels, M. (eds.), *Humanistic Geography – Prospects and Problems*. Maaroufa Press, Chicago, 194-206.

Valente, S.; Figueiredo, E. (2008). Feridas abertas na terra: da degradação dos sítios mineiros à sua recriação patrimonial – o caso das Minas da Panasqueira. *Colóquio Ibérico de Estudos Rurais: Cultura, Inovação e Território*. Coimbra.

Velez de Castro, F. (2005/2006). A linguagem da mobilidade em territórios periféricos. Perspetivas geográficas no conto “O Largo”, de Manuel da Fonseca. *Cadernos de Geografia*, nº24/25, Coimbra, 57-66.

Velez de Castro, F. (2009/10). O Sentido da Viagem. Territorialidade(s) no filme “A Casa de Areia”, de Andrucha Waddington. *Cadernos de Geografia*, nº28/29, Coimbra, 73-80.

Velez de Castro, F. (2021a). *A construção de territórios literários a partir de experiências migratórias de territorialização: O encontro entre a Geografia e a Literatura na obra de autoras (es) brasileiras (os)*. Projeto de Pós-Doutoramento, Eumed – Universidade de Málaga, Málaga, Espanha. 127 pp.

Velez de Castro, F. (2021b). A paisagem alentejana na escrita de José Luís Peixoto. Geografia das “sensescapes” no romance Galveias (2004). In: Carvalho, Ana Cristina e Raposo, Albertina (eds), *Alentejos. Imagens do Ambiente Natural e Humano na Literatura de Ficção* (pp. 115-132). Lisboa: Edições Colibri.

Velez de Castro, F. (2021c). “Encham os olhos de paisagem” – Ensinando a observar em Geografia Humana. Uma proposta taxonómica. *Geografia: Publicações Avulsas* (dossiê temático/edição especial), v.3, n.1, Universidade Federal do Piauí (Teresina, Brasil), p, 40-57.

Ventura, S. R. (2010). “História do Cerco de Lisboa” e “As duas sombras do rio”: dois protagonistas em busca de uma história. *Navegações*, v. 3, n.1, Porto Alegre (Brasil), 88-93.

Vermeire, S. (2014). *A Viralidade em Saramago e Ionesco*. Tese de doutoramento, Instituto de Letras e Ciências Humanas da Universidade do Minho, Braga.

Zêzere, J. L.; Pereira, A. R.; Morgado, P. (2006). Perigos naturais e tecnológicos no território de Portugal Continental. *Apontamentos de Geografia*, Lisboa: Centro de Estudos Geográficos e Ordenamento do Território. Disponível em: <https://geomuseu.ist.utl.pt/MINGEO2011/Documentos%20Complementares/riscos%20zezere.pdf> – consultado a 4 de janeiro de 2022.

Outras Fontes

Comissão da Educação Geográfica (1992). Carta Internacional da Educação Geográfica (http://www.apgeo.pt/files/docs/CD_V_Congresso_APG/web/pdf/A100_14Out_Cidadani_Iracema.pdf - consultado a 13 de dezembro de 2021).

Ficha Técnica do Quadro Estratégico do Plano Nacional de Leitura 2021 (<https://www.pnl2027.gov.pt/np4EN/file/8/QE.pdf>- consultado a 15 de novembro de 2021).

Instituto de Avaliação Educativa (2019). Relatório Nacional PISA.

Ministério da Educação (2018). Aprendizagens Essenciais (Geografia – 9º ano de escolaridade). Lisboa.

ANEXOS

ANEXO I – Plano de Trabalho do Relatório de Estágio de Estágio

Título Provisório: O contributo da literatura para o ensino da Geografia. Geografia de Portugal a partir da obra “Viagem a Portugal”, de José Saramago.

Questão-chave: A literatura pode contribuir para o ensino da Geografia?

Objetivos

- Mostrar que é possível aprender Geografia através de obras literárias;
- Refletir sobre a importância da literatura para a compreensão de fenómenos geográficos;
- Estimular hábitos de leitura;
- Descobrir novos caminhos de ensino e didática da Geografia.

Metodologia de Trabalho

- (Re) leitura da obra “Viagem a Portugal”, de José Saramago, e identificação de conteúdos relacionados com a Geografia de Portugal;
 - Selecionar passagens da obra e mostrar no *Google Earth* essas regiões portuguesas (Minho, Trás-os-Montes, Grande Porto, Serra da Estrela, Beira Alta, Beira Litoral ou Ria de Aveiro, Grande Lisboa, Ribatejo (Azinhaga do Ribatejo), Alentejo Litoral, Alentejo Interior, Barlavento Algarvio e Sotavento Algarvio).
- Revisão bibliográfica.

Estrutura do Trabalho

- Introdução (adequabilidade do tema, questão-chave, objetivos, hipóteses de trabalho, estrutura do trabalho, pertinência do estudo e possibilidades metodológicas);
- Revisão bibliográfica: Geografia e Literatura;
- Plano Nacional de Leitura e Geografia;
- José Saramago: vida e obra;
- A Geografia na obra de José Saramago;
- Geografia de Portugal na obra “Viagem a Portugal”, de José Saramago;
- Aplicação didática em contexto de sala de aula;
- Bibliografia.

Bibliografia

- Antunes, L. C. (2013). *Google Earth na Sala de Aula*. Areal Editores, Porto. 95 pp.
- Alves, I. (2013). “Em Torno da Paisagem: Literatura e Geografia em Diálogo Interdisciplinar”. *Revista da Anpoll, n.1 (35): pp: ;*
- Carvalho, R. J. (2014). “Reflexões sobre a Geografia e a Literatura”. *Ágora*, ano X, n.19, pp: 80-89.
- Cravidão, F. D. (1992). “Ficção, espaço e sociedade: notas para uma leitura geográfica e social da obra de Alves Redol – “Avieiros””. *Cadernos de Geografia*, nº11: pp.
- Cravidão, F. D. e Marques M. (2000). “Literatura e Geografia: Outras viagens outros territórios. Emigrantes de Ferreira de Castro”. *Cadernos de Geografia*, nº19: pp. 23-27.;
- Fernandes, D. C. (2016). *Do Mar à Terra: “Viagem a Portugal”, de José Saramago, e o retorno da literatura de viagens*. Dissertação de Mestrado em Literatura de Língua Portuguesa: Investigação e Ensino. Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Coimbra.;
- Lima-Guimarães, S. T. (2000). “Geografia e literatura: alguns pontos sobre a perceção da paisagem”. *Geosul*, v.15, nº30: pp. 7-33.;

-
- Marandola, E. J. e Oliveira, L. de (2009). “Geograficidade e Espacialidade na Literatura”. *Geografia* (UNESP de Rio Claro, Brasil), v. 34, n. 3: pp. 487-508.;
 - Moraes, M. M. de, e Callai, H. C. (2020). “A Educação Geográfica Numa Perspetiva de Interdisciplinaridade: Literatura e Geografia”. *Geosaberes*, v.11: pp. 318-333.;
 - Jacinto, R. (1995). “As outras geografias: literatura e as leituras do território”. *Cadernos de Geografia*, nº14, pp:
 - Levi, L. L. (2011). “El paisaje narrado: urbanizaciones cerradas, geografía y literatura”. *Ateliê Geográfico*, v. 5, n. 3, pp: 1-31.;
 - Neto, J. E. P. (2012). “Geografia e literatura: a paisagem geográfica e ficcional em *Morte e Vida Severina* de João Cabral de Melo Neto”. *Boletim Campineiro de Geografia*, v. 2, n. 2, pp: 322-340.;
 - Olanda, D. A. M. e Almeida, M. G. de (2008). “A geografia e a literatura: uma reflexão”. *Geosul*, v.23, nº46: pp. 7-32.;
 - Pinheiro, R. S. (2013). “O espaço literário: apontamentos para o diálogo entre Geografia e Literatura”. *Revista Geografares*, n. 14, p. 72-83.;
 - Saltoris, D. B. e Cardoso, C. (2016). “Geografia e Literatura: uma proposta para um ensino interdisciplinar”. *XVIII Encontro Nacional de Geógrafos – A construção do Brasil: geografia, ação política e democracia*. São Luís (Maranhão, Brasil).;
 - Saramago, J. (1981). *Viagem a Portugal*. 25ª edição, Porto Editora. Lisboa. 503 pp.;
 - Suzuki, J. C. (2005). “Geografia e literatura: uma leitura da cidade na obra poética de Paulo Leminsky”. *Revista da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Geografia*, v.2, nº2: pp. 115 -141.;
 - Suzuki, J. C. (2017). “Geografia e literatura: abordagens e enfoques contemporâneos”. *Revista do Centro de Pesquisa e Formação*, nº5. Serviço Social do Comércio, São Paulo (Brasil), pp: 129-147.;
 - Velez de Castro, F., Nunes, A. e Nossa, P. (2019). *Ensinar Geografia. Formação inicial de professores e propostas de aplicações didático-pedagógicas*. Eumed – Universidade de Málaga, Málaga, Espanha.
 - Velez de Castro, F. (2021a). *A construção de territórios literários a partir de experiências migratórias de territorialização: O encontro entre a Geografia e a Literatura na obra de autoras (es) brasileiras (os)*. Projeto de Pós-Doutoramento, Eumed – Universidade de Málaga, Málaga, Espanha. 127 pp.
 - Velez de Castro, F. (2021b). “A paisagem alentejana na escrita de José Luís Peixoto. Geografia das “sensecapes” no romance “Galveias””. In Carvalho, A. C. e Raposo, A. (eds.), *Alentejo(s). Imagens do ambiente rural e urbano na literatura de ficção* (pp. 115-132). Lisboa: Edições Colibri.

Andreia Martins
8 de novembro de 2021

ANEXO II – Planificação a Curto-Prazo da Primeira Aula Assistida (8 de fevereiro de 2022)

	<p>Agrupamento de Escolas de Mira Escola Secundária c/ 3CEB Dra. Maria Cândida</p>	<p>Ano letivo: 2021-2022 8 de fevereiro de 2022 Hora: 13h30 Sala: B7 Professora: Andreia Martins</p>
	<p>Planificação Diária de Geografia (aula de 50min.) – 7º F</p>	

Lição nº 41

Sumário:

Localização absoluta: a rede cartográfica e os elementos geométricos da esfera terrestre.

Organizador/Tema	A Terra: Estudos e Representações
AE: Conhecimentos, Capacidades e Atitudes	<p>Localizar e compreender os lugares e regiões</p> <p>Descrever a localização absoluta de um lugar, usando o sistema de coordenadas geográficas (latitude, longitude), em mapas de pequenas escala com um sistema de projeção cilíndrica.</p>
Objetivos Específicos	<ul style="list-style-type: none"> • Reconhecer a importância da localização absoluta em relação à localização relativa; • Conhecer o conceito de eixo da Terra; • Conhecer o conceito de círculo máximo e de círculo menor; • Localizar o Equador, Polo Norte e Polo Sul, hemisfério norte, hemisfério sul; • Conhecer o conceito de paralelo e meridiano; • Localizar o semimeridiano de Greenwich, Trópico de Câncer, Trópico de Capricórnio, Círculo Polar Ártico e Círculo Polar Antártico.
Questões-Chave	<ul style="list-style-type: none"> • Qual é a importância da localização absoluta? • O que é a rede cartográfica? • O que são os eixos geométricos da esfera terrestre?
Conceitos Científicos a Aplicar	Localização absoluta; rede cartográfica; Polo Norte; Polo Sul; eixo da Terra; círculo máximo; círculo menor; hemisfério; paralelo; meridiano; Equador; semimeridiano de Greenwich; Trópico de Câncer; Trópico de Capricórnio.
Pré-Requisitos	<p>Conteúdos de História e Geografia de Portugal - 5º ano de escolaridade</p> <p>A Península Ibérica – Localização e Quadro Natural</p> <ul style="list-style-type: none"> • Identificar e localizar os elementos geométricos da esfera terrestre numa rede cartográfica; • Localizar Portugal continental e insular, em relação a diferentes espaços geográficos (Península Ibérica, Europa, Mundo), com recurso aos pontos cardeais e colaterais e a outros elementos geográficos de referência; • Identificar/aplicar os conceitos: localização, pontos cardeais e colaterais, bússola, itinerário, planta, globo terrestre, mapa, planisfério, continente, oceano, equador,

	trópicos, hemisfério, formas de relevo do litoral, erosão marinha, cursos de água, vegetação natural, zona temperada.
Sequência da Aula	<ul style="list-style-type: none"> • Registrar sumário e verificar presenças; • Introdução ao tema da localização absoluta, explicando a sua importância relativamente à localização relativa, com recurso a imagens e um vídeo da <i>Escola Virtual</i>; • Apresentação de imagens, esquemas e vídeos para explicação dos conceitos científicos a abordar durante a aula; • Depois de apresentados os elementos geométricos da esfera terrestre, iremos recorrer a maçãs e bolas de esferovite para mostrar os cortes a que correspondem cada um deles. Caso as condições atmosféricas sejam favoráveis esta atividade será feita ao ar livre.; • Resolução de exercícios com recurso ao <i>Kahoot!</i>
Esquema Concetual	<p>O diagrama de Esquema Concetual apresenta a seguinte estrutura:</p> <ul style="list-style-type: none"> Localização absoluta → É exata e rigorosa Localização absoluta → Recorre a → Coordenadas Geográficas Coordenadas Geográficas → Resultam da → Rede cartográfica Coordenadas Geográficas → Latitude / Longitude Rede cartográfica → Eixo da Terra Rede cartográfica → Polos → Polo Norte / Polo Sul Rede cartográfica → Círculos Círculos → Círculos Menores → Paralelos → Círculo Polar Ártico, Círculo Polar Antártico, Trópico de Câncer, Trópico de Capricórnio Círculos → Círculos Máximos → Equador Círculos → Meridianos → Meridiano de Greenwich
Estratégias de Ensino e/ou Aprendizagem	<ul style="list-style-type: none"> • Parte introdutória de carácter mais expositivo, recorrendo, sempre que possível ao diálogo com os alunos. • Apresentação de imagens, esquemas e vídeos do <i>Youtube</i> e <i>Escola Virtual</i>; • Demonstração dos elementos geométricos da esfera terrestre com recurso a maçãs, bolas de esferovite e paus de espetadas, com participação dos alunos. • Resolução de exercícios, com recurso ao <i>Kahoot!</i>
Recursos a Utilizar	Manual de Geografia; caderno; caneta/lápis; computador com acesso à Internet; <i>PowerPoint</i> ; projetor; maçãs; bolas de esferovite; paus de espetada; facas; marcadores.
Avaliação	Através de um questionário <i>Kahoot!</i>
Bibliografia	<ul style="list-style-type: none"> • Gaspar, J. A. (2005). <i>Cartas e Projecções Cartográficas</i>. Lisboa: Lidel. 331 pp. • Lopez, D. (2018). <i>Introducción al análisis del espacio terrestre. Esfera, Elipsoides y Geoide</i>. Disponível em: https://www.researchgate.net – consultado a 23 de janeiro de 2022. • Ministério da Educação (2018a). <i>Aprendizagens Essenciais de Geografia (7º Ano)</i>. Lisboa: Ministério da Educação. • Ministério da Educação (2018b). <i>Aprendizagens Essenciais de História e Geografia de Portugal (5º ano)</i>. Lisboa: Ministério da Educação. • Nunes, A., Almeida, A. C. de, e Nolasco, C. C. (2013-2014). <i>Metas Curriculares do 3º Ciclo do Ensino Básico (7º, 8º e 9º anos)</i>. Lisboa: Ministério da Educação e Ciência.

ANEXO III – Apresentação PowerPoint da Primeira Aula Assistida (8 de fevereiro de 2022)



1



2

A importância da localização absoluta



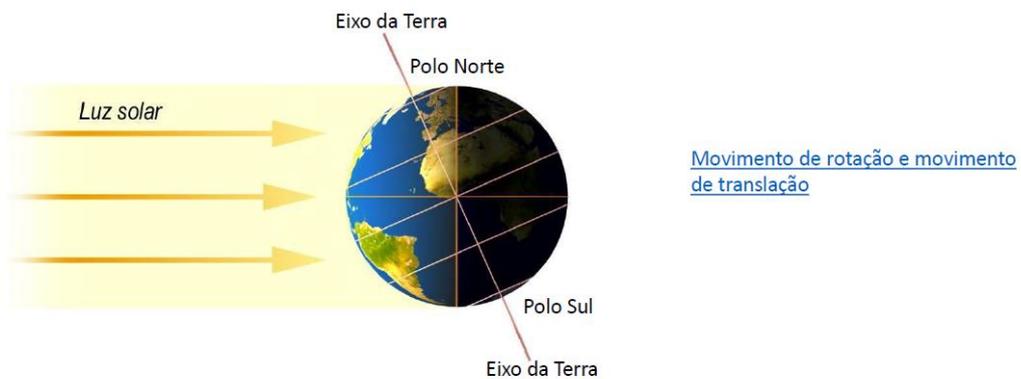
Localização relativa



Localização absoluta

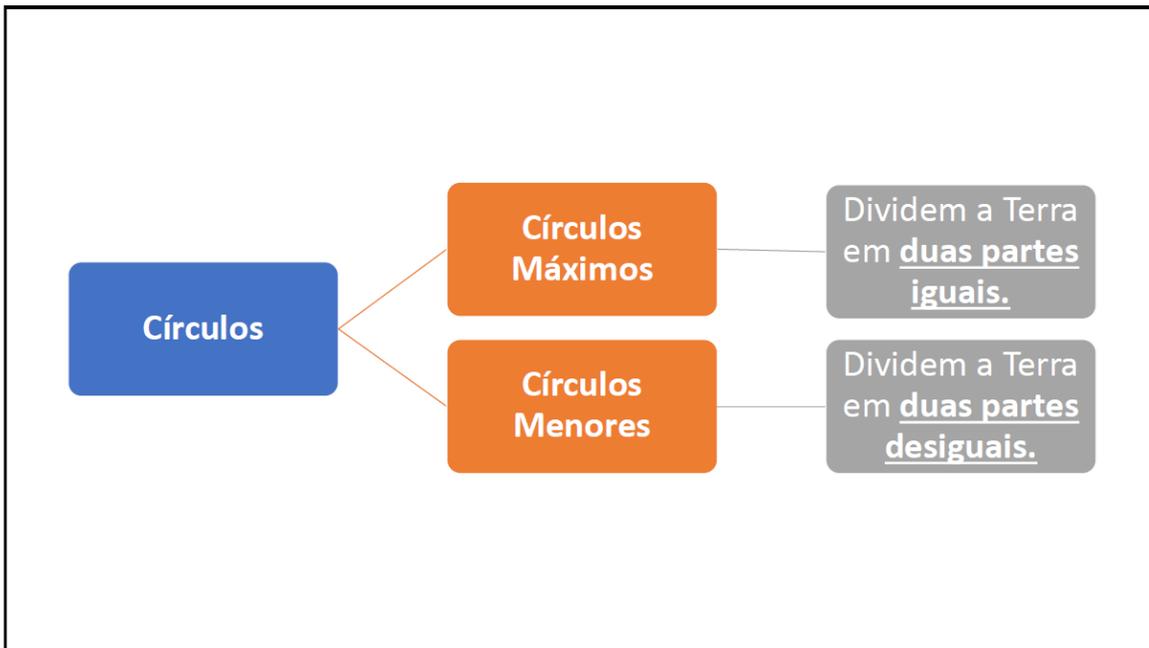
3

Eixo da Terra e Polos



Fonte: <https://blog.fengshuilogico.com/wp-content/uploads/2008/09/eixo-da-terra.jpg>

4



5

Círculos Máximos

The section titled "Círculos Máximos" features three globes. The first globe shows the Equator (Equador) as a horizontal red line, dividing the Earth into the Northern Hemisphere (Hemisfério Norte) and the Southern Hemisphere (Hemisfério Sul). The second globe shows the Prime Meridian (Meridiano Principal GREENWICH) as a vertical red line, dividing the Earth into the Western Hemisphere (Hemisfério Ocidental) and the Eastern Hemisphere (Hemisfério Oriental). The third globe shows both the Equator and the Prime Meridian as red lines intersecting at the center of the Earth.

Fonte: <https://banjomanbold.wordpress.com/2018/02/06/4-grandes-diferencas-entre-os-dois-hemisferios-terrestres/>

Fonte: https://pt.wikipedia.org/wiki/Meridiano_de_Greenwich

6

Círculos Menores

PARALELOS

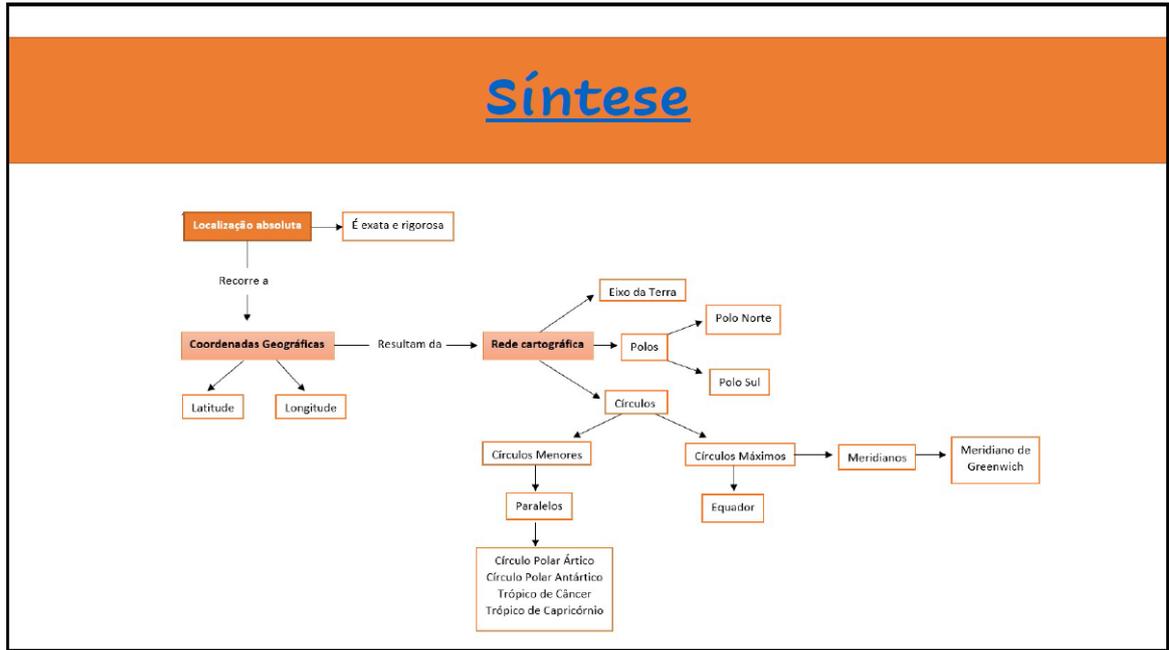
Fonte: <https://pt.slideshare.net/Pocarolas/esfera-terrestre>

Fonte: <https://mundoeducacao.uol.com.br/geografia/paralelos-meridianos.htm>

7

Fonte: <https://www.todamateria.com.br/paralelos-e-meridianos/>

8



ANEXO IV – Planificação a Curto-Prazo da Segunda Aula Assistida (19 de abril de 2022)

	<p>Agrupamento de Escolas de Mira Escola Secundária c/ 3CEB Dra. Maria Cândida</p>	<p>Ano letivo: 2021-2022 19 de abril de 2022 Hora: 13h30 Sala: B7 Professora: Andreia Martins</p>
	<p>Planificação Diária de Geografia (aula de 50min.) – 7º F</p>	

Lição nº63

Sumário:

- Estado de tempo e clima.
- Estações meteorológicas e elementos do clima.

Organizador/Tema	Meio Natural – Clima e Formações Vegetais
AE: Conhecimentos, Capacidades e Atitudes	<p>Localizar e compreender os lugares e regiões</p> <ul style="list-style-type: none"> • Distinguir clima e estado do tempo, utilizando a observação direta e diferentes recursos digitais (sítio do IPMA, por exemplo)
Objetivos Específicos	<ul style="list-style-type: none"> • Conhecer o objeto de estudo da Meteorologia; • Compreender a importância da Meteorologia no nosso dia-a-dia; • Compreender a diferença entre estado de tempo e clima; • Conhecer os elementos do clima (temperatura, precipitação, humidade, pressão atmosférica e vento).
Questões-Chave	<ul style="list-style-type: none"> • Qual é a diferença entre estado de tempo e clima? • O que estuda a Meteorologia? • Qual a importância que têm as previsões meteorológicas para o nosso dia-a-dia? • O que é e como funciona uma estação meteorológica? • Quais são os elementos do clima?
Conceitos Científicos a Aplicar	Climatologia; Meteorologia; estação meteorológica; estado de tempo; clima; elementos do clima (temperatura, precipitação, humidade, pressão atmosférica e vento).
Pré-Requisitos	<p>Aprendizagens Essenciais de História e Geografia de Portugal</p> <p>5º ano</p> <ul style="list-style-type: none"> • Descrever e representar em mapas as principais características da geografia física (relevo, clima, hidrografia e vegetação) em Portugal e na Península Ibérica, utilizando diferentes variáveis visuais (cores e símbolos); • Utilizar representações cartográficas (em suporte físico ou digital) na

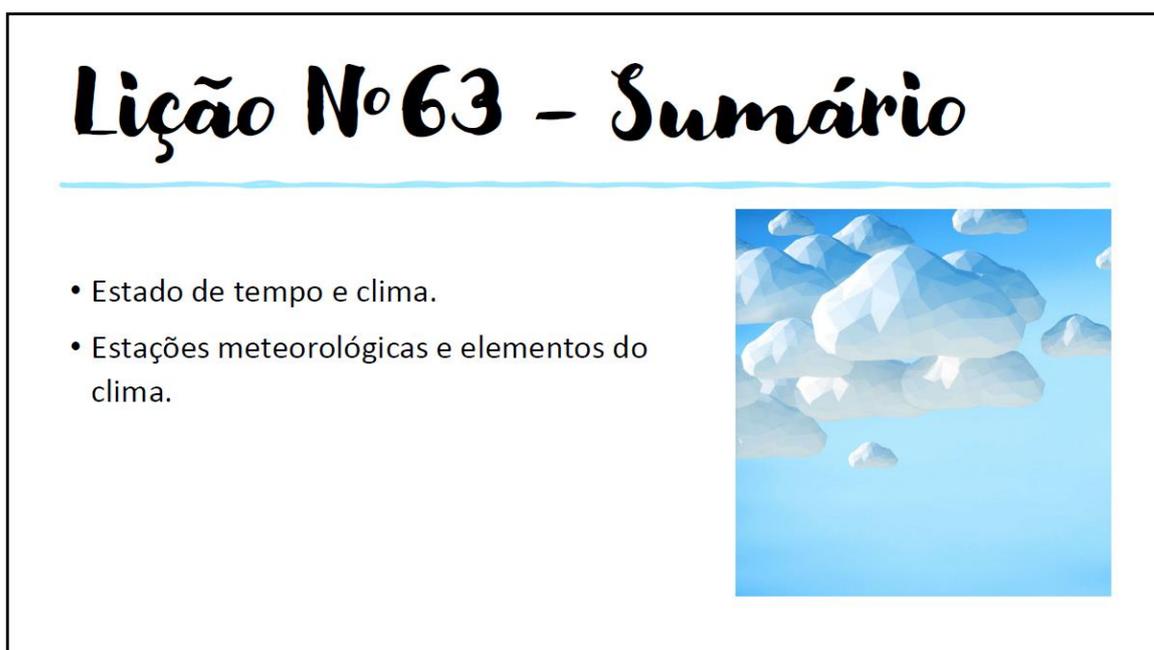
	<p>localização dos elementos físicos do território e na definição de itinerários;</p> <ul style="list-style-type: none"> • Aplicar as TIC e as TIG para localizar e conhecer características físicas do território português e da Península Ibérica.
<p>Sequência da Aula</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Registo do sumário e verificação de presenças; • Introdução ao tema “Clima e Formações Vegetais”, e ao subtema “clima e estado de tempo”. Posteriormente, os alunos irão ser convidados a participar numa nuvem de palavras, através da aplicação https://www.mentimeter.com/. Os alunos terão de dizer uma palavra associada a “estado de tempo” e depois, associada a “clima”. • De seguida, os resultados serão analisados em conjunto pela professora e pelos alunos, para compreender que “estado de tempo” e “clima” não são conceitos sinónimos. Seguidamente, serão indagados do modo como o estado de tempo poderá ter influenciado a roupa que vestiram. • A partir daqui serão explicados os conceitos de “estado de tempo” e de “Meteorologia”, através da apresentação PowerPoint, recorrendo a vídeos e ao <i>site</i> do Instituto Português do Mar e da Atmosfera (www.ipma.pt). • Para explicar o conceito de estações meteorológicas e respetivo funcionamento, os alunos serão convidados a pesquisar no telemóvel se existe alguma estação meteorológica no município de Mira. • Com recurso ao <i>Google Earth</i> será mostrada a localização da estação meteorológica “Dunas de Mira”. • De seguida, recorrendo a imagens, serão apresentados todos os aparelhos de medição das estações meteorológicas (termómetro, anemómetro, pluviómetro, barómetro e higrómetro); • Finalmente, será explicada a noção de clima, para explicar como este conceito é diferente de estado de tempo; • A aula terminará com a resolução de exercícios na aplicação <i>Kahoot!</i>.
<p>Esquema Concetual</p>	<p>O diagrama esquemático apresenta a seguinte estrutura:</p> <ul style="list-style-type: none"> Geografia (topo) auxilia-se de outras ciências para estudar Climatologia e Meteorologia. Climatologia estuda a Sucessão habitual dos fenómenos meteorológicos e a Caraterização do clima de um determinado lugar, com vista à Visão retrospectiva. Meteorologia estuda a Atmosfera terrestre, com vista à Previsão do estado de tempo de um lugar e Visão prospetiva. As duas disciplinas utilizam Estações meteorológicas e estudam Fatores do clima e Elementos do clima. Elementos do clima incluem: Humidade atmosférica, Pressão atmosférica, Precipitação, Temperatura e Vento. Estes elementos Dão origem a Zonas Climáticas.
<p>Estratégias de Ensino e/ou Aprendizagem</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Aula de caráter mais expositivo, recorrendo sempre que possível ao diálogo com os alunos; • Apresentação de imagens e vídeos do <i>Youtube</i> e da <i>Escola Virtual</i> para exemplificação e demonstração dos conteúdos lecionados;

	<ul style="list-style-type: none"> • Utilização de TIC e TIG (<i>Mentimeter, Google Earth e Kahoot!</i>) • Resolução de exercícios, com recurso ao <i>Kahoot!</i>.
Recursos a Utilizar	Manual de Geografia; caderno; caneta/lápis; computador com acesso à Internet; <i>PowerPoint</i> ; projetor; telemóvel.
Avaliação	Através de questionário “ <i>Kahoot!</i> ”
Bibliografia	<ul style="list-style-type: none"> • Cuadrat, J. M.; Pita, M. F. (2006). <i>Climatología</i>. 4ª edição, Cátedra. Madrid. • Daveau, S. (2005). <i>Portugal Geográfico</i>. 4ª edição, Edições João Sá da Costa. Lisboa. • Ministério da Educação (2018a). <i>Aprendizagens Essenciais de Geografia (7º Ano)</i>. Lisboa: Ministério da Educação. • Ministério da Educação (2018b). <i>Aprendizagens Essenciais de História e Geografia de Portugal (5º ano)</i>. Lisboa: Ministério da Educação. • Nunes, A., Almeida, A. C. de, e Nolasco, C. C. (2013-2014). <i>Metas Curriculares do 3º Ciclo do Ensino Básico (7º, 8º e 9º anos)</i>. Lisboa: Ministério da Educação e Ciência.

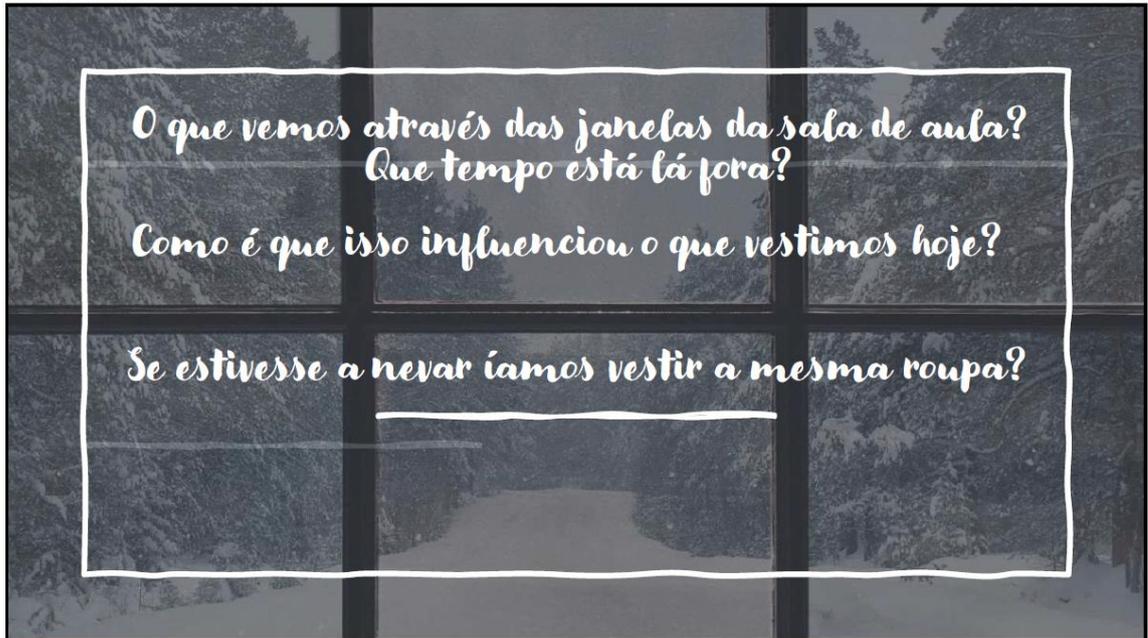
ANEXO V – Apresentação PowerPoint da Segunda Aula Assistida (19 de abril de 2022)



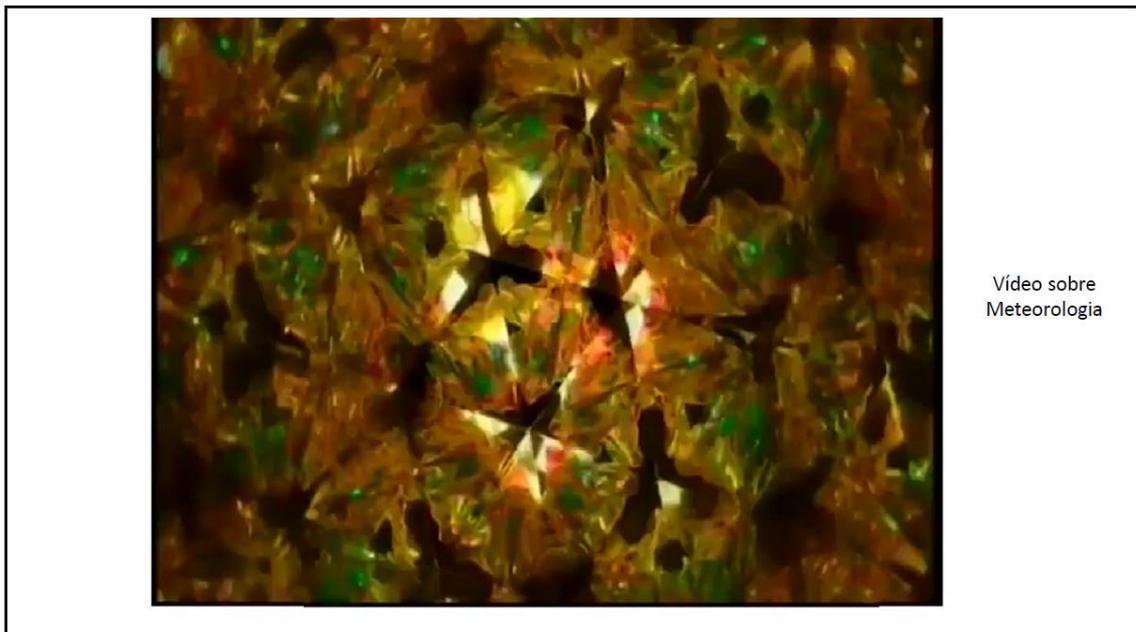
1



2



3



4



5

Como se fazem as previsões meteorológicas?

- Através da observação detalhada e rigorosa da atmosfera, por exemplo através de imagens de satélite.

6



7



8

Elementos de uma estação meteorológica



Anemómetro



Sensor de temperatura e de humidade do ar

9

Elementos de uma estação meteorológica



Pluviómetro



Barómetro

10

As recolhas de dados que são feitas nas estações meteorológicas, ao final de 30 anos, podem ser estudadas para conhecer o clima desse lugar.

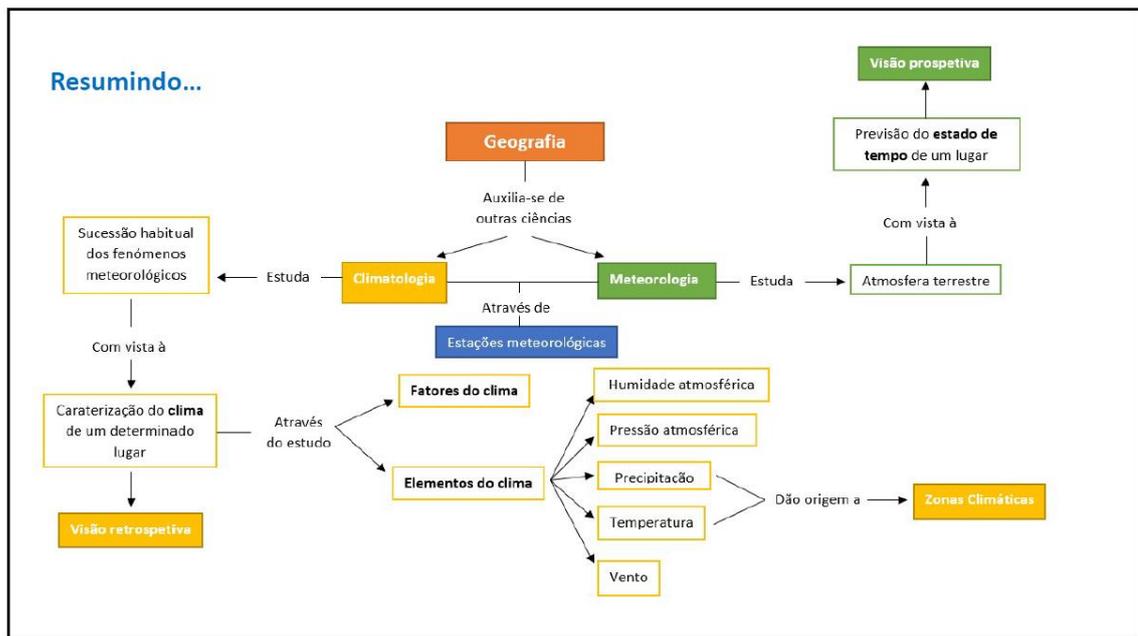
Estudados pela Climatologia

Numa visão perspetiva

Assim, podemos afirmar que o clima é a sucessão habitual dos fenómenos atmosféricos, numa determinada região, num longo período de tempo.

Mês	Precipitação (P) (mm)	Temperatura Média (T.ºC)
Jan.	60	10
Fev.	50	12
Mar.	30	15
Abr.	40	18
Mai.	35	20
Jun.	15	22
Jul.	5	25
Ago.	10	28
Set.	20	25
Out.	50	20
Nov.	55	15
Dez.	65	10

11



12

ANEXO VI – Planificação a Curto-Prazo da Terceira Aula Assistida (3 de maio de 2022)

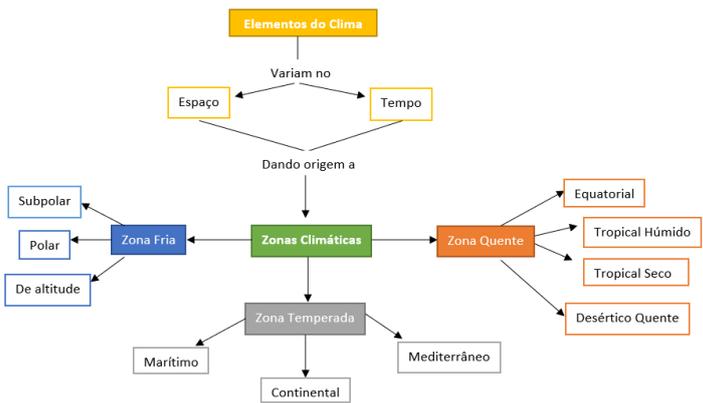
	<p>Agrupamento de Escolas de Mira Escola Secundária c/ 3CEB Dra. Maria Cândida</p>	<p>Ano letivo: 2021-2022 3 de maio de 2022 Hora: 13h30 Sala: B7 Professora: Andreia Martins</p>
	<p>Planificação Diária de Geografia (aula de 50min.) – 7º F</p>	

Lição nº67

Sumário:

- Zonas climáticas mundiais (fria, temperada e quente).
- Distribuição mundial e características dos diferentes tipos de climas.

Organizador/Tema	Meio Natural – Clima e Formações Vegetais
AE: Conhecimentos, Capacidades e Atitudes	<p>Localizar e compreender os lugares e regiões</p> <ul style="list-style-type: none"> • Reconhecer a zonalidade dos climas e biomas, utilizando representações cartográficas (em suporte papel ou digital); • Aplicar as Tecnologias de Informação Geográfica – <i>Web SIG, Google Earth, GPS, Big Data</i>, para localizar, descrever e compreender os fenómenos geográficos.
Objetivos Específicos	<ul style="list-style-type: none"> • Conhecer as três zonas climáticas mundiais (fria, temperada e quente). • Conhecer, compreender e analisar a distribuição mundial dos diferentes tipos de climas.
Questões-Chave	<ul style="list-style-type: none"> • Que zonas climáticas existem? • Como se distribuem os diferentes tipos de clima pelo Mundo?
Conceitos Científicos a Aplicar	Clima; temperatura; precipitação; zonas climáticas (fria, temperada e quente); clima quente (equatorial, tropical húmido, tropical seco e desértico quente), climas temperados (marítimo, continental e mediterrâneo) e climas frios (subpolar, polar e de altitude ou montanha).
Pré-Requisitos	<p>Aprendizagens Essenciais de História e Geografia de Portugal</p> <p>5º ano</p> <ul style="list-style-type: none"> • Descrever e representar em mapas as principais características da geografia física (relevo, clima, hidrografia e vegetação) em Portugal e na Península Ibérica, utilizando diferentes variáveis visuais (cores e símbolos); • Utilizar representações cartográficas (em suporte físico ou digital) na localização dos elementos físicos do território e na definição de itinerários; • Aplicar as TIC e as TIG para localizar e conhecer características físicas do território

	português e da Península Ibérica.
<p>Sequência da Aula</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Registo do sumário e verificação das presenças; • Contextualização dos assuntos a abordar na aula, com recurso a mapas alusivos à variação espacial da temperatura e da precipitação no Mundo, para chegar ao conceito de zona climática; • De seguida, será entregue uma ficha de trabalho e um envelope a cada aluno. Dentro desse envelope estarão quadradinhos coloridos com informação detalhada sobre os tipos de climas de cada zona climática (azul para climas frios, cor de salmão para climas temperados e amarelo para climas quentes. Os estudantes deverão, com recurso ao telemóvel e ao manual da disciplina, pesquisar, a pares, informação sobre cada um dos climas mencionados. Deverão colocar os quadradinhos coloridos em cima da ficha de trabalho. Posteriormente, e depois da professora dar a solução, deverão colar os quadradinhos coloridos na ficha de trabalho.
<p>Esquema Concetual</p>	 <pre> graph TD EC[Elementos do Clima] -- Variam no --> E[Espaço] EC -- Variam no --> T[Tempo] E -- Dando origem a --> ZC[Zonas Climáticas] T -- Dando origem a --> ZC ZC --> ZF[Zona Fria] ZC --> ZT[Zona Temperada] ZC --> ZQ[Zona Quente] ZF --> SP[Subpolar] ZF --> P[Polar] ZF --> DA[De altitude] ZT --> M[Marítimo] ZT --> C[Continental] ZT --> ME[Mediterrâneo] ZQ --> EQ[Equatorial] ZQ --> TH[Tropical Húmido] ZQ --> TS[Tropical Seco] ZQ --> DQ[Desértico Quente] </pre>
<p>Estratégias de Ensino e/ou Aprendizagem</p>	<ul style="list-style-type: none"> • A primeira parte da aula será de caráter mais expositivo, recorrendo sempre que possível ao diálogo com os alunos; • Trabalho de pesquisa em pares; • Preenchimento de uma ficha de trabalho (tabela) sobre as características e distribuição mundial dos diferentes tipos de clima.
<p>Recursos a Utilizar</p>	<p>Manual de Geografia; caderno; caneta/lápis; computador com acesso à Internet; <i>PowerPoint</i>; projetor; telemóvel; ficha de trabalho; envelope com quadradinhos coloridos.</p>
<p>Avaliação</p>	<p>Através da observação das atitudes e valores do aluno durante a aula, nomeadamente no seu empenho e participação.</p>
<p>Bibliografia</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Cuadrat, J. M.; Pita, M. F. (2006). <i>Climatología</i>. 4ª edição, Cátedra. Madrid. • Daveau, S. (2005). <i>Portugal Geográfico</i>. 4ª edição, Edições João Sá da Costa. Lisboa. • Ministério da Educação (2018a). <i>Aprendizagens Essenciais de Geografia (7º Ano)</i>. Lisboa: Ministério da Educação. • Ministério da Educação (2018b). <i>Aprendizagens Essenciais de História e Geografia de Portugal (5º ano)</i>. Lisboa: Ministério da Educação. • Nunes, A., Almeida, A. C. de, e Nolasco, C. C. (2013-2014). <i>Metas Curriculares do 3º Ciclo do Ensino Básico (7º, 8º e 9º anos)</i>. Lisboa: Ministério da Educação e Ciência. • Pereira, A., Ribeiro, E., Custódio, S. e Ribeiro, V.. <i>Geo+ 7</i>, Porto Editora. Porto.

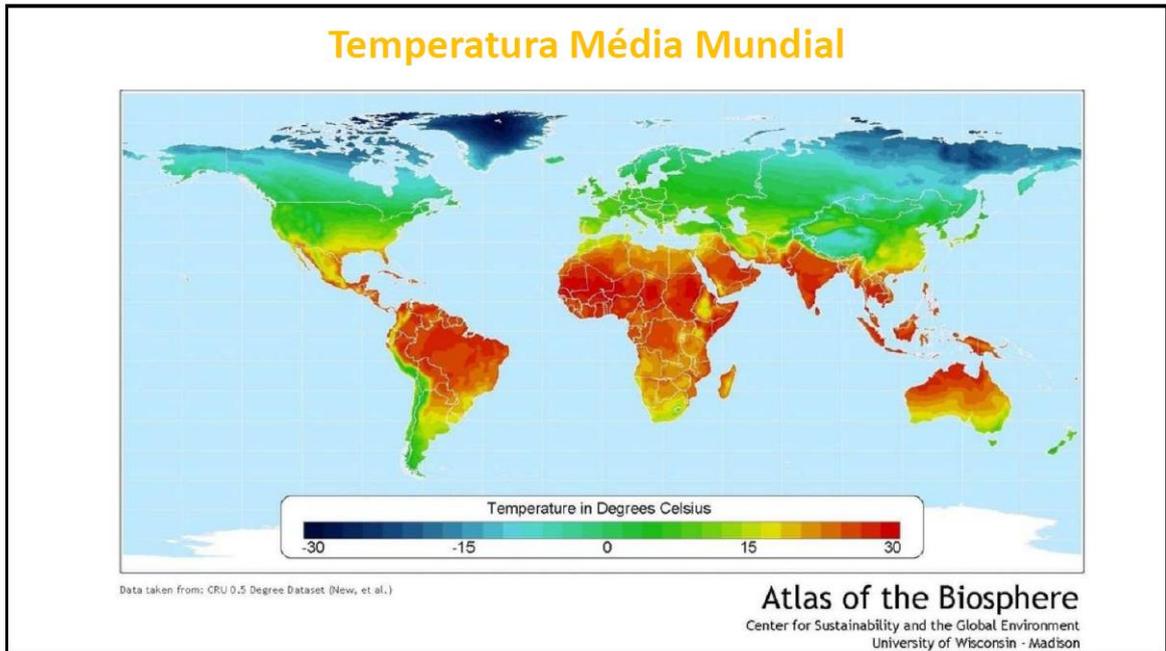
ANEXO VII – Apresentação PowerPoint da Terceira Aula Assistida (3 de maio de 2022)



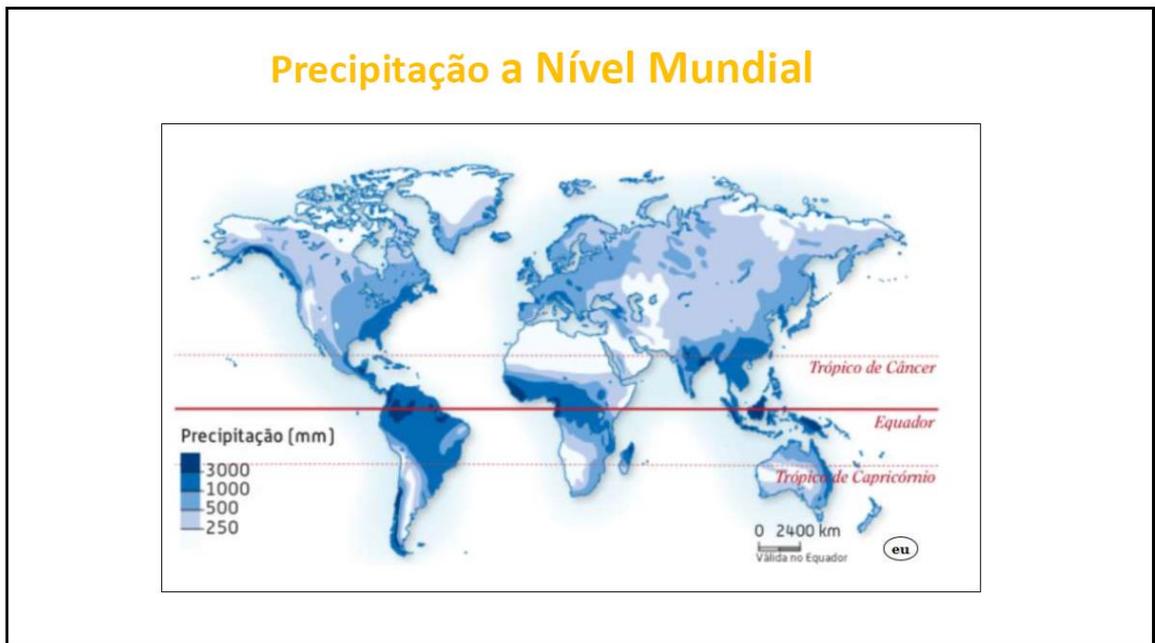
1



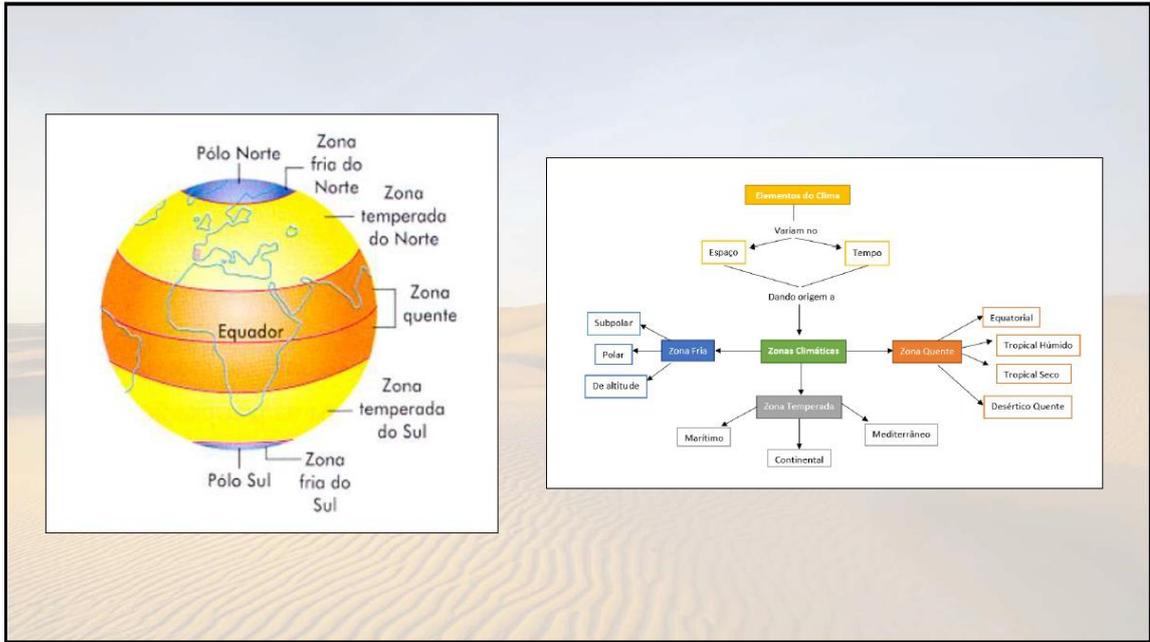
2



3



4



5

ANEXO VIII – Ficha de Avaliação Elaborada no Âmbito da Prática Pedagógica Supervisionada

Agrupamento de Escolas de Mira
2021/2022



Ficha de Avaliação de Geografia (3) – 7.º ano

NOME: _____

N.º: _____ TURMA: _____ DATA: _____

PROFESSOR: _____ CLASSIFICAÇÃO: _____

ENCARREGADO DE EDUCAÇÃO: _____

10

1. Existem 2 tipos de escalas. Identifique os tipos de escalas nas imagens e nas respetivas definições.

<input type="text"/>	<input type="text"/>
1 : 500 000	0 5 10 km
Lê-se da seguinte forma: 1 cm no mapa equivale a 500 000 cm na realidade.	Lê-se da seguinte forma: 1 cm no mapa equivale a 5 km na realidade OU 2 cm no mapa equivalem a 10 km na realidade.

2. Converta a seguinte escala numérica em escala gráfica. Apresente todos os dados e cálculos.

1/50 000

15

3. Assinale as opções verdadeiras (V) e falsas (F).

10

- ___ As escalas permitem calcular a distância real, em linha reta, entre dois pontos no mapa.
- ___ A escala gráfica é representada por uma fração.
- ___ Em todas as escalas numéricas a unidade (1) corresponde a um metro medido no mapa.
- ___ A escala é a razão entre a distância real e a distância no mapa.
- ___ Num mapa de pequena escala a área cartografada está mais perto do seu tamanho real.

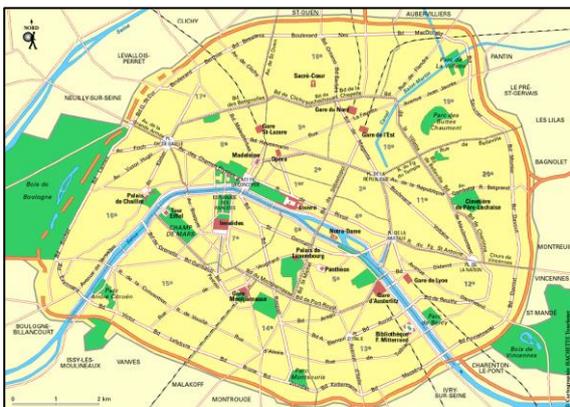
4. Calcule a distância real entre Lisboa e Madrid. Apresente todos os dados e cálculos.

13



5. Classifique os seguintes mapas de acordo com a grandeza.

10



6. Assinale a opção correta.

6.1.Os mapas de grande escala são indicados para representar:

5

- a) A totalidade da superfície terrestre.
- b) O centro de uma cidade.
- c) Um continente, como a Ásia.
- d) Um país.

6.2.Os mapas de pequena escala são indicados para representar:

5

- a) A totalidade da superfície terrestre.
- b) Uma cidade.
- c) Uma ilha
- d) Um continente.

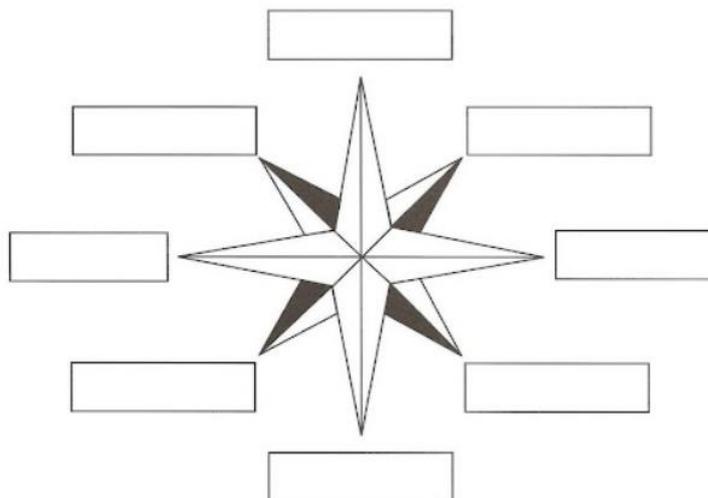
7. Classifique como verdadeiras (V) ou falsas (F) as seguintes afirmações.

8

- ___ A localização relativa é muito precisa e rigorosa.
- ___ Para fazer uma localização relativa podemos recorrer à rosa dos ventos.
- ___ Os pontos cardeais são: norte, sul, este e oeste.
- ___ O ponto colateral oposto ao sudoeste é o sudeste.

8. Identifique os pontos cardeais e colaterais da rosa dos ventos.

16



9. Classifique as seguintes afirmações em verdadeiras (V) e falsas (F), de acordo com o mapa.

8



- _____ A Irlanda situa-se a nordeste do Reino Unido.
- _____ A Letónia situa-se a sul da Finlândia.
- _____ A França situa-se a noroeste de Itália.
- _____ A Dinamarca encontra-se a sul da Áustria.

Professores: Margarida Oliveira

Andreia Martins

Xavier Cameijo

ANEXO X – Certificado de Participação na AFCD “Contributos de um estilo de vida mediterrânico para uma alimentação saudável”.



REPÚBLICA
PORTUGUESA



Figueira da Foz • Montemor-o-Velho • Cantanhede • Mira
Entidade Formadora Certificada – Registo nº CCPCF/ENT-AE-1306/20

CERTIFICADO

Certifica-se que **Andreia Susana Dinis Martins**, docente do grupo de recrutamento: 420 - Geografia, participou na Ação de Formação de Curta Duração “Contributos do estilo de vida mediterrânico para uma alimentação saudável” com 3 horas de duração, promovida pelo 160209 - Agrupamento de Escolas de Mira, nos dias 17.12.2021.

Esta ação foi orientada pelos Formadores Artur Filipe Gregório e Formadora Convidada Catarina Vasconcelos.

Esta Ação de Formação encontra-se abrangida pelo estipulado nos Artigos 6º, 7º e 8º, do Capítulo II, do Decreto-Lei nº 22/2014, de 11 de fevereiro (RJFC), e, nos termos do Artigo 3º, do Despacho nº 5741/2015, de 29 de maio, releva para os efeitos previstos no Estatuto da Carreira dos Educadores de Infância e dos Professores dos Ensinos Básico e Secundário.

Ação de Curta Duração reconhecida, nos termos definidos na alínea a) do artigo 4º do Despacho nº5741/2015 de 29 de maio, pelo Conselho de Diretores da Comissão Pedagógica do Centro de Formação de Associação de Escolas Beira Mar de 10.02.2022.

Figueira da Foz, 11 de fevereiro de 2022
O diretor do CFAE Beira Mar



(Teotónio Paulo de Jesus Cavaco)

ANEXO XI – Inquérito aos Hábitos de Leitura dos Alunos das Turmas Afetas À Professora Cooperante – Inquérito Inicial

Inquéritos aos Hábitos de Leitura

Este inquérito foi elaborado no âmbito do estágio pedagógico do Mestrado em Ensino da Geografia no 3º Ciclo do Ensino Básico e no Ensino Secundário e tem o objetivo de avaliar os hábitos de leitura dos alunos do 7ºF, 8ºA, 8ºB, 8ºC, 8ºD e 8ºE, da Escola Secundária c/ 3 CEB Dra. Maria Cândida.

1. Sexo

_____ Feminino

_____ Masculino

_____ Outra situação

2. Numa escala de 0 (detesta) a 10 (adora), indique o quão gosta de ler: _____

2.1. Se não gosta de ler, por que razão não o faz?

_____ Gosto mais de outras atividades de lazer.

_____ Os meus amigos não leem.

_____ Tenho dificuldade em encontrar/aceder a livros.

_____ Tenho dificuldades de leitura ou compreensão do texto.

_____ Outros motivos. Quais? _____.

3. Quantos livros costuma ler por mês?

_____ Menos de 1 ou nenhum.

_____ Entre 1 e 3.

_____ Entre 4 e 5.

_____ Mais de 5.

3.1. O que costuma ler?

_____ Livros.

_____ Jornais e revistas.

_____ Outros. Quais? _____

3.2. Costuma ler:

_____ Só on-line.

_____ Só papel.

_____ Em ambos os formatos.

4. O último livro que leu foi há quanto tempo?

_____ Há mais de um ano.

_____ Há uns meses.

_____ Na última semana.

_____ Estou neste momento a ler um livro. Qual? _____

5. Quantos livros tem casa?

_____ Nenhum.

_____ Entre 5 e 15.

_____ Entre 16 e 50.

_____ Entre 51 e 100.

_____ Mais de 100.

6. Onde costuma ter acesso a livros?

_____ Biblioteca da escola.

_____ Biblioteca Municipal.

_____ Compra na livraria.

_____ Compra no hipermercado.

_____ São oferecidos no Natal/aniversário, etc.

_____ Troco livros com os meus amigos.

_____ Leio livros que já tinha em casa.

_____ Outra situação. Qual? _____

7. Onde/Quando costuma ler?

- Na cama, antes de adormecer.
- Nos tempos de lazer (fim do dia, fim de semana, etc).
- Nos transportes públicos.
- Na praia.
- Outros locais? Quais? _____

8. Quais são as pessoas que mais o incentivam a ler?

- Pais.
- Outros familiares. Quais? _____
- Amigos.
- Professores.
- Outras pessoas. Quais? _____

9. Já ouviu falar de José Saramago?

- Sim.
- Não.

9.1. Se respondeu sim, o que sabe sobre esta pessoa?

10. Considera que a literatura pode ser usada na aula de Geografia?

- Não.
- Nunca tinha pensado no assunto.
- Sim.

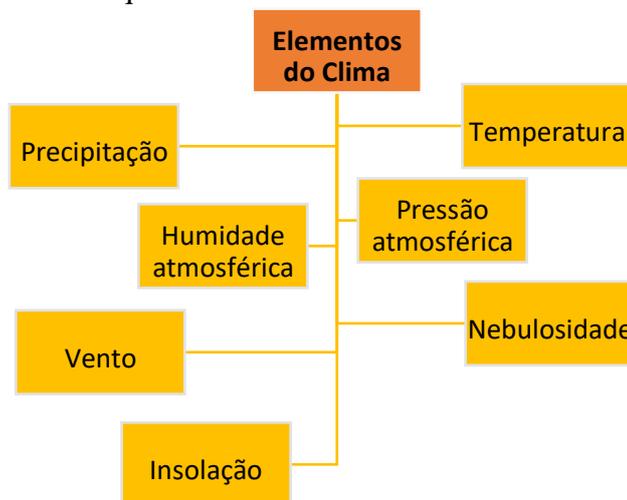
10.1. Se respondeu sim, como acha que a literatura pode ser usada na aula de Geografia?

ANEXO XII – Ficha de avaliação formativa, alusiva ao tema “estado de tempo e clima”

<p>Escola Secundária c/3 CEB Dra Maria Cândida Ano letivo: 2021-2022 Ficha de Avaliação Formativa de Geografia – 7º Ano Estado de Tempo e Clima</p>	
<p>Nome: _____ N.º _____</p>	

1. Tome atenção aos seguintes conceitos, presentes no manual de Geografia “Geo+7”, de António Pereira, Eva Ribeiro, Sandra Custódio e Vera Ribeiro, de

- **Atmosfera:** camada gasosa que envolve a Terra.
- **Clima:** sucessão habitual dos fenómenos meteorológicos, numa determinada região, durante um longo período de tempo (30 anos no mínimo).
- **Estado de tempo:** conjunto de fenómenos meteorológicos (temperatura, precipitação, humidade, vento, pressão atmosférica, nebulosidade e insolação) que, num dado momento e determinado local, caracterizam o estado da atmosfera.
- **Meteorologia:** ciência que estuda o estado de tempo.
- **Climatologia:** ciência que estuda o clima.



- **Precipitação:** Queda de água sob a forma líquida (chuva) ou sólida (neve, granizo e saraiva) resultante da condensação do vapor de água na atmosfera. Unidade de medida: milímetros ou litros por metro quadrado (mm ou l/m²).

- **Temperatura:** Grau de aquecimento do ar. Unidade de medida: graus Celsius (°C), graus Kelvin (°K) ou graus Fahrenheit (°F).
- **Humidade atmosférica:** Quantidade de vapor de água por unidade de volume de ar. Unidade de medida: gramas por metro cúbico (g/m³) ou gramas por quilo (g/kg).
- **Pressão atmosférica:** Força que o ar exerce sobre a superfície terrestre. Unidade de medida: milibares (mb) ou hectopascals (hPa).
- **Vento:** Deslocação do ar junto à superfície terrestre com uma determinada direção e intensidade. Unidade de medida: metros por segundo (m/s) ou quilómetros por hora (Km/h).
- **Nebulosidade:** quantidade de céu coberto por nuvens num dado instante. Unidade de medida: décimos ou oitavos de céu coberto.
- **Insolação:** Número de horas de Sol a descoberto. Unidade de medida: número de horas por dia.

2. Leia as seguintes citações da obra “Viagem a Portugal”, de José Saramago, de 1985.

- a) *“Às portas de Bragança, começa a chover. O tempo está desta feição, rolam no céu grandes nuvens escuras.”* (p. 16).
- b) *Quando saiu, enganou-se no caminho e foi dar à estrada de Chaves. (...) por este tempo brumoso e de chuva, no Outono, quando o céu se esconde e as folhas caem.”* (p. 20)
- c) *“Aí adiante, para além destas arenosas terras é Aveiro (...). À tarde, quer ver como será a ria estando o Sol ausente. Viu águas de chumbo, terras rasas, as coisas a dissolverem-se na humidade do ar.”* (p. 83)
- d) *“As ruas de Évora são um deserto (...). Mas este calor está, realmente, insuportável (...) O Sol bate, duríssimo, o calor parece soprado pela goela de um forno imenso.”* (p. 208)

e) “E enfim, quase em linha recta, avança para a Ponta de Sagres, depois contornando a baía para o Cabo de S. Vicente. O vento, fortíssimo, sopra do lado da Terra.” (p. 233)

3. Identifique as citações que se referem ao estado do tempo e as que se referem ao clima.

Estado de tempo	Clima

4. Identifique os elementos do clima presentes em cada uma das citações.

- a) _____
- b) _____
- c) _____
- d) _____
- e) _____

5. Aceda ao site <https://www.accuweather.com/pt/pt/portugal-weather> para encontrar informação sobre o estado de tempo dos locais mencionados nas citações (Chaves, Bragança, Sagres, Évora e Aveiro).

5.1. De seguida, clique sobre “Tempo atual” e, depois sobre o separador “Diária” para poder recolher os dados que lhe permitirão preencher a seguinte tabela. Nota: seleccione apenas dois locais.

	Locais	
Estado de tempo atual		
Temperatura máxima		
Temperatura mínima		
Precipitação		

Vento (direção e intensidade)		
Cobertura de nuvens		
Alertas meteorológicos		
Duração do dia		

5.2. Comente as diferenças observadas.

6. Aceda ao site <https://pt.climate-data.org/> para encontrar informação sobre o **clima nos locais** mencionados nas citações (Chaves, Bragança, Sagres, Évora e Aveiro)

6.1. De seguida, preencha a tabela com os dados recolhidos. **Nota:** pesquise para os locais selecionados na questão 5.1.

	Locais	
Tipo de clima		
Temperatura média anual		
Precipitação média anual		
Mês com temperatura média mais elevada		
Mês com temperatura média mais baixa		
Mês com maior precipitação média		
Mês com menor precipitação média		

6.2. Comente as diferenças observadas.

Professora: Andreia Martins

ANEXO XIII – Resultados obtidos na questão 5.1. da ficha de avaliação formativa alusiva aos conteúdos “estado de tempo e clima”.

	Aluno 1		Aluno 2		Aluno 3		Aluno 4		Aluno 5		Aluno 6		Aluno 7		Aluno 8		Aluno 9		Aluno 10		Aluno 11		Aluno 12		Aluno 13		Aluno 14		Aluno 15	
	C	A	E	A	B	E	B	A	E	A	C	A	B	E	E	A	C	A	C	B	A	B	A	E	A	E	C	E	B	C
Estado de tempo atual	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Vermelho	Vermelho	Vermelho	Vermelho	Verde	Verde	Vermelho	Vermelho	Vermelho	Vermelho	Vermelho	Vermelho	Verde	Verde	Vermelho	Vermelho	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Vermelho	Vermelho
Temperatura máxima	Verde	Vermelho	Verde	Verde	Verde	Vermelho	Verde	Vermelho	Verde	Verde	Verde	Verde	Vermelho	Vermelho	Verde	Verde	Vermelho	Vermelho	Verde	Vermelho	Vermelho									
Temperatura mínima	Verde	Vermelho	Verde	Verde	Verde	Verde	Vermelho	Vermelho	Verde	Verde	Verde	Verde	Vermelho	Vermelho	Verde	Verde	Vermelho	Vermelho	Verde	Vermelho	Vermelho									
Precipitação	Verde	Vermelho	Verde	Verde	Verde	Verde	Vermelho	Vermelho	Verde	Vermelho	Vermelho	Verde	Verde	Verde	Verde															
Vento (intensidade e direção)	Verde	Vermelho	Vermelho	Verde																										
Cobertura de nuvens	Verde	Vermelho	Vermelho	Vermelho	Verde	Vermelho	Verde	Vermelho	Vermelho	Vermelho	Vermelho	Vermelho	Vermelho	Verde	Verde															
Alertas meteorológicos	Verde																													
Duração do dia	Vermelho	Verde	Verde	Vermelho	Vermelho	Verde	Vermelho	Vermelho	Verde	Verde	Verde	Verde	Vermelho	Vermelho	Verde	Verde	Verde	Verde												

Legenda: C – Chaves; B – Bragança; A – Aveiro; E – Évora; S – Sagres.

Verde: respostas corretas; **vermelho:** respostas incorretas.

ANEXO XV – Inquérito de Avaliação de Estratégia Pedagógico-Didática

Inquérito de Avaliação de Estratégia Pedagógica

O presente inquérito foi elaborado no âmbito do Mestrado em Ensino de Geografia e tem o objetivo de avaliar o grau de satisfação dos alunos do 7ºF no que toca à realização da ficha de avaliação formativa sobre “estado de tempo e clima”, baseada nas citações da obra “*Viagem a Portugal*”, de José Saramago.

1. Género

____ Masculino ____ Feminino ____ Outra situação

2. Como avalia, numa escala de 0 (nada útil) a 10 (bastante útil), a ficha de avaliação formativa baseada nas citações da obra “*Viagem a Portugal*”, de José Saramago?

3. No que concerne aos conteúdos “estado de tempo e clima”, e tendo em conta a ficha de avaliação formativa que realizou, indique a opção que mais se aproxima do que pensa:

____ Acho que aprendi melhor com esta estratégia.

____ Tive mais dificuldades em perceber a matéria com esta estratégia.

____ Aprendi da mesma forma, como sempre acontece.

____ Outra situação. Qual? _____

4. Considera que é possível o uso da Literatura nas aulas de Geografia?

Sim ____ Não ____ Não sei _____

4.1. Justifique a resposta dada na questão 4.

5. Sugestões de melhoria/Outras sugestões de trabalho.

